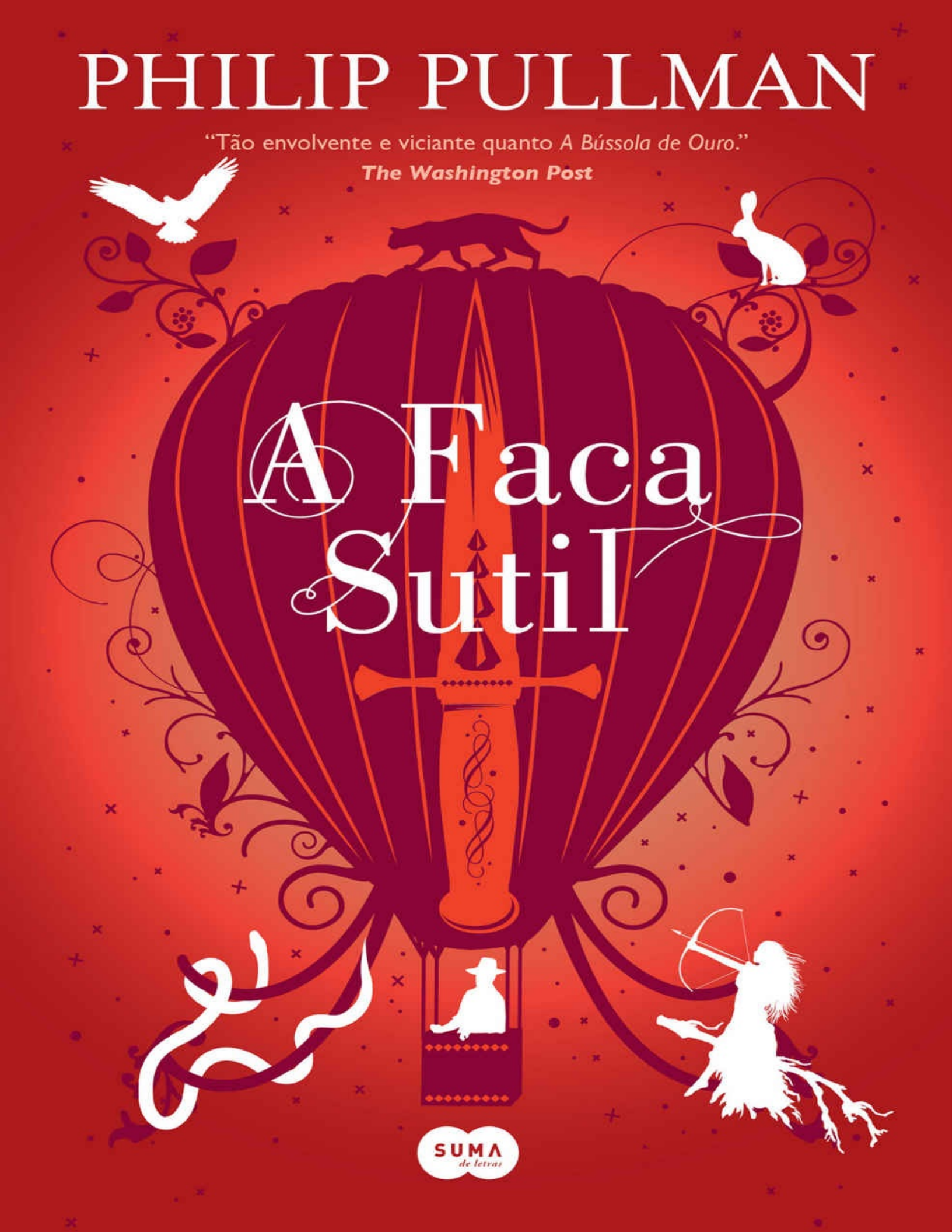
PHILIP PULLMAN

"Tão envolvente e viciante quanto *A Bússola de Ouro*."
The Washington Post



A Faca Sutil

SUMA de letras

PHILIP PULLMAN

A Faca Sutil

TRADUÇÃO
Eliana Sabino

SUMA de letras

Sumário

1. A gata e as árvores
2. Entre as feiticeiras
3. Um mundo infantil
4. A trepanação
5. Papel de correio aéreo
6. Os voadores luminosos
7. O Rolls Royce
8. A Torre dos Anjos
9. O roubo
10. O xamã
11. O mirante
12. A linguagem da tela
13. Æsahættr
14. A ravina do álamo
15. Musgo-de-sangue

1. A GATA E AS ÁRVORES

Will puxou a mãe pela mão, dizendo:

— Vamos, *vamos*...

Mas a mãe resistia; ainda estava com medo. À luz do entardecer, Will olhou de um lado para outro da ruela estreita — um quarteirão pequeno, cada casa atrás de seu jardinzinho minúsculo e sua cerca viva, com o sol refletindo nas janelas de um lado e deixando o outro na sombra. Não tinham muito tempo; àquela hora, as pessoas deviam estar jantando, mas logo haveria outras crianças por ali, para prestar atenção, perceber, comentar. Era perigoso esperar — mas, como sempre, a única coisa que ele podia fazer era tentar convencer a mãe.

— Venha, vamos entrar e ver a sra. Cooper — disse ele. — Olhe, é logo ali.

— A sra. Cooper? — repetiu a mãe, em dúvida.

No entanto, ele já estava tocando a campainha. Para isso, teve que deixar a mala no chão, pois a outra mão ainda segurava a da mãe. Ele, aos doze anos de idade, até poderia ficar envergonhado de ser visto de mãos dadas com a mãe, mas sabia o que aconteceria se não fizesse isso.

A porta foi aberta, e surgiu a figura idosa e encurvada da professora de piano, com seu leve perfume de lavanda, como ele lembrava.

— Minha nossa! É você, William? — perguntou a senhora idosa. — Não te vejo há mais de um ano. O que você quer, meu filho?

— Quero entrar, por favor. Eu e a minha mãe — disse ele, decidido.

A sra. Cooper olhou para a mulher de cabelos despenteados e um meio sorriso espantado, e para o menino com um brilho forte e infeliz nos olhos, lábios contraídos, queixo saliente. E percebeu então que a sra. Parry, a mãe de Will,

colocara maquiagem em um dos olhos, mas não no outro. E a mulher não tinha reparado nisso. Nem Will. Alguma coisa estava errada.

— Bem... — murmurou ela, dando passagem para que eles pudessem entrar pelo corredor estreito.

Will olhou para os dois lados da rua antes de fechar a porta; a sra. Cooper notou que a sra. Parry agarrava com força a mão do filho e percebeu o carinho com que ele a conduziu para dentro da sala de estar, onde ficava o piano (naturalmente, era um lugar da casa que ele já conhecia). Ela também reparou que as roupas da sra. Parry tinham um leve cheiro de mofo, como se tivessem ficado tempo demais na máquina de lavar antes de serem postas para secar; e que os dois se pareciam muito, sentados no sofá, o sol do final de tarde caindo em cheio no rosto deles: as maçãs salientes, os olhos grandes, as sobrancelhas retas e negras.

— Que foi, William? — perguntou a senhora. — Qual é o problema?

— Mamãe precisa de um lugar para ficar alguns dias — explicou ele. — No momento está muito difícil cuidar dela em casa. Não que ela esteja doente, só está meio confusa e fica um pouco preocupada. Não é difícil tomar conta dela. Mamãe só precisa de alguém que trate ela com carinho, e acho que isso não seria problema para a senhora, com certeza.

A mulher olhava para o filho parecendo não entender, e a sra. Cooper viu um arranhão no rosto dela. Will não tirara os olhos da sra. Cooper, e sua expressão era de desespero.

— Ela não vai te dar despesas — prosseguiu ele. — Eu trouxe alguns pacotes de comida, acho que será suficiente. É para a senhora, também. Ela não vai se importar em dividir.

— Mas... Não sei se devo... Ela não precisa de um médico?

— Não! Ela não está doente.

— Mas deve haver alguém que possa... Quer dizer, não há um vizinho, ou alguém da família...

— Nós não temos família. Somos só nós dois. E os vizinhos são ocupados demais.

— E o serviço social? Não estou querendo enxotar você, filho, mas...

— Não, não. Ela só precisa de um pouco de cuidado. Não vou poder fazer isso, mas é por pouco tempo, não vai demorar muito. Tenho que... Tenho

algumas coisas para fazer. Mas logo estarei de volta e vou levar minha mãe de novo para casa, prometo. A senhora não vai precisar cuidar dela por muito tempo.

A mãe olhava para o filho com toda a confiança, e ele sorriu para ela com todo o amor, transmitindo a ela tanta segurança que a sra. Cooper não conseguiu negar.

— Bem, com certeza não será ruim, por um dia ou dois. — E falou para a sra. Parry: — Querida, pode ficar no quarto da minha filha. Ela está na Austrália e não vai precisar dele.

— Obrigado — disse Will, ficando de pé como se estivesse com pressa de ir embora.

— Mas para onde você vai? — perguntou a sra. Cooper.

— Vou ficar com um amigo — disse ele. — Vou ligar sempre que puder. Tenho o seu número. Vai dar tudo certo.

A mãe olhava para ele, confusa; Will lhe deu um beijo meio sem jeito.

— Não se preocupe — disse. — A sra. Cooper vai cuidar de você melhor que eu, pode acreditar. E amanhã eu telefono e falo com você.

Os dois se abraçaram com força, e então Will a beijou novamente, retirando com ternura os braços dela de seu pescoço, antes de ir em direção à porta da casa. A sra. Cooper notou que ele estava perturbado, pois tinha os olhos brilhantes, mas ele não se esqueceu de se despedir e de agradecer.

— Adeus, e muito obrigado — disse ele, estendendo a mão.

— William, eu queria que você me contasse qual é o problema...

— É um pouco complicado, mas ela não vai dar trabalho, prometo.

Ela não tinha perguntado isso, e ambos sabiam; mas, de um modo ou de outro, Will estava cuidando dos seus assuntos, fossem quais fossem. A anciã nunca tinha visto uma criança tão determinada.

Ele se virou, já pensando na casa vazia.

A rua sem saída onde Will e a mãe moravam era uma curva fechada de estrada em um loteamento moderno, com uma dúzia de casas idênticas, das quais a deles era, de longe, a mais modesta. O jardim da frente era apenas um gramado cheio de ervas; no início do ano, a mãe tinha plantado algumas flores, que, no entanto, secaram e morreram por falta de água. Quando Will dobrou a esquina, a gata

Moxie saiu de seu local favorito, sob a única hortênsia ainda viva, e se espreguiçou antes de cumprimentar o garoto com um miado baixo e esfregar a cabeça contra a perna dele.

Ele a pegou no colo e cochichou:

— Eles voltaram, Moxie? Você viu algum deles?

A casa estava silenciosa. Aproveitando o que ainda restava da luz do dia, o morador da casa em frente estava lavando o carro, mas não prestou atenção em Will, e o garoto não olhou para ele. Quanto menos as pessoas percebessem sua presença, melhor.

Segurando Moxie junto ao peito, Will destrancou a porta e entrou rapidamente. Então ficou escutando com atenção, antes de soltar o animal. Não havia ruído algum; a casa estava vazia.

Abriu uma lata de comida para a gata e a deixou comendo na cozinha. Quanto tempo levaria até o homem voltar? Will não sabia, então era melhor agir depressa. Subiu a escada e começou a busca.

Estava procurando um estojo de couro verde, gasto pelo tempo. Havia uma quantidade surpreendente de lugares onde se poderia esconder uma coisa daquele tamanho, mesmo em uma casa moderna comum — não era preciso haver painéis secretos e porões enormes para dificultar a busca de alguma coisa. Will procurou primeiro no quarto da mãe, constrangido ao revistar as gavetas em que ela guardava as roupas íntimas, e depois procurou em cada cantinho dos quartos no andar de cima, inclusive o dele. Moxie veio ver o que ele estava fazendo; ficava sentada em um canto, se lambendo e lhe fazendo companhia.

Mas Will não encontrou o que procurava.

Já estava escuro e ele estava com fome. Preparou feijão enlatado com torradas e, enquanto comia, planejou como continuaria sua busca no térreo.

Estava quase terminando quando o telefone tocou.

Ele ficou imóvel, o coração disparado. Contou: foram vinte e seis toques até parar. Colocou o prato na pia e recomeçou a busca.

Quatro horas depois, ainda não tinha encontrado o estojo de couro verde. Era uma e meia da manhã, ele estava exausto. Caiu na cama como estava e adormeceu de imediato; teve sonhos tumultuados e cheios de gente, com o rosto infeliz e assustado da mãe sempre presente, mas fora do seu alcance.

E, ao que pareceu ser quase no mesmo instante (embora tivesse dormido três horas), ele despertou tendo certeza de duas coisas ao mesmo tempo.

A primeira: sabia onde o estojo estava escondido. A segunda: sabia que os homens estavam lá embaixo, abrindo a porta da cozinha.

Ergueu Moxie para tirá-la do caminho e com delicadeza silenciou seu protesto sonolento. Depois se sentou na cama e calçou os sapatos, forçando cada nervo para ouvir os ruídos do térreo — ruídos bastante abafados: uma cadeira levantada e recolocada no chão, um cochicho breve, o ranger de uma tábua do assoalho.

Movendo-se com menos barulho do que eles, o menino saiu do quarto e foi na ponta dos pés até o cômodo vazio no alto da escada. A escuridão não era total, e, à luz cinzenta e fantasmagórica que precedia o amanhecer, ele avistou a velha máquina de costura. Tinha revistado o quarto algumas horas antes, mas se esquecera de verificar o compartimento na lateral da máquina, onde ficavam guardadas as agulhas e carretilhas.

Tateou cuidadosamente, sem deixar de escutar. Os homens ainda estavam no térreo, e Will podia ver, pela fresta da porta, uma luz fraca que poderia ser de uma lanterna.

Então encontrou o fecho do compartimento e o abriu com um estalido; lá dentro, como ele sabia, estava o estojo de couro.

E agora, o que poderia fazer?

No momento, nada. Ficou agachado, o coração disparado, escutando atentamente.

Os dois homens estavam no corredor de entrada. Ele ouviu os dois conversarem baixinho:

— Vamos, estou ouvindo o leiteiro entrar na outra rua.

— Mas o negócio não está aqui, vamos ter que procurar lá em cima — disse a outra voz.

— Então vá logo. Não perca tempo.

Will se esticou, tenso, ao ouvir o rangido baixo do último degrau. O homem procurava não fazer barulho, mas só quem conhecesse bem a escada poderia evitar aquele ruído. Então houve uma pausa. Will viu pela faixa bem estreita por baixo da porta o facho da lanterna varrer o chão do lado de fora.

Então a porta começou a se mover. Will esperou até o homem estar

emoldurado pela porta aberta e então saltou da escuridão, jogando-se contra a barriga do intruso.

Mas nenhum dos dois viu a gata.

Quando o homem chegara ao último degrau, Moxie saíra silenciosamente do quarto e ficara parada, com o rabo erguido, logo atrás das pernas dele, pronta para se esfregar nelas. O homem poderia ter dado cabo de Will, pois era grande, forte e bem treinado, mas a gata estava no caminho e ele tropeçou no animal quando deu um passo para trás; e com um grito abafado caiu de costas escada abaixo, batendo a cabeça brutalmente na mesa que ficava na entrada.

Will escutou um estalo horrível, mas não parou para pensar nisso: desceu a escada em um salto, passando por cima do corpo que se contorcia, agarrou a sacola de compras que estava em cima da mesa e saiu pela porta da frente, fugindo antes que o outro homem pudesse fazer algo mais do que surgir à porta da sala.

Mesmo com medo e pressa, Will se perguntou por que o outro homem não gritara nem saíra atrás dele. Mas logo estariam à sua procura com seus carros e seus celulares. A única coisa a fazer era correr.

Viu o leiteiro entrar na rua, os faróis de seu carro elétrico pálidos ao brilho da aurora que já enchia o céu. Will pulou o muro para o jardim vizinho, desceu o corredor ao lado da casa, pulou o muro oposto, cruzou um gramado molhado de orvalho, atravessou a cerca viva e entrou no emaranhado de árvores e moitas que ficava entre o loteamento e a rua principal. Lá, rastejou para debaixo de uma moita e se deitou, ofegante e trêmulo. Era cedo demais para ficar na rua: melhor esperar até mais tarde, quando houvesse mais movimento.

Não conseguia parar de pensar no estalo que ouviu quando a cabeça do homem bateu na mesa, e no modo como o pescoço dele estava torcido, tão estranho, e os horrendos espasmos das pernas. O homem estava morto. Ele o tinha matado.

Não conseguia tirar isso da cabeça, mas precisava. Havia muita coisa em que pensar. Sua mãe: ela ficaria realmente segura onde estava? A sra. Cooper não ia contar, ia? Mesmo se Will não voltasse como tinha prometido? Porque poderia não voltar, agora que tinha matado alguém.

E Moxie. Quem daria comida a ela? Moxie ficaria preocupada com ele e a mãe? Tentaria ir atrás dele?

Estava ficando mais claro a cada minuto. Já havia luz suficiente para ele verificar as coisas na sacola de compras: a bolsa da mãe, a última carta do advogado, o mapa do sul da Inglaterra, barras de chocolate, pasta de dente, meias e calças. E o estojo de couro verde.

Estava tudo ali. Na realidade, tudo saíra conforme o planejado.

A não ser uma coisa: ele tinha matado uma pessoa.

Will tinha sete anos de idade quando percebeu que a mãe era diferente e que ele tinha que tomar conta dela. Estavam em um supermercado e faziam uma brincadeira: só podiam colocar alguma coisa no carrinho quando ninguém estivesse olhando. A função de Will era olhar em volta e cochichar “Agora!”, e ela então pegava depressa uma lata ou um pacote na prateleira e colocava no carrinho. Com a mercadoria dentro do carrinho, eles estavam seguros, porque ficavam invisíveis.

Era uma ótima brincadeira, que durou algum tempo, pois era manhã de sábado e o mercado estava cheio, mas eles eram bons nisso e juntos trabalhavam bem. Confiavam um no outro. Will amava muito a mãe e sempre lhe dizia isso, e ela dizia a mesma coisa a ele.

Dessa forma, quando chegaram à caixa registradora, Will estava empolgado e feliz porque quase tinham vencido. Mas a mãe não conseguiu encontrar a bolsa, e isso também fazia parte da brincadeira, mesmo quando ela disse que os inimigos a tinham roubado. Mas a essa altura Will estava ficando cansado, além de faminto; a mãe já não estava tão feliz — ela estava realmente assustada, e os dois ficaram dando voltas no mercado, recolocando todos os produtos nas prateleiras, mas dessa vez tiveram que ter ainda mais cuidado, porque os inimigos estavam no rastro dela através dos números do cartão de crédito, que eles sabiam quais eram, pois estavam com a bolsa dela...

E Will ficava cada vez mais amedrontado. Percebia a esperteza da mãe ao fazer do perigo real uma brincadeira, para que ele não ficasse assustado, e via também que, agora que sabia a verdade, precisava fingir não estar com medo, para que ela ficasse tranquila.

Portanto, o menininho fingiu que ainda era uma brincadeira, para que ela não tivesse que se preocupar com o medo dele, e os dois foram para casa sem as compras, mas a salvo dos inimigos. E então Will encontrou a bolsa na mesa do

corredor de entrada. Na segunda-feira foram ao banco, fecharam a conta dela e abriram uma nova em outro lugar, só para terem certeza. E assim o perigo passou.

Mas nos meses seguintes Will percebeu, aos poucos e contra a sua vontade, que aqueles inimigos da mãe não estavam no mundo lá fora, mas dentro da mente dela. Isso não os tornava menos reais, nem menos assustadores ou perigosos; significava apenas que ele teria que protegê-la ainda mais. E desde o instante no mercado em que ele percebeu que deveria fingir para que ela não ficasse preocupada, parte de sua mente estava sempre alerta à ansiedade dela. Will amava tanto a mãe que morreria para protegê-la.

Quanto ao pai, ele desaparecera muito antes de Will ter capacidade para se lembrar dele. Will tinha muita curiosidade sobre o pai e enchia a mãe de perguntas às quais ela quase nunca sabia responder.

— Ele era rico?

— Para onde ele foi?

— Por que ele foi?

— Ele está morto?

— Ele vai voltar?

— Como ele era?

Essa última era a única pergunta a que ela sabia responder. John Parry tinha sido um homem bonito, um oficial da Marinha Real corajoso e inteligente, que abandonou a carreira militar para se tornar explorador e guiar expedições a regiões distantes do mundo. Will adorou saber disso: nada poderia ser mais legal do que ter um pai explorador. Daí em diante, em todas as suas brincadeiras ele tinha um companheiro invisível: Will e o pai estavam juntos abrindo caminho na mata, ou em um barco protegendo os olhos com a mão para observar o mar revolto, ou erguendo uma lanterna para iluminar inscrições misteriosas em uma caverna infestada de morcegos... Eram melhores amigos, salvaram a vida um do outro inúmeras vezes, riam e conversavam junto à fogueira até tarde da noite.

Mas, ao ficar mais velho, Will começou a se perguntar. Por que não havia retratos do pai em alguma parte do mundo, com homens de barba coberta de gelo em trenós no Ártico ou estudando ruínas cobertas pelo mato na selva? Nada restara dos troféus e das curiosidades que ele certamente tinha trazido para casa? Não havia um só livro que falasse dele?

A mãe não sabia. Mas uma coisa que ela costumava dizer ficou guardada para sempre na mente dele:

— Um dia você vai seguir os passos do seu pai e ser um grande homem também. Vai levar o manto dele.

E, embora não soubesse o que isso significava, Will entendia o sentido e ficava orgulhoso, com um objetivo: todas as suas brincadeiras se tornariam realidade. O pai estava vivo, perdido em algum lugar, e ele ia salvá-lo e levar o manto dele... Valia a pena viver uma vida difícil quando se tinha um objetivo grandioso como esse.

Então, ele guardou em segredo o problema da mãe. Às vezes ela ficava mais calma e mais lúcida, e ele tratava de aprender com ela como fazer compras, cozinhar e manter a casa limpa, para poder fazer essas tarefas nos períodos em que ela estivesse confusa e assustada. E aprendeu também a se esconder. Nunca chamava atenção, nem na escola nem na vizinhança, mesmo quando a mãe se encontrava em um estado de medo e loucura tão profundo que mal conseguia falar. O maior medo de Will era que as autoridades descobrissem sobre ela, a levassem embora e o fizessem ir morar com desconhecidos. Qualquer coisa era melhor que isso. Porque às vezes a mente da sra. Parry clareava e ela ficava feliz outra vez, ria dos próprios medos e o abençoava por cuidar dela tão bem. E o tratava com tanto amor e carinho que ele não podia imaginar uma companhia melhor, e nada mais desejava senão viver só com ela para sempre.

Mas então apareceram aqueles homens.

Não eram da polícia, não eram do serviço social nem eram criminosos — pelo menos era o que Will podia julgar. Não lhe disseram o que queriam; só estavam dispostos a falar com a mãe dele. E ela não andava nada bem.

O garoto ficou escutando atrás da porta e ouviu quando eles perguntaram pelo pai dele, e sentiu sua respiração acelerar.

Os homens queriam saber o paradeiro de John Parry, e se ele tinha mandado alguma coisa para ela, e quando ela teve notícias dele pela última vez, e se ele fizera algum contato com qualquer embaixada estrangeira. Will percebeu que a mãe ficava cada vez mais nervosa, e finalmente ele entrou na sala e mandou os homens irem embora.

Will parecia tão feroz que nenhum dos dois homens riu, embora ele fosse apenas um menino. Podiam simplesmente tê-lo derrubado, ou imobilizado seu

corpo no chão com uma das mãos, mas ele era destemido, e sua raiva era ardente e mortal.

Eles foram embora. Naturalmente, depois disso, Will teve certeza absoluta: só ele poderia ajudar o pai, que estava em apuros. Suas brincadeiras já não eram infantis, e ele não brincava tão abertamente. A fantasia estava virando realidade, e ele teria que mostrar que estava pronto para fazer sua parte.

Não muito depois, os homens voltaram, insistindo que a mãe de Will não dissera tudo o que sabia. Foram lá quando Will estava na escola, e um deles ficou conversando com ela no térreo enquanto o outro revistava os quartos. Ela não percebeu o que estavam fazendo. Mas Will voltou para casa mais cedo e os encontrou lá. Mais uma vez brigou com eles, e mais uma vez eles partiram.

Pareciam intuir que ele não procuraria a polícia, por medo de perder a mãe para as autoridades, e insistiram cada vez mais. Finalmente arrombaram a porta e entraram na casa quando Will tinha saído para buscar a mãe no parque: ela estava pior agora e acreditava que tinha que tocar em cada tábua de cada banco que margeava o laguinho. Will resolveu ajudá-la, para acabar logo com aquilo. Quando se aproximavam de casa, avistaram a traseira do carro dos homens saindo do beco, e ao entrar ele viu que tinham revistado a casa toda, remexendo na maioria das gavetas e dos armários.

Sabia o que eles estavam procurando. O estojo de couro verde era o objeto mais precioso que sua mãe possuía, e ele jamais sonharia em abri-lo, nem sequer imaginava onde ela o guardava, mas sabia que o objeto continha cartas e que ela as lia às vezes, e chorava, e era então que ela falava sobre o pai dele. Então, Will supunha que era isso que os homens procuravam e concluiu que precisava fazer alguma coisa.

Decidiu que primeiro encontraria um lugar seguro para a mãe ficar. Pensou e pensou, mas não tinha amigos a quem pedir, e os vizinhos já estavam desconfiados. A única pessoa que ele achava digna de confiança era a sra. Cooper. Assim que a mãe estivesse em segurança, ele encontraria o estojo de couro verde, veria o que havia nele e depois iria para Oxford, onde encontraria respostas para algumas de suas perguntas.

Mas os homens voltaram cedo demais.

E agora ele tinha matado um deles.

E a polícia também estaria atrás dele.

Ora, Will sabia como proceder para que as pessoas não prestassem atenção nele. Teria que conseguir fazer melhor do que nunca e continuar assim pelo tempo que fosse possível, até encontrar o pai ou até que eles o encontrassem. E, se o encontrassem antes, ele não se importaria em matar quantos fosse necessário.

No fim desse mesmo dia, já perto da meia-noite, Will estava saindo a pé da cidade de Oxford, a sessenta e cinco quilômetros de casa. Estava exausto; tinha viajado de carona, de ônibus (dois) e a pé, e eram seis da tarde quando chegara a Oxford, tarde demais para fazer o que precisava ser feito; então comeu no Burger King e se refugiou em um cinema (ainda que não tivesse conseguido prestar a menor atenção ao filme). Agora estava caminhando por uma rua muito comprida, atravessando os subúrbios em direção ao norte.

Até então ninguém tinha notado sua presença. Mas ele sabia que era melhor encontrar logo um lugar para dormir, pois, quanto mais tarde ficasse, mais ele chamaria atenção. O problema era que não havia onde se esconder nos jardins das casas confortáveis ao longo daquela rua, e ainda não havia sinal de campo aberto.

Chegou a um trevo largo, um grande entroncamento no qual a rua que ele percorria rumo ao norte cruzava com a via de acesso a Oxford, esta na direção leste-oeste. Àquela hora da noite havia pouco tráfego, e a rua em que ele estava era tranquila, com casas aconchegantes, cercadas de arbustos e separadas da calçada, nos dois lados da rua, por um extenso gramado. Plantadas ao longo do gramado, quase na beira da calçada, havia duas fileiras de árvores de aparência estranha, de copas muito densas e perfeitamente simétricas, mais parecidas com desenhos infantis do que com árvores de verdade. A luz dos postes da rua dava ao lugar uma aparência artificial, como um cenário. Will estava entorpecido de cansaço e poderia ter seguido para o norte ou se deitado no gramado para dormir embaixo de uma daquelas árvores; mas, enquanto estava parado, tentando se decidir, viu um gato.

Era uma fêmea, como Moxie; surgiu de um jardim na calçada em que Will estava. Ele colocou a sacola no chão e estendeu a mão; a gata chegou mais perto e esfregou a cabeça nos dedos dele, exatamente como Moxie fazia. Naturalmente todos os gatos faziam isso, mas mesmo assim Will sentiu uma vontade tão

grande de voltar para casa que seus olhos se encheram de lágrimas.

A gata enfim resolveu ir embora; era noite, e havia um território para patrulhar, ratos para caçar. Ela atravessou a rua e o gramado até chegar às árvores, parando por ali.

Will ainda estava observando e reparou que o animal se comportava de maneira curiosa.

A gata estendeu uma pata para tatear alguma coisa no ar à sua frente, algo invisível para Will. Depois saltou para trás, as costas arqueadas e os pelos eriçados, o rabo rígido no ar. Will conhecia o comportamento felino; observou com mais atenção conforme a gata tornava a se aproximar do local — um trecho de gramado entre as árvores e os arbustos de uma cerca de jardim — e mais uma vez tateava o ar.

A gata saltou para trás novamente, mas dessa vez bem menos assustada. Depois de mais alguns segundos farejando, tateando e fremindo os bigodes, a curiosidade venceu o medo.

A gata avançou alguns passos e desapareceu.

Will piscou, duvidando do que havia visto. Então ficou imóvel, grudado ao tronco da árvore mais próxima, enquanto um caminhão virava a esquina e seus faróis deslizavam sobre ele. Depois que o caminhão passou, ele atravessou a rua, os olhos fixos no local onde a gata estivera. Não era fácil, pois não havia nada para marcar o lugar, mas, quando chegou lá e olhou em volta com atenção, ele viu.

Pelo menos de alguns ângulos. Era como se alguém tivesse cortado um pedaço do ar a uns dois metros da calçada, um pedaço que formava um quadrado grosseiro com menos de um metro de lado. Para quem estivesse vendo lateralmente, era quase impossível enxergar o quadrado, e por trás era totalmente invisível; só podia ser visto pelo lado mais próximo da calçada, e mesmo assim com dificuldade, pois tudo o que se podia ver através dele era exatamente o mesmo que havia na frente dele deste lado: um trecho de gramado iluminado por um poste de rua.

Mas Will sabia, sem a menor dúvida, que aquele gramado do outro lado ficava em outro mundo.

Não sabia por quê, mas sabia, como sabia que o fogo queimava e que a bondade era boa: estava olhando para alguma coisa totalmente alienígena.

E apenas por isso ele se inclinou e olhou mais para dentro. O que viu fez sua cabeça girar e o coração bater com mais força, mas ele não hesitou: jogou para dentro a sacola e passou através do buraco no tecido deste mundo, para dentro de outro mundo.

Viu que estava sob uma fileira de árvores. Mas essas eram palmeiras altas, que, como as árvores em Oxford, formavam uma fileira ao longo do gramado. A rua ali era uma avenida larga, com um dos lados repleto de cafés e lojinhas, portas abertas, tudo muito iluminado, e tudo inteiramente silencioso e deserto sob um céu coberto de estrelas. A noite quente trazia o perfume de flores e o cheiro salgado do mar.

Will olhou em volta com cuidado. Atrás dele a lua cheia brilhava sobre uma paisagem distante de grandes montes verdes, e nas encostas dos morros havia casas com ricos jardins e um parque aberto, com pequenos bosques e o brilho alvo de um templo clássico.

Logo atrás dele ficava o rasgo no ar, tão difícil de distinguir desse lado quanto era do outro, mas sem dúvida estava lá. Ele se inclinou para olhar através da fenda e viu a rua em Oxford, em seu próprio mundo. Sentiu um arrepio: fosse o que fosse esse outro mundo, tinha que ser melhor do que aquele que acabara de deixar. Ainda um pouco tonto, com uma sensação de sonhar e estar acordado ao mesmo tempo, ele se endireitou e olhou em volta à procura da gata, sua guia.

Ela não estava à vista. Com certeza já estava explorando aquelas ruelas e os jardins atrás dos cafés de luzes tão convidativas. Will pegou sua velha sacola de compras e atravessou lentamente a rua naquela direção; caminhava com cuidado, ainda com receio de tudo desaparecer.

Aquele lugar o fazia pensar em cidades do Mediterrâneo ou do Caribe, como via nas fotos. Will nunca tinha saído da Inglaterra, então não podia comparar, mas era o tipo de lugar que as pessoas procuravam tarde da noite a fim de comer e beber, dançar e ouvir música. Mas não se via uma pessoa sequer, e o silêncio era intenso.

Na primeira esquina havia um café com mesinhas verdes na calçada, um balcão com tampo de zinco e uma máquina de café expresso. Havia copos cheios pela metade, em algumas das mesas; em uma delas, um cigarro queimara até o filtro; um prato de risoto estava ao lado de uma cestinha de pães velhos, duros como papelão.

Ele pegou uma garrafa de refrigerante na geladeira atrás do bar e pensou por um instante antes de deixar uma moeda de uma libra na caixa registradora. Assim que a fechou, tornou a abri-la, imaginando que o dinheiro ali guardado pudesse lhe mostrar que lugar era aquele. O dinheiro se chamava corona, mas além disso ele nada mais conseguiu descobrir.

Will colocou o dinheiro de volta, abriu a garrafa com o abridor preso ao balcão e saiu do café, descendo a rua que se afastava da avenida. Pequenas quitandas e padarias ficavam entre joalherias e floriculturas, e portas com cortinas de contas levavam a residências. Quase todas tinham sacadas de ferro trabalhado, cobertas de flores, que se debruçavam bem acima da calçada estreita. Ali, o silêncio parecia ainda mais profundo, como se tivesse sido aprisionado.

As ruas eram em declive e logo terminavam em uma avenida larga, na qual outras palmeiras se erguiam no ar, a parte inferior das folhas brilhando à luz dos postes.

Do outro lado da avenida estava o mar.

Will chegou a um porto fechado à esquerda por um quebra-mar de pedras e à direita por rochas que domavam a força do oceano. Entre árvores e uma espécie de jardim, havia um prédio grande, com colunas de pedra, larga escadaria e sacadas ornamentadas — tudo iluminado por holofotes. No porto, um ou dois barcos a remo estavam ancorados, e para além do quebra-mar o brilho das estrelas se refletia nas águas paradas.

A essa altura o cansaço de Will desaparecera: ele estava totalmente acordado e cada vez mais espantado. De vez em quando, conforme caminhava pelas ruas estreitas, ele estendia a mão para tocar em uma parede, em uma porta, nas flores de uma jardineira sob uma janela, e tudo era sólido e convincente; agora ele queria tocar em toda a paisagem à sua frente, porque ela era ampla demais para ser apreendida somente pelos olhos. Ficou ali parado, respirando profundamente, quase que com medo.

Reparou que ainda estava segurando a garrafa que havia trazido do café e provou o líquido, que tinha sabor daquilo que realmente era: soda limonada gelada — e muito bem-vinda, porque a noite estava quente.

Virou para a direita e seguiu pela avenida à beira-mar, passando por hotéis com toldos acima das entradas que brilhavam à luz dos postes, ladeadas de buganvílias floridas. O prédio que ficava entre as árvores, com sua frente

trabalhada, iluminada por refletores, poderia ser um cassino, ou até mesmo um teatro para grandes espetáculos. No jardim que o circundava, por entre as espirradeiras floridas de cujos ramos pendiam lâmpadas, havia alamedas que levavam a diversas direções. Mas não se ouvia sequer um som de vida: nenhum pássaro noturno, nenhum inseto, nada além do ruído dos passos do próprio Will.

O único som que ele ouvia, abafado e regular, vinha das marolas que quebravam mansamente na praia, além do das folhas das palmeiras agitadas pela brisa no jardim. Will foi em direção ao mar. A maré estava a meia altura, e alguns pedalinhos tinham sido puxados para fora do alcance da água, formando uma fileira na areia branca e macia. A intervalos de poucos segundos, uma onda minúscula dobrava-se na areia antes de deslizar de volta, harmoniosamente, sob a ondulação seguinte. A uns cinquenta metros mar adentro, uma plataforma de mergulho flutuava na água calma.

Will se apoiou na lateral de um dos pedalinhos e arrancou seus tênis baratos, que já estavam se desmanchando e apertavam seus pés em brasa. Deixou as meias junto aos sapatos e enfiou os dedos dos pés na areia. Segundos depois, já sem as roupas, entrava no mar.

A água estava deliciosa, entre fresca e morna. Ele nadou até a plataforma de mergulho, onde subiu para se sentar nas tábuas alisadas pelo tempo e ficou olhando a cidade.

À sua direita, o porto cercado pelo quebra-mar. Atrás dele, a cerca de dois quilômetros, ficava um farol listrado de vermelho e branco. Atrás do farol viam-se vagamente penedos distantes e, mais além, aquelas grandiosas montanhas que ele avistara assim que atravessou o buraco no ar.

Mais perto estavam as árvores luminosas dos jardins do cassino, as ruas da cidade e a avenida ao longo da praia, com seus hotéis, cafés e lojas acolhedoramente iluminados — tudo silencioso, tudo deserto.

E tudo seguro. Ninguém poderia ir atrás dele ali; o homem que revistara a casa não teria como saber onde ele estava; a polícia nunca o encontraria. Ele tinha um mundo inteiro onde se esconder.

Pela primeira vez desde que saíra correndo pela porta de casa, naquela manhã, Will começava a se sentir a salvo.

Estava novamente com sede, e com fome também, pois, afinal de contas, na última vez que tinha comido alguma coisa ainda estava em outro mundo.

Deslizou de volta para a água e nadou com calma até a praia, onde vestiu a cueca e recolheu o resto das roupas e a sacola de compras. Deixou cair a garrafa vazia na primeira lixeira que encontrou e saiu caminhando descalço pela avenida na direção do porto.

Quando seu corpo secou um pouco, ele vestiu o jeans e deu uma boa olhada em volta para encontrar um lugar onde arranjar comida. Os hotéis eram chiques demais; Will olhou para dentro do primeiro que encontrou, mas era tudo tão grandioso que ele se sentiu desconfortável, então continuou ao longo da praia até encontrar uma lanchonete que parecia ser o lugar certo. Não saberia dizer por quê — era um lugar muito parecido com dezenas de outros, mesas e cadeiras na calçada ao ar livre e uma sacada no primeiro andar carregada de flores —, mas lhe pareceu acolhedor.

Havia um balcão de bar à frente, fotografias de lutadores de boxe na parede atrás e um pôster autografado de um homem de sorriso largo tocando acordeão. Havia uma cozinha e ao lado uma porta que se abria para uma escada estreita coberta por um tapete estampado com flores de cores vivas.

Ele subiu sem fazer barulho até o pequeno patamar do segundo andar e abriu a primeira porta que encontrou. Era uma sala de visitas; lá dentro estava quente e abafado, e Will abriu a porta de vidro da sacada, para deixar entrar o ar noturno. A sala era pequena, com móveis grandes demais para o espaço, e simples, mas era limpa e confortável — ali moravam pessoas hospitaleiras. Havia uma pequena estante de livros, uma revista em cima da mesa, algumas fotos emolduradas.

Will foi olhar o resto da casa: um banheiro pequeno, um quarto com cama de casal.

Alguma coisa fez sua pele se arrepiar antes de abrir a última porta. Seu coração disparou. Ele não tinha certeza de ter ouvido um som vindo de dentro, mas alguma coisa lhe dizia que aquele quarto não estava vazio. Pensou em como havia sido estranho aquele dia, que tinha começado com alguém do lado de fora de um quarto escuro, ele esperando lá dentro, e agora as posições eram inversas.

Enquanto ele pensava nisso, a porta se escancarou de repente e alguma coisa se lançou sobre ele como um animal feroz.

Mas sua memória lhe dera o aviso, e ele não estava suficientemente perto para ser derrubado. Reagiu brigando: joelhos, cabeça, punhos e a força dos seus

braços contra aquela coisa, aquele homem, aquela mulher...

Uma garota com mais ou menos a idade dele, feroz, rosnando, roupas sujas e esfarrapadas, visivelmente magrela.

Ela percebeu o que ele era ao mesmo tempo, e se afastou do peito nu de Will para se agachar no canto do patamar escuro, como um gato encurralado. E havia mesmo um gato ao lado dela, para espanto de Will: um enorme gato selvagem cuja altura chegava aos joelhos dele, pelo eriçado, dentes à mostra, rabo ereto.

Ela colocou a mão no dorso do animal e lambeu os lábios secos, vigiando cada movimento de Will.

O garoto se levantou devagar.

— Quem é você? — perguntou.

— Lyra da Língua Mágica — disse ela.

— Você mora aqui?

— Não — disse ela com veemência.

— Então que lugar é este? Esta cidade?

— Não sei.

— De onde você veio?

— Do meu mundo. Eles estão grudados. Onde está o seu daemon?

Os olhos dele se arregalaram. Então ele viu uma coisa extraordinária acontecer com o gato: ele saltou para os braços dela e ali se transformou em um arminho castanho com garganta e barriga creme, que olhava para ele com raiva, tão feroz quanto a própria garota. Mas então ocorreu outra mudança, porque ele percebeu que ambos, a garota e o arminho, tinham um medo profundo dele, como se Will fosse um fantasma.

— Não tenho daemon — respondeu ele. — Não sei o que isso quer dizer. — Mas de repente compreendeu: — Ah, esse aí é o seu daemon?

Ela se ergueu devagar. O arminho se enroscou no pescoço dela, e seus olhos escuros estavam fixos no rosto de Will.

— Mas você está *vivo*! — exclamou ela, sem acreditar. — Você não... você não foi...

— Meu nome é Will Parry — disse ele. — Não sei o que você quer dizer com essa história de daemons. No meu mundo, *demônio* significa... significa diabo, uma coisa ruim.

— No seu mundo? Quer dizer que este aqui não é o seu mundo?

— Não. Acabei de descobrir uma... uma maneira de entrar aqui. Como o seu mundo, eu acho. Eles devem estar grudados.

Ela relaxou um pouco, mas continuava muito atenta, e ele permaneceu calmo e quieto, como se ela fosse um gato desconhecido com quem estivesse fazendo amizade.

— Já viu mais alguém nesta cidade? — continuou ele.

— Não.

— Há quanto tempo está aqui?

— Sei lá. Alguns dias. Não consigo lembrar.

— Então por que veio para cá?

— Estou procurando Pó — explicou ela.

— Procurando pó? Qual pó, pó de ouro? Que tipo de pó?

Ela estreitou os olhos e não respondeu. Ele se virou para descer a escada.

— Estou com fome — declarou. — Tem comida na cozinha?

— Sei lá... — disse ela e o seguiu, mantendo certa distância. Na cozinha, Will encontrou ingredientes para fazer um ensopado de frango com cebola e pimentão, mas, ao observar com mais atenção, reparou que as coisas estavam cheirando mal. Ele jogou tudo na lata de lixo.

— Você não comeu? — perguntou, abrindo a geladeira.

Lyra foi olhar.

— Não sabia que isto estava aí — disse. — Uh, que frio!

O daemon dela tinha se transformado novamente, e agora era uma enorme borboleta colorida que esvoaçou para dentro da geladeira por um instante e logo saiu, indo pousar no ombro dela. A borboleta erguia e baixava lentamente as asas. Will sentiu que não deveria ficar olhando, embora estivesse tonto com a estranheza daquilo.

— Nunca tinha visto uma geladeira? — quis saber.

Ele encontrou uma lata de refrigerante e a entregou a ela antes de tirar uma caixa de ovos. Ela apertou a lata entre as mãos com prazer.

— Pode beber — disse ele.

Ela ficou olhando para a lata, de testa franzida, sem saber como abrir aquilo. Ele abriu a lata para ela e o líquido espumou para fora. Ela lambeu-o com suspeita e então arregalou os olhos.

— Isto é bom? — perguntou, a voz meio esperançosa, meio temerosa.

— É. Obviamente eles têm coca-cola neste mundo. Olha, vou beber um pouco para mostrar que não é veneno.

Ele abriu outra lata. Ao vê-lo beber, ela seguiu o exemplo. Dava para ver que estava com sede: bebeu tão depressa que as bolhas lhe subiram até o nariz. Ela espirrou e deu um belo arroto, e fez uma careta quando ele olhou para ela.

— Vou fazer uma omelete — disse Will. — Quer um pouco?

— Não sei o que é omelete.

— Bem, fique olhando e saberá. Tem também uma lata de salsichas, se você preferir.

— Não sei o que é isso.

Ele lhe mostrou a lata. Ela procurou a lingueta de abrir, como a da lata de refrigerante.

— Não. É preciso usar um abridor de lata — explicou ele. — Não existe abridor de lata no seu mundo?

— No meu mundo os criados cozinham — disse ela, em tom de desprezo.

— Procure naquela gaveta ali.

Ela remexeu por entre os talheres de cozinha enquanto ele quebrava seis ovos em uma tigela e os batia com um garfo.

— É isto aí — disse, observando-a. — Com o cabo vermelho. Pode me trazer?

Ele perfurou a lata e mostrou a ela como fazer para abrir.

— Agora pegue aquela panelinha no gancho e despeje isto dentro dela.

Ela cheirou as salsichas e mais uma vez seus olhos assumiram uma expressão de prazer e suspeita. Virou o conteúdo da lata na panela e lambeu um dedo, observando Will colocar sal e pimenta nos ovos, depois cortar um pedaço de manteiga de um pacote na geladeira e o jogar em uma frigideira de ferro. Ele foi até o balcão para procurar fósforos e quando voltou ela estava enfiando o dedo sujo na tigela com os ovos batidos, para depois lambê-lo gulosamente. Seu daemon, novamente um gato, estava prestes a enfiar a pata também, mas recuou quando Will se aproximou.

— Ainda não está pronto — disse, retirando a tigela. — Quando foi que você viu comida pela última vez?

— Na casa do meu pai, em Svalbard — disse ela. — Faz dias e mais dias e mais dias. Não sei. Encontrei pão e umas coisas aqui e comi.

No fogão, ele derreteu a manteiga e espalhou os ovos batidos na frigideira. Os olhos dela acompanhavam tudo com gula, observando enquanto ele puxava para o centro a parte já cozida e inclinava a frigideira para que a parte crua escorresse, preenchendo o espaço vazio. Observava Will, também: o rosto dele, as mãos ocupadas, os ombros nus e os pés descalços.

Quando a omelete ficou pronta, ele a dobrou e cortou em dois pedaços com a espátula.

— Procure uns pratos — disse ele.

Lyra obedeceu. Parecia disposta a aceitar ordens se as considerasse sensatas, de modo que ele mandou que ela fosse preparar uma mesa na calçada em frente ao café. Ele mesmo levou a comida e talheres que achou em uma gaveta, e os dois se sentaram, um pouco constrangidos.

Ela comeu em menos de um minuto e depois ficou se mexendo com impaciência, balançando a cadeira para a frente e para trás, arrancando pedacinhos de plástico do assento, enquanto ele acabava de jantar. O daemon se transformou em um pintassilgo e estava bicando migalhas invisíveis em cima da mesa.

Will comia devagar. Dera a ela a maior parte das salsichas, mas mesmo assim demorou muito mais para terminar. O porto diante deles, as luzes ao longo da avenida deserta, as estrelas no céu escuro, tudo isso estava suspenso em um silêncio vigoroso, como se nada mais existisse.

E durante todo o tempo ele teve consciência da presença da garota. Ela era pequena e leve, mas forte, e tinha lutado como um tigre; o soco que ele lhe dera deixara uma mancha roxa no rosto, que ela simplesmente ignorava. Sua expressão era uma mistura de inocência — quando provou o refrigerante — e uma desconfiança triste e profunda. Os olhos eram azuis, e o cabelo devia ser de um louro-escuro quando fosse lavado — pois ela estava imunda e cheirava como se não tomasse banho havia muito tempo.

— Laura? Lara? — tentou Will.

— Lyra.

— Lyra... da Língua Mágica?

— É.

— Onde é o seu mundo? Como você chegou aqui?

Ela deu de ombros.

— Andando. Estava tudo enevoado. Eu não sabia aonde estava indo. Quer dizer, sabia que estava saindo do *meu* mundo. Mas não conseguia ver este aqui, até a neblina clarear. Então me encontrei aqui.

— O que foi que você falou sobre pó?

— Pó, isso mesmo. Vou descobrir. Mas este mundo parece estar deserto. Não encontrei ninguém para perguntar. Já estou aqui há... sei lá, três dias, talvez quatro. E não vi ninguém.

— Mas por que quer descobrir pó?

— É um pó especial — disse ela, em tom seco. — Não é pó comum, obviamente.

O daemon tornou a mudar. Fez isso em um piscar de olhos, e o pintassilgo virou um rato, um enorme rato negro de olhos vermelhos. Will o encarou com olhos arregalados e assustados, e a garota reparou.

— Você também tem um daemon — disse, em tom decidido. — Dentro de você.

Ele não soube o que dizer.

— Tem, sim — continuou ela. — Senão não seria humano. Você seria... um morto-vivo. Já vimos um garoto com o daemon cortado. Você não é assim. Mesmo que não saiba que tem um daemon, você tem. No princípio ficamos com medo quando vimos você. Como se fosse uma assombração ou coisa assim. Mas então vimos que você não era isso.

— Nós quem?

— Eu e Pantalaimon. Nós. Mas seu daemon não é uma coisa separada de você. É você. Uma parte de você. Um faz parte do outro. No seu mundo não existe ninguém como nós? São todos como você, com os daemons escondidos?

Will contemplou aquela dupla — a menina magricela, de olhos claros, e seu daemon-rato, agora acomodado em seus braços — e se sentiu profundamente solitário.

— Estou cansado. Vou para a cama — disse ele. — Você vai ficar nesta cidade?

— Sei lá. Tenho que saber mais sobre o que estou procurando. Deve haver alguns catedráticos neste mundo. Tem que ter alguém que saiba sobre isso.

— Talvez não neste mundo. Mas eu vim de uma cidade chamada Oxford. Lá está cheio de catedráticos, se é o que você quer.

— Oxford? — exclamou ela. — É de onde eu vim!

— Então no seu mundo também existe uma Oxford? Você não veio do meu mundo.

— Não mesmo — disse ela. — São mundos diferentes. Mas no meu mundo existe uma Oxford também. Nós dois estamos falando inglês, não estamos? É óbvio que outras coisas são iguais. Como foi que você passou? Existe uma ponte, ou o quê?

— Só uma espécie de janela no ar.

— Me mostre — disse ela.

Era uma ordem, não um pedido. Ele sacudiu a cabeça.

— Agora não. Quero dormir. De qualquer maneira, estamos no meio da noite.

— Então me mostre de manhã.

— Está bem, vou mostrar. Mas tenho minhas próprias coisas para fazer. Você vai ter que encontrar sozinha os seus catedráticos.

— Fácil — afirmou ela. — Sei tudo sobre catedráticos.

Ele juntou os pratos e se levantou.

— Eu cozinhei, então você lava os pratos.

Ela olhou para ele incrédula.

— Lavar os pratos? — zombou. — Existem milhões de pratos limpos por aí! Além disso, não sou criada. Não vou lavar os pratos.

— Então não vou lhe mostrar a passagem.

— Eu encontro sozinha.

— Não encontra, não. Ela está escondida. Você nunca vai encontrar. Escute. Eu não sei quanto tempo podemos ficar neste lugar. Temos que comer, portanto vamos comer o que houver aqui, mas depois vamos arrumar tudo e manter o lugar limpo, porque temos a obrigação de fazer isso. Temos que tratar direito este lugar. Agora vou para a cama. Vou ficar no outro quarto. Vejo você de manhã.

Ele entrou, limpou os dentes com o dedo e um pouco do creme dental que trazia na sacola, caiu na cama de casal e adormeceu em um instante.

Lyra esperou até ter certeza de que ele estava dormindo e então levou os pratos para a cozinha, colocando-os sob a água da torneira, e os esfregou com força com um pano até parecerem limpos. Fez o mesmo com garfos e facas, mas esse

método não funcionou com a frigideira, de modo que ela tentou com uma barra de sabão amarelo, e foi arrancando a sujeira até considerar a frigideira o mais limpa possível. Então secou tudo com outro pano e arrumou direitinho no escorredor de louça.

Porque ainda estava com sede e porque queria experimentar abrir outra lata, ela pegou mais uma coca-cola e a levou para o andar de cima. Parou para escutar do lado de fora da porta de Will e, como não ouviu nada, foi na ponta dos pés até o outro quarto e tirou o aletiômetro de sob o travesseiro.

Não precisava estar perto de Will para perguntar sobre ele, mas queria ver o garoto; moveu a maçaneta do quarto dele com o mínimo de ruído e entrou.

Havia uma luz na praia lá fora que brilhava diretamente dentro do quarto, e sob o brilho refletido do teto ela olhou para o garoto adormecido. Ele tinha a testa franzida e o rosto brilhante de suor. Era forte e parrudo, não como um homem adulto, naturalmente, porque não era muito mais velho que ela, mas um dia seria muito forte. Como seria mais fácil se o daemon dele estivesse visível! Ela se perguntou que forma ele teria, e se já estava fixo. Fosse qual fosse a forma, ele mostraria uma natureza selvagem, cortês e infeliz.

Foi na ponta dos pés até a janela. À luz do poste da rua, ela moveu com cuidado os ponteiros do instrumento e relaxou a mente na forma de uma pergunta. O ponteiro começou a girar em torno do mostrador em uma série de pausas e arranques quase rápidos demais para os olhos.

Ela tinha perguntado: *O que ele é, amigo ou inimigo?*

A bússola respondeu: *Ele é um assassino*.

Ao ver a resposta, ela relaxou imediatamente. Ele conseguia encontrar comida e poderia lhe mostrar como chegar a Oxford — talentos que eram úteis —, mas podia ser ao mesmo tempo covarde ou indigno de confiança. Um assassino era um bom companheiro. Ela se sentiu tão segura ao lado dele quanto com Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Puxou a persiana da janela para que o sol matinal não batesse no rosto dele e saiu do quarto, na ponta dos pés.

2. ENTRE AS FEITICEIRAS

A feiticeira Serafina Pekkala, que tinha resgatado Lyra e as outras crianças da Estação Experimental de Bolvangar e voado com ela para a ilha de Svalbard, estava profundamente preocupada.

Nas perturbações atmosféricas que se seguiram à fuga de lorde Asriel do exílio em Svalbard, ela e suas companheiras foram lançadas a grande distância da ilha, percorrendo muitos quilômetros por cima do mar congelado. Algumas delas conseguiram permanecer junto ao balão danificado de Lee Scoresby, o aeróstata texano, mas Serafina foi lançada para o alto, para dentro da neblina que veio escoando pelo buraco que a experiência de lorde Asriel rasgara no céu.

Ao se encontrar novamente capaz de controlar seu voo, seu primeiro pensamento foi para Lyra, pois Serafina não sabia coisa alguma sobre a luta entre o falso urso-rei e o verdadeiro, Iorek Byrnison, nem do que acontecera com Lyra depois disso.

Então começou a procurar pela menina, voando em seu galho de pinheiro-nubígeno pelo ar nevoento e tingido de dourado, tendo como companhia seu daemon Kaisa, o ganso cinzento. Viraram um pouco para o sul, na direção de Svalbard, viajando durante várias horas sob um céu turbulento, com luzes e sombras estranhas. Serafina Pekkala sabia, pela sensação perturbadora da luz em sua pele, que aquilo vinha de outro mundo.

— Veja, é o daemon de uma feiticeira, perdido... — disse Kaisa, depois de algum tempo.

Serafina Pekkala olhou através das nuvens de neblina e viu uma andorinha-do-mar voando em círculos nos abismos de luz fraca, aos gritos; então fez uma

curva e voou naquela direção. A andorinha-do-mar então ganhou altura, assustada, mas Serafina Pekkala fez um sinal de amizade e ela desceu para perto deles.

— De que clã você é? — perguntou Serafina Pekkala.

— Taymyr — disse ela. — Minha feiticeira foi capturada... Nossos companheiros foram levados embora! Estou perdida...

— Quem capturou a sua feiticeira?

— A mulher do daemon-macaco de Bolvangar... Me ajude! Nos ajude! Estou com tanto medo!

— O seu clã era aliado dos cortadores de crianças?

— Sim, até descobrirmos o que eles estavam fazendo... Depois da luta em Bolvangar eles nos expulsaram, mas a minha feiticeira foi capturada como prisioneira... Ela está em um navio... O que eu posso fazer? Ela está me chamando e não consigo encontrá-la! Ah, me ajude, me ajude!

— Silêncio — pediu Kaisa, o daemon-ganso. — Escutem lá embaixo.

Desceram mais, escutando com ouvidos aguçados, e Serafina Pekkala logo distinguiu o ruído, que a névoa abafava, de um motor a gás.

— Não conseguiriam pilotar um barco em uma névoa densa como esta — disse Kaisa. — O que estão fazendo?

— É um motor menos potente do que o de um barco — disse Serafina Pekkala.

Enquanto ela falava, um novo som surgiu, vindo de outra direção: um urro bestial, baixo, de estremecer, como alguma imensa criatura marinha clamando das profundezas. O rugido durou vários segundos, depois simplesmente parou.

— A sirene de neblina do navio — identificou Serafina Pekkala.

Voando baixo, em círculos acima da água, eles tentaram ouvir de novo o som do motor. De súbito o encontraram, pois a neblina parecia ter trechos de densidades diferentes, e a feiticeira subiu como um dardo, bem a tempo de se esconder de uma lancha que vinha se aproximando devagar, cortando a capa de ar úmido. A ondulação era baixa e oleosa, como se a água relutasse em subir.

Ficaram voando em círculos, o daemon-andorinha-do-mar bem perto, como uma criança agarrada à mãe, e observaram o timoneiro ajustar ligeiramente o curso enquanto a sirene de neblina tornava a tocar. Havia uma luz na proa, mas só iluminava a neblina alguns metros à frente.

— Você disse que algumas feiticeiras ainda estão ajudando essa gente? — perguntou Serafina Pekkala ao daemon desorientado.

— Acho que sim... Algumas feiticeiras revoltadas de Volgorsk... A não ser que elas tenham fugido também — disse ele. — O que você vai fazer? Procurar a minha feiticeira?

— Vou. Mas por enquanto fique aqui com Kaisa.

Serafina Pekkala voou na direção da lancha, deixando os daemons lá no alto, fora de vista, e pousou logo atrás do timoneiro. A daemon-gaivota dele grasnou, e o homem se virou para olhar.

— Demorou, hein? — disse ele. — Vá lá para a frente e nos guie para encostarmos a bombordo.

Ela decolou imediatamente. Tinha funcionado: algumas feiticeiras ainda os ajudavam, e o homem pensou que Serafina fosse uma delas. Bombordo ficava à esquerda, ela lembrava, e sua luz era vermelha. Ela procurou na neblina até encontrar a luz baça do bombordo do navio a menos de cem metros. Voltou depressa e pairou acima da lancha, gritando instruções ao timoneiro, que diminuiu a velocidade e atracou a lancha junto à escada que descia do convés do navio até logo acima da água. O timoneiro gritou e um marinheiro jogou uma corda, enquanto outro descia depressa pela escada para prendê-la na embarcação.

Serafina Pekkala voou para a amurada do navio e se abrigou nas sombras junto aos botes salva-vidas. Não estava vendo nenhuma outra feiticeira, mas elas provavelmente estariam patrulhando os céus; Kaisa saberia o que fazer.

Abaixo, um passageiro deixava a lancha e subia pela escada. A figura estava envolta em peles, encapuzada, anônima; mas, assim que ela chegou ao convés, um macaco-dourado subiu agilmente para a amurada e verificou o entorno com olhar feroz, os olhos azuis irradiando maldade. Serafina ficou sem fôlego: a figura era a sra. Coulter.

Um homem vestido com uma roupa escura correu até o convés para recebê-la e olhou em volta como se esperasse mais alguém.

— Lorde Boreal... — começou a dizer.

— Ele seguiu para outro local. Já começaram a tortura?

— Sim, sra. Coulter. — Foi a resposta. — Mas...

— Mas eu mandei que esperassem! — interrompeu ela. — Agora vão me desobedecer? Talvez este navio esteja precisando de mais disciplina.

Ela empurrou o capuz para trás. Serafina Pekkala viu claramente o rosto dela à luz amarelada: orgulhosa, passional e, para a feiticeira, bem jovem.

— Onde estão as outras feiticeiras? — quis saber.

O homem do navio explicou:

— Partiram todas, senhora. Voltaram voando para casa.

— Mas uma feiticeira guiou a lancha até aqui — disse a sra. Coulter. — Para onde ela foi?

Serafina se encolheu; obviamente o marinheiro da lancha não tinha conhecimento da situação. O clérigo olhou em volta, confuso, mas a sra. Coulter estava impaciente demais. Depois de um olhar apressado acima e ao longo do convés, sacudiu a cabeça e, com seu daemon, cruzou a porta aberta que criava um nimbo amarelado no ar. O homem foi atrás dela.

Serafina Pekkala olhou em volta para tentar se localizar. Estava escondida atrás de um canal de ventilação na área estreita do convés entre a amurada e a superestrutura central do navio; e nesse nível, de frente para a proa e abaixo da ponte e da chaminé, havia um salão com janelas — não escotilhas — dando para três lados. Era onde as pessoas tinham entrado. A luz jorrava das janelas sobre a amurada perolada pela neblina, permitindo entrever vagamente o mastro de proa e a escotilha do porão coberta por uma lona. Tudo estava encharcado e começando a congelar. De onde estava, Serafina Pekkala não seria vista por ninguém; mas, se quisesse ver mais coisas, teria que deixar seu esconderijo.

Que pena. Com seu ramo de pinheiro-nubígeno ela poderia fugir, e com sua faca e seu arco poderia lutar. Escondeu o ramo atrás do tubo de ventilação e seguiu cautelosamente pelo convés até chegar à primeira janela. O vidro estava embaçado e era impossível ver através dele. Serafina também conseguia ouvir vozes. Tornou a voltar para as sombras.

Havia uma única coisa a fazer; ela estava em dúvida, pois era algo desesperadamente arriscado e a deixaria exausta; mas parecia não haver escolha. Era um tipo de magia que ela podia fazer para ficar invisível. Naturalmente, ficar invisível de verdade era impossível: mas era uma espécie de magia mental, um tipo de discrição sustentada com intensidade que podia deixar alguém... não invisível, apenas imperceptível. Mantendo o grau de intensidade correto, ela poderia atravessar uma sala cheia de gente, ou andar ao lado de um caminhante solitário, sem ser vista.

Ela preparou a mente e dirigiu toda a sua concentração para o trabalho de alterar o modo como se postava para desviar completamente a atenção. Precisou de alguns minutos até adquirir confiança. Fez um teste ficando bem à vista de um marinheiro que vinha pelo convés com uma sacola de ferramentas; ele deu um passo de lado para evitá-la, sem olhar para ela um instante sequer.

Estava preparada. Foi até a porta do salão superiluminado e entrou, mas o lugar estava deserto. Ela deixou a porta externa apenas encostada, para que pudesse fugir por ali se fosse preciso, e viu uma porta, no outro extremo, que dava para uma escada que descia para as entranhas do navio. Ela desceu e encontrou um corredor estreito, iluminado por lâmpadas ambáricas, com canos à mostra pintados de branco, que seguia ao longo do comprimento do casco, com portas nos dois lados.

Serafina avançou sem fazer barulho, prestando atenção, até que ouviu vozes. Parecia estar havendo uma reunião.

Abriu a porta e entrou.

Havia cerca de uma dúzia de pessoas sentadas em volta de uma grande mesa. Uma ou duas ergueram a cabeça por um instante, olharam em sua direção distraidamente e se esqueceram dela em seguida. Ela ficou parada perto da porta, observando. A reunião era presidida por um ancião em trajes de cardeal, e os outros pareciam clérigos, à exceção da sra. Coulter, que era a única mulher presente. A sra. Coulter colocara suas peles sobre as costas da cadeira e estava com as faces rubras pelo calor do interior do navio.

Serafina Pekkala olhou em volta com atenção e viu mais uma pessoa: um homem de rosto magro, com um daemon-sapo, sentado a uma mesa em um canto coberta de livros encadernados em couro e folhas soltas de papel amarelado. Primeiro ela pensou que fosse um tipo de secretário, até perceber o que ele estava fazendo: tinha os olhos fixos em um instrumento dourado, como um relógio grande ou uma bússola, e a cada instante anotava o que via. Depois abria um dos livros, percorria trabalhosamente o índice e procurava um trecho, copiava o que tinha lido e voltava para o instrumento.

Serafina tornou a prestar atenção na discussão ao ouvir a palavra *feiticeira*.

— Ela sabe alguma coisa sobre a criança — disse um dos clérigos. — Já confessou que sabe. Todas as feiticeiras sabem alguma coisa sobre ela.

— Eu me pergunto o que a sra. Coulter sabe — disse o cardeal. — Será que

há alguma coisa que ela deveria ter nos contado antes?

— Vai ter que falar com mais clareza — respondeu a sra. Coulter, em tom gelado. — Esquece-se de que sou uma mulher, Eminência, e por isso não tão sutil quanto um príncipe da Igreja. Qual é essa verdade que eu deveria saber sobre a criança?

A expressão do cardeal era muito significativa, mas ele não disse nada. Houve uma pausa, e então outro clérigo respondeu, em tom quase de desculpas:

— Parece que existe uma profecia. Diz respeito à criança, entende, sra. Coulter? Todos os sinais se cumpriram. As circunstâncias do nascimento dela, para começar. Os gípcios também sabem alguma coisa a respeito, falam dela em termos de óleo-de-feiticeira e fogo-fátuo, inquietante, entende? Daí ela ter conseguido levar os homens gípcios para Bolvangar. E além disso houve a façanha extraordinária de depor o urso-rei Iofur Raknison. Não é uma criança comum. Frei Pavel talvez possa nos contar mais...

Ele olhou de relance para o homem de rosto magro que lia o aletiômetro; ele piscou um pouco, esfregou os olhos e encarou a sra. Coulter.

— A senhora deve estar sabendo que este é o único aletiômetro que sobrou, além daquele que está com a criança — disse. — Todos os outros foram adquiridos e destruídos por ordem do Magisterium. Fiquei sabendo por este instrumento que a criança ganhou o dela do reitor da Universidade Jordan, que aprendeu sozinha a decifrar os símbolos e que consegue fazer isso sem os livros. Se fosse possível duvidar do aletiômetro, eu duvidaria, porque não vejo como alguém possa usar esse instrumento sem os livros. São décadas de estudo exaustivo para uma pessoa alcançar algum tipo de compreensão; ela começou a ler o instrumento poucos dias depois de ganhá-lo e agora tem um domínio quase completo. Não se compara a nenhum sábio humano que eu consiga lembrar.

— Onde ela está agora, frei Pavel? — perguntou o cardeal.

— No outro mundo — disse frei Pavel. — É tarde demais.

— A feiticeira sabe! — bradou outro homem, cujo daemon-almiscareiro mastigava incessantemente um lápis. — Tudo se encaixa, exceto o depoimento da feiticeira! Digo que devemos torturá-la outra vez!

— Que profecia é essa? — perguntou a sra. Coulter, cada vez mais furiosa. — Como ousam esconder isso de mim?

Era visível o poder que ela exercia sobre eles. O olhar raivoso do macaco

dourado percorreu a mesa e ninguém o encarou.

Só o cardeal se manteve impassível. Seu daemon, uma arara, ergueu uma pata e coçou a cabeça.

— A feiticeira insinuou uma coisa extraordinária — disse o cardeal. — Não ouso crer no que acho que significa. Se for verdade, isso nos traz a mais terrível responsabilidade já encarada por homens e mulheres. Mas torno a perguntar, sra. Coulter, o que a *senhora* sabe sobre a criança e o pai dela?

A sra. Coulter tinha o rosto pálido de fúria.

— Como ousa me interrogar? — bradou. — E como ousa esconder de mim o que descobriu com a feiticeira? E, por último, como ousa imaginar que estou escondendo alguma coisa? Pensa que estou do lado dela? Ou acha talvez que estou do lado do pai dela? Talvez ache que eu deveria ser torturada como a feiticeira. Bem, estamos todos sob o seu comando, eminência. Basta estalar os dedos e pode mandar me matar. Mas mesmo procurando em cada pedacinho da minha carne não iria encontrar uma resposta, porque não sei nada dessa profecia, nada mesmo. E exijo que me conte o que *o senhor* sabe. É a minha filha, minha própria filha, concebida em pecado e nascida em desonra, mas ainda assim minha filha, e o senhor esconde de mim aquilo que tenho todo o direito de saber.

— Por favor! — pediu outro clérigo, nervoso. — Por favor, sra. Coulter... A feiticeira ainda não falou; ela nos dirá mais coisas. O próprio cardeal Sturrock disse que ela só insinuou.

— E se ela não disser tudo o que sabe? — argumentou a sra. Coulter. — E então? Nós adivinhamos, é isso? Nós nos intimidamos, desistimos e tentamos adivinhar?

— Não, porque é esta a pergunta que estou preparando para fazer ao aletiômetro. Nós vamos encontrar a resposta, seja pela feiticeira, seja pelos livros de símbolos — respondeu frei Pavel.

— E quanto tempo isso vai levar?

Ele franziu a testa com uma expressão de cansaço.

— Um tempo considerável. É uma pergunta imensamente complexa.

— Mas a feiticeira poderia nos dizer agora mesmo — disse a sra. Coulter.

E ficou de pé. Como se a temessem, quase todos os homens a imitaram. Apenas o cardeal e frei Pavel continuaram sentados. Serafina Pekkala recuou, fazendo uma força imensa para continuar passando despercebida. O macaco

dourado rangia os dentes, e seu pelo brilhante estava todo arrepiado.

A sra. Coulter o colocou em seu ombro.

— Então vamos perguntar a ela — comandou.

Ela se virou e saiu para o corredor. Os homens a seguiram apressados, um empurrando o outro, e passaram por Serafina Pekkala, que só teve tempo de dar um passo rápido para o lado, ainda um pouco confusa. O último a sair foi o cardeal.

Serafina demorou alguns segundos para se acalmar, pois sua agitação estava começando a deixá-la visível. Então seguiu os clérigos pelo corredor até uma sala menor, vazia, branca e quente, na qual todos estavam agrupados em torno de uma figura terrível: uma feiticeira amarrada com força a uma cadeira de aço, rosto cinzento contorcido de agonia e as pernas retorcidas e quebradas.

A sra. Coulter se aproximou dela. Serafina ficou perto da porta, sabendo que não conseguiria ficar invisível por muito mais tempo; aquilo estava difícil demais.

— Fale-nos da garota, feiticeira — disse a sra. Coulter.

— Não!

— Você vai sofrer.

— Já sofri o suficiente.

— Ah, ainda virá mais sofrimento. Temos mil anos de experiência na nossa Igreja. Podemos prolongar seu sofrimento infinitamente. Queremos saber da garota — disse a sra. Coulter, estendendo a mão para quebrar um dedo da feiticeira.

O dedo se partiu facilmente, com um estalido. A feiticeira gritou, e por um segundo Serafina Pekkala ficou visível a todos, e um ou dois clérigos olharam para ela, confusos e assustados. Ela, no entanto, tornou a recuperar o controle e eles voltaram a prestar atenção na tortura.

— Se não responder, vou quebrar outro dedo seu, depois outro. O que sabe sobre a criança? Diga! — exigiu a sra. Coulter.

— Está bem! Por favor, por favor, chega!

— Então responda.

Houve outro estalido e dessa vez a feiticeira não conseguiu controlar os soluços. Serafina Pekkala estava a ponto de perder o controle. Então vieram as palavras, em um grito:

— Não, não! Chega, eu imploro! A criança que viria... As feiticeiras sabiam quem ela era antes de vocês... Descobrimos o nome dela...

— Sabemos o nome dela. Que nome é este que você está dizendo?

— O nome verdadeiro dela! O nome do destino dela!

— Qual é o nome? Fale! — ordenou a sra. Coulter.

— Não... não...

— E como? Vocês descobriram como?

— Havia um teste... Se ela conseguisse pegar um determinado galho de pinheiro-nubígeno entre muitos outros, ficaria provado que era a criança esperada, e isso aconteceu na casa do nosso cônsul em Trollesund, quando a criança chegou com os gípcios... A criança com o urso...

A voz dela falhou.

A sra. Coulter soltou uma pequena exclamação de impaciência, quebrando outro dedo, e todos ouviram um gemido.

— Mas qual era a profecia a respeito dessa criança? — continuou a sra. Coulter, a voz agora metálica e cheia de ansiedade. — E que nome é esse que vai esclarecer o destino dela?

Serafina Pekkala se aproximou do grupo de homens que rodeava a feiticeira, e nenhum deles sentiu a presença dela junto a seus cotovelos. Ela precisava dar um fim ao sofrimento daquela feiticeira, e logo, mas o esforço de se manter invisível era enorme. Ela tremia ao tirar a faca da cintura.

A feiticeira soluçava:

— Ela é aquela que veio antes, e desde então vocês a odiaram e temeram! Bem, agora ela voltou, e vocês não perceberam que era ela... Ela esteve lá em Svalbard, estava com lorde Asriel, e vocês a perderam. Ela escapou, e será...

Mas antes que ela pudesse terminar, houve uma interrupção.

Pela porta aberta uma andorinha-do-mar entrou voando, enlouquecida de terror, e ficou batendo as asas ao cair com força no chão. Ergueu-se com esforço e voou para o peito da feiticeira torturada, e ficou ali, acariciando-a, piando, guinchando. A feiticeira gritou:

— Yambe-Akka! Vem pra mim, vem pra mim!

Ninguém entendeu, além de Serafina Pekkala. Yambe-Akka era a deusa que aparecia para uma feiticeira quando ela estava prestes a morrer.

E Serafina estava preparada. Ela ficou visível e deu um passo para a frente

sorrindo alegremente, porque Yambe-Akka era alegre e feliz, e sua visita era um presente de alegria. A feiticeira a viu e ergueu para ela o rosto manchado de lágrimas, e Serafina se inclinou para lhe dar um beijo conforme enfiava suavemente sua faca no coração da feiticeira. O daemon-andorinha-do-mar ergueu os olhos baços e desapareceu.

E agora Serafina Pekkala teria que abrir caminho lutando.

Os homens ainda estavam chocados, incrédulos, mas a sra. Coulter recuperou o sangue-frio quase de imediato.

— Agarrem ela! Não a deixem fugir! — gritou.

Mas Serafina já estava junto à porta, com uma flecha preparada em seu arco. Ergueu o arco e soltou a flecha em menos de um segundo, e o cardeal caiu no chão em espasmos.

Ela chegou ao corredor, se virou, fez pontaria e disparou outra flecha; mais um homem caiu, enquanto o ruído alto de um sino enchia o navio.

Ela subiu a escada e saiu para o convés. Dois marinheiros lhe barraram a passagem e ela disse:

— Lá embaixo! A prisioneira está solta! Ajudem!

Isso foi suficiente para deixar os dois confusos, e eles paralisaram, indecisos, dando tempo a Serafina para passar por eles e pegar o pinheiro-nubígeno escondido atrás do tubo de ventilação.

— Atirem nela! — ouviu-se a voz da sra. Coulter.

No mesmo instante três rifles dispararam. As balas bateram no metal, ricocheteando para dentro da neblina, e Serafina saltou sobre o galho e o fez subir como uma de suas flechas. Segundos depois estava no céu, em segurança no meio da neblina, e então um grande ganso surgiu do meio dos bancos de névoa cinzenta e emparelhou ao seu lado.

— Para onde? — perguntou.

— Para longe, Kaisa, para longe — disse ela. — Quero tirar do meu nariz o fedor dessa gente.

Na realidade ela não sabia aonde ir ou o que fazer em seguida. Mas tinha certeza absoluta de uma coisa: havia uma flecha em sua aljava que encontraria o alvo na garganta da sra. Coulter.

Viraram para o sul, afastando-se daquela neblina com seu brilho perturbador de outro mundo, e enquanto voavam uma pergunta começou a se formar com

mais clareza na mente de Serafina: o que lorde Asriel estaria fazendo?

Porque todos os acontecimentos que reviraram o mundo tinham sua origem nas misteriosas atividades de lorde Asriel.

O problema era que as fontes habituais de conhecimento da feiticeira vinham da natureza. Ela conseguia seguir qualquer animal, pegar qualquer peixe, encontrar as cerejas mais raras; conseguia ler os sinais nas entranhas de pequenos animais, ou decifrar a sabedoria nas escamas de uma perca, ou interpretar os avisos no pólen do açafrão; mas todos esses eram filhos da natureza e lhe revelavam suas verdades naturais. Para conseguir saber sobre lorde Asriel ela teria que ir a outro lugar.

No porto de Trollesund, o cônsul das feiticeiras, dr. Lanselius, mantinha contato com o mundo dos homens e das mulheres, e Serafina Pekkala voou rapidamente para lá através da neblina, a fim de saber o que ele poderia lhe contar. Antes de ir à casa dele, ela voou em círculos sobre o porto, onde restos de névoa deslizavam de maneira fantasmagórica sobre a água gelada, e observou um rebocador guiar para o porto um grande navio com uma bandeira africana. Havia muitos outros navios ancorados do lado de fora do porto — ela nunca tinha visto tantos navios juntos.

Quando o curto dia chegava ao fim, ela aterrissou no jardim dos fundos da casa do cônsul. Bateu na vidraça e o próprio dr. Lanselius abriu a porta com um dedo nos lábios.

— Serafina Pekkala, saudações — disse. — Entre depressa e seja bem-vinda. Mas é melhor não ficar muito tempo.

Ofereceu a ela uma cadeira junto à lareira, olhou de relance pelas cortinas de uma janela que dava para a rua e perguntou:

— Aceita um pouco de vinho?

Enquanto bebericava o Tokay dourado, ela contou o que tinha visto e ouvido a bordo do navio.

— Acha que eles compreenderam o que ela falou sobre a criança? — perguntou ele.

— Não completamente, eu acho. Mas sabem que ela é importante. Quanto àquela mulher, tenho medo dela, dr. Lanselius. Acho que vou matá-la, mas mesmo assim tenho medo dela.

— Eu também — disse ele.

E Serafina escutou o que ele lhe contou dos boatos que tinham corrido pela cidade. No meio da confusão de rumores, alguns fatos começaram a emergir com clareza.

— Dizem que o Magisterium está reunindo o maior exército já visto. E há boatos desagradáveis sobre alguns dos soldados, Serafina Pekkala. Ouvi sobre Bolvangar, e o que estavam fazendo lá, cortando os daemons das crianças, a maior maldade de que já tive conhecimento. Bem, parece que existe um regimento de guerreiros que foram tratados da mesma maneira. Conhece a palavra *zumbi*? Eles nada temem, porque não têm mente. Há alguns aqui na cidade agora. As autoridades os mantêm escondidos, mas os rumores correm, e os habitantes estão apavorados.

— E as feiticeiras dos outros clãs, tem notícias delas? — perguntou Serafina Pekkala.

— A maioria voltou para suas casas. Todas as feiticeiras estão esperando, com medo no coração, o que acontecerá em seguida.

— E o que ouviu sobre a Igreja?

— Estão totalmente confusos. Eles não sabem o que lorde Asriel pretende fazer.

— Nem eu — disse ela. — E não consigo nem imaginar o que seja. O que o senhor acha que ele está pretendendo, dr. Lanselius?

Ele esfregou delicadamente a cabeça de seu daemon-serpente com o polegar.

— Ele é um catedrático — respondeu, depois de um momento. — Mas a cátedra não é a sua maior paixão. E tampouco é sua paixão ser um estadista. Conversamos uma vez e achei que ele tinha uma natureza ardente e poderosa, mas não acredito que queira governar... Não sei, Serafina Pekkala. Imagino que o criado dele poderia lhe dizer. É um homem chamado Thorold e foi aprisionado com lorde Asriel na casa em Svalbard. Pode valer a pena uma visita até lá para ver se ele pode lhe dizer alguma coisa; mas naturalmente ele pode ter ido para o outro mundo com seu amo.

— Obrigada. É uma boa ideia... Vou fazer isso. E agora.

Ela se despediu do cônsul e saiu voando pela escuridão crescente para se encontrar com Kaisa nas nuvens.

A viagem de Serafina para o norte foi mais difícil por causa da confusão no

mundo à sua volta. Todos os povos do Ártico estavam em pânico, assim como os animais, não apenas por causa da neblina e das variações magnéticas, mas também pelos estranhos barulhos no gelo e os inesperados movimentos do solo. Era como se a própria Terra estivesse despertando lentamente de um longo sonho congelado.

Nessa confusão — em que raios de brilho misterioso surgiam de repente, rasgando as torres de neblina, e então desapareciam com a mesma rapidez; em que rebanhos do boi-almiscarado típico do Ártico eram tomados pelo impulso de galopar para o sul e então virar repentinamente para o oeste ou de novo para o norte; em que rígidas formações de gansos se desfaziam em um tumulto de grasnidos quando os campos magnéticos que orientavam seu voo oscilavam e se partiam em todas as direções —, Serafina Pekkala voava para o norte, para a casa no promontório nas terras desertas de Svalbard.

Ali ela encontrou Thorold, o criado de lorde Asriel, lutando contra um grupo de espectros-dos-penhascos.

Ela percebeu o movimento antes de se aproximar o suficiente para ver o que estava acontecendo: asas que pareciam de couro e um malévolo grasnar ressoando no pátio coberto de neve, e uma figura solitária, envolta em peles, disparando um rifle no meio da confusão, tendo a seu lado um esquálido daemon-cão rosnando e tentando morder cada vez que uma daquelas coisas nojentas voava suficientemente baixo.

Serafina não conhecia o homem, mas um espectro-dos-penhascos era sempre um inimigo. Ela fez um círculo alto e disparou uma dúzia de flechas no grupo em tumulto. Com guinchos e muita algazarra, o bando — disperso demais para ser considerado uma tropa — se virou, viu o novo adversário e fugiu em desordem. No minuto seguinte, os céus estavam novamente desertos, e os guinchos assustados ecoaram nas montanhas distantes até desaparecerem no silêncio.

Serafina pousou no pátio e saltou sobre a neve pisoteada e manchada de sangue. O homem empurrou o capuz para trás, ainda segurando o rifle cautelosamente, porque às vezes uma feiticeira era inimiga. Era um homem idoso, de rosto comprido, cabelo grisalho e olhar firme.

— Sou amiga de Lyra — disse ela. — Espero que possamos conversar. Veja, baixei meu arco.

— Onde está a criança? — perguntou ele.

— Em outro mundo. Estou preocupada com a segurança dela. E preciso saber o que lorde Asriel está fazendo.

— Então entre — convidou ele. — Veja, baixei meu rifle.

Depois da troca de formalidades, eles entraram na casa. Kaisa deslizava pelos céus, vigiando, enquanto Thorold fazia café e Serafina lhe contava sobre seu envolvimento com Lyra.

— Ela sempre foi uma criança com força de vontade — disse ele, quando estavam sentados à mesa de carvalho à luz de um lampião de nafta. — Eu a via todo ano, quando lorde Asriel visitava a universidade. Eu gostava dela, sabe, não conseguia evitar. Mas o lugar dela no esquema geral das coisas eu não sei.

— O que lorde Asriel estava planejando fazer?

— Não acha que ele me contou, acha, Serafina Pekkala? Sou só o criado. Lavo as roupas dele, preparo suas refeições, cuido da casa. Posso ter ficado sabendo de uma ou duas coisinhas durante os anos que passei com lorde Asriel, mas foi sem querer. Ele confiava tanto em mim quanto no seu pote de sabão de barbear.

— Então me conte essas coisinhas que soube sem querer — insistiu ela.

Thorold era um homem velho, mas saudável e vigoroso, e se sentia orgulhoso com a atenção dessa feiticeira jovem e bela, como qualquer homem ficaria. Mas era também esperto e sabia que a atenção não era realmente para ele, mas para o que sabia; e era honesto, de modo que não ficou postergando aquilo que tinha a dizer.

— Não sei exatamente o que ele está fazendo, porque os detalhes científicos estão além do meu alcance. Mas posso lhe dizer o que move lorde Asriel, embora ele não saiba que eu sei. Percebi isso em uma centena de pequenos sinais. Me corrija se eu estiver enganado, mas as feiticeiras têm deuses diferentes dos nossos, não é verdade?

— Sim, é verdade.

— Mas sabe alguma coisa sobre o nosso Deus? O Deus da Igreja, aquele que chamam de Autoridade?

— Sei, sim.

— Bem, lorde Asriel nunca se sentiu à vontade, por assim dizer, com as doutrinas da Igreja. Já notei como acha desagradável quando falam de

sacramentos, penitência, redenção e coisas desse tipo. Em nosso povo, desafiar a Igreja significa a morte, mas lorde Asriel vem alimentando uma revolta dentro de si, como pude notar desde que comecei a trabalhar para ele. É isso que eu sei.

— Uma revolta contra a Igreja?

— Em parte, sim. Houve uma época em que ele pensou em usar a força, mas desistiu.

— Por quê? A Igreja era forte demais?

— Não, isso não seria problema para ele — disse o velho criado. — Olhe, isso pode lhe parecer estranho, Serafina Pekkala, mas conheço aquele homem melhor do que qualquer esposa, melhor do que uma mãe poderia conhecer. Ele tem sido meu amo e meu objeto de estudo há quarenta anos. Não consigo acompanhá-lo nas alturas do seu pensamento, assim como não consigo voar, mas consigo ver aonde está indo, mesmo que não possa seguir com ele. Não. Acredito que ele desistiu dessa luta não porque a Igreja fosse forte demais, mas porque ela é fraca demais para valer a pena.

— Então... o que ele está fazendo?

— Acho que está começando uma guerra ainda mais perigosa. Acho que está pretendendo uma revolta contra o poder mais alto de todos. Ele foi procurar a morada da própria Autoridade e vai destruí-la. É o que eu penso. Meu coração estremece quando digo isso, senhora. Mal ouso pensar a respeito. Mas não consigo imaginar outra coisa que explique o que ele está fazendo.

Serafina ficou quieta por um momento, absorvendo o que Thorold lhe contara. Antes que ela dissesse qualquer coisa, ele continuou:

— É claro que qualquer pessoa disposta a fazer uma coisa grandiosa como essa seria alvo da ira da Igreja. Nem é preciso dizer. Seria a mais gigantesca das blasfêmias, é o que diriam. Ele seria levado a um Tribunal Consistorial e condenado à morte em um piscar de olhos. Nunca falei sobre isso antes e não vou voltar a falar. Até com a senhora eu teria medo de falar, se a senhora não fosse uma feiticeira e estivesse fora do alcance do poder da Igreja. Nenhuma outra coisa faz sentido, e isso faz. Ele vai encontrar e matar a própria Autoridade!

— Isso é possível? — quis saber Serafina.

— A vida de lorde Asriel sempre foi cheia de coisas que eram impossíveis. Eu não diria que existe alguma coisa que ele não consegue fazer, mas, diante disto

tudo, Serafina Pekkala, eu diria que ele está louco. Se os anjos não conseguiram, como um homem pode ousar pensar nisso?

— Anjos? Quem são?

— Seres de puro espírito, segundo a Igreja. A Igreja ensina que alguns anjos se rebelaram antes da criação do mundo, foram expulsos do paraíso e mandados para o inferno. Eles fracassaram, entende? Não conseguiram o que queriam. E tinham o poder dos anjos. Lorde Asriel é apenas um homem, com poderes humanos, nada mais que isso. Mas a sua ambição é ilimitada. Ele ousa fazer o que homens e mulheres nem sequer ousam pensar. E veja o que já fez: rasgou o céu, abriu caminho para outro mundo. Quem mais já fez isso? Quem mais poderia pensar em uma coisa dessas? De modo que parte de mim, Serafina Pekkala, diz que ele é louco, mau, perturbado. Mas outra parte pensa: ele é lorde Asriel, não é como os outros homens. Quem sabe... Se isso algum dia fosse possível, seria feito por ele e por ninguém mais.

— E o que você vai fazer, Thorold?

— Vou ficar esperando aqui. Vou cuidar desta casa até ele voltar e me dar outra ordem, ou até eu morrer. E agora vou lhe fazer a mesma pergunta, senhora.

— Quero ter certeza de que a criança está segura — revelou ela. — Pode ser que eu tenha que passar por esta região outra vez, Thorold. Fico feliz em saber que você ainda estará por aqui.

— Não vou arredar o pé daqui — assegurou.

Ela recusou a refeição que ele ofereceu e se despediu.

Dentro de um minuto estava com seu daemon-ganso, que manteve silêncio ao lado dela enquanto voavam em um curso sinuoso acima das montanhas enevoadas. Ela estava profundamente perturbada, e não havia necessidade de explicar: cada folha de erva, cada poça gelada, cada mosquitinho de sua terra natal vibrava em seus nervos pedindo que ela voltasse. Ela temia por eles, mas temia por si própria também, pois estava tendo que mudar; eram problemas humanos que ela estava investigando, aquilo era um assunto humano; o deus de lorde Asriel não era o dela. Será que estava se tornando humana? Será que estava perdendo sua condição de feiticeira?

Se estava, não poderia fazer isso sozinha.

— Vamos para casa — disse ela. — Precisamos conversar com as nossas irmãs, Kaisa. Esses acontecimentos são grandes demais para nós.

E atravessaram velozmente as nuvens de neblina em direção ao lago Enara e ao seu lar.

Nas cavernas das florestas ao lado do lago, encontraram as outras do seu clã, além de Lee Scoresby. O aeróstata tinha lutado para manter seu balão flutuando depois da queda de Svalbard, e as feiticeiras o guiaram para a terra delas, onde ele estava trabalhando para consertar o estrago na cesta e no balão de gás.

— Senhora, fico muito feliz em vê-la — saudou ele. — Alguma notícia da menininha?

— Nenhuma, sr. Scoresby. Gostaria de se juntar a nós no Conselho hoje à noite, para nos ajudar a resolver o que fazer?

O texano ficou surpreso, pois nunca se ouvira falar que um homem tivesse participado de um conselho de feiticeiras.

— Será uma grande honra — respondeu. — Pode ser que eu tenha uma ou duas sugestões.

Durante todo o dia chegaram feiticeiras, como flocos de neve negra nas asas de uma tempestade. Os céus se encheram de sons com o fremir da sua seda e o cicio do ar cortando em meio às agulhas de seus galhos de pinheiro-nubígeno. Os homens que caçavam nas florestas gotejantes ou pescavam entre os pedaços de gelo se derretendo ouviram através da neblina o sussurro espalhado pelo céu, e, se o tempo estivesse aberto, eles olhariam para cima e veriam as feiticeiras voando como farrapos de escuridão na correnteza de uma maré secreta.

À noite, os pinheiros em volta do lago estavam iluminados por uma centena de fogueiras, e a maior fogueira de todas estava montada na frente da caverna de reuniões. Ali, depois que se alimentaram, as feiticeiras se reuniram. Serafina Pekkala estava no centro, com uma coroa de pequenas flores vermelhas aninhada em seus cabelos louros. À sua esquerda, sentava-se Lee Scoresby e, à sua direita, uma visitante: a rainha das feiticeiras da Letônia, cujo nome era Ruta Skadi.

Ela chegara apenas uma hora antes, para surpresa de Serafina. Ela achara a sra. Coulter bonita, para uma vida-curta; mas Ruta Skadi era tão linda quanto a sra. Coulter, mas com uma dimensão extra — o mistério, o sobrenatural. Ela fizera transações com espíritos, e isso era visível. Era intensa e passional, com grandes olhos negros; alguns diziam que o próprio lorde Asriel tinha sido seu amante. Usava pesados brincos de ouro e, no cabelo negro e cacheado, uma

coroa ornamentada com um anel de presas de tigres-da-neve. Kaisa, daemon de Serafina, tinha ouvido do daemon de Ruta Skadi que ela própria matara os tigres para castigar a tribo tártara que os adorava, porque os homens dessa tribo tinham deixado de honrá-la quando ela visitou o território deles. Sem seus deuses-tigres, a tribo decaiu, por medo e melancolia, e implorou a ela que lhes permitisse adorá-la em lugar dos tigres, mas foram recusados com desprezo; pois que benefício poderia trazer a ela a adoração deles?, Ruta perguntara. Afinal de contas, isso não tinha ajudado os tigres em nada. Assim era Ruta Skadi: linda, orgulhosa e impiedosa.

Serafina não tinha certeza do motivo de sua vinda, mas a recebeu de modo apropriado, e a etiqueta exigia que Ruta se sentasse à direita dela. Quando estavam todas reunidas, Serafina começou a falar:

— Irmãs! Vocês sabem por que estamos aqui reunidas: precisamos decidir o que fazer a respeito desses novos acontecimentos. O universo está partido, e lorde Asriel abriu o caminho deste mundo para outro. Devemos nos preocupar com isso, ou viver nossa vida como fizemos até agora, cuidando dos nossos próprios assuntos? Além disso, há a questão da menina Lyra Belacqua, chamada de Lyra da Língua Mágica pelo rei Iorek Byrnison. Ela escolheu o galho de pinheiro-nubígeno correto, na casa do dr. Lanselius: é a criança que sempre esperamos, e agora desapareceu. Temos dois convidados, que vão nos oferecer suas ideias. Primeiro ouviremos a rainha Ruta Skadi.

Ruta Skadi ficou de pé. Seus braços brancos brilhavam à luz do fogo, os olhos cintilavam com tanta intensidade que até a feiticeira mais distante distinguia as expressões em seu rosto vívido.

— Irmãs! — começou ela. — Vou lhes dizer o que está acontecendo, e contra quem devemos lutar. Pois há uma guerra iminente. Não sei quem vai ficar do nosso lado, mas sei contra quem devemos lutar. É contra o Magisterium, a Igreja. Durante toda a sua história, que para nós não é muito tempo, mas para os vidas-curtas significa muitas e muitas gerações, ela tentou reprimir e controlar todos os impulsos naturais. Quando não consegue dominar esses impulsos, ela os corta. Algumas de vocês já sabem o que fizeram em Bolvangar. Aquilo foi horrível, mas não foi o único lugar, nem a única prática deles. Irmãs, vocês só conhecem o Norte; eu viajei pelas terras do Sul. Lá existem Igrejas, acreditem, que cortam crianças também, não do mesmo jeito, mas de uma forma igualmente

horrível: cortam fora os órgãos sexuais, sim, de meninas e meninos, para que não possam sentir prazer. É isso que a Igreja faz, e toda Igreja é igual: quer controlar, destruir, fazer desaparecer cada sensação agradável. Se vier uma guerra e a Igreja estiver de um lado, nós temos que estar do outro, por mais estranhos que sejam os aliados com quem tivermos que nos envolver.

"O que proponho é que os nossos clãs se unam e sigam para o norte a fim de explorar esse novo mundo e ver o que podemos descobrir lá. Se não é possível encontrar a criança no nosso mundo, é porque ela foi atrás de lorde Asriel. E lorde Asriel é a chave de tudo, acreditem. Ele já foi meu amante, e eu de boa vontade uniria minhas forças com as dele, porque ele odeia a Igreja e tudo que ela faz. É isso o que tenho a dizer."

Ruta Skadi falou de maneira apaixonada, e Serafina admirou seu poder e sua beleza. Quando a rainha se sentou, Serafina se voltou para Lee Scoresby.

— O sr. Scoresby é amigo da criança, portanto nosso amigo também — disse. — Gostaria de nos oferecer suas ideias, senhor?

O texano, magro como um chicote e muito cortês, ficou de pé. Parecia não ter consciência da estranheza da ocasião, mas tinha. Seu daemon-lebre Hester estava agachado ao lado dele, as orelhas estiradas para trás, coladas nas costas, os olhos dourados semicerrados.

— Senhora, primeiro tenho que agradecer a todas vocês pela bondade com que me trataram e pela ajuda que deram a um aeróstata castigado pelos ventos que sopraram de outro mundo. Não vou abusar muito da sua paciência. Quando eu estava indo para o Norte, para Bolvangar, com os gípcios, a menina Lyra me falou de uma coisa que tinha acontecido na universidade em que ela morava em Oxford: lorde Asriel mostrou aos outros catedráticos a cabeça cortada de um homem chamado Stanislaus Grumman, e com isso os convenceu a lhe dar algum dinheiro para voltar para o Norte e investigar o que tinha acontecido.

"Ora, a criança tinha tanta certeza do que tinha visto que eu não quis ficar fazendo muitas perguntas. Mas o que ela disse me trouxe à memória alguma coisa, só que eu não conseguia recordar exatamente o que era. Sabia que era sobre esse tal dr. Grumman. E só na viagem de Svalbard para cá eu lembrei o que era. Foi um velho caçador de Tungusk quem me contou. Parece que Grumman sabia onde encontrar um objeto que dá proteção a seja lá quem o carregar. Não quero fazer pouco-caso da magia que vocês, feiticeiras, dominam,

mas essa coisa, fosse o que fosse, tinha um tipo de poder que ultrapassa tudo de que eu já tenha ouvido falar.

“E fiquei pensando que poderia adiar a minha volta para o Texas e procurar o dr. Grumman, pois estou preocupado com aquela menina. Acho que ele não está morto, entendem? Acho que lorde Asriel estava enganando aqueles catedráticos.

“Então, vou procurar por ele em Nova Zembla, que é o último lugar onde ouvi falar dele vivo. Não consigo ver o futuro, mas consigo ver muito bem o presente. E estou com vocês nessa guerra, se é que as minhas balas valem alguma coisa. Mas é esta a tarefa que pretendo cumprir, senhora.”

Lee Scoresby virou-se mais uma vez para Serafina Pekkala.

— Vou procurar Stanislaus Grumman, descobrir o que ele sabe e, se conseguir encontrar o tal objeto, vou levá-lo para Lyra.

— O senhor já foi casado, sr. Scoresby? Tem filhos? — perguntou Serafina.

— Não, senhora, não tenho filhos, embora fosse gostar de ser pai. Mas entendo a sua pergunta, e a senhora tem razão: aquela garotinha teve azar com os pais verdadeiros, e talvez eu possa compensar. Alguém tem que fazer isso, e estou disposto a fazê-lo.

— Obrigada, sr. Scoresby — disse ela.

Serafina Pekkala retirou a coroa e desprendeu dela uma das pequenas flores vermelhas, que permaneciam conservadas, como se fossem recém-colhidas, enquanto ela as usasse.

— Leve isto com você. E, sempre que precisar da minha ajuda, segure essa flor e me chame; vou escutar, não importa onde o senhor esteja.

— Ora, obrigado, senhora — disse ele, surpreso.

O aeróstata pegou a florzinha e a guardou com cuidado no bolso da camisa.

— E vamos chamar um vento para ajudá-lo a chegar a Nova Zembla — disse Serafina Pekkala. — Agora, irmãs, quem gostaria de falar?

Assim, começou o Conselho propriamente dito. As feiticeiras eram democráticas até certo ponto; todas elas, até mesmo as mais jovens, tinham o direito de falar, mas só a rainha tinha o direito de decidir. O debate durou a noite toda, com muitas vozes veementes a favor de declarar guerra imediatamente, e outras pedindo cautela — e algumas poucas, as mais sábias, sugerindo que se enviasse uma missão a todos os outros clãs para que eles se unissem pela primeira vez.

Ruta Skadi concordava com isso, e Serafina mandou no mesmo instante as mensageiras. Quanto ao que ela própria deveria fazer, Serafina escolheu vinte de suas melhores guerreiras e ordenou que se preparassem para voar até o Norte com ela, para aquele mundo novo que lorde Asriel tinha aberto, a fim de procurar Lyra.

— E você, rainha Ruta Skadi? — perguntou Serafina finalmente. — Quais são os seus planos?

— Vou procurar lorde Asriel e descobrir o que ele está fazendo. E parece que ele também foi para o Norte. Posso fazer a primeira parte da viagem com você, irmã?

— Pode e será bem-vinda — disse Serafina, feliz em ter a companhia da rainha.

Assim ficou decidido.

Entretanto, logo depois que o Conselho terminou, uma feiticeira idosa procurou Serafina Pekkala e disse:

— É melhor conversar com Juta Kamainen, rainha. Ela é cabeça-dura, mas pode ter alguma coisa importante a dizer.

A jovem feiticeira Juta Kamainen — bom, jovem pelos padrões das feiticeiras, pois tinha pouco mais de cem anos de idade — parecia embaraçada e demonstrava má vontade, e seu daemon-tordo estava agitado, voando do ombro para a mão dela e em círculos acima de sua cabeça antes de voltar a pousar por um breve instante em seu ombro. As bochechas da feiticeira eram gorduchas e vermelhas: ela possuía uma natureza agitada e passional. Serafina não a conhecia muito bem.

— Rainha, conheço o humano Stanislaus Grumman — disse a jovem feiticeira, incapaz de permanecer em silêncio sob o olhar de Serafina. — Já o amei. Mas agora o odeio com tanto fervor que se o encontrar vou matá-lo. Não ia contar, mas minha irmã me obrigou.

Ela olhou com raiva para a feiticeira idosa, que retribuiu com um olhar de compaixão: conhecia o amor.

— Bem, se ele ainda estiver vivo, vai ter que continuar vivo até o sr. Scoresby encontrá-lo — declarou Serafina. — É melhor vir conosco para o novo mundo, assim não haverá perigo de você matá-lo antes. Esqueça, Juta Kamainen. O amor nos faz sofrer, mas a nossa missão é maior do que a vingança. Não se esqueça

disso.

— Sim, rainha — fez a jovem feiticeira, com humildade.

E Serafina Pekkala, suas vinte e uma companheiras e a rainha Ruta Skadi da Letônia se prepararam para voar rumo ao novo mundo, onde feiticeira alguma jamais estivera.

3. UM MUNDO INFANTIL

Lyra acordou cedo. Tivera um sonho horrível: alguém lhe dera a caixa térmica que ela vira o pai, lorde Asriel, mostrar ao reitor e aos catedráticos da Universidade Jordan.

Quando aquilo acontecera na vida real, Lyra estava escondida no armário, e vira lorde Asriel abrir a caixa e mostrar aos catedráticos a cabeça cortada de Stanislaus Grumman, o explorador desaparecido. Mas no sonho a própria Lyra tinha que abrir a caixa, e não queria fazer isso. Na verdade, estava apavorada. Mas tinha que abrir, querendo ou não, e sentia as mãos fracas de terror ao soltar o fecho da tampa e ouvir o ar entrando no vácuo da caixa térmica. Então retirou a tampa, quase engasgada de terror, mas sabendo que era preciso, que tinha que fazer isso. E dentro não havia coisa alguma. A cabeça tinha sumido. Não havia o que temer.

Mas mesmo assim ela despertou chorando e transpirando no quartinho de frente para o porto, com o luar entrando pela janela, e ficou deitada na cama de outra pessoa, agarrada ao travesseiro de outra pessoa, com Pantalaimon, na forma de um arminho, acariciando-a com o focinho e murmurando que se acalmasse. Ah, ela estava com tanto medo! E como era estranho que ficasse tão apavorada no sonho — logo ela, que na vida real tivera tanta vontade de ver a cabeça de Stanislaus Grumman, chegando a pedir a lorde Asriel para abrir de novo a caixa para ela olhar.

Quando amanheceu, ela perguntou ao aletiômetro o que o sonho significava, mas ele, no entanto, apenas respondeu: *Foi um sonho a respeito de uma cabeça*.

Ela pensou em acordar o garoto desconhecido, mas ele dormia tão

profundamente que ela desistiu. Em vez disso, desceu para a cozinha e tentou fazer uma omelete; vinte minutos depois ela se sentou a uma mesa na calçada e comeu com grande orgulho aquela mistura escura e crocante, enquanto Pantalaimon, agora um pardal, bicava os pedacinhos de casca de ovo.

Lyra ouviu um ruído atrás dela e lá estava Will, com os olhos pesados de sono.

— Sei fazer omelete — anunciou ela. — Posso fazer para você, se quiser.

Ele olhou para o prato dela.

— Não, obrigado. Vou comer cereal. Achei na geladeira um pouco de leite que ainda está bom. Eles não devem ter ido embora há muito tempo, o pessoal que mora aqui.

Ela o observou colocar cereal em uma tigela e derramar leite em cima — mais uma coisa que ela nunca tinha visto.

Ele levou a tigela para a rua e perguntou:

— Se você não é deste mundo, onde é o seu mundo? Como chegou até aqui?

— Atravessando uma ponte. Meu pai fez essa ponte e... eu atravessei atrás dele. Mas ele foi para outro lugar, não sei onde. Não me importo. Mas, enquanto eu estava atravessando, havia tanta neblina que me perdi, eu acho. Fiquei andando no meio da neblina durante dias, comendo só cerejas e coisas que eu encontrava. Então um dia a neblina sumiu e a gente estava no alto daquele rochedo lá atrás...

Ela fez um gesto para trás de si mesma. Will olhou ao longo da praia, para além do farol, e verificou que a costa se erguia em uma grande fileira de rochedos que desaparecia na neblina a distância.

— Vimos a cidade aqui e descemos, mas não encontramos ninguém. Pelo menos tinha coisas para comer e cama para dormir. Não sabíamos o que faríamos depois.

— Tem certeza de que isto aqui não é outra parte do seu mundo?

— Claro. Este não é o meu mundo, disto eu tenho certeza.

Will se lembrou de como tivera certeza absoluta, ao ver o trecho de gramado através da janela no ar, de que aquilo não ficava no seu mundo, e então fez um gesto assentindo.

— Então existem pelo menos três mundos ligados — disse.

— Existem milhões e milhões — corrigiu Lyra. — Um outro daemon me

contou. Era o daemon de uma feiticeira. Ninguém consegue calcular quantos mundos existem, todos no mesmo espaço, mas ninguém conseguia ir de um para outro antes do meu pai fazer essa ponte.

— E a janela que eu encontrei?

— Isso eu não sei. Talvez os mundos estejam começando a entrar uns nos outros.

— E por que você está procurando pó?

Ela o encarou friamente.

— Pode ser que um dia eu conte — declarou.

— Está bem. Mas como é que vai procurar esse pó?

— Vou encontrar um catedrático que saiba sobre ele.

— Como assim? Qualquer catedrático?

— Não. Um teólogo experimental — esclareceu ela. — Lá na minha Oxford, eram eles que sabiam dessas coisas. É lógico que deve ser o mesmo na sua Oxford. Vou primeiro à Universidade Jordan, porque a Jordan tinha os melhores teólogos.

— Nunca ouvi falar em teologia experimental.

— Eles sabem tudo sobre partículas elementares e forças fundamentais — explicou ela. — E ambaromagnetismo, coisas assim. Naves atômicas.

— Magnetismo *o quê*?

— Ambaromagnetismo. Vem de *ambárico*. Essas luzes — disse, apontando para os postes ornamentais. — São ambáricas.

— Nós chamamos de elétricas.

— Elétricas... Parece electrum. É um tipo de pedra, uma joia, feita de resina de árvore. Às vezes tem um inseto dentro delas.

— Ah, você está falando de âmbar — disse ele.

Ambos falaram ao mesmo tempo:

— Ambárico!

E ambos viram a expressão no rosto do outro. Durante muito tempo Will se lembrou desse momento.

— Bom, eletromagnetismo — disse ele, desviando os olhos. — Parece que a gente chama essa sua teologia experimental de física. Você vai precisar de cientistas, não de teólogos.

— Ah, vou conseguir encontrar — disse ela, em tom cauteloso.

Estavam sentados ao ar livre naquela manhã sem nuvens, e qualquer um dos dois poderia ter falado em seguida, porque ambos estavam cheios de perguntas. Mas nesse momento ouviram uma voz distante, que vinha da calçada da praia, da direção dos jardins do cassino.

Ambos olharam para lá, espantados. Era uma voz infantil, mas não havia ninguém à vista.

Will perguntou baixinho a Lyra:

— Há quanto tempo mesmo você está aqui?

— Três, quatro dias, perdi a conta. Nunca vi ninguém. Não tem ninguém aqui. Procurei em quase toda parte.

Mas havia. Duas crianças, uma garota da idade de Lyra e um menino mais jovem, saíram de uma das ruas que levavam ao porto. Carregavam cestas, e ambos tinham cabelo ruivo. Estavam a menos de cem metros quando avistaram Will e Lyra à mesa do pequeno restaurante.

Pantalaimon mudou de pintassilgo para camundongo e subiu correndo pelo braço de Lyra até o bolso da camisa dela. Ele reparou que aquelas novas crianças eram como Will: nenhuma das duas tinha um daemon visível.

As duas crianças se aproximaram e ocuparam uma mesa próxima.

— Vocês são de Ci’gazze? — perguntou a menina.

Will sacudiu a cabeça.

— De Sant’Elia?

— Não. Somos de outro lugar — respondeu Lyra.

A menina assentiu; era uma resposta razoável.

— O que está acontecendo? — perguntou Will. — Onde estão os adultos?

A menina franziu a testa.

— Os Espectros não foram à sua cidade? — quis saber.

— Não — respondeu Will. — Acabamos de chegar. Não sabemos nada sobre Espectros. Qual é o nome desta cidade?

— Ci’gazze — informou a menina, cheia de suspeita. — Quer dizer, Cittàgazze.

— Cittàgazze... — repetiu Lyra. — Ci’gazze. Por que os adultos tiveram que ir embora?

— Por causa dos Espectros — explicou a menina, com sarcasmo. — Qual é o seu nome?

— Lyra. E ele se chama Will. Qual é o seu?

— Angélica. O meu irmão é Paolo.

— De onde vocês vieram?

— Dos morros. Teve uma grande tempestade e muita neblina, e todo mundo ficou assustado, então corremos para o alto dos morros. Quando a neblina passou, os adultos viram pelos telescópios que a cidade estava cheia de Espectros, e por isso eles não podiam voltar. Mas as crianças, a gente não tem medo de Espectros, ora. Mais crianças estão vindo aí. Vão chegar mais tarde, nós fomos os primeiros.

— Nós e o Tullio — disse o pequeno Paolo, orgulhoso.

— Quem é Tullio?

Angélica ficou zangada: Paolo não deveria ter mencionado o outro irmão. Agora já não era segredo.

— Nosso irmão mais velho — explicou. — Ele não está com a gente. Está escondido até conseguir... Está escondido, só isso.

— Ele vai pegar... — começou Paolo, mas Angélica lhe deu um tapa com força e ele calou a boca, apertando os lábios trêmulos.

— O que foi que você disse sobre a cidade? — quis saber Will. — Que está cheia de Espectros?

— É, Ci'gazze, Sant'Elia, todas as cidades, os Espectros vão aonde as pessoas estão. De onde você vem?

— De Winchester — informou Will.

— Nunca ouvi falar. Lá não tem Espectros?

— Não. Também não estou vendo nenhum aqui.

— Claro que não! — exclamou ela. — Você não é adulto! Quando a gente fica adulto, vê Espectros.

— Eu não tenho medo de Espectros — disse o garotinho, erguendo o queixo sujo. — Mato todos eles.

— Os adultos não vão mais voltar? — perguntou Lyra.

— Vão, daqui a alguns dias — disse Angélica. — Quando os Espectros forem para outro lugar. Nós gostamos quando os Espectros vêm para cá, porque podemos correr pela cidade, fazer tudo o que queremos.

— Mas o que os adultos acham que os Espectros vão fazer com eles? — perguntou Will.

— Bom, quando um Espectro agarra um adulto, a coisa é feia de se ver. Eles comem a vida dele ali, na hora. Juro que nunca quero ser adulta. No princípio eles sabem o que está acontecendo e ficam com medo, e gritam e gritam, tentam olhar para outro lado e fingir que não está acontecendo, mas está. É tarde demais. E ninguém chega perto, eles ficam sozinhos. Então ficam pálidos e param de se mexer. Ainda estão vivos, mas é como se tivessem sido comidos por dentro. A gente olha nos olhos deles e vê o fundo da cabeça. Não tem nada lá dentro.

A menina se virou para o irmão e limpou o nariz dele na manga da camisa.

— Eu e Paolo vamos procurar sorvete — informou. — Querem vir também?

— Não — disse Will. — Temos uma coisa a fazer.

— Então até logo — disse ela.

— Morte aos Espectros! — completou Paolo.

— Até logo — disse Lyra.

Assim que Angélica e o menininho desapareceram, Pantalaimon surgiu do bolso de Lyra, olhos brilhantes, os pelos da cabecinha de camundongo eriçados. Ele disse a Will:

— Eles não sabem da janela que você encontrou.

Era a primeira vez que Will ouvia o daemon falar, e por pouco isso não foi a coisa mais assustadora que vira até então. Lyra riu do seu espanto.

— Mas... ele falou... Todos os daemons falam?

— Claro que sim! — disse Lyra. — Achou que ele era só um *bichinho de estimação*?

Will passou a mão pelo cabelo e pestanejou. Depois sacudiu a cabeça e se voltou para Pantalaimon.

— Não, você tem razão, eu acho. Eles não sabem da janela.

— Então é melhor termos cuidado com isso — continuou Pantalaimon.

A estranheza de conversar com um camundongo durou um instante, mas logo passou a ser tão normal quanto falar ao telefone, porque na verdade ele estava falando com Lyra. O camundongo, no entanto, era um ser independente; tinha alguma coisa de Lyra em sua expressão, mas alguma outra coisa também. Era difícil raciocinar, com tantas coisas esquisitas acontecendo ao mesmo tempo. Will tentou organizar os pensamentos.

— Primeiro você tem que arrumar algumas roupas, Lyra, antes de entrar na

minha Oxford — afirmou.

— Por quê? — perguntou ela, rebelde.

— Porque no meu mundo você não pode falar com as pessoas vestida assim, elas não iam deixar você chegar perto. Tem que parecer que é como elas. Tem que andar camuflada. Eu sei, entende? Faço isso há anos. É melhor você me escutar, senão vai ser apanhada, e, se descobrirem de onde você veio, a janela, e tudo... Ora, este mundo é um bom esconderijo. Sabe, eu... preciso me esconder de certas pessoas. Este é o melhor esconderijo que eu poderia sonhar em ter e não quero que seja descoberto. Então, não quero que você estrague tudo com sua aparência de quem não faz parte de lá. Tenho minhas coisas a fazer em Oxford, e, se me descobrirem por sua causa, eu mato você.

Ela engoliu em seco. O aletiômetro nunca mentia: aquele garoto era um assassino — e, se tinha matado antes, podia matá-la também. Ela moveu a cabeça, concordando com ar sério.

— Está bem — concordou ela, e sinceramente.

Pantalaimon tinha virado um lêmure e o encarava com um olhar desconcertante. Will o encarou de volta, e o daemon virou camundongo outra vez, entrando no bolso dela.

— Ótimo — disse ele. — Agora, enquanto estivermos aqui, vamos fingir para as outras crianças que viemos de algum lugar do mundo delas. É bom não ter adultos. Podemos ficar à vontade, ninguém vai perceber. Mas no meu mundo você vai ter que me obedecer. E a primeira coisa é tomar um banho. Você vai precisar parecer limpa, senão vai chamar atenção. Temos que estar camuflados em toda parte. Temos que parecer que fazemos parte dali, com tanta naturalidade que as pessoas nem percebam a nossa presença. Então, para começar, vá lavar o cabelo. Vi um xampu no banheiro. Depois vamos procurar algumas roupas.

— Não sei fazer isso — admitiu ela. — Nunca lavei meu cabelo. A governanta fazia isso na Jordan, e depois de lá eu nunca mais precisei.

— Bom, vai ter que dar um jeito — insistiu ele. — Tome logo um banho completo. No meu mundo as pessoas são limpas.

— Hum... — fez Lyra, e foi para o segundo andar.

O olhar de um camundongo feroz se fixou nele por cima do ombro dela, mas ele retribuiu o olhar com frieza.

Parte dele queria apenas passear naquela manhã ensolarada, explorar a cidade,

mas outra parte estava cheia de ansiedade pela mãe, e mais outra parte estava ainda entorpecida pelo choque da morte que ele provocara. E acima de tudo havia a missão que tinha que cumprir. Mas era bom se manter ocupado, de modo que, enquanto esperava por Lyra, ele limpou a cozinha, lavou o chão e esvaziou a lata de lixo no recipiente que encontrou no beco nos fundos.

Depois pegou na sacola o estojo de couro verde e ficou olhando para ele. Assim que tivesse mostrado a Lyra como atravessar a janela para dentro da Oxford dele, ia voltar e examinar o seu conteúdo. Mas naquele momento ele o enfiou sob o colchão da cama onde havia dormido. Naquele mundo o estojo estava em segurança.

Quando Lyra desceu, limpa e molhada, os dois saíram em busca de roupas para ela. Encontraram uma loja de departamentos, modesta como todo o resto, com roupas que aos olhos de Will pareciam um pouco fora de moda, mas acharam para Lyra uma saia escocesa e uma blusa verde sem mangas, com um bolso para Pantalaimon. Ela se recusou a usar jeans: nem mesmo quis acreditar quando Will lhe disse que a maioria das garotas usava.

— São calças! — protestou. — Eu sou mulher. Não seja burro.

Ele deu de ombros; a saia escocesa era discreta, isso era o mais importante. Antes de partirem, Will deixou algumas moedas na caixa atrás do balcão.

— O que você está fazendo?

— Pagando. Você tem que pagar pelas coisas. No seu mundo não se paga pelas coisas?

— Não neste aqui! Aposto que aquelas outras crianças não estão pagando por nada!

— Elas podem não pagar, mas eu pago.

— Se começar a se comportar como adulto, os Espectros vão te pegar — avisou ela, embora ainda não soubesse se podia brincar com ele ou se devia continuar tendo medo.

À luz do dia, Will via como eram antigos os prédios no centro da cidade e o estado de ruína a que alguns tinham chegado. A rua estava cheia de buracos que não foram reparados; havia janelas quebradas, rebocos caindo. No entanto, já houvera nesse lugar beleza e esplendor: através de arcos entalhados eles podiam ver pátios espaçosos, cheios de plantas, e havia grandes construções que pareciam palácios, ainda que as escadarias estivessem rachadas, e as molduras

das portas, soltas das paredes. Parecia que, em vez de derrubar um prédio e construir um novo, os cidadãos de Ci’gazze preferiam remendá-lo indefinidamente.

A certa altura, chegaram a uma torre solitária em uma pracinha. Era a construção mais antiga que tinham visto: uma torre simples, de quatro andares, com parapeitos no topo. Alguma coisa na sua imobilidade sob a luz forte do sol era intrigante, e tanto Will quanto Lyra se sentiram atraídos para a meia-porta aberta no topo da escadaria larga; mas não falaram sobre isso, e com certa relutância seguiram seu caminho.

Quando chegaram à larga alameda, com as palmeiras, ele a mandou procurar um pequeno café de esquina, com mesas de metal pintadas de verde na calçada. Ela encontrou o lugar em um minuto. Parecia menor e mais pobre à luz do dia, mas era o estabelecimento certo. Lá estavam o balcão de tampo de zinco, a máquina de café expresso, o prato de risoto pela metade, agora começando a cheirar mal no ar quente.

— É aqui? — perguntou Lyra.

— Não. Fica no meio da rua. Veja se não há outras crianças por perto...

Mas estavam sozinhos. Will levou Lyra para o canteiro central sob as palmeiras e olhou em volta para se orientar.

— Acho que era por aqui — disse. — Quando atravessei, via muito mal aquele morro alto atrás da casa branca, lá em cima, e olhando para esse lado eu vi o café, e...

— Como é essa coisa? Não estou vendo nada.

— Você não vai confundir. Não parece nada que você já tenha visto.

Ele caminhava de um lado para outro. A janela teria desaparecido? Teria fechado? Ele não conseguia encontrá-la.

Então de repente a viu. Estivera observando a borda do canteiro conforme caminhava. Assim como na noite anterior, no lado de Oxford, ela só podia ser vista de um lado; quando se passava para trás dela, ficava invisível. E o sol no gramado do outro lado era exatamente como o sol no gramado deste lado, a não ser por alguma coisa diferente que não se conseguia explicar.

— Achei! — exclamou, quando teve certeza.

— Ah! Estou vendo!

Ela estava inquieta. Parecia tão admirada quanto ele ficara ao escutar

Pantalaimon falar. O daemon, incapaz de continuar dentro do bolso, tinha saído como uma vespa e voou zumbindo até o buraco algumas vezes, recuando sempre, enquanto ela enrolava entre os dedos o cabelo ainda molhado.

— Fique de lado — instruiu ele. — Se ficar na frente dele, as pessoas vão ver só um par de pernas, e isso *ia* causar uma confusão. Não quero que ninguém perceba.

— Que barulho é esse?

— Trânsito. Vamos sair no trevo de Oxford. Deve estar muito movimentado. Preciso que você se abaixe e dê uma olhada por este lado. Na verdade, não é uma hora boa para a gente atravessar, tem muitas pessoas passando. Mas, se atravessarmos no meio da noite, vai ser difícil encontrar abertos os lugares aonde temos que ir. Pelo menos, depois de atravessarmos poderemos nos misturar com facilidade. Você passa primeiro. Mergulhe depressa e depois se afaste da janela.

Desde que saíram do café, ela vinha carregando uma pequena mochila azul e, antes de se agachar e olhar para o outro lado, tirou a mochila das costas e a segurou nos braços.

— Ah! — exclamou. — Este aí é o seu mundo? Não está parecendo ser Oxford. Tem certeza de que estava em Oxford?

— Claro que tenho. Quando atravessar, vai ver uma rua bem na sua frente. Vá para a esquerda, e depois, um pouco à frente, pegue a rua que vai para a direita, que leva até o centro da cidade. Não deixe de marcar bem esta janela e não se esqueça de onde ela está, certo? É a única maneira de voltar.

— Certo, não vou esquecer.

Com a mochila nos braços, ela mergulhou no ar através da janela e desapareceu. Will se abaixou para ver aonde ela ia.

E lá estava ela, parada no gramado da Oxford dele, com Pan ainda como vespa no ombro dela, e ninguém, pelo que ele percebeu, tinha visto a menina surgir do nada. A poucos passos, carros e caminhões voavam, e nesse cruzamento movimentado nenhum motorista teria tempo de olhar para o lado e reparar em um pequeno trecho esquisito de ar, mesmo se conseguisse vê-lo, e o trânsito escondia a janela de qualquer pessoa que pudesse olhar da outra calçada.

Houve o guinchar de freios, um grito, uma batida. Ele se jogou no chão para olhar.

Lyra estava caída na grama. Um carro tinha freado tão subitamente que foi

atingido pelo furgão que vinha atrás, sendo empurrado alguns metros para a frente, e lá estava Lyra, imóvel...

Will se lançou atrás dela. Ninguém o viu surgir; todos os olhos estavam no carro, no para-choque amassado, no motorista do furgão — que saltava do veículo — e na menina.

— Não consegui evitar... Ela entrou correndo na frente... — disse a mulher de meia-idade que estava ao volante do carro. — E *você* estava perto demais — acrescentou, virando-se para o motorista do furgão.

— Depois a gente vê isso — retrucou ele. — Como está a menina?

O motorista do furgão estava falando com Will, de joelhos ao lado de Lyra. Will ergueu os olhos e observou ao redor, mas não havia outro jeito, ele era responsável por ela. No chão, Lyra mexia a cabeça, pestanejando. Will viu Pantalaimon em forma de vespa se arrastando por um talo de grama ao lado dela.

— Você está bem? — perguntou ele. — Mexa os braços e as pernas.

— Uma estupidez! — dizia a mulher dentro do carro. — Correu na minha frente. Nem olhou. O que eu podia fazer?

— Você está bem, querida? — perguntou o motorista do furgão.

— Estou — balbuciou Lyra.

— Tudo no lugar?

— Mexa os pés e as mãos — insistiu Will.

Ela obedeceu. Não havia fratura.

— Ela está bem — assegurou Will. — Vou tomar conta dela. Ela está ótima.

— Você conhece esta menina? — quis saber o motorista do furgão.

— É minha irmã — disse Will. — Está tudo bem. Moramos logo ali, dobrando a esquina. Vou levar ela para casa.

Lyra agora tinha se sentado, e, como era evidente que ela não estava gravemente ferida, a mulher voltou sua atenção para o carro. Os outros veículos passavam ao largo dos dois automóveis parados, e ao passarem olhavam para a cena com curiosidade, como sempre acontecia. Will ajudou Lyra a se levantar; quanto mais depressa saíssem dali, melhor. A mulher e o motorista do furgão tinham chegado à conclusão de que o problema deveria ser resolvido pelas respectivas companhias de seguro, e estavam trocando endereços quando a mulher viu Will se afastando, ajudando Lyra, que mancava.

— Esperem! — gritou. — Vocês vão ser testemunhas. Preciso do nome e do

endereço de vocês.

— Sou Mark Ransom — disse Will, virando-se. — Minha irmã se chama Lisa. Moramos na Travessa Bourne, 26.

— Código postal?

— Nunca lembro — disse ele. — Escute, quero levar minha irmã para casa.

— Entrem aqui, vou lhes dar uma carona — ofereceu o motorista do furgão.

— Não precisa, é mais rápido a pé.

Lyra não estava mancando muito. Foi caminhando com Will ao longo do gramado sob as árvores; os dois viraram na primeira esquina.

Ficaram sentados em um muro baixo de praça.

— Está machucada? — perguntou Will.

— Minha perna bateu. E quando eu caí a minha cabeça tremeu — respondeu ela.

Contudo, estava mais preocupada com o que havia dentro da mochila. Tateou lá dentro e pegou um embrulhinho pesado, envolvido em veludo negro, que ela desdobrou. Will arregalou os olhos ao ver o aletiômetro: os minúsculos símbolos pintados em volta do mostrador, os ponteiros dourados, o ponteiro maior em movimento, a riqueza do envoltório de metal — tudo isso o deixou sem fôlego.

— O que é isso?

— É o meu aletiômetro. É um contador de verdade. Um leitor de símbolos. Espero que não esteja quebrado...

Mas estava inteiro. Mesmo nas mãos trêmulas de Lyra, o ponteiro maior girava regularmente. Ela guardou o aletiômetro e disse:

— Nunca vi tantas carroças e coisas... Nunca pensei que andassem tão depressa...

— A sua Oxford não tem carros e furgões?

— Não tantos assim. E não como esses. Não estou acostumada. Mas já está tudo bem.

— Bom, de agora em diante tome cuidado. Se for parar debaixo de um ônibus, ou se você se perder ou coisa assim, vão perceber que não é deste mundo e vão começar a procurar a passagem...

Ele estava muito mais zangado do que precisava. Finalmente declarou:

— Está certo. Escute: se fingir que é minha irmã, vai ser um bom disfarce para mim, pois o menino que eles estão procurando é filho único. E, se eu estiver

com você, posso te ensinar a atravessar a rua sem ser atropelada.

— Está bem — concordou ela, com humildade.

— E dinheiro. Aposto que você não tem... Como é que você ia ter dinheiro? Como vai se movimentar, comer e tudo mais?

— Eu tenho dinheiro — contestou ela, pescando algumas moedas de ouro na bolsa.

Will as estudou sem acreditar.

— É ouro? É, sim, não é? Bom, isto ia fazer todo mundo ficar curioso, ah, se ia. Você não está segura. Vou te dar algum dinheiro. Guarde estas moedas bem escondidas. E não esqueça: você é a minha irmã e o seu nome é Lisa Ransom.

— Lizzie. Uma vez fingi que meu nome era Lizzie. Posso me lembrar disso.

— Está bem, Lizzie. E eu sou Mark. Não esqueça.

— Está certo — concordou.

A perna ia ficar muito dolorida; estava vermelha e inchada onde o carro tinha batido, e uma grande mancha escura já estava se formando. Com o roxo no rosto, onde ele a golpeara na véspera, ela parecia maltratada, e isso também preocupava o garoto: e se despertasse a curiosidade de um policial?

Tentou tirar isso da cabeça, e os dois partiram, atravessando a rua no sinal e lançando um último olhar à janela sob as árvores. Não conseguiam vê-la. Estava invisível, e o trânsito voltara ao normal.

Em Summertown, depois de dez minutos de caminhada pela rua Banbury, Will parou na frente de um banco.

— O que você vai fazer?

— Vou tirar algum dinheiro. É melhor não fazer isso muitas vezes, mas imagino que eles só vão registrar o saque no fim do dia.

Colocou o cartão da mãe no caixa eletrônico e digitou a senha. Pelo jeito estava tudo certo, então ele retirou cem libras, que a máquina entregou sem problema. Lyra observava, boquiaberta. Ele lhe deu uma nota de vinte libras.

— Para usar depois — disse. — Compre uma coisa qualquer para trocar o dinheiro. Vamos procurar um ônibus para a cidade.

No ônibus, Lyra deixou que ele cuidasse das coisas e ficou sentada, muito quieta, observando as casas e os jardins da cidade que era e não era a dela. Sentia-se como se estivesse dentro do sonho de outra pessoa. Saltaram no centro da cidade, junto a uma antiga igreja de pedra, que ela conhecia, em frente a uma

grande loja de departamentos que ela não conhecia.

— Está tudo mudado! — disse. — Como... Ali não é o Mercado de Milho? E esta aqui é a Broad. Ali, o Balliol. E a Biblioteca Bodley's, ali embaixo. Mas onde está a Jordan?

Ela agora tremia visivelmente. Podia ser uma reação tardia por causa do acidente, ou um choque por encontrar um prédio inteiramente diferente no lugar da Universidade Jordan, que era o seu lar.

— Não está certo — disse. Falava baixinho, porque Will lhe ordenara que parasse de apontar e comentar em voz tão alta sobre as coisas que estavam erradas. — É outra Oxford.

— Bom, a gente sabia disso.

Ele não estava preparado para o espanto e a confusão de Lyra. Não tinha como saber até que ponto a infância dela havia transcorrido em correrias por ruas quase idênticas àquelas, nem o orgulho que ela sentia por pertencer à Universidade Jordan, cujos catedráticos eram os mais inteligentes, cujos cofres eram os mais ricos, cuja beleza era a mais esplêndida; e tudo isso agora simplesmente não estava ali, e ela não era mais a Lyra da Jordan; era uma menininha perdida em um mundo estranho, que não fazia parte de nenhum lugar.

— Bem, se não está aí... — disse, com a voz trêmula.

Ia apenas demorar um pouco mais do que ela havia pensado, só isso.

4. A TREPANAÇÃO

Assim que Lyra seguiu seu caminho, Will procurou um telefone público e discou o número que constava na carta do advogado que ele tinha na mão.

— Alô? Quero falar com o sr. Perkins.

— Quem fala, por favor?

— É a respeito do sr. John Parry. Sou o filho dele.

— Um momento, por favor...

Passou-se um minuto e uma voz masculina disse:

— Alô? É o Alan Perkins. Quem está falando?

— William Parry. Me desculpe incomodar. É sobre o meu pai, John Parry. De três em três meses o senhor manda dinheiro do meu pai para a conta bancária da minha mãe.

— Sim...

— Bem, quero saber onde meu pai está, por favor. Ele está vivo ou morto?

— Quantos anos você tem, William?

— Doze. Quero saber sobre o meu pai.

— Sim... A sua mãe, ela... A sua mãe está sabendo desta ligação?

Will pensou cuidadosamente.

— Não — disse afinal. — Mas ela não está muito bem de saúde. Não pode me contar muita coisa, e eu quero saber.

— Certo, entendo. Onde você está? Em casa?

— Não. Estou... Estou em Oxford.

— Sozinho?

— É.

— E a sua mãe não está bem, foi o que você disse?

— Isso mesmo.

— Ela está no hospital, ou coisa assim?

— Mais ou menos. Escute, o senhor pode me contar ou não?

— Bem, posso lhe contar alguma coisa, mas não muita, e não neste momento. E eu prefiro não fazer isso por telefone. Tenho um cliente daqui a cinco minutos... Você poderia vir ao meu escritório às duas e meia?

— Não — disse Will. Seria arriscado demais: o advogado poderia estar sabendo que ele estava sendo procurado pela polícia. Pensou depressa e prosseguiu: — Tenho que pegar um ônibus para Nottingham. Mas o que eu quero saber o senhor pode me contar pelo telefone, não pode? Só quero saber se o meu pai está vivo e, se estiver, onde ele está. O senhor pode me contar isso, não pode?

— Não é tão simples assim. Não posso fornecer informações pessoais sobre um cliente sem ter certeza de que o cliente deseja isso. E de qualquer maneira preciso de uma prova de quem você é.

— Está certo, eu compreendo, mas pode me dizer só se ele está vivo?

— Bem... Isso não seria confidencial, mas infelizmente não posso lhe informar, porque também não sei.

— O quê?

— O dinheiro vem de um espólio de família. Ele deixou instruções para que o pagamento seja feito até que ele me dê outra ordem. Desde esse dia não tive mais notícias dele. O que isso quer dizer é que... Bem, acho que ele desapareceu. É por isso que não posso responder à sua pergunta.

— Desapareceu? Sumiu?

— Essa informação é de domínio público. Escute, por que não vem ao meu escritório e...

— Não posso. Vou para Nottingham.

— Bem, então me escreva ou peça à sua mãe para me escrever, e vou informar o que puder. Mas tem que entender que não posso fazer isso pelo telefone.

— É, entendo. Está bem. Mas pode me dizer onde foi que ele sumiu?

— Como já lhe disse, isso é de domínio público. Na época muitos jornais publicaram. Você sabe que ele era explorador?

— Mamãe me contou algumas coisas...

— Bem, ele estava trabalhando como guia para uma expedição que desapareceu. Há uns dez anos.

— Onde?

— No extremo norte. No Alasca, eu acho. Você pode procurar na biblioteca pública. Por que você não...

Mas nesse ponto acabou o dinheiro que Will colocara no telefone público, e ele não tinha mais trocado. O sinal da linha zumbia em seu ouvido. Ele colocou o fone no gancho e olhou em volta.

O que mais queria, acima de tudo, era falar com a mãe. Teve que fazer força para não discar o número da sra. Cooper, porque se ouvisse a voz da mãe seria muito difícil não voltar para perto dela, e isso colocaria os dois em perigo. Mas podia lhe mandar um cartão-postal.

Escolheu uma foto da cidade e escreveu: “Mamãe querida, estou bem e voltarei logo. Espero que esteja tudo certo. Eu te amo. Will.” Então escreveu o endereço, comprou um selo e segurou o cartão junto ao peito por um instante antes de deixá-lo cair na caixa de correio.

Era o meio da manhã e ele estava na principal rua de comércio, onde os ônibus abriam caminho por entre a massa de pedestres. Ele começou a perceber como estava exposto; era um dia de semana, e uma criança da sua idade deveria estar na escola. Aonde poderia ir?

Não demorou a se esconder. Will conseguia desaparecer com facilidade, pois era bom nisso; tinha até orgulho dessa habilidade. Era parecido com o modo como Serafina Pekkala ficou invisível no navio: ele se fazia totalmente discreto, como se fizesse parte da paisagem.

Agora, sabendo muito bem o tipo de mundo em que vivia, ele entrou em uma papelaria e comprou uma caneta esferográfica, um bloco de notas e uma prancheta. Muitas vezes as escolas enviavam grupos de alunos para fazer pesquisas de compras nas lojas, ou algo assim, e, se desse a impressão de estar envolvido em um projeto desse tipo, ninguém iria estranhar.

E assim ele vagou, fingindo tomar notas, olhos atentos à procura da biblioteca pública.

Lyra, enquanto isso, estava procurando um lugar sossegado para consultar o

aletiômetro. Na sua Oxford haveria mais de dez lugares a menos de cinco minutos a pé, mas essa Oxford era tão desconcertante, tão diferente, com trechos muitíssimo familiares ao lado de outros inteiramente disparatados. Por que tinham pintado aquelas linhas amarelas na rua? O que eram aqueles círculos brancos pontilhando as calçadas? (No seu mundo ninguém nunca tinha ouvido falar de goma de mascar.) O que poderiam ser aquelas luzes vermelhas e verdes em cada esquina? Era tudo muito mais difícil de decifrar do que o aletiômetro.

Mas ali estavam os portões da Universidade St. John's, que ela e Roger haviam saltado uma vez, depois que escureceu, para plantar fogos de artifício nos canteiros de flores. E havia também aquela pedra no muro, na esquina da rua Catte — lá estavam as iniciais sp que Simon Parslow tinha feito, as próprias! Ela tinha visto Simon fazer aquilo! Alguém neste mundo, com as mesmas iniciais, parou ali e fez exatamente a mesma coisa.

Talvez houvesse um Simon Parslow neste mundo.

Talvez houvesse uma Lyra!

Um calafrio percorreu suas costas, e Pantalaimon, em forma de camundongo, tremeu em seu bolso. Ela sacudiu a cabeça: havia mistérios o suficiente com os quais se preocupar.

Aquela Oxford era diferente da dela também em outra coisa: a enorme quantidade de pessoas enchendo todas as calçadas, entrando e saindo de todos os prédios; havia gente de todo tipo — mulheres vestidas como homens, africanos, até mesmo um grupo de tártaros pacificamente seguindo seu líder —, todos bem-vestidos, andando para lá e para cá com umas caixinhas pretas. Ela os contemplou a princípio com medo, porque eles não tinham daemons, e no mundo dela seriam considerados fantasmas, ou coisa pior.

Mas o mais estranho era que pareciam inteiramente vivos. Aquelas criaturas demonstravam vivacidade, exatamente como humanos, e Lyra teve que admitir que provavelmente eram mesmo humanos e que seus daemons estavam dentro deles, como o de Will.

Depois de vagar por uma hora observando aquela falsa Oxford, ela sentiu fome e comprou uma barra de chocolate com sua nota de vinte libras. O vendedor olhou para ela com estranheza, mas vinha das Índias e com certeza não entendia seu sotaque, embora ela tivesse pronunciado com clareza. Com o troco ela comprou uma maçã no Mercado Coberto, que era muito mais parecido com a

Oxford de verdade, e seguiu na direção do parque. Ali, encontrou um prédio grandioso, um prédio do tipo Oxford de verdade, mas que não existia no mundo dela, ainda que não fosse parecer deslocado lá. Ela se sentou na grama do lado de fora para comer e ficou contemplando o prédio com olhar de aprovação.

Descobriu que era um museu. As portas estavam abertas, e lá dentro ela encontrou animais empalhados, fósseis de esqueletos e caixas de minerais, exatamente como no Museu Geológico Real que ela visitara com a sra. Coulter na sua Londres. Atrás do grande saguão de ferro e vidro, ficava a entrada para outra parte do museu, e, como ali parecia quase deserto, ela entrou e olhou em volta. O aletiômetro ainda era a coisa mais urgente em sua cabeça, mas naquele segundo salão ela se viu rodeada de coisas que conhecia bem: trajes árticos iguaizinhos ao dela, trenós, objetos entalhados em presas de leões-marinhos, arpões para caçar focas, uma mistura de mil e um troféus, relíquias, objetos mágicos, ferramentas e armas, não apenas do Ártico — ela percebeu —, mas de todas as partes daquele mundo.

Ora, que coisa estranha! As peles de rena eram exatamente iguais às dela, só que tinham atado totalmente errado as tiras do trenó! Mas ali estava um fotograma mostrando alguns caçadores samoiedos, a imagem exata dos que tinham raptado Lyra para vendê-la para Bolvangar. Que coisa! Eram os mesmos homens! E aquela corda tinha se esgarçado exatamente no mesmo lugar, que ela conhecia intimamente, tendo passado várias horas de sofrimento amarrada naquele exato trenó... O que eram esses mistérios? Haveria, afinal, um único mundo, que passava o tempo sonhando com outros mundos?

E então ela encontrou uma coisa que a fez se lembrar novamente do aletiômetro. Em uma antiga estante de vidro com moldura de madeira pintada de preto, havia crânios humanos, alguns deles com buracos; uns na frente, outros do lado, outros no topo. O do centro tinha dois. Uma caligrafia de antigamente, em um cartão, informava que aquele processo se chamava “trepanação”. O cartão afirmava também que todos os orifícios tinham sido feitos durante a vida das pessoas porque o osso tinha se regenerado nas bordas, ficando liso. Um deles, no entanto, era diferente: o orifício tinha sido feito por uma flecha de ponta de bronze que ainda estava lá dentro, e a borda era aguçada e irregular, de modo que era óbvio que aquele era outro caso.

Era exatamente o que os tártaros do Norte faziam. E o que Stanislaus

Grumman tinha feito a si mesmo, segundo os catedráticos da Jordan que o conheceram. Lyra olhou em volta, não viu ninguém e então pegou o aletiômetro.

Focalizou a mente no crânio central e perguntou: *a que tipo de pessoa esse crânio pertenceu, e por que ela tem esses buracos?*

Enquanto estava concentrada, sob a luz empoeirada que se filtrava pelo telhado de vidro e passava pelas galerias superiores, ela não percebeu que estava sendo observada.

Um homem corpulento, de sessenta e poucos anos, usando um terno de linho muito bem cortado e segurando um chapéu panamá, estava parado na galeria superior, junto ao parapeito de grade de ferro, olhando para ela.

Seu cabelo grisalho estava penteado para trás, deixando à mostra a testa lisa, bronzeada, com pouquíssimas rugas. Ele tinha os olhos grandes, escuros e profundos, cílios longos, e a cada minuto sua língua pontuda, de extremidade escura, surgia no canto da boca e passava ligeira, umedecendo os lábios. O lenço no bolso do paletó, branco como neve, lançava um perfume forte, como aquelas plantas de estufa tão ricas que se podia sentir, pelas raízes, o cheiro da sua degeneração.

Ele estava observando Lyra havia alguns minutos. Tinha acompanhado da galeria superior o percurso da menina no andar abaixo e, quando ela parou junto à estante de crânios, ele ficou observando atentamente, estudando todos os detalhes: o cabelo despenteado, a mancha roxa no rosto, as roupas novas, o pescoço nu curvado sobre o aletiômetro, as pernas nuas.

Ele tirou o lenço do bolso e enxugou a testa, depois se dirigiu para a escada.

Lyra, totalmente concentrada, estava aprendendo coisas estranhas. Aqueles crânios eram inimaginavelmente velhos; os cartões na estante diziam simplesmente “Idade do Bronze”, mas o aletiômetro, que nunca mentia, disse que o homem a quem aquele crânio pertencera tinha vivido 33254 anos antes, que tinha sido um feiticeiro e que o orifício fora feito para que os deuses entrassem em sua cabeça. E então o aletiômetro, na maneira casual com que às vezes respondia a uma pergunta que Lyra não tinha formulado, acrescentou que havia muito mais Pó em volta dos crânios trepanados do que daquele com a flecha.

O que aquilo poderia significar? Lyra saiu da tranquilidade forçada que compartilhava com o aletiômetro e voltou para o momento presente, constatando

que já não estava sozinha: contemplando a estante seguinte estava um homem idoso de terno claro e cheiro bom. Ele lhe lembrava alguém que ela não conseguiu identificar.

Ele percebeu que ela o observava e ergueu os olhos com um sorriso.

— Você está olhando para os crânios trepanados? Que coisas estranhas as pessoas fazem a si mesmas!

— Hum — fez ela, sem entusiasmo.

— Sabia que as pessoas ainda fazem isso?

— É?

— Os hippies, sabe, gente assim. Aliás, você é jovem demais para se lembrar dos hippies. Dizem que é mais eficaz do que usar drogas.

Lyra tinha guardado o aletiômetro na mochila e estava pensando em como sair dali. Ainda não tinha feito a pergunta principal, e agora aquele velho estava puxando assunto com ela. Ele parecia bonzinho e certamente cheirava bem. Ele chegou mais perto. Sua mão roçou a dela quando ele se inclinou em direção à estante.

— Não dá para acreditar, não é mesmo? Nada de anestesia, nem desinfetante. Provavelmente feito com ferramentas de pedra. Eles devem ter sido bem durões, não concorda? Acho que nunca vi você por aqui antes. Venho sempre aqui. Qual é o seu nome?

— Lizzie — respondeu ela, muito naturalmente.

— Lizzie. Oi, Lizzie, eu sou Charles. Você estuda em Oxford?

Ela não sabia como responder.

— Não — disse finalmente.

— Está de visita? Bom, escolheu um lugar maravilhoso para visitar. Em que tipo de coisa você está mais interessada?

Aquele homem a deixava mais confusa do que qualquer outra pessoa que ela tivesse conhecido. Por um lado, ele parecia bonzinho e simpático, muito limpo e bem-vestido, mas, por outro, Pantalaimon, dentro do bolso dela, estava pedindo sua atenção e implorando que ela tomasse cuidado, porque ele também estava quase recordando alguma coisa. E ela sentia, vindo de algum lugar, não um cheiro, mas a ideia de um cheiro, e era cheiro de esterco, de putrefação. Fazia lembrar o palácio de Iofur Raknison, onde o ar era perfumado, mas o chão era coberto de imundície.

— Em que estou interessada? Ah, em tudo, na verdade. Acabei de ver esses crânios e achei interessante; não sei como alguém iria querer fazer isso. É horrível.

— Não, eu também não ia gostar, mas juro a você que isso acontece mesmo. Eu poderia levar você para conhecer alguém que fez — sugeriu ele, com ar tão simpático e prestativo que ela quase ficou tentada a aceitar.

Mas nesse instante ele dardejou a ponta escura da língua pelos lábios com a rapidez de uma serpente, e ela sacudiu a cabeça.

— Preciso ir — disse. — Obrigada pelo convite, mas não vou poder. E tenho que ir agora porque vou me encontrar com uma pessoa. Uma amiga — acrescentou. — Com quem estou morando.

— Ah, claro — respondeu ele, em tom gentil. — Bem, foi um prazer conversar com você. Até logo, Lizzie.

— Até — disse ela.

— Ah! Só para garantir, aqui tem meu nome e endereço — disse ele, dando a ela um cartãozinho. — Para o caso de você querer saber mais sobre coisas como esta.

— Obrigada — respondeu ela, inexpressivamente.

Guardou o cartão no bolso de trás da mochila, antes de sair, e sentiu que ele a observava durante todo o caminho até a porta.

Ao sair do museu, ela entrou no parque, que imaginava ser um campo de críquete e outros jogos, e encontrou um lugar sossegado sob algumas árvores, onde consultou novamente o aletiômetro.

Dessa vez perguntou onde poderia achar um catedrático que soubesse do Pó. A resposta que recebeu foi simples: mandou que ela fosse a determinada sala no prédio alto e quadrado atrás dela. Na verdade, a resposta foi tão direta e veio tão rápido que Lyra teve certeza de que o aletiômetro tinha mais alguma coisa a dizer. Ela agora começava a sentir que ele tinha diferentes estados de espírito, como uma pessoa, e a identificar quando ele queria lhe contar mais alguma coisa.

E ele queria mesmo. O que disse foi: *Você tem que se preocupar com o garoto. A sua tarefa é ajudá-lo a encontrar o pai. Se concentre nisso.*

Ela piscou, sem acreditar. Estava realmente surpresa. Will surgira do nada para ajudá-la; certamente isso era óbvio. A ideia de que *Lyra* havia ido até ali

para ajudar *Will* a deixou sem fôlego.

No entanto, o aletiômetro ainda não havia terminado. O ponteiro estremeceu, e ela leu:

Não minta para o catedrático.

Ela embrulhou o aletiômetro no veludo e o guardou dentro da mochila. Depois ficou de pé e olhou em volta à procura do prédio onde seu catedrático deveria estar. Lyra foi para lá se sentindo insegura, mas decidida.

Will encontrou a biblioteca com facilidade. A bibliotecária estava perfeitamente preparada para acreditar que ele estava fazendo pesquisas para um dever de geografia e o ajudou a encontrar os exemplares do índice do *Times* para o ano do nascimento dele, que foi quando o pai tinha desaparecido. Will se sentou e começou a procurar. Sem dúvida havia várias referências a John Parry em relação a uma expedição arqueológica.

Cada mês ficava em um rolo de microfilme separado; ele colocou um por um no projetor, localizou as matérias e leu com grande atenção. A primeira contava a partida de uma expedição para o norte do Alasca. A empreitada era patrocinada pelo Instituto de Arqueologia da Universidade de Oxford e ia estudar uma região onde esperavam encontrar evidências de habitação humana em outras eras. John Parry, um explorador profissional que tinha pertencido à Marinha Real, guiava a expedição.

A segunda matéria era de seis semanas mais tarde. Relatava de modo resumido que a expedição tinha chegado à Estação de Pesquisa Norte-Americana em Noatak, no Alasca.

A terceira foi publicada dois meses depois da segunda. Dizia que os sinais enviados pela Estação de Pesquisa não estavam recebendo resposta e que se achava que John Parry e os companheiros estavam mortos.

Depois disso houve uma curta série de reportagens descrevendo as expedições que tinham partido à procura deles sem sucesso, os voos de busca acima do mar de Bering, a reação do Instituto de Arqueologia, entrevistas com parentes.

Seu coração bateu forte, porque havia um retrato da própria mãe. Com um bebê no colo: ele.

O repórter tinha escrito um artigo padrão — a esposa chorosa esperando, angustiada, notícias do marido — que Will achou decepcionantemente carente

de fatos reais. Havia um breve parágrafo dizendo que John Parry fizera uma carreira de sucesso na Marinha Real e depois disso tinha se especializado em organizar expedições geográficas e científicas — e isso era tudo.

No índice não havia mais referências, e Will se sentia confuso quando se levantou do leitor de microfilmes. Deveria haver mais informações em algum outro lugar; mas aonde ele poderia ir? E, se levasse tempo demais nessa busca, acabaria sendo descoberto...

Devolveu os rolos de microfilme e perguntou à bibliotecária:

— A senhora sabe o endereço do Instituto de Arqueologia, por favor?

— Posso descobrir... De que escola você é?

— St. Peter’s — respondeu Will.

— Isso não fica em Oxford, fica?

— Não, é em Hampshire. A minha turma está fazendo uma espécie de pesquisa de campo. Uma espécie de desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa ambiental...

— Ah, entendo. O que você queria mesmo... Arqueologia... Pronto, aqui está.

Will copiou o endereço e o telefone; como era seguro admitir que não conhecia Oxford, ele perguntou onde encontrar o lugar. Não era longe. Ele agradeceu à funcionária e foi embora.

Dentro do prédio, Lyra encontrou uma grande escrivaninha ao pé de uma escadaria, e atrás dela um porteiro.

— Aonde você vai? — ele quis saber.

Era como estar em casa de novo. Ela sentiu que Pan, dentro do seu bolso, estava se divertindo.

— Tenho um recado para uma pessoa no segundo andar — disse ela.

— Para quem?

— O dr. Lister.

— O dr. Lister fica no terceiro andar. Se tem alguma coisa para ele, pode deixar aqui, que eu aviso.

— Ah, mas é uma coisa de que ele precisa agora mesmo. Acabou de mandar buscar. Não é um *objeto*, na verdade, é uma coisa que preciso contar a ele.

Ele a estudou atentamente, mas não era páreo para a doçura humilde que Lyra conseguia invocar quando queria; e finalmente concordou que ela passasse,

voltando ao seu jornal.

O aletiômetro não contava a Lyra o nome das pessoas, claro. Ela lera o nome do dr. Lister em um escaninho na parede atrás do porteiro, pois era mais fácil conseguir entrar quando se fingia que conhecia alguém. De certo modo, Lyra conhecia o mundo de Will melhor que ele.

No segundo andar ela encontrou um corredor comprido onde havia uma porta aberta que dava para um auditório deserto, e outra dando para um aposento menor, onde dois catedráticos discutiam algo junto a um quadro-negro. Essa sala e as paredes daquele corredor eram vazias e sem enfeites, de uma maneira que Lyra associava à pobreza, não à erudição e ao esplendor de Oxford. No entanto, as paredes de tijolos eram bem-pintadas, as portas eram de madeira pesada, e os corrimões, de aço polido, de modo que eram caros. Essa era apenas mais uma coisa estranha daquele mundo.

Ela logo encontrou a porta mencionada pelo aletiômetro. O cartaz preso à frente dizia: UNIDADE DE PESQUISA SOBRE MATÉRIA ESCURA, e logo abaixo alguém rabiscara DESCANSE EM PAZ. Outra mão acrescentara a lápis: DIRETOR: LÁZARO.

Lyra não entendeu nada daquilo. Bateu à porta e uma voz feminina respondeu:

— Entre!

Era uma sala pequena, entupida de pilhas tortas de livros e papéis, e os quadros-negros nas paredes estavam cobertos de algarismos e equações. Preso no lado de dentro da porta havia um desenho que parecia chinês. Por uma porta aberta Lyra entrevia outro aposento, em que havia uma complicada máquina ambárica desligada.

Lyra, por sua vez, ficou um pouco surpresa ao constatar que o catedrático que procurava era uma mulher, mas o aletiômetro não tinha mencionado um homem, e aquele era um mundo estranho, afinal. A mulher estava sentada diante de um aparelho que mostrava números e formas em uma pequena tela de vidro diante da qual todas as letras do alfabeto estavam dispostas em bloquinhos em uma bandeja de marfim. A catedrática tocou em um deles e a tela escureceu.

— Quem é você? — perguntou.

Lyra fechou a porta atrás dela. Pensando no que o aletiômetro lhe dissera, ela tentou não fazer o que normalmente faria e falou a verdade.

— Lyra da Língua Mágica — respondeu. — Qual é o seu nome?

A mulher pestanejou. Tinha seus trinta e tantos anos, Lyra imaginava, talvez

um pouco mais velha que a sra. Coulter, com cabelo negro curto e faces avermelhadas. Usava um jaleco branco aberto sobre uma camisa verde e aquelas calças de lona azul que tanta gente usava neste mundo.

Diante da pergunta de Lyra, a mulher passou a mão pelo cabelo e disse:

— Bem, você é a segunda coisa inesperada que me acontece hoje. Sou a dra. Mary Malone. O que você quer?

— Quero que me fale do Pó — disse Lyra, depois de olhar em volta para ver se estavam sozinhas. — Sei que a senhora sabe a respeito. Posso provar. A senhora tem que me contar.

— Pó? Do que você está falando?

— Pode ser que a senhora não chame assim. São partículas elementares. No meu mundo os catedráticos as batizaram de Partículas de Rusakov, mas normalmente chamam de Pó. Elas não aparecem facilmente, mas vêm do espaço e se fixam nas pessoas. Não tanto nas crianças. Mais nos adultos. E uma coisa que só descobri hoje: eu estava no museu no fim desta rua e tinha uns crânios com buracos, como os tártaros fazem, e havia muito mais Pó em volta deles do que em volta de um que não tinha o mesmo tipo de buraco. Quando foi a Idade do Bronze?

A mulher a encarava de olhos arregalados.

— A Idade do Bronze? Meu Deus, não sei. Talvez há uns cinco mil anos — disse.

— Ah, bom, então eles erraram quando escreveram aquilo. Aquele crânio com os dois buracos tem trinta e três mil anos.

Ela então ficou calada, porque a dra. Malone parecia que ia desmaiar. A cor das faces tinha desaparecido completamente; ela levou uma das mãos ao peito enquanto com a outra se agarrava ao braço da poltrona, e estava com o queixo caído.

Lyra, firme e sem saber o que pensar, ficou esperando que ela se recuperasse.

— Quem é você? — perguntou a mulher, finalmente.

— Lyra da Língua...

— Não, de onde você vem? O que você é? Como é que sabe dessas coisas?

Lyra suspirou de cansaço; tinha se esquecido de como os catedráticos eram complicados. Era difícil contar a verdade quando seria muito mais fácil para eles entender uma mentira.

— Venho de outro mundo — começou a garota. — E nesse mundo existe uma Oxford como esta aqui, só que diferente, e foi de lá que eu vim. E...

— Espere, espere, espere. Você vem de onde?

— De outro lugar — disse Lyra, com mais cuidado. — Não sou daqui.

— Ah, de outro lugar — repetiu a mulher. — Estou entendendo. Quer dizer, acho que estou.

— E tenho que descobrir o que é esse Pó — explicou Lyra. — Porque as pessoas da Igreja no meu mundo, sabe, elas têm medo do Pó porque acham que é o pecado original. Então é muito importante. E o meu pai... Não! — exclamou, com veemência, chegando a bater o pé no chão. — Não era *isso* o que eu ia dizer. Estou fazendo tudo errado!

A dra. Malone observou a expressão de desespero da menina, os punhos cerrados, os machucados no rosto e na perna, e disse:

— Meu Deus, menina, fique calma e... — Ela parou de falar e esfregou os olhos, que estavam vermelhos de cansaço. — Mas por que estou escutando tudo isso? Acho que estou ficando doida. O caso é que este é o único lugar no mundo onde você conseguiria a resposta que deseja, e estão prestes a fechar isso aqui... O que você está mencionando, o seu Pó, parece uma coisa que estamos estudando já há algum tempo, e o que você disse sobre os crânios no museu me deu um susto, porque... Ah, não, é demais. Estou cansada demais. Quero escutar o que você tem a dizer, acredite, mas não agora, por favor. Eu já contei que vão fechar isso aqui? Tenho uma semana para montar uma proposta para o comitê de financiamento, mas não temos a menor esperança...

Ela bocejou longamente.

— Qual foi a outra coisa inesperada que aconteceu hoje? — perguntou Lyra.

— Ah, sim, uma pessoa que eu esperava que nos apoiasse retirou seu apoio. Afinal, talvez isso não fosse *tão* inesperado assim — disse, tornando a bocejar. — Vou fazer um café, senão vou dormir em pé. Quer também?

Encheu de água uma chaleira elétrica e, enquanto ela colocava café solúvel em duas xícaras, Lyra estudava o desenho chinês preso na porta.

— O que é aquilo? — quis saber.

— É chinês. Os símbolos do I Ching. Sabe o que é isso? Tem I Ching no mundo de vocês?

Lyra a encarou com olhos semicerrados, sem saber se a outra estava sendo

sarcástica.

— Algumas coisas são iguais e outras são diferentes, só isso. Não sei tudo sobre o meu mundo. Talvez eles tenham essa coisa Ching lá também.

— Me desculpe — disse a Dra. Malone. — É, pode ser que tenham.

— O que é matéria escura? — perguntou Lyra. — É o que diz no cartaz, não é?

A dra. Malone tornou a se sentar e com o pé puxou outra cadeira para Lyra.

— Matéria escura é o que a minha equipe de pesquisa está procurando. Ninguém sabe o que é. Existem mais coisas no universo do que nós podemos ver, o caso é esse. Vemos as estrelas, as galáxias e as coisas que brilham, mas para que tudo isso fique coeso e não se espalhe, precisa haver mais alguma coisa. Para fazer a gravidade funcionar, entende? Mas ninguém consegue descobrir essa coisa. Então existem muitos projetos de pesquisa tentando descobrir do que se trata, e o nosso é um deles.

Lyra prestava a maior atenção. Finalmente a mulher estava falando sério.

— E o que a senhora acha que é? — perguntou.

— Bem, o que *nós* achamos... — começou a dra. Malone, mas a água ferveu e ela se levantou para fazer o café. Depois continuou: — Achamos que é alguma espécie de partícula elementar. Algo completamente diferente de qualquer coisa que foi descoberta até agora. Mas é muito difícil de detectar... Onde é que você estuda? Está estudando física?

Lyra sentiu Pantalaimon lhe mordiscar a mão, tentando evitar que ela se mostrasse zangada. Tudo bem que o aletiômetro lhe mandasse falar a verdade, mas ela sabia o que aconteceria se contasse a verdade inteira. Tinha que seguir com cuidado e evitar as mentiras deslavadas.

— Sim, sei um pouquinho. Mas não sobre a matéria escura.

— Bem, estamos tentando detectar essa coisa quase imperceptível no meio do ruído de todas as outras partículas em colisão. Normalmente colocam detectores a centenas de metros abaixo do solo, mas o que fizemos foi criar um campo eletromagnético em volta do detector para filtrar as coisas que não queremos e deixar passar as que queremos. Então amplificamos o sinal e o passamos pelo computador.

Ela estendeu uma xícara de café. Não havia leite nem açúcar, mas ela encontrou alguns biscoitos de gengibre em uma gaveta, e Lyra comeu um com

avidez.

A dra. Malone continuou:

— E encontramos uma partícula que combina. Achamos que combina. Mas é tão estranho... Por que estou lhe contando isso? Não deveria. Não está publicado. Não tem referências, nem sequer foi escrito. Estou meio doida hoje. Bem... — continuou e bocejou durante tanto tempo que Lyra pensou que ela não fosse mais parar. — As nossas partículas são figurinhas esquisitas, sem dúvida. Nós as chamamos de partículas de sombra. Sombras. Sabe o que quase me derrubou da cadeira? Quando você mencionou os crânios no museu. Porque, entende, um membro da nossa equipe é arqueólogo amador. E ele um dia descobriu uma coisa em que não conseguimos acreditar. Mas não podíamos ignorar, porque combinava com a coisa mais louca de todas a respeito dessas Sombras. Sabe o que é? Elas têm consciência. Isso mesmo. As Sombras são partículas de consciência. Já ouviu alguma coisa tão idiota? Não é de estranhar que não queiram renovar o nosso financiamento.

Ela bebericou seu café. Lyra absorvia cada palavra como se fosse uma florzinha sedenta.

— Sim, elas sabem que estamos aqui — continuou a dra. Malone. — Elas respondem. E aí vem a parte louca: você só as enxerga se quiser. Se colocar a mente em certo estado. Tem que estar confiante e relaxada ao mesmo tempo. Tem que ser capaz de... Onde está aquela citação?

Ela remexeu nas folhas em cima da escrivaninha e encontrou um pedaço de papel no qual alguém escrevera com tinta verde. Ela leu:

— "... capaz de passar por incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer gesto impaciente de procurar o fato e a razão...". Tem que se encontrar nesse estado de espírito. Aliás, isso é do poeta Keats. Encontrei outro dia. A pessoa fica no estado de espírito correto e então olha para a Caverna...

— Caverna? — questionou Lyra, estranhando.

— Ah, me desculpe, o computador. Nós o chamamos de Caverna. Sombras nas paredes da Caverna, entende, de Platão. Coisa do nosso arqueólogo, também. É um intelectual. Mas ele foi a Genebra para se candidatar a um emprego, e acho que não voltará... Onde é que eu estava? Certo, a Caverna, isso mesmo. Uma vez ligada ao computador, se a pessoa *pensar*, as Sombras reagem. Não há a menor dúvida quanto a isso. As Sombras afluem para o seu pensamento como

pássaros...

— E os crânios?

— Já vou chegar nessa parte. Oliver Payne, o meu colega, um dia estava passando um tempo testando coisas com a Caverna. E foi muito estranho. Não fazia sentido, do jeito que um físico esperaria. Ele pegou um pedaço de marfim, um pedaço qualquer, e ele não reagiu, não havia Sombras nele; mas uma peça de jogo de xadrez feita de marfim reagiu. Um pedaço de pau não, mas uma régua de madeira sim. E uma estatueta de madeira entalhada tinha mais... Estou falando de partículas elementares, ora bolas! Como pedacinhos minúsculos de quase nada. *Elas sabiam o que eram aqueles objetos*. Qualquer coisa associada à manufatura e ao pensamento humano era rodeada de Sombras... E então Oliver, o dr. Payne, conseguiu alguns crânios de fósseis com um amigo no museu e os testou para ver até onde no passado o efeito alcançava. Encontrou um limite em uma faixa de trinta a quarenta mil anos atrás. Antes disso não havia Sombras; depois disso, muitas. E foi mais ou menos então, ao que parece, que surgiram os primeiros seres humanos modernos. Nossos ancestrais remotos, entende, gente não muito diferente de nós, na verdade...

— É Pó — afirmou Lyra, com veemência. — É isso o que é.

— Mas eu não posso dizer esse tipo de coisa em um pedido de financiamento, se quiser ser levada a sério. Não faz sentido. Não pode existir. É impossível, e se não for impossível é irrelevante, e se não for qualquer dessas coisas, então é vergonhoso.

— Quero ver a Caverna — disse Lyra.

Ela ficou de pé.

A dra. Malone passava as mãos pelo cabelo e piscava com força para desanuviar os olhos cansados.

— Bem, não vejo por que não. Amanhã pode ser que a gente não tenha mais computador. Venha comigo.

Ela conduziu Lyra até a outra sala. Era maior e estava repleta de equipamentos eletrônicos.

— Ali — disse, apontando para uma tela que tinha um brilho cinzento. — É ali que fica o detector, atrás de todos esses fios. Para ver as Sombras é preciso estar ligada a alguns eletrodos. Como os que a gente usa para medir as ondas cerebrais.

— Quero experimentar — pediu Lyra.

— Você não vai conseguir enxergar. De qualquer maneira, estou cansada. É complicado demais.

— Por favor! Sei o que estou fazendo!

— Ah, sabe? Eu gostaria de saber. *Não*, pelo amor de Deus! É uma experiência difícil e cara. Você não pode aparecer assim e se intrometer, como se isso fosse um joguinho eletrônico... Aliás, de *onde* é que você vem? Não deveria estar na escola? Como foi que chegou até aqui?

E esfregou os olhos de novo, como se tivesse acabado de acordar.

Lyra estava tremendo. *Diga a verdade,* pensou.

— Fui guiada por isto aqui — disse, pegando o aletiômetro.

— O que é essa coisa? Uma bússola?

Lyra deixou que ela o pegasse. A dra. Malone arregalou os olhos ao sentir o peso do objeto.

— Meu Deus, é feito de ouro. Mas onde...

— Acho que ele faz a mesma coisa que a sua Caverna. É o que eu quero descobrir. Se eu descobrir a resposta a uma pergunta, algo de que a senhora saiba a resposta e eu não, então posso experimentar a sua Caverna? — continuou, desesperada.

— Como é? Agora vamos ler a sorte? O que é isso?

— Por favor! Me faça uma pergunta, só isso!

A dra. Malone deu de ombros.

— Ora, está bem. Me diga... Me diga o que eu fazia antes.

Ansiosa, Lyra pegou o aletiômetro e girou os ponteiros. Sentia a mente procurar as figuras certas antes mesmo que os ponteiros estivessem apontando para elas, e notava o ponteiro maior estremecendo, pronto para reagir. Quando ele começou a girar em volta do mostrador, Lyra o seguiu com os olhos, observando, calculando, acompanhando as longas cadeias de significado até o nível em que estava a verdade.

Então pestanejou, suspirou e saiu do transe temporário.

— A senhora era freira — disse. — Eu nunca teria adivinhado. As freiras costumam ficar para sempre no convento. Mas a senhora parou de acreditar nas coisas da Igreja e aí deixaram que fosse embora. Não é como no meu mundo, nem um pouco.

A dra. Malone se deixou cair na única cadeira, os olhos fixos em Lyra.

— Isso é verdade, não é? — perguntou a menina.

— É, sim. E você descobriu nesse...

— No meu aletiômetro. Ele funciona pelo Pó, eu acho. Vim até aqui para saber mais sobre o Pó, e ele me disse para vir procurar a senhora. Então acho que a sua matéria escura deve ser a mesma coisa. Agora posso experimentar a sua Caverna?

A dra. Malone sacudiu a cabeça, mas não para recusar o pedido — apenas por espanto. Estendeu as mãos com as palmas para a frente.

— Muito bem. Acho que estou sonhando. Sendo assim, não faz mal irmos até o fim.

Ela girou a cadeira e apertou vários botões, provocando um zumbido elétrico e o ruído do ventilador do computador. Ouvindo esse som, Lyra soltou uma exclamação de espanto: o som era o mesmo que ela ouvira naquela horrível sala brilhante em Bolvangar, na qual a guilhotina de prata quase a separara de seu Pantalaimon. O daemon estremeceu em seu bolso e ela lhe fez carinho para acalmá-lo.

Mas a dra. Malone não percebeu; estava entretida demais ajustando botões e apertando as letras em outra daquelas bandejas de marfim. Enquanto ela fazia isso, a tela mudou de cor e algumas letras e números apareceram.

— Agora você se senta — disse, cedendo a cadeira a Lyra. Depois abriu um vidro e explicou: — Preciso colocar um gel na sua pele para ajudar o contato elétrico. Sai facilmente com água. Agora fique parada.

A dra. Malone pegou seis fios, cada um deles terminando em uma ponta achatada, e os prendeu a vários lugares na cabeça de Lyra. A menina estava decidida a não se mexer, mas estava com a respiração acelerada e seu coração batia com força.

— Pronto, você está ligada — disse a dra. Malone. — A sala está cheia de Sombras. Aliás, o universo está cheio de Sombras. Mas esta é a única maneira de poder vê-las: quando a gente esvazia a mente e olha para a tela. Lá vai.

Lyra olhou. A tela estava escura e vazia. Ela via o próprio reflexo, mas só. A título de experiência, fingiu que estava lendo o aletiômetro, e se imaginou perguntando: *O que esta mulher sabe sobre o Pó? Que perguntas* ela *está fazendo?*

Moveu mentalmente os ponteiros do aletiômetro em volta do mostrador, e a tela começou a piscar. Assustada, ela perdeu a concentração, e a tela escureceu. Não percebeu que a dra. Malone se endireitava, curiosa; ela chegou para a frente e voltou a se concentrar.

Dessa vez a resposta surgiu instantaneamente. Um jorro de luzes dançantes, parecendo a cortina tremeluzente da aurora boreal, atravessou a tela. Elas formavam desenhos que se mantinham por alguns segundos, então se desmanchavam e se juntavam em formas diferentes, ou cores diferentes; faziam arcos e volteios, espalhavam-se, apareciam na forma de chuveiros de luz que de repente mudavam de direção como um bando de pássaros alterando a trajetória no céu. E Lyra tinha a mesma sensação de estar à beira da compreensão que se lembrava de ter tido quando estava começando a ler o aletiômetro.

Fez outra pergunta: *Isto* é o Pó? A mesma coisa que está fazendo esses desenhos move o ponteiro do aletiômetro?

A resposta veio em mais arcos de luz. Ela imaginou que isso queria dizer que sim. Então outra ideia lhe ocorreu, e ela se virou para falar com a dra. Malone, que estava assombrada, a mão na cabeça.

— O quê... — começou.

A tela escureceu. A dra. Malone pestanejou.

— O que foi? — Lyra completou a pergunta.

— Ah, você conseguiu a maior amostra que já vi, só isso — disse a dra. Malone. — O que você estava fazendo? Em que estava pensando?

— Estava pensando que a senhora poderia conseguir fazer isso ficar mais claro — disse Lyra.

— Mais claro! Nunca foi tão claro quanto agora!

— Mas o que significa? A senhora consegue ler?

— Bem, não é como se lê uma carta, não funciona assim. O que está acontecendo é que as Sombras reagem à atenção que você dedica a elas. Isso por si só já é bastante revolucionário: é à nossa consciência que elas reagem, entende?

— Não, o que eu quero dizer é o seguinte: essas cores e formas aí dentro, elas poderiam fazer outras coisas, essas Sombras. Poderiam fazer a forma que a senhora quisesse. Poderiam formar figuras, se a senhora quisesse. Olhe.

Ela se virou e tornou a concentrar a mente, mas dessa vez fingiu que a tela era

o aletiômetro, com todos os trinta e seis símbolos dispostos ao longo da borda. Lyra os conhecia tão bem que agora seus dedos se moviam automaticamente no colo como se ela movimentasse os ponteiros imaginários para apontar para a vela (para compreensão), o alfa e ômega (para linguagem) e a formiga (para trabalho), e fez a pergunta: *o que essas pessoas precisam fazer para compreender a linguagem das Sombras?*

A tela reagiu com a mesma rapidez do pensamento, e da confusão de linhas e clarões se formou uma série de figuras com perfeita nitidez: bússola, alfa e ômega outra vez, raio, anjo. Cada figura surgia um número diferente de vezes, e depois vieram outras três: camelo, jardim, lua.

Lyra via claramente o significado delas, e saiu do transe para explicar. Dessa vez, quando se virou, viu que a dra. Malone estava recostada na cadeira, pálida, agarrando a borda da mesa.

— Ele está falando a minha linguagem, entende, a linguagem das figuras. Da mesma forma que o aletiômetro. Mas o que ele diz é que poderia usar a linguagem comum também, palavras, se a senhora o preparasse para isso. Podia fazer com que ele colocasse palavras na tela. Só que ia precisar de muito raciocínio com os números, isso era a bússola, entende, e o raio significa energia ambárica, quer dizer, energia elétrica, mais disso. E o anjo é sobre as mensagens. Tem coisas que ele quer dizer. Mas quando foi para o segundo pedaço... Era a Ásia, quase o Extremo Oriente, mas não tanto. Sei lá que país seria. A China, talvez... É um modo que eles têm lá de falar com o Pó, quer dizer, com as Sombras, a mesma coisa que a senhora tem aqui e eu tenho com... Eu tenho com figuras, só que eles usam pauzinhos. Acho que ele estava falando daquela figura na porta, mas não entendi direito. No princípio, quando vi aquilo, achei que era importante, mas não sabia por quê. Então deve haver muitas maneiras de falar com as Sombras.

A dra. Malone estava sem fôlego.

— O I Ching — disse. — É chinês, sim. Uma espécie de adivinhação. E eles usam pauzinhos. Aquele cartaz ali é só para enfeitar — disse, como se quisesse assegurar a Lyra que ela na verdade não acreditava em I Ching. — Você está me dizendo que quando as pessoas consultam o I Ching elas estão entrando em contato com as partículas de Sombra? Com a matéria escura?

— É — respondeu Lyra. — Existem muitas maneiras, como eu já disse. Eu

não sabia disso. Pensei que só havia uma.

— Aquelas figuras na tela... — começou a dra. Malone.

Uma ideia passou rápido na mente de Lyra, que se voltou para a tela. Mal tinha começado a formular uma pergunta quando mais figuras apareceram, passando tão depressa que a dra. Malone mal conseguia acompanhar a sequência; mas Lyra sabia o que elas estavam dizendo.

— Diz que a *senhora* também é importante — revelou à cientista. — Diz que a senhora tem uma coisa importante para fazer. Sei lá o que é, mas ele não diria se não fosse verdade. Então a senhora provavelmente deveria fazer ele usar palavras, para conseguir entender o que ele diz.

A dra. Malone ficou em silêncio por um instante, depois perguntou:

— Muito bem. De *onde* você veio?

Lyra fez uma careta. Sabia que a dra. Malone, que até agora tinha agido influenciada pela exaustão e pelo desespero, normalmente jamais teria mostrado o seu trabalho para uma criança desconhecida que apareceu do nada, e estava começando a se arrepender. Mas Lyra tinha que dizer a verdade.

— Venho de outro mundo — disse. — É verdade. Atravessei para este aqui. Eu estava... tive que fugir, porque pessoas no meu mundo estavam me caçando, para me matar. E o aletiômetro vem... do mesmo lugar. Foi o reitor da Faculdade Jordan quem me deu. Na *minha* Oxford existe uma Faculdade Jordan, mas aqui não. Eu procurei. E aprendi a ler o aletiômetro sozinha. Consigo esvaziar a mente e então simplesmente vejo o que as figuras significam. Conforme a senhora falou sobre... dúvidas e mistérios e tudo. Então, quando olhei para a Caverna, fiz a mesma coisa, e funciona do mesmo jeito, então o meu Pó e as suas Sombras são a mesma coisa, também. Então...

Agora a dra. Malone estava totalmente desperta. Lyra pegou o aletiômetro e o embrulhou no veludo, como uma mãe agasalhando o filho, antes de guardar o objeto de volta na mochila.

— Quer dizer, a senhora pode fazer esta tela falar com palavras, se quiser. Então poderia falar com as Sombras como eu faço com o aletiômetro. Mas o que eu quero saber é: por que as pessoas no meu mundo odeiam ele? O Pó, quer dizer, as Sombras. A matéria escura. Querem destruir o Pó. Acham que é mau. Mas eu acho que o que *eles* fazem é mau. Eu já vi. Então o que é isso, as Sombras? É bom ou ruim?

A dra. Malone esfregou o rosto, deixando as faces ainda mais vermelhas.

— É tudo tão *constrangedor*... — disse ela. — Sabe como é embaraçoso falar em Bem e Mal em um laboratório científico? Tem ideia disso? Uma das razões que me levaram a me tornar cientista foi para não ter que pensar nesse tipo de coisa.

— Mas a senhora *tem* que pensar nisso — disse Lyra, em tom severo. — Não pode estudar as Sombras, o Pó, seja lá o que for, sem pensar nesse tipo de coisa, o Bem, o Mal, coisas assim. E ele disse que a senhora tem que fazer isso. Não pode recusar. Quando é que vão fechar isso aqui?

— O comitê de financiamento vai decidir no fim da semana... Por quê?

— Porque então a senhora tem a noite de hoje — disse Lyra. — Poderia ajeitar esta máquina para colocar palavras na tela em vez de figuras, como eu fiz. Ia ser fácil. Então a senhora poderia mostrar para o comitê e eles teriam que dar o dinheiro para continuar. E a senhora poderia descobrir tudo sobre o Pó, as Sombras, e me contar. Sabe, o aletiômetro não me diz tudo o que preciso saber — continuou, com certo desdém, como uma duquesa descrevendo uma criada insatisfatória. — Mas a senhora poderia descobrir para mim. Ou então eu provavelmente conseguiria com esse tal de Ching, com os pauzinhos. Mas é mais fácil trabalhar com figuras. É o que eu acho, pelo menos. Vou tirar isto agora — acrescentou, puxando os eletrodos da cabeça.

A dra. Malone deu a ela um lenço de papel para limpar o gel e guardou os fios.

— Então já vai embora? — perguntou. — Bem, você me proporcionou momentos estranhos, sem dúvida.

— Vai fazer ele usar palavras? — perguntou Lyra, pegando a mochila.

— Acho que é tão inútil quanto completar o pedido de verba — suspirou a dra. Malone. — Não, escute, quero que volte aqui amanhã. Você pode? Mais ou menos no mesmo horário? Quero que você mostre a outra pessoa como isso funciona.

Lyra franziu a testa. Seria uma armadilha?

— Bom, está certo — concordou. — Mas não se esqueça de que eu preciso saber umas coisas.

— Sim, é claro. Você *virá*?

— Sim. Se digo que venho, venho mesmo. Acho que posso ajudar a senhora.

E saiu. O porteiro lhe deu uma espiadinha e logo voltou ao seu jornal.

— A escavação de Nuniatak? — disse o arqueólogo, girando a cadeira. — Você é a segunda pessoa em um mês que quer saber sobre isso.

— Quem foi a outra? — perguntou Will, imediatamente desconfiado.

— Acho que ele era jornalista, não tenho certeza.

— Por que ele queria saber sobre isso?

— Tinha ligação com um dos homens que desapareceram naquela viagem. Foi no auge da Guerra Fria que a expedição desapareceu. Guerra nas Estrelas. Você provavelmente é jovem demais para lembrar. Os americanos e os russos estavam construindo enormes instalações de radar em todo o Ártico... Mas, afinal, em que posso ajudar?

— Bem, na verdade estou só tentando saber coisas sobre aquela expedição — disse Will, tentando se acalmar. — É para um trabalho da escola sobre o homem pré-histórico. Li sobre essa expedição que desapareceu e fiquei curioso.

— Bem, você não é o único. Na época se falou muito nisso. Eu pesquisei para o jornalista. A expedição ia fazer uma investigação preliminar. Só se pode começar uma escavação quando se tem certeza de que vai valer a pena, então aquele grupo foi examinar alguns sítios para fazer um relatório. Era uma meia dúzia de sujeitos. Às vezes, nesse tipo de expedição, juntam-se pessoas de outros campos, sabe, geólogos ou coisa assim, para dividir o custo. Eles estudam as coisas deles, e nós, as nossas. Nesse caso havia um físico no grupo. Acho que ele estava estudando partículas atmosféricas. A aurora boreal, entende, as luzes do norte. Parece que ele tinha balões com radiotransmissores. — O homem fez uma pausa, depois continuou: — E havia outro homem com eles. Um ex-militar da Marinha Real, uma espécie de explorador profissional. Iam entrar em um território bastante selvagem, e os ursos polares são sempre um perigo no Ártico. Os arqueólogos podem lidar com algumas coisas, mas não somos treinados para atirar, e é muito útil ter alguém que saiba atirar, montar um acampamento, que entenda de navegação e de todo tipo de necessidades de sobrevivência. Mas todos sumiram. Ficaram em contato pelo rádio com uma estação de pesquisa local, mas um dia não responderam ao sinal e nunca mais se teve notícias deles. Tinha caído uma tempestade de neve, mas isso era comum. A expedição de busca encontrou o último acampamento da equipe mais ou menos como eles

tinham deixado, embora os ursos tivessem devorado o estoque de comida, mas não havia qualquer sinal de gente. Infelizmente é tudo que tenho para lhe contar.

— Sim... — fez Will. — Muito obrigado. — Fez menção de sair, mas parou à porta. — Hum... Aquele jornalista, o senhor disse que ele estava interessado em um dos homens. Qual deles era?

— O explorador. Um homem chamado Parry.

— Como ele era? Quer dizer, o jornalista?

— Por que você quer saber?

— Porque... — Will não conseguia pensar em uma justificativa convincente. Não deveria ter perguntado. — Por nada. Só curiosidade.

— Pelo que lembro, era um homem grande e louro. De cabelo muito claro.

— Certo, obrigado — repetiu Will, virando-se em direção à porta.

O homem ficou olhando enquanto o garoto se afastava sem dizer nada, a testa franzida. Will viu quando ele estendeu a mão para o telefone e saiu depressa do prédio.

Will percebeu que estava tremendo. O jornalista era um dos homens que tinham ido à sua casa: um homem alto, de cabelo tão louro que parecia não ter sobrancelhas nem cílios. Não era aquele que Will tinha derrubado na escada: era o que tinha aparecido à porta da sala enquanto Will descia correndo e saltava por cima do cadáver.

Mas não era jornalista.

Havia um grande museu ali perto. Will entrou, segurando a prancheta como se estivesse fazendo um trabalho escolar, e se sentou em uma galeria cheia de quadros. Tremia muito e sentia náuseas, oprimido pela consciência de ter matado alguém, de ser um assassino. Até então tinha mantido o controle, mas estava ficando difícil. Ele tinha tirado a vida de um ser humano.

Ficou meia hora sentado ali, a meia hora mais difícil da sua vida. As pessoas entravam e saíam, contemplavam os quadros, falando em voz baixa, e ignoravam sua presença; um funcionário do museu ficou parado à porta durante alguns minutos, mãos atrás das costas, e depois se afastou devagar. Will, assombrado pelo horror daquilo que tinha feito, não movia um músculo.

Aos poucos foi ficando mais calmo. Afinal, tinha agido para defender a mãe. Eles a estavam assustando; nas condições dela, eles a estavam perseguindo. Ele

tinha o direito de defender sua casa. O pai iria querer que agisse assim. Tinha feito aquilo porque era a coisa certa. Fez para impedir que roubassem o estojo de couro verde. Fez para que pudesse encontrar o pai; e não tinha o direito de fazer isso? Todas as suas brincadeiras infantis lhe voltavam agora: ele e o pai, um salvando o outro de avalanches ou combatendo piratas. Bom, agora era de verdade. *Vou achar você*, prometeu, em pensamento. É só me ajudar, e eu vou achar você, e vamos tomar conta da mamãe, e tudo vai ficar bem...

Afinal, ele agora tinha um lugar onde se esconder, um lugar tão seguro que ninguém jamais o encontraria lá. E os papéis dentro do estojo (que ele ainda não tivera tempo de ler) também estavam em segurança debaixo do colchão em Cittàgazze.

Finalmente percebeu que todas as pessoas estavam indo na mesma direção. Estavam saindo, pois o funcionário avisou que o museu fecharia em dez minutos. Will reuniu forças e partiu. Conseguiu encontrar a rua em que ficava o escritório do advogado e pensou em ir até lá, apesar do que tinha dito antes. O homem parecia amigável...

Mas, ao decidir atravessar a rua e entrar, ele parou de repente. O homem alto de sobrancelhas claras estava saindo de um carro.

Will se virou de imediato e ficou olhando disfarçadamente para a vitrine de uma joalheria. Viu o reflexo do homem olhar em volta, ajeitar o nó da gravata e entrar no escritório do advogado. Assim que ele entrou, Will se afastou, o coração novamente disparado: nenhum lugar era seguro. Tomou a direção da biblioteca da universidade para esperar por Lyra.

5. PAPEL DE CORREIO AÉREO

— Will! — chamou Lyra.

Ela falou baixo, mas mesmo assim ele levou um susto: a menina estava sentada no banco ao lado dele, e ele nem tinha percebido!

— De onde você saiu?

— Encontrei o meu catedrático! Na verdade, é uma catedrática. Ela se chama dra. Malone. E tem uma máquina que consegue enxergar o Pó e ela vai fazer a máquina falar...

— Nem vi você chegar!

— Porque não estava prestando atenção — explicou ela. — Devia estar pensando em outra coisa. Ainda bem que vi você. Escute, é fácil enganar as pessoas. Veja...

Dois policiais em patrulha vinham na direção deles: um homem e uma mulher, com as camisas brancas da farda de verão, com seus rádios, seus cassetetes e seus olhos cheios de suspeitas. Antes que chegassem perto, Lyra estava de pé falando com eles.

— Por favor, pode me dizer onde fica o museu? — pediu. — Meu irmão e eu ficamos de encontrar nossos pais lá, e nos perdemos.

O policial olhou para Will, e o menino, controlando a raiva, deu de ombros como se dissesse: ela tem razão, nós nos perdemos, não foi uma burrice? O homem sorriu. A mulher perguntou:

— Qual museu? O Ashmoleano?

— Esse mesmo — disse Lyra, fingindo escutar atentamente as instruções que a mulher lhe dava.

Will se levantou, agradeceu e foi embora com Lyra. Não olharam para trás, mas os policiais já tinham perdido o interesse neles.

— Viu só? Se estavam procurando você, eu atrapalhei — disse Lyra. — Porque eles não estão procurando alguém que tenha uma irmã. É melhor eu ficar com você de agora em diante — continuou, mais como se fosse mãe dele, depois de virarem a esquina. — Não está seguro sozinho.

Ele não respondeu. Seu coração batia forte, de raiva. Seguiram em frente, na direção de um prédio redondo com um grande domo de chumbo, situado em uma praça rodeada de prédios universitários cor de mel, uma igreja e árvores de copas frondosas acima de altos muros. O sol da tarde realçava os tons mais quentes, e o ar estava repleto disso tudo, quase da cor de vinho dourado. Todas as folhas estavam imóveis, e naquela pracinha até mesmo o ruído do trânsito era abafado.

Ela finalmente percebeu que alguma coisa estava errada com Will e perguntou:

— Qual é o problema?

— Se falar com as pessoas, você vai atrair a atenção delas — disse ele, em voz trêmula. — Deveria ter ficado quieta, parada, e eles não iriam prestar atenção. Fiz isso a minha vida inteira. Sei fazer isso. Do seu jeito, você só consegue... aparecer. Não deveria fazer isso. Não deveria brincar com isso. Você não está levando a sério.

— Você acha? — fez ela, e sua raiva explodiu. — Acha que não sei mentir? Sou a melhor mentirosa que já existiu. Mas não minto para você, e nunca mentirei, eu juro. Você está em perigo, e se eu não tivesse feito aquilo naquela hora você teria sido preso. Não viu que estavam olhando para você? Estavam, sim. Você não toma cuidado. Se quer a minha opinião, é você que não está levando a sério.

— Se eu não estou levando a sério, o que estava fazendo, esperando você, quando podia estar a quilômetros de distância? Ou escondido, em segurança, naquela cidade? Tenho as minhas coisas para resolver, mas estou plantado aqui para poder ajudar você. Não me diga que não estou levando a sério.

— Você *tinha* que atravessar — retrucou ela, furiosa. Ninguém podia falar com ela assim; era uma aristocrata. Era Lyra. — Você precisava, senão não ia descobrir nada sobre o seu pai. Você fez isso por sua causa, não por mim.

Estavam discutindo intensamente, mas em voz baixa, por causa do silêncio da

praça e das pessoas que passavam. Quando ela disse isso, Will parou no mesmo instante. Teve que se encostar no muro. Estava com o rosto pálido.

— O que você sabe do meu pai? — perguntou baixinho.

Ela respondeu no mesmo tom:

— Não sei nada de nada. Tudo o que sei é que você está procurando por ele. Foi só isso que eu perguntei.

— Perguntou? A *quem*?

— Ao aletiômetro, é claro.

Ele levou um instante para lembrar. E então pareceu tão zangado e desconfiado que ela pegou o aletiômetro na mochila e disse:

— Está bem, vou te mostrar.

Lyra se sentou no murinho de pedra em volta do gramado no meio da praça, inclinou a cabeça sobre o instrumento dourado e começou a girar os ponteiros, mexendo os dedos tão depressa que quase não dava para ver, e fez uma pausa de alguns segundos enquanto o ponteiro mais fino girava no mostrador, parando aqui e ali; ela então tornou a mover os ponteiros com a mesma rapidez para uma nova posição. Will olhou em volta cautelosamente, mas não havia ninguém por perto para ver; um grupo de turistas olhava para o domo no alto do prédio, um sorveteiro empurrava seu carrinho na calçada, mas ninguém prestava atenção neles.

Lyra pestanejou e suspirou, como se despertasse.

— A sua mãe está doente, mas está em segurança — disse em voz baixa. — Uma mulher está tomando conta dela. E você pegou umas cartas e fugiu. E você matou um homem, acho que era um ladrão. E está procurando o seu pai, e...

— Está bem, cale a boca — ordenou Will. — Chega. Você não tem o direito de revistar a minha vida desse jeito. Nunca mais faça isso. Isso é espionagem.

— Eu sei a hora de parar de perguntar — argumentou ela. — Sabe, o aletiômetro é quase como uma pessoa. Eu sei mais ou menos quando ele vai ficar zangado ou quando não quer que eu saiba de alguma coisa. Eu sinto. Mas, quando você surgiu do nada ontem, eu tinha que perguntar quem você era, para saber se eu estava segura. Tive que fazer isso. E ele disse... — Ela baixou mais ainda a voz. — Ele disse que você era um assassino, e eu pensei: que bom, isto é ótimo, posso confiar nele. Mas não perguntei mais nada até agora, e, se você não quiser que eu pergunte, prometo que não vou fazer isso. O aletiômetro não é um

aparelho para bisbilhotar. Se eu simplesmente espionasse os outros, ele pararia de funcionar. Sei disso tão bem quanto conheço a minha Oxford.

— Você poderia ter perguntado a mim, em vez de perguntar para essa coisa. Ele disse se o meu pai está vivo ou morto?

— Não, porque não perguntei.

Estavam ambos sentados. Will, exausto, descansou a cabeça nas mãos.

— Bem, acho que vamos ter que confiar um no outro — disse finalmente.

— Tudo bem. Eu confio em você.

Will concordou, desanimado. Estava muito cansado, e não havia a menor possibilidade de dormir naquele mundo. Lyra não costumava ser tão perceptiva, mas alguma coisa no jeito dele a fez pensar: *Ele está com medo, mas está dominando o medo, como Iorek Byrnison disse que temos que fazer; como fiz na peixaria junto ao lago congelado*.

— Will, não vou contar seu segredo a ninguém. Prometo — acrescentou ela.

— Ótimo.

— Uma vez eu fiz isso. Traí uma pessoa. E foi a pior coisa que já fiz. Na verdade, pensei que estava salvando a vida dele, só que estava levando ele direto para o lugar mais perigoso que poderia existir. Fiquei com ódio de mim mesma por isso, por ter sido tão idiota. Então vou tentar com todas as minhas forças não ser descuidada, nem me distrair e denunciar você sem querer.

Ele não respondeu; esfregou os olhos e piscou várias vezes, para tentar se manter acordado.

— Não podemos atravessar a janela tão cedo — disse Will. — Foi imprudência termos atravessado durante o dia. Não podemos arriscar que alguém veja. E agora temos que ficar algumas horas esperando...

— Estou faminta — declarou Lyra.

— Já sei! — exclamou ele, então. — Podemos ir ao cinema!

— Ao *quê*?

— Vou te mostrar. Lá podemos comer alguma coisa também.

Havia um cinema perto do centro da cidade, a dez minutos de distância. Will pagou a entrada de ambos e comprou cachorros-quentes, pipocas e coca-cola. Os dois se acomodaram na plateia bem na hora em que o filme ia começar.

Lyra ficou maravilhada. Já tinha visto fotogramas projetados, mas nada no mundo dela a tinha preparado para o cinema. Ela engoliu o cachorro-quente e a

pipoca, bebeu de uma vez a coca-cola e ficou exclamando e rindo de prazer diante das personagens na tela. Felizmente a plateia era barulhenta, cheia de crianças, e a empolgação dela não chamou atenção. Will logo fechou os olhos e adormeceu.

Acordou ao ouvir o ruído das pessoas saindo e seus olhos demoraram um pouco para se acostumar com a luz. Seu relógio mostrava 20h15. Lyra saiu do cinema com vontade de ficar.

— Foi a melhor coisa que já vi em toda a minha vida — disse ela. — Sei lá por que nunca inventaram isso no meu mundo. Algumas coisas lá são melhores do que aqui, mas isso é melhor do que qualquer coisa que a gente tenha lá.

Will nem sequer conseguia lembrar o nome do filme. Do lado de fora ainda estava claro, e as ruas, movimentadas.

— Quer ver outro?

— Claro!

Então foram a outro cinema, a poucas centenas de metros virando a esquina, e fizeram a mesma coisa. Lyra se ajeitou na cadeira com os pés sobre o assento, abraçada aos joelhos, e Will deixou a mente vagar. Quando saíram, dessa vez, eram quase onze da noite, muito melhor.

Lyra estava com fome novamente, então compraram hambúrgueres em uma carrocinha e comeram enquanto caminhavam — outra novidade para ela.

— Nós sempre nos sentamos para comer. Nunca vi alguém comer andando — contou ela. — Este lugar aqui é diferente em muitas coisas. O trânsito, por exemplo. Não gosto. Gostei do cinema e de hambúrguer. Gostei muito. E aquela catedrática, a dra. Malone, ela vai fazer aquela máquina usar palavras. Sei que vai. Amanhã vou voltar lá e ver como ela está se saindo. Aposto que posso ajudar. Eu provavelmente conseguiria fazer os catedráticos lhe darem o dinheiro que ela quer, também. Sabe como o meu pai fez isso? O lorde Asriel? Ele enganou os...

Enquanto seguiam pela rua Banbury, ela contou sobre a noite em que se escondeu no armário e viu lorde Asriel mostrar aos catedráticos da Jordan a cabeça decepada de Stanislaus Grumman na caixa térmica. Como Will era um ótimo ouvinte, Lyra foi em frente e contou toda a sua história, desde a fuga do apartamento da sra. Coulter até o momento horrível em que ela percebeu que tinha levado Roger para a morte nos penhascos gelados de Svalbard. Will

escutou sem fazer comentários, mas prestando atenção, solidário. A narrativa da viagem em um balão, de feiticeiras e ursos de armadura, de um braço vingativo da Igreja, tudo parecia combinar com seu próprio sonho fantástico de uma linda cidade à beira-mar, deserta, silenciosa e segura: apenas não podia ser verdade.

Mas enfim chegaram ao trevo e às árvores. Havia pouco trânsito: um carro a cada minuto, não mais que isso. E lá estava a janela no ar. Will sorriu: ia dar tudo certo.

— Espere a rua ficar sem carro — instruiu. — Vou atravessar agora.

No instante seguinte ele estava no gramado sob as palmeiras, e Lyra veio logo atrás.

Era como se estivessem em casa. A noite cálida, o cheiro de flores e do mar, o silêncio — tudo isso os envolvia como um banho relaxante.

Lyra se espreguiçou e bocejou, e Will parecia ter se livrado de um grande peso. Passara o dia inteiro carregando esse peso e não tinha percebido o esforço que vinha fazendo; mas agora se sentia leve, livre e em paz.

E então sentiu Lyra agarrar seu braço com força. No mesmo segundo ele ouviu o motivo desse gesto.

Em algum lugar, em uma das ruelas atrás do café, alguma coisa berrava.

Will partiu naquela direção, e Lyra foi logo atrás por um beco escuro, escondido do luar. Depois de várias curvas e voltas, eles surgiram na praça diante da torre de pedra que tinham visto pela manhã.

Cerca de vinte crianças faziam um semicírculo na base da construção, e algumas seguravam pedaços de pau, enquanto outras jogavam pedras no que quer que estivesse encurralado contra a parede da torre. A princípio Lyra achou que era outra criança, mas de dentro do semicírculo vinha um ganido horrível que não era humano. E as crianças também gritavam de medo e de ódio.

Will correu até lá e puxou uma delas pelo ombro. Era um menino mais ou menos da sua idade, usando uma camiseta listrada. Quando ele se virou, Lyra viu as estranhas bordas brancas em volta das pupilas dele; então as outras crianças perceberam o que estava acontecendo e pararam para olhar. Angélica e seu irmãozinho também estavam lá, com pedras nas mãos, e os olhos de todas elas brilhavam ferozmente ao luar.

Ficaram todos em silêncio. Só o ganido continuava, e então Will e Lyra viram o que era: uma gata encolhida contra a parede da torre, a orelha rasgada e a

cauda torcida. Era a gata que Will tinha visto na avenida Sunderland, aquela que se parecia com Moxie, aquela que o levara à janela.

Assim que ele a viu, empurrou para o lado o menino que estava segurando pelo ombro. O garoto caiu no chão, mas logo se levantou, furioso; os outros o seguraram. Will já estava ajoelhado junto à gata.

E logo ela estava em seus braços. Quando ela saltou para o peito de Will, ele a segurou junto ao corpo e se levantou para enfrentar as crianças; por um segundo Lyra teve a ideia louca de que o daemon dele tinha finalmente aparecido.

— Por que estão machucando esta gata? — perguntou ele.

Ninguém soube responder. Todos tremiam diante da raiva de Will, ofegantes, segurando seus paus e pedras, e não conseguiam falar.

Mas então a voz de Angélica soou com clareza:

— Você não é daqui! Não é de Ci'gazze! Não sabia dos Espectros, não sabe dos gatos também. Não é como nós!

O menino de camiseta listrada que Will tinha derrubado estava cheio de vontade de brigar, e se não fosse pela gata nos braços dele, o menino o teria atacado com mãos, dentes e pés, e Will adoraria entrar nessa luta: havia uma corrente elétrica de ódio entre os dois que apenas a violência conseguiria dissipar. Mas o menino tinha medo da gata.

— De onde você veio? — perguntou ele, em tom de desprezo.

— Não importa de onde nós viemos. Se estão com medo desta gata, vou levar ela para longe de vocês. Se para vocês ela é sinal de azar, para nós será de sorte. Agora saiam da frente.

Por um instante, Will pensou que o ódio deles seria maior do que o medo, e estava prestes a colocar a gata no chão para lutar, mas então um rosnado baixo e forte veio de trás das crianças; elas se viraram e viram Lyra de pé com a mão no ombro de um enorme leopardo pintado, cujos dentes brilhavam quando ele rosnava. Até mesmo Will, que reconheceu Pantalaimon, ficou assustado por um segundo. O efeito nas crianças foi definitivo: elas fugiram imediatamente. Segundos depois a praça estava deserta.

Mas antes de se afastar de lá, Lyra olhou para o alto da torre. Um rosnado de Pantalaimon a levou a fazer isso, e por um instante ela viu alguém lá bem no alto, olhando por cima dos parapeitos. Não era uma criança, mas um rapaz de cabelo cacheado.

Meia hora depois, estavam no apartamento em cima do café. Will tinha encontrado uma lata de leite condensado, que a gata devorou, passando depois a lamber suas feridas. Pantalaimon tinha se tornado um gato, por curiosidade, e a princípio a gata tinha se arrepiado, cheia de suspeitas, mas logo percebeu que, fosse o que fosse Pantalaimon, não era um gato de verdade nem uma ameaça, e o ignorou.

Lyra, admirada, observou Will cuidar da gata. Os únicos animais que ela vira de perto em seu mundo (além dos ursos de armadura) eram animais de trabalho: os gatos serviam para manter a Jordan livre dos ratos, não para animais de estimação.

— Acho que o rabo está quebrado — disse Will. — Não sei o que fazer. Talvez fique boa sozinha. Vou colocar um pouco de mel na orelha dela. Li em algum lugar que é antisséptico...

Foi uma operação melequenta, mas pelo menos aquilo ia manter a gata ocupada lambendo o mel, e a ferida ia ficando cada vez mais limpa.

— Tem certeza de que foi esta que você viu? — perguntou Lyra.

— Ah, tenho, sim. E além disso, se todos aqui têm tanto medo, não deve haver gatos neste mundo. Ela com certeza não conseguiu encontrar o caminho de volta.

— Pareciam loucos — comentou Lyra. — Iam matar a coitadinha. Nunca vi outras crianças agindo assim.

— Eu já — disse Will.

Mas sua expressão era sombria: era evidente que ele não queria falar sobre aquilo, e ela achou melhor não perguntar. Sabia que não deveria nem sequer perguntar ao aletiômetro.

Estava muito cansada, de modo que logo foi para a cama e adormeceu.

Pouco mais tarde, quando a gata se enroscou para dormir, Will pegou uma xícara de café e o estojo de couro verde e foi se sentar na sacada. Havia luz suficiente entrando pela janela, e ele queria ler os papéis.

Não havia muitos. Como ele desconfiava, eram cartas, escritas em papel de correio aéreo com tinta preta. Aquelas letras tinham sido feitas pela mão do homem que tanto queria encontrar; passou os dedos sobre elas muitas vezes e as encostou no rosto, tentando chegar mais perto da essência do pai. Então

começou a ler.

Fairbanks, Alasca
Quarta-feira, 19 de junho de 1985

Minha querida: a mistura de eficiência e caos habitual — todas as provisões já chegaram, mas o físico, um idiota genial chamado Nelson, não tomou nenhuma providência para levar seus malditos balões para o alto das montanhas. Temos que ficar aqui sem fazer nada enquanto ele procura um transporte. Mas isso serviu para me dar a oportunidade de conversar com um velhote que conheci na expedição passada, um minerador de ouro chamado Jake Petersen — segui o rastro dele até um bar modesto e sob o som de uma partida de beisebol na TV eu lhe perguntei sobre a anomalia. Ele não queria conversar ali. Me levou à casa dele. Com a ajuda de uma garrafa de uísque, ele falou durante muito tempo. Ele mesmo não tinha visto, mas tinha conhecido um esquimó que viu, e o cara disse a ele que era uma porta para o mundo dos espíritos, que eles sabem disso há séculos e que faz parte da iniciação de um xamã esquimó atravessar e trazer de volta um troféu qualquer, mas muitos não voltaram. De qualquer maneira, o velho Jake tinha um mapa da região e marcou nele o lugar onde o companheiro disse que a coisa ficava. (Só para garantir: é 69°02’11”N, 157°12’19”O, em um contraforte da serra Lookout, a uns dois ou três quilômetros ao norte do rio Colville.) Então passamos a conversar sobre outras lendas do Ártico — o navio norueguês que está vagando sem tripulação há sessenta anos, coisas assim. Os arqueólogos são uma turma legal, estão ansiosos para começar o trabalho, contendo a impaciência com Nelson e seus balões. Nenhum deles jamais ouviu falar na anomalia, e pode acreditar que vou deixar que isso continue assim. Muito amor e carinho para vocês dois. Johnny.

Umiat, Alasca
Sábado, 22 de junho de 1985

Minha querida: e eu que chamei o homem de idiota genial — o físico Nelson não é nada disso, e se não estou enganado ele também está procurando a anomalia. O atraso em Fairbanks foi planejado por ele, dá para acreditar? Sabendo que o resto da equipe não aceitaria nenhum argumento para retardar a

partida, ele mesmo mandou cancelar os veículos que tinham sido alugados, deixando todo mundo sem transporte. Descobri isso por acidente e ia perguntar que diabos ele estava planejando, mas ouvi quando ele falava com alguém pelo rádio — descrevendo a anomalia, só que ele não sabia a localização. Mais tarde o convidei para tomar uma bebida, banquei o soldado meio tapado, o veterano no Ártico, do tipo "existem mais coisas entre o céu e a terra do que podemos explicar"; fingi brincar com ele a respeito das limitações da ciência (aposto que você não consegue explicar o Abominável Homem das Neves etc.). Fiquei só observando. Então falei da anomalia — uma lenda esquimó de uma porta para o mundo dos espíritos, invisível, em algum lugar perto da serra Lookout, dá para acreditar, é para onde estamos indo, imagine só. E você sabe que ele teve um choque? Sabia exatamente do que eu estava falando. Fingi que não percebi e comecei a falar de feitiçaria, contei a história do leopardo do Zaire — espero que ele tenha me tomado por um milico supersticioso. Mas estou certo, Elaine, que ele também está procurando a mesma coisa. A questão é: devo contar a ele ou não? Tenho que descobrir qual é o jogo dele. Todo o meu amor e carinho para vocês dois — Johnny.

Colville Bar, Alasca
24 de junho de 1985

Querida: não terei oportunidade de enviar outra carta durante algum tempo — esta é a última cidade antes de subirmos para as montanhas, a serra Brooks. Os arqueólogos estão doidos para chegar lá em cima. Um sujeito está convencido de que vai encontrar provas de habitação humana de um período muito anterior ao que se imagina — perguntei de quanto tempo atrás e por que ele estava convencido disso. Ele falou de uns entalhes em marfim de narval que encontrou em uma escavação; pelos testes com carbono 14, eles tinham uma idade inacreditável, muito superior ao que se imaginava — uma anomalia, na verdade. Não seria estranho se esses entalhes tivessem vindo de outro mundo através da minha anomalia. Por falar nisso, o físico Nelson agora é o meu melhor amigo, brinca comigo, insinua que sabe que eu sei que ele sabe etc. Finjo ser o major Parry, um sujeito confiável durante uma crise, mas não muito esperto, ora — mas sei que ele está procurando. Para começar, embora ele seja

um acadêmico de verdade, sua verba vem do Ministério da Defesa, conheço os códigos financeiros que eles usam. Além do mais, os seus balões meteorológicos não são nada disso — espiei dentro do caixote: tem um traje antirradiação, se é que conheço essas coisas. Muito esquisito, minha querida. Vou manter o meu plano: levar os arqueólogos para o destino deles e tirar alguns dias para ir sozinho procurar a anomalia. Se eu esbarrar com Nelson vagando pela serra Lookout, vou agir segundo as circunstâncias.

Mais tarde — *Um lance de sorte. Encontrei o esquimó amigo de Jake Petersen, Matt Kigalik. Jake tinha me dito onde encontrá-lo, mas não ousei ter esperança de que ele estivesse lá. Ele me contou que os soviéticos também andaram procurando a anomalia — no início do ano ele encontrou um homem no alto da serra e o observou por alguns dias sem ser visto, porque imaginou o que o outro estava fazendo, e tinha razão, e o homem era russo, um espião; ele só me contou isso. Tive a impressão de que ele liquidou o sujeito. Mas ele me descreveu a coisa. É como um buraco no ar, uma espécie de janela. A gente olha por ela e vê o outro mundo. Mas não é fácil encontrar, porque aquela parte do outro mundo é parecida com a nossa — pedras, musgo etc. Fica na margem norte de um regato, uns cinquenta passos a oeste de uma pedra alta que tem a forma de um urso em pé, e a posição que Jake me forneceu não está correta — é mais 12” N do que 11.*

Torça por mim, minha querida. Vou levar para você um troféu do mundo dos espíritos. Te amo eternamente. Um beijo no garoto. Johnny.

Os ouvidos de Will zumbiam.

Seu pai estava descrevendo exatamente o que ele próprio tinha descoberto sob as árvores. Ele também tinha encontrado uma janela — tinha até usado o mesmo nome para ela! Então devia estar no caminho certo. E era isso que os homens haviam procurado... Então também era perigoso.

Will tinha um ano quando aquela carta foi escrita. Seis anos depois, houve aquela manhã no supermercado, quando ele ficou sabendo que a mãe corria um perigo terrível e que ele tinha que protegê-la; e então, nos meses seguintes, aos poucos ele percebeu que o perigo estava na mente dela, e por isso precisava mais ainda de proteção.

E então, de maneira brutal, a revelação de que, no fim das contas, nem todo

perigo estava na mente dela. Havia mesmo alguém atrás dela. Depois, essas cartas, essa informação.

Mas ele não tinha ideia do que isso significava. Estava se sentindo profundamente feliz por compartilhar com o pai uma coisa tão importante; por John Parry e seu filho Will terem, separadamente, descoberto aquela coisa extraordinária. Quando se encontrassem, poderiam conversar sobre isso, e o pai teria orgulho por Will ter seguido seus passos.

A noite estava quieta, e o mar, parado. Ele guardou as cartas e adormeceu.

6. OS VOADORES LUMINOSOS

— Grumman? — repetiu o barbudo mercador de peles. — Da Academia de Berlim? Um maluco! Conheci esse cara há cinco anos, lá no extremo norte dos Urais. Pensei que tivesse morrido.

Sentado no bar enfumaçado e cheirando a nafta do Samirsky Hotel, Sam Cansino, um velho conhecido e texano como Lee Scoresby, bebeu de um só gole a vodca estupidamente gelada. Depois empurrou o prato de peixe em conserva e pão preto na direção de Lee, que comeu um bocado e concordou com a cabeça, em sinal para que Sam lhe contasse mais.

— Ele pisou em uma armadilha montada por aquele idiota do Yakovlev e cortou a perna até o osso — continuou o mercador. — Em vez de usar remédio normal, ele cismou de passar um negócio que os ursos usam, chamado musgo-de-sangue, uma espécie de líquen, não é um musgo de verdade. De qualquer maneira, ele ficava deitado no trenó, alternando rugidos de dor com instruções para os homens que trabalhavam para ele. Estavam fazendo medições das estrelas e tinham que fazer direito, senão ele dava uma bronca danada, e, pode acreditar, a língua dele era igual a arame farpado. Um homem magro, duro, forte e curioso; queria saber tudo. Sabia que ele havia sido iniciado como tártaro?

— Não diga! — fez Lee Scoresby.

Enquanto falava, ia colocando mais vodca no copo de Sam. Seu daemon Hester estava deitado no balcão junto ao seu cotovelo, os olhos semicerrados como de costume, as orelhas estendidas sobre as costas.

Lee havia chegado naquela tarde, trazido a Nova Zembla pelo vento que as feiticeiras tinham chamado, e, depois de guardar o equipamento, foi direto para o

Samirsky Hotel, perto do posto de embalagem de pescado. Aquele era um lugar onde os andarilhos do Ártico paravam para trocar notícias, procurar trabalho ou deixar recados, e Lee Scoresby no passado tinha ficado muitos dias por lá, esperando um contrato ou um passageiro ou um vento bom, então nada havia de estranho em seu comportamento atual.

E com as grandes mudanças que eles intuíam estarem acontecendo no mundo à sua volta, era natural que as pessoas se reunissem e conversassem. A cada dia, surgiam mais notícias: o rio Yenisei tinha degelado — e nessa época do ano!; parte do oceano tinha esvaziado, expondo estranhas formações regulares de pedra em seu leito; um polvo de trinta metros de comprimento tinha arrancado três pescadores de um barco e despedaçado todos eles...

E a névoa continuava a chegar do norte, densa e fria, de vez em quando encharcada da luz mais estranha que se poderia imaginar, na qual se podiam ver vagamente formas enormes e ouvir vozes misteriosas.

De maneira geral, era um tempo ruim para trabalhar, por isso o bar do Samirsky Hotel estava cheio.

— Você disse Grumman? — perguntou a pessoa sentada ao lado dele junto ao balcão do bar, um homem de idade, usando trajes de caçador de foca, cujo daemon-lêmure espiava solenemente de dentro do bolso do seu casaco. — Ele era mesmo tártaro. Eu estava lá quando ele entrou para aquela tribo. Vi quando furaram o crânio dele. Ele ganhou outro nome, também. Um nome tártaro. Daqui a pouco lembro qual era.

— Ora, quem diria! — fez Lee Scoresby. — Posso lhe pagar uma bebida, amigo? Estou procurando notícias desse homem. Para qual tribo ele entrou?

— Os pakhtars de Yenisei. No sopé da serra Semyonov. Perto da confluência do Yenisei com o rio... Esqueci o nome. Um rio que desce dos morros. Existe uma pedra do tamanho de uma casa no local de pouso.

— Ah, certo, agora lembro — disse Lee. — Já voei por cima dela. E perfuraram o crânio de Grumman? É mesmo? E por quê?

— Ele era um xamã — respondeu o velho caçador de focas. — Acho que, antes da adoção, a tribo reconheceu que ele era um xamã. Foi uma cerimônia e tanto, aquela perfuração. O ritual dura dois dias e uma noite. Usam uma broca de arco, como se faz para acender fogo.

— Ah, isso explica o modo como a equipe dele obedecia — comentou Sam

Cansino. — Era a turma de velhacos mais braba que já vi, mas corriam para cumprir as ordens dele como meninos amedrontados. Pensei que eram os palavrões que provocavam esse efeito. Se pensavam que Grumman era um xamã, faz até mais sentido. Mas, sabe, a curiosidade daquele sujeito era forte como os dentes de um lobo; ele simplesmente *não* desistia. Me fez contar tudo o que eu sabia sobre o terreno das vizinhanças, e os hábitos dos lobos e das raposas. Estava sentindo bastante dor por causa da maldita armadilha de Yakovlev; a perna aberta, e ele anotando os efeitos daquele musgo-de-sangue, medindo a temperatura, vendo a cicatriz se formar, anotando tudo... Um homem estranho. Tinha uma feiticeira que queria ser amante dele, mas ele recusou.

— É mesmo? — fez Lee, pensando na beleza de Serafina Pekkala.

— Ele não deveria ter feito isso — disse o caçador de focas. — Se uma feiticeira nos oferece seu amor, temos que aceitar. Se não, a culpa é nossa se coisas ruins nos acontecerem. É como ter que escolher entre uma bênção e uma maldição. A única coisa que não podemos fazer é deixar de escolher uma das duas.

— Ele podia ter seus motivos — disse Lee.

— Se ele possuía algum juízo, o motivo tinha que ser muito bom.

— Ele era cabeça-dura — disse Sam Cansino.

— Talvez por fidelidade a outra mulher — sugeriu Lee. — Ouvi outra coisa sobre ele; que ele sabia onde encontrar um objeto mágico, não sei o que poderia ser, que protegia qualquer pessoa que o tivesse. Já ouviram essa história?

— Já ouvi isso, sim — respondeu o caçador de focas. — Ele não tinha essa coisa, mas sabia onde estava. Um homem tentou fazer ele contar, mas Grumman matou o sujeito.

— O daemon dele, isso é curioso — acrescentou Sam Cansino —, era uma águia, uma águia preta com cabeça e peito brancos, um tipo que eu nunca tinha visto, nem sei que bicho era aquele.

— Era uma águia-pesqueira — disse o barman. — Vocês estão falando do Stan Grumman? O daemon dele era uma águia-pesqueira. Um gavião-pescador.

— O que foi que aconteceu com ele? — perguntou Lee Scoresby.

— Ah, ele se envolveu nas guerras dos escraelingues em Beringland. A última notícia que tive foi que atiraram nele — disse o caçador de focas. — Morreu na hora.

— Pois eu soube que cortaram a cabeça dele — disse Lee Scoresby.

— Não, vocês dois estão errados — contestou o barman. — E eu sei, porque quem me contou foi um esquimó que estava com ele na ocasião. Parece que estavam acampados em algum lugar de Sakhalin e aconteceu uma avalanche. Grumman ficou soterrado por toneladas de pedra. O esquimó viu acontecer.

— O que eu não entendo é o que o sujeito estava fazendo — comentou Lee Scoresby, passando a garrafa para a roda. — Procurando óleo pétreo, talvez? Ou ele era militar? Ou era alguma coisa científica? Você falou em medidas, Sam. O que seria isso?

— Estava medindo a luz das estrelas. E a aurora boreal. Ele tinha paixão pela aurora boreal. Mas seu maior interesse eram ruínas, eu acho. Coisas antigas.

— Sei quem poderia lhe contar mais coisas — disse o caçador de focas. — No alto da montanha existe um observatório que pertence à Academia Imperial Moscovita. Lá eles saberão informar. Sei que ele subiu até lá mais de uma vez.

— Afinal, por que você quer saber, Lee? — perguntou Sam Cansino.

— Ele me deve dinheiro — respondeu Lee Scoresby.

Essa explicação foi tão satisfatória que a curiosidade dos outros cessou na mesma hora. A conversa mudou de rumo, e o novo assunto estava na boca de todos: as mudanças catastróficas que estavam ocorrendo e que ninguém conseguia ver.

— Os pescadores, eles dizem que se pode navegar direto até esse mundo novo — declarou o caçador de focas.

— Existe um mundo novo? — perguntou Lee.

— Assim que essa maldita neblina clarear, vamos enxergar esse tal mundo — afirmou o caçador de focas, dando um tom confidencial à declaração. — Quando aconteceu, eu estava no meu caiaque olhando para o norte, por acaso. Nunca vou esquecer o que vi. Em vez de a terra se curvar no horizonte, ela continuava reta. Eu enxergava longe, e só via terra e costa, montanhas, portos, árvores verdes e campos de milho, infindavelmente, no céu. Eu lhes digo, amigos, valeu a pena trabalhar cinquenta anos para ver aquilo. Eu teria remado para o céu naquele mar calmo, sem olhar para trás; mas então veio a neblina...

— Nunca vi uma névoa como essa — resmungou Sam Cansino. — Parece que vai ficar um mês inteiro, talvez mais. Mas você está sem sorte se pretende receber dinheiro de Stanislaus Grumman, Lee; o cara morreu.

— Ah, lembrei o nome tártaro que ele usava! — exclamou o caçador de focas. — Acabei de me lembrar de como ele era chamado durante a perfuração. Algo como “Jopari”.

— Jopari? Nunca ouvi esse nome — comentou Lee. — Deve ser nipônico, imagino. Bom, se quero meu dinheiro, talvez eu possa procurar os herdeiros dele. Ou talvez a Academia de Berlim possa pagar a dívida. Vou perguntar no observatório, ver se eles têm um endereço que eu possa procurar.

O observatório ficava a alguma distância para o norte; Lee Scoresby alugou um trenó puxado por cães e contratou um guia. Não foi fácil encontrar alguém disposto a se arriscar a viajar na neblina, mas Lee era convincente, ou seu dinheiro era, e finalmente, depois de uma longa negociação, um velho tártaro da região do Ob concordou em ir com ele.

Felizmente o guia não se orientava pela bússola, pois seria impossível usá-la. Ele navegava por outros sinais — seu daemon-raposa-polar, por exemplo, que ficava sentado na frente do trenó farejando atentamente o caminho. Lee, que levava sua bússola consigo para toda parte, já tinha constatado que o campo magnético da Terra estava tão perturbado quanto todo o restante.

Quando pararam para fazer um café, o velho guia disse:

— Já aconteceu antes, essa coisa.

— O quê? O céu se abrir? Isso já aconteceu antes?

— Há muitas milhares de gerações. Meu povo lembra. Muito tempo atrás, muitas milhares de gerações.

— O que falam?

— O céu abre e os espíritos passam entre este mundo e o outro. Todas as terras se movem. O gelo derrete, depois torna a congelar. Os espíritos fecham o buraco depois de um tempo. E selam. Mas as feiticeiras dizem que lá o céu é fino, atrás das luzes do Norte.

— O que vai acontecer, Umaq?

— A mesma coisa que antes. Tudo igual outra vez. Mas só depois de grande perturbação, grande guerra. Guerra de espíritos.

O guia não quis dizer mais, e logo seguiram viagem, percorrendo lentamente ondulações, crateras e erupções de pedra escura na névoa clara, até que o velho disse:

— Observatório lá em cima. Agora você anda. Caminho ruim para trenó. Se quer voltar, espero aqui.

— É, vou querer voltar quando terminar, Umaq. Faça uma fogueira, amigo, e descanse um pouco. Vou levar três, quatro horas, talvez.

Lee Scoresby partiu, com Hester dentro do casaco, e depois de meia hora de árdua subida se deparou com um conjunto de edificações que pareciam ter sido colocadas ali pelas mãos de um gigante. Mas o efeito se devia apenas a uma clareira momentânea na neblina, e depois de um minuto ela tornou a se fechar. Ele viu o grande domo do observatório principal, um domo menor ali perto e, entre os dois, um grupo de prédios de administração e alojamento de empregados. Não havia luz alguma, pois as janelas eram permanentemente vedadas para manter a escuridão necessária aos seus telescópios.

Alguns minutos depois de sua chegada, Lee estava conversando com um grupo de astrônomos ansiosos por qualquer notícia que ele pudesse lhes trazer, e poucos filósofos naturais ficavam tão frustrados quanto um astrônomo durante uma neblina. Ele lhes contou tudo o que tinha visto e, esgotado o assunto, pediu notícias de Stanislaus Grumman. Os astrônomos, que havia semanas não recebiam uma visita, falaram de bom grado.

— Grumman? Ah, sim, vou lhe contar uma coisa sobre ele — disse o diretor. — Ele era inglês, apesar do nome. Eu lembro...

— Claro que não — contestou o vice-diretor. — Ele era membro da Academia Imperial Alemã. Eu o conheci em Berlim. Eu tinha certeza de que ele era alemão.

— Não. Acho que você vai descobrir que ele era inglês. Seu domínio desse idioma era impecável — replicou o diretor. — Mas concordo, ele certamente era membro da Academia de Berlim. Era um geólogo...

— Não, está enganado — disse outra pessoa. — Ele de fato estudava a Terra, mas não como geólogo. Tive uma longa conversa com ele, certa vez. Acho que poderíamos chamá-lo de paleoarqueólogo.

Os cinco estavam sentados em volta de uma mesa no aposento que servia de salão, refeitório, bar, sala de recreação e mais ou menos todo o resto. Dois eram russos, um era polonês, um era iorubá e o outro, escraelingue. Lee Scoresby sentia que a pequena comunidade ficava feliz ao receber uma visita, nem que fosse porque pelo menos proporcionava uma mudança na conversa. O polonês

tinha sido o último a falar, e então o iorubá perguntou:

— O que quer dizer paleoarqueólogo? Os arqueólogos já estudam o que é velho; por que é preciso colocar um prefixo que também significa “velho”?

— O campo de estudo dele recuava muito mais do que seria de se esperar, é isso. Ele estava procurando vestígios de civilizações de vinte a trinta mil anos atrás — respondeu o polonês.

— Besteira! — exclamou o diretor. — Total idiotice! O camarada estava brincando com você. Civilizações há trinta mil anos? Ora! Onde estão as provas?

— Debaixo do gelo — respondeu o polonês. — O problema é esse. Segundo Grumman, o campo magnético da Terra mudou drasticamente várias vezes no passado, e até o eixo da Terra se moveu, de modo que regiões temperadas ficaram cobertas de gelo.

— Como assim? — quis saber o iorubá.

— Ah, ele tinha uma teoria complicada. O caso é que qualquer evidência que possa haver de antigas civilizações está há muito tempo coberta pelo gelo. Ele dizia ter fotogramas de formações rochosas incomuns...

— Ah! Isso é tudo? — resmungou o diretor.

— Só estou dizendo o que sei, não estou defendendo o sujeito — replicou o polonês.

— Há quanto tempo vocês conhecem Grumman? — perguntou Lee Scoresby.

— Bem, deixe-me ver... Faz sete anos que eu o conheço — disse o diretor.

— Ele criou fama um ou dois anos antes disso, com seu trabalho sobre as variações do polo magnético — contou o iorubá. — Mas veio do nada. Quer dizer, ninguém o conheceu na época de estudante nem viu qualquer trabalho seu anterior a esse...

Conversaram durante algum tempo, trocando lembranças e o que cada um achava sobre o que teria acontecido com Grumman, embora a maioria deles acreditasse que ele estava morto. Enquanto o polonês foi fazer mais café, Hester, o daemon-lebre de Lee, cochichou:

— Sonde o escraelingue, Lee.

O escraelingue tinha falado pouco. Lee imaginara que ele era do tipo calado, mas, incentivado por Hester, no primeiro intervalo da conversa, ele olhou de modo casual e viu o daemon do sujeito, uma coruja branca, lhe lançando um olhar malévolo com seus olhos de um alaranjado vivo. Bem, essa era mesmo a

aparência das corujas, elas realmente encaravam as pessoas — mas Hester tinha razão, havia no daemon hostilidade e suspeita, que não transpareciam no rosto do homem.

E então Lee percebeu outra coisa: o escraelingue usava um anel com o símbolo da Igreja. De repente ele entendeu a razão do silêncio. Ouvira dizer que todo estabelecimento de pesquisa científica tinha que incluir na equipe um representante do Magisterium para atuar como censor e reprimir as notícias de qualquer descoberta herética.

Percebendo isso, e recordando algo que ele tinha ouvido Lyra dizer, Lee perguntou:

— Senhores, por acaso sabem se Grumman alguma vez estudou a questão do Pó?

E imediatamente fez-se silêncio no aposento abafado, e a atenção de todos se voltou para o escraelingue, embora ninguém tenha olhado diretamente para ele. Lee sabia que Hester ficaria impassível, com os olhos semicerrados e as orelhas estendidas sobre as costas. E ele próprio fez uma expressão de jovialidade inocente enquanto olhava de um rosto para outro.

Finalmente fixou o olhar no escraelingue e perguntou:

— Perdão. Será que perguntei alguma coisa proibida?

O escraelingue perguntou de volta:

— Onde ouviu mencionarem esse assunto, sr. Scoresby?

— Foram uns passageiros que transportei há algum tempo — respondeu Lee, com naturalidade. — Eles não disseram o que era, mas pelo modo como falavam parecia o tipo de coisa que o dr. Grumman poderia ter estudado. Entendi que era alguma coisa celestial, como a aurora boreal. Mas achei estranho, porque, como aeróstata, conheço muito bem os céus, e nunca vi essa coisa. O que é, afinal?

— Como você disse, um fenômeno celestial — respondeu o escraelingue. — Não tem a menor importância prática.

Finalmente Lee achou que era hora de partir; não descobrira mais nada e não queria deixar Umaq esperando. Deixou os astrônomos no observatório cercado de névoa e começou a descer a trilha invisível, acompanhando Hester, cujos olhos estavam mais perto do chão.

E depois de dez minutos na trilha, alguma coisa passou pela cabeça dele na neblina e mergulhou sobre Hester. Era o daemon-coruja do escraelingue.

Hester, no entanto, pressentiu o ataque e se atirou no chão bem na hora, escapando por pouco das garras da coruja. Hester sabia lutar: também tinha garras afiadas, e era forte e corajosa. Lee sabia que o escraelingue devia estar por perto, e pegou o revólver no cinto.

— Atrás de você, Lee — disse Hester, e ele girou, mergulhando; uma flecha assobiou perto do seu ombro.

Atirou imediatamente. O escraelingue caiu, gemendo, quando a bala atingiu sua perna. Logo em seguida, o daemon-coruja, girando no ar com suas asas silenciosas, mergulhou e caiu ao lado dele, ficando ali na neve, lutando para fechar as asas.

Lee Scoresby armou a pistola e a manteve junto à testa do outro.

— Certo, seu maldito idiota — disse. — Por que tentou fazer uma coisa dessas? Não vê que estamos todos com o mesmo problema, agora que aconteceu esse negócio no céu?

— É tarde demais — declarou o escraelingue.

— Tarde demais para quê?

— Tarde demais para impedir. Já mandei um pássaro mensageiro. O Magisterium vai ficar sabendo das suas perguntas, e vão ficar contentes em saber sobre Grumman...

— O que tem ele?

— Saber que outras pessoas estão procurando por ele. Isso confirma o que pensávamos. E que outras pessoas sabem do Pó. Você é um inimigo da Igreja, Lee Scoresby. Pelos frutos os conhecereis. Por suas perguntas vereis a serpente devorando o coração deles...

A coruja gemia fracamente, erguendo e baixando as asas. Seus olhos brilhantes estavam nublados de dor. Havia uma poça vermelha na neve em volta do escraelingue: mesmo no meio da névoa Lee via que o outro ia morrer.

— Pelo jeito, a bala deve ter atingido uma artéria — disse. — Solte o meu braço para eu fazer um torniquete.

— Não! — bradou o escraelingue. — Estou feliz por morrer! Terei a palma do martírio! Você não vai impedir isso!

— Então morra, se quiser. Só me diga uma coisa...

Mas Lee Scoresby não teve tempo de completar a pergunta, porque com um leve estremecimento a coruja desapareceu: a alma do escraelingue tinha partido.

Lee tinha visto certa vez um quadro em que um santo da Igreja estava sendo atacado por assassinos. Enquanto eles espancavam seu corpo moribundo, o daemon do santo era levado para o céu por querubins, recebendo uma palma, o símbolo do martírio. O rosto do escraelingue tinha agora a mesma expressão do santo naquele quadro: um êxtase intenso, uma ânsia pelo esquecimento. Lee soltou-o com desagrado.

Hester fez um muxoxo.

— Devia ter imaginado que ele mandaria uma mensagem — disse ela. — Pegue o anel dele.

— Para quê, droga? Não somos ladrões; ou somos?

— Não, somos renegados — disse ela. — Não por escolha nossa, mas por causa da maldade dele. De qualquer maneira estaremos perdidos quando a Igreja tomar conhecimento do que houve. Enquanto isso, vamos obter todas as vantagens que pudermos. Ande logo, pegue o anel e esconda, pode ser que nos seja útil.

Lee compreendeu que ela tinha razão e retirou o anel do dedo do cadáver. Sondando a neblina, ele viu que a trilha tinha de um lado um precipício, e rolou para lá o corpo do escraelingue. Demorou algum tempo até ouvir o impacto do corpo no solo lá embaixo. Lee nunca gostou de violência e odiava matar, embora por três vezes já tivesse sido obrigado a isso.

— Não adianta pensar nisso — interveio Hester. — Ele não nos deu alternativa, e não atiramos para matar. Droga, Lee, ele queria morrer. Essa gente é louca.

— Acho que tem razão — concordou ele, guardando a pistola.

No fim da trilha encontraram o guia com os cachorros já arreados e prontos para a partida.

Enquanto partiam de volta para o posto de embalagem de pescado, Lee perguntou:

— Umaq, você já ouviu falar de um homem chamado Grumman?

— Ah, claro — disse o guia. — Todo mundo conhece o dr. Grumman.

— Sabia que ele tinha um nome tártaro?

— Tártaro, não. Está falando de Jopari? Não é tártaro.

— Que foi que aconteceu com ele? Morreu?

— Se o senhor me pergunta isso, tenho que dizer que não sei. Portanto, nunca

vai saber a verdade por mim.

— Entendo. Então a quem posso perguntar?

— Melhor perguntar na tribo dele. Melhor ir até o Yenisei, perguntar a eles.

— A tribo dele... Está falando dos que o iniciaram? Que perfuraram o crânio dele?

— É. Melhor perguntar a eles. Talvez não tenha morrido, talvez tenha. Talvez nem morto, nem vivo.

— Como é que ele pode estar nem morto nem vivo?

— No mundo dos espíritos. Talvez esteja no mundo dos espíritos. Já falei demais. Agora não falo mais.

E não falou.

Mas, quando voltaram ao posto, Lee foi logo às docas procurar um barco que pudesse levá-lo à foz do Yenisei.

Enquanto isso, as feiticeiras também estavam procurando. A rainha Ruta Skadi da Letônia voou na companhia de Serafina Pekkala por muitos dias e noites, através da névoa e dos redemoinhos, passando por regiões devastadas por enchentes e avalanches. O certo era que estavam em um mundo que nenhuma delas conhecia, com ventos misteriosos, perfumes estranhos no ar, grandes pássaros desconhecidos que as atacavam e tinham que ser afastados com rajadas de flechas. E quando encontravam terra para descansar, as próprias plantas eram estranhas.

Mesmo assim algumas dessas plantas eram comestíveis, e havia pequenas criaturas, não muito diferentes de coelhos, que proporcionavam uma refeição saborosa, e não faltava água. Poderia ser um bom lugar para se morar, se não fossem as formas espectrais que vagavam como névoa acima das campinas e se reuniam perto de regatos ou lagos. Em certas condições luminosas elas quase não apareciam, visíveis apenas como uma cascata de luz, uma evanescência rítmica, como véus de transparência girando diante de um espelho. As feiticeiras nunca tinham visto algo assim e ficaram cheias de suspeitas.

— Acha que estão vivas, Serafina Pekkala? — perguntou Ruta Skadi enquanto voavam em círculos nas alturas acima de um grupo daquelas coisas, que estavam imóveis na borda de um trecho de floresta.

— Vivas ou mortas, são cheias de maldade — respondeu Serafina. — Sinto

isso daqui. E não quero chegar mais perto sem saber qual tipo de arma pode acabar com elas.

Os Espectros pareciam presos ao chão, sem o poder de voar, para sorte das feiticeiras. Mais tarde, nesse mesmo dia, elas viram o que os Espectros podiam fazer.

Aconteceu junto a uma área de travessia de um rio, onde uma estrada empoeirada cruzava uma ponte baixa de pedra ao lado de algumas árvores. O sol do fim da tarde caía em raios oblíquos sobre a campina, realçando a cor verde intensa do chão e o dourado embaciado do ar, e, àquela rica luz oblíqua, as feiticeiras avistaram um bando de viajantes atravessando a ponte, alguns a pé, alguns em carroças puxadas por cavalos, dois deles cavalgando. Não haviam visto as feiticeiras, pois não tinham motivo para olhar para cima, mas eram as primeiras pessoas que as feiticeiras viam naquele mundo, e Serafina estava prestes a descer para falar com eles quando se ouviu um grito de alarme.

Veio do cavaleiro que ia à frente. Ele apontava para as árvores, entre as quais as feiticeiras viram várias daquelas formas espectrais se espalhando pela campina, parecendo deslizar sem esforço na direção de suas presas — os viajantes.

Todos debandaram. Serafina ficou chocada ao ver o líder dar meia-volta e fugir galopando, sem ficar para ajudar os companheiros. O segundo cavaleiro o imitou, fugindo com toda a rapidez em outra direção.

— Voem mais baixo e observem, irmãs — instruiu Serafina Pekkala. — Mas não façam nada até eu mandar.

Viram que no pequeno bando havia crianças também, algumas viajando nas carroças, outras caminhando ao seu lado. E estava claro que as crianças não conseguiam ver os Espectros, e os Espectros não estavam interessados nelas: em vez disso, iam na direção dos adultos. Uma mulher idosa sentada em uma carroça estava com duas crianças no colo, e Ruta Skadi ficou furiosa com a covardia: a mulher tentava se esconder atrás delas, empurrando-as para a frente, na direção do Espectro que se aproximara, como se as oferecesse para salvar a própria pele.

As crianças escaparam da mulher e saltaram da carroça. Agora, como as outras crianças, corriam assustadas de um lado para outro, ou se juntavam em grupos, chorando, enquanto os Espectros atacavam os adultos. A anciã na

carroça logo foi envolvida por um brilho transparente que se mexia sem parar, alimentando-se de alguma maneira invisível que deixou Ruta Skadi mal só de ver. O mesmo destino coube a todos os adultos do grupo, com exceção dos dois que tinham fugido a cavalo.

Fascinada e horrorizada, Serafina Pekkala desceu ainda mais. Havia um pai que tentara atravessar o rio para fugir com o filho, mas um Espectro os alcançara, e, enquanto a criança se agarrava às costas do homem, chorando, ele parou, com água até a cintura, indefeso.

O que estava acontecendo com ele? Serafina pairou acima da água a poucos metros de distância, observando, aterrorizada. Ouvira a lenda do vampiro de viajantes de seu próprio mundo e pensou nela enquanto observava o Espectro se alimentando de... alguma coisa, alguma propriedade que aquele homem tinha, sua alma, talvez seu daemon; pois naquele mundo, evidentemente, os daemons ficavam dentro das pessoas. Os braços do homem perderam as forças e a criança caiu na água ao lado dele; ela tentava em vão segurar a mão do pai, soluçando, chorando, mas o homem simplesmente girou a cabeça devagar e encarou, com absoluta indiferença, enquanto o filho se afogava ao seu lado.

Aquilo era demais para Serafina. Ela baixou ainda mais e tirou a criança da água; nisso Ruta Skadi gritou:

— Cuidado, irmã! Atrás de você...

E Serafina sentiu por um instante uma terrível apatia no coração e estendeu a mão para a de Ruta Skadi, que a puxou para fora do perigo. Voaram mais alto, a criança gritando, agarrada à sua cintura com dedos fortes, e Serafina viu o Espectro atrás dela, uma lufada de névoa girando sobre a água, sem dúvida procurando sua presa perdida. Ruta Skadi desfechou uma flecha para o meio daquela coisa, sem qualquer efeito.

Serafina colocou a criança na margem do rio, certificando-se de que ela não corria perigo, e tornaram a levantar voo. O pequeno bando de viajantes não iria mais prosseguir viagem; os cavalos pastavam na grama ou sacudiam a cabeça por causa das moscas, as crianças choravam e se agarravam umas às outras, observando de longe, e nenhum adulto se mexia. Estavam com os olhos abertos; alguns estavam de pé, embora a maioria tivesse se sentado; e sobre eles pairava uma terrível imobilidade. Quando o último dos Espectros deslizou para longe, saciado, Serafina pousou diante de uma mulher sentada na grama, uma jovem

forte e de aparência saudável, de faces vermelhas e cabelo louro e brilhante.

— Mulher, está me ouvindo? — chamou Serafina. Não houve resposta. — Está me vendo?

Sacudiu a mulher pelo ombro. Com um esforço imenso a mulher ergueu o olhar. Mal parecia consciente. Tinha os olhos vagos e, quando Serafina beliscou o braço dela, simplesmente baixou os olhos devagar e depois olhou para outra direção.

As outras feiticeiras andavam pelas carroças dispersas, acudindo as vítimas. Enquanto isso, as crianças se reuniam em uma pequena elevação a certa distância, observando as feiticeiras e cochichando, cheias de medo.

— O cavaleiro está vigiando — disse uma feiticeira.

Ela apontou para o lugar onde a estrada passava por um desfiladeiro. O cavaleiro que fugira tinha parado ali a fim de olhar para trás, protegendo os olhos com as mãos para enxergar melhor.

— Vamos falar com ele — disse Serafina, lançando-se ao ar.

Apesar do comportamento do homem diante dos Espectros, ele não era covarde: ao ver as feiticeiras se aproximando, pegou o rifle e cutucou o cavalo para que o animal avançasse para a campina onde poderia enfrentá-las em terreno aberto. Mas Serafina Pekkala pousou devagar e estendeu o arco à frente antes de colocá-lo no solo diante de si.

Mesmo que esse gesto não fosse conhecido ali, seu significado era inconfundível. O homem baixou o rifle e esperou, olhando para Serafina e as outras feiticeiras, e para os daemons delas, que voavam em círculos lá em cima. Mulheres jovens, de aparência feroz, vestidas de farrapos de seda negra e cavalgando ramos de pinheiro pelo céu — não havia coisa assim no mundo dele, mas o homem as enfrentou com uma cautelosa tranquilidade. Ao chegar mais perto, Serafina viu também dor no rosto dele, além de força. Era difícil combinar isso com sua atitude, fugindo enquanto os outros eram atacados.

— Quem são vocês? — perguntou ele.

— Meu nome é Serafina Pekkala. Sou a rainha das feiticeiras do lago Enara, que fica em outro mundo. Qual é o seu nome?

— Joachim Lorenz. A senhora disse feiticeiras? Então têm trato com o diabo?

— Se tivéssemos, isso faria de nós suas inimigas?

Ele pensou por alguns instantes e acomodou o rifle sobre o colo.

— Podia ser que sim, tempo atrás, mas os tempos mudaram. Por que vieram para este mundo?

— Porque os tempos mudaram. Que criaturas são aquelas que atacaram o seu grupo?

— Bem, os Espectros... — disse ele, dando de ombros, espantado. — Não conhecem os Espectros?

— Nunca vimos no nosso mundo. Presenciamos a sua fuga e ficamos sem saber o que pensar. Agora entendo.

— Não há defesa contra eles — disse Joachim Lorenz. — Só as crianças estão a salvo. Diz a lei que cada grupo de viajantes tem que incluir um homem e uma mulher a cavalo, e eles têm que fazer o que fizemos, senão as crianças não terão quem cuide delas. Mas os tempos estão difíceis agora; as cidades estão cheias de Espectros, e antes não havia mais que uma dúzia em cada lugar.

Ruta Skadi olhava ao redor. Viu o outro cavaleiro voltando na direção das carroças e percebeu que se tratava, na verdade, de uma mulher. As crianças correram ao seu encontro.

— Mas me diga o que estão procurando — prosseguiu Joachim Lorenz. — Não me respondeu antes. Não teriam vindo sem motivo. Responda agora.

— Estamos procurando uma criança, uma menina do nosso mundo — contou Serafina. — O nome dela é Lyra Belacqua, chamada também de Lyra da Língua Mágica. Mas não fazemos ideia de onde ela possa estar. Não viu nenhuma menina desconhecida, sozinha?

— Não. Mas na outra noite vimos anjos indo para o Polo.

— Anjos?

— Batalhões de anjos no ar, com armaduras brilhantes. Nos últimos anos eles não têm sido tão comuns, embora costumassem passar com frequência através deste mundo, no tempo do meu avô; pelo menos era o que ele nos contava.

O homem protegeu os olhos com a mão e olhou na direção das carroças. A mulher a cavalo tinha desmontado e estava consolando algumas crianças.

Serafina seguiu o olhar dele e perguntou:

— Se acamparmos com vocês hoje à noite e ficarmos vigiando os Espectros, você nos contará mais sobre este mundo e os anjos que viu?

— Com certeza. Venham comigo.

As feiticeiras ajudaram a levar as carroças para mais adiante na estrada, do outro lado da ponte e longe das árvores das quais os Espectros tinham saído. Os adultos atacados tinham que ficar onde estavam, embora fosse doloroso ver uma criancinha agarrada à mãe que não lhe respondia mais, ou outra puxando a manga do pai que não dizia coisa alguma e encarava o nada com olhos vazios. As crianças mais novas não conseguiam entender por que tinham que abandonar os pais; as mais velhas, algumas das quais já tinham perdido os pais e presenciado esse tipo de coisa, estavam simplesmente chocadas e emudecidas. Serafina pegou no colo o menininho que tinha caído no rio e que chamava pelo pai, e ele estendeu a mão por cima do ombro da feiticeira na direção da figura silenciosa ainda parada dentro da água, indiferente. Serafina sentia as lágrimas dele em sua pele.

A mulher a cavalo, que usava grosseiras calças de lona e cavalgava com vigor, não falou com as feiticeiras. Tinha uma expressão infeliz no rosto. Levava as crianças, falando com elas de um modo severo, ignorando suas lágrimas. O sol da tarde enchia o ar de uma luz dourada na qual cada detalhe era claro e nada era ofuscante, e as crianças, o homem e a mulher tinham feições que pareciam imortais, fortes e belas.

Mais tarde, enquanto as brasas de uma fogueira brilhavam em um círculo de pedras sujas de cinza e os grandes montes se mostravam tranquilos ao luar, Joachim Lorenz contou a Serafina e a Ruta Skadi a história do seu mundo.

Já tinha sido um mundo feliz. As cidades eram espaçosas e elegantes, os campos eram férteis e bem cuidados. Navios mercantes atravessavam os mares azuis e pescadores traziam redes repletas de bacalhau e atum, perca e tainha. Nas florestas, a caça abundava, e nenhuma criança passava fome. Nas ruas e praças das grandes cidades, embaixadores do Brasil e de Benin, da Irlanda e da Coreia se misturavam a vendedores de tabaco, a atores de comédia de Bérgamo, a vendedores de bilhetes da sorte. À noite, amantes mascarados se encontravam nos jardins iluminados por lamparinas, e o ar recendia a jasmim e vibrava com a música das cordas do mandarone.

As feiticeiras escutavam de olhos arregalados aquela história de um mundo tão parecido com o seu, no entanto tão diferente.

— Mas não deu certo — continuou ele. — Há trezentos anos alguma coisa deu errado. Algumas pessoas acham que a Guilda da Torre degli Angeli, a Torre

dos Anjos, uma guilda de filósofos, na cidade que acabamos de deixar, é a culpada. Outros dizem que foi um castigo por algum grande pecado, embora ninguém saiba dizer ao certo qual seria. Mas de repente surgiram os Espectros, e desde então somos caçados. Vocês viram o que eles podem fazer; agora imaginem o que é viver em um mundo com Espectros. Como podemos prosperar, quando não podemos contar que alguma coisa continue como era? A qualquer momento um pai pode ser atacado, ou uma mãe, e a família se desfaz; um mercador pode ser atacado, e sua empresa fracassa, e todos os seus funcionários perdem o emprego; e como os amantes podem confiar em seus votos de amor? Toda a confiança e toda a virtude abandonaram o nosso mundo quando os Espectros chegaram.

— Quem são esses filósofos? — perguntou Serafina. — E onde fica essa torre?

— Na cidade da qual acabamos de sair, Cittàgazze. A cidade das gralhas. Sabe por que tem esse nome? Porque as gralhas roubam, e é só isso que podemos fazer agora. Nada criamos, nada construímos há centenas de anos, tudo o que podemos fazer é roubar de outros mundos. Ah, sim, temos conhecimento dos outros mundos. Aqueles filósofos da Torre degli Angeli descobriram tudo o que precisamos saber sobre o assunto. Eles têm um feitiço que o indivíduo, quando o pronuncia, consegue atravessar uma porta que não existe, e passa para outro mundo. Alguns dizem que não é um feitiço, mas uma chave que consegue abrir até mesmo quando não há fechadura. Quem sabe? Seja como for, isso deixou os Espectros entrarem. E os filósofos ainda o usam, pelo que sei. Eles passam para outros mundos, roubam deles e trazem o que encontram. Ouro e joias, é claro, mas outras coisas também, como ideias, sacos de milho, lápis. São a fonte de toda a nossa riqueza, essa guilda de ladrões — concluiu com amargura.

— Por que os Espectros não fazem mal às crianças? — quis saber Ruta Skadi.

— Este é o maior mistério de todos. Na inocência das crianças existe algum poder que repele os Espectros da Indiferença. Só que é mais do que isso. As crianças simplesmente não os enxergam, embora não possamos saber por quê. Nunca descobrimos. Mas são comuns os órfãos dos Espectros. Como vocês podem imaginar, crianças cujos pais foram atacados. Elas se juntam e andam por aí em bandos, e às vezes trabalham para os adultos, procurando comida e outras coisas necessárias em áreas cheias de Espectros, e às vezes simplesmente vagam

por aí sem rumo, saqueando. — Ele fez uma pausa, depois continuou: — Assim é o nosso mundo. Ah, nós damos um jeito de viver com essa maldição. Eles são verdadeiros parasitas: não matam a presa, embora retirem dela quase toda a vida. Mas havia certo equilíbrio até recentemente, até a grande tempestade. Foi uma tempestade fortíssima; parecia que o mundo inteiro estava rachando e se esfacelando; ninguém se lembra de ter visto uma igual. Depois veio a névoa, que durou muitos dias e cobriu todo o mundo que conhecemos, e ninguém podia viajar. E, quando a névoa clareou, as cidades estavam cheias de Espectros, centenas e milhares deles. Então fugimos para as montanhas e para o mar, mas dessa vez não há como escapar deles, aonde quer que a gente vá. Como vocês mesmas viram. Agora é a sua vez: me contem como é o seu mundo e por que o deixaram para vir para cá.

Serafina contou toda a verdade — ele era um homem honesto, e não era necessário lhe esconder qualquer coisa. Ele escutou com atenção, balançando a cabeça de espanto, e disse, quando ela terminou:

— Eu lhes falei do poder que dizem que os nossos filósofos têm de abrir o caminho para outros mundos; bem, algumas pessoas acham que eles às vezes deixam uma porta aberta, por esquecimento. Eu não ficaria surpreso se de tempos em tempos viajantes de outros mundos encontrassem o caminho para cá. Sabemos que os anjos passam, afinal.

— Anjos? — repetiu Serafina Pekkala. — Você já os mencionou. Nunca ouvimos falar em anjos. Quem são eles?

— Quer saber sobre anjos? Muito bem. Eles se dão o nome de *bene elim*, pelo que eu soube. Algumas pessoas os chamam de Vigilantes. Não são seres de carne e osso como nós, são seres de espírito; ou talvez a carne e o osso deles sejam mais etéreos que os nossos, mais leves e mais claros, não sei dizer; mas não são como nós. Transportam mensagens dos céus, essa é a missão deles. Às vezes os vemos no céu, passando através deste mundo a caminho de outro, brilhando como vaga-lumes bem lá no alto. Em uma noite sossegada, é possível até ouvir o ruflar das asas deles. Eles têm preocupações diferentes das nossas, embora nos tempos antigos eles descessem e tratassem com homens e mulheres, e também se acasalassem conosco, dizem alguns.

“E quando veio a névoa, depois da grande tempestade, eu estava encurralado nas montanhas atrás da cidade de Sant’Elia, a caminho de casa. Me abriguei na

cabana de um pastor junto a uma nascente, ao lado de um bosque de bétulas, e durante toda a noite ouvi vozes vindas lá do alto, na neblina, gritos de susto e de raiva, e batidas de asas também, mais perto do que eu jamais tinha ouvido. E quase no amanhecer ouvi o som de combate, o silvar de flechas e o clangor de espadas. Mas não ousei sair para investigar, pois tive medo, mesmo estando muito curioso. Eu estava totalmente apavorado, se querem saber. Quando o céu ficou o mais claro possível naquela névoa, me aventurei a olhar para fora e vi uma figura enorme caída, ferida, perto da nascente. Eu sentia que estava vendo coisas que não tinha o direito de ver: coisas sagradas. Tive que desviar os olhos, e quando tornei a olhar a figura tinha sumido.

"Foi o mais perto que já estive de um anjo. Mas, como lhes contei, nós os vimos outra noite, bem no alto, entre as estrelas, indo para o Polo, como uma frota de navios de guerra poderosos... Alguma coisa está acontecendo, e aqui embaixo não sabemos o que pode ser. Poderia ser uma guerra prestes a explodir. Certa vez houve uma guerra no céu, há milhares de anos, mas não sei como terminou. Não seria impossível haver outra. Mas a destruição seria enorme, e as consequências para nós... Não consigo nem imaginar."

Ele se ergueu para avivar o fogo.

— Mas esse desfecho pode ser melhor do que imagino — continuou. — Pode ser que uma guerra no céu leve os Espectros deste mundo de volta para o fosso de onde saíram. Que bênção seria, ah, como viveríamos felizes, livres dessa praga terrível!

Mas Joachim Lorenz, contemplando as chamas, parecia tudo, menos esperançoso. A luz tremeluzente lançava sombras que se moviam em seu rosto, mas não modificavam suas feições; ele parecia triste e sombrio.

Ruta Skadi perguntou então:

— O Polo, senhor. Disse que esses anjos iam para o Polo; sabe por que fariam isso? É lá que fica o céu?

— Não sei. Não sou um homem sábio, isso se percebe facilmente. Mas o norte do nosso mundo, bem, dizem que lá é a morada dos espíritos. Se os anjos estivessem se reunindo, é para lá que iriam e, se pretendessem atacar o céu, acho que é lá que construiriam sua fortaleza, de onde partiriam para o ataque.

Ele ergueu os olhos e as feiticeiras seguiram seu olhar. As estrelas neste mundo eram as mesmas do mundo delas: a Via Láctea brilhava cruzando o domo

do céu, inúmeros pontos de luz empoeiravam a escuridão, e seu brilho era quase tão forte quanto o da Lua...

— Senhor, já ouviu falar no Pó? — perguntou Serafina.

— Pó? Imagino que esteja falando de outra coisa, não da poeira das estradas. Não, nunca ouvi. Mas, vejam, lá vai uma tropa de anjos...

Ele apontou para a constelação de Ofiúco. E de fato alguma coisa se movia através dela — um pequeno grupo de seres iluminados. E eles não vagavam a esmo, mas se movimentavam com o voo determinado dos gansos ou dos cisnes.

Ruta Skadi ficou de pé.

— Irmã, é hora de me separar de você — disse ela a Serafina. — Vou subir lá e falar com esses anjos, seja lá o que forem. Se vão até lorde Asriel, irei com eles. Se não, vou continuar procurando sozinha. Obrigada pela sua companhia, e boa sorte.

Beijaram-se, e Ruta Skadi pegou seu ramo de pinheiro-nubígeno, saltando para o ar. Seu daemon Sergi, um rouxinol, a acompanhou.

— Vamos voar alto? — perguntou ele.

— Até a altitude daqueles voadores luminosos em Ofiúco. Eles estão indo depressa, Sergi. Vamos alcançá-los!

Ela e o daemon subiram velozmente, voando mais depressa do que as fagulhas de uma fogueira, o ar soprando através dos raminhos do seu galho de pinheiro-nubígeno e seu cabelo negro como uma esteira atrás dela. Ela não tornou a olhar para a pequena fogueira na imensa escuridão, para as crianças adormecidas e para suas companheiras feiticeiras. Essa etapa da viagem estava encerrada e, de mais a mais, ela ainda não havia se aproximado daquelas criaturas brilhantes à sua frente; se não mantivesse os olhos fixos nelas, poderia facilmente perdê-las naquele enorme cenário de estrelas reluzentes.

Assim, Ruta continuou voando sem perder os anjos de vista e, à medida que se aproximava deles, passou a vê-los mais claramente.

Eles brilhavam, não como se estivessem ardendo, mas como se, onde quer que estivessem e por mais escura que fosse a noite, a luz do sol brilhasse neles. Eram como os humanos, mas tinham asas, e eram muito mais altos. Como estavam nus, a feiticeira conseguia ver que três deles eram do sexo masculino e dois do sexo feminino. Suas asas nasciam nas omoplatas e seu tórax era bastante musculoso. Ruta Skadi ficou atrás deles por algum tempo, observando,

avaliando a força deles, caso fosse necessário lutar contra o grupo. Não estavam armados, mas por outro lado voavam com tranquilidade, sem usar todo o poder, e conseguiriam até voar mais depressa que ela se houvesse uma perseguição.

Preparando o arco, por via das dúvidas, ela avançou e passou a voar ao lado deles, gritando:

— Anjos! Parem e me escutem! Sou a feiticeira Ruta Skadi e quero falar com vocês.

Eles se viraram. Suas grandes asas bateram para dentro, diminuindo a velocidade, e os corpos tomaram a posição vertical até ficarem em pé no ar, onde se mantiveram por meio de curtos movimentos das asas. Cinco figuras enormes brilhando no ar escuro, acesas por um sol invisível, a rodearam.

Ela olhou em volta, sentada em seu galho de pinheiro-nubígeno, orgulhosa e destemida, embora seu coração batesse forte por causa da estranheza de tudo aquilo, e seu daemon se aproximou e se acomodou perto do calor do seu corpo.

Cada anjo era um indivíduo em separado. No entanto, tinha mais coisas em comum com os outros anjos do que com qualquer humano que ela tivesse conhecido. O que tinham em comum era uma manifestação brilhante e dinâmica de inteligência e sentimento, que parecia dominar todos eles simultaneamente. Estavam nus, mas *ela* se sentiu nua sob o olhar deles, tão penetrante, indo tão fundo.

Mesmo assim, Ruta não se envergonhava do que era, de modo que retribuiu de cabeça erguida o olhar deles.

— Então vocês são anjos — disse. — Ou Vigilantes, ou *bene elim*. Aonde vão?

— Estamos atendendo a um chamado — respondeu um.

Ela não tinha certeza de qual deles tinha falado. Poderia ter sido qualquer um, ou todos ao mesmo tempo.

— Chamado de quem? — perguntou ela.

— De um homem.

— De lorde Asriel?

— Poderia ser.

— Por que estão fazendo isso?

— Porque queremos. — Foi a resposta.

— Então, onde quer que lorde Asriel esteja, vocês podem me levar até ele —

ordenou ela.

Ruta Skadi tinha quatrocentos e dezesseis anos e todo o orgulho e o conhecimento de uma feiticeira-rainha adulta. Era muito mais sábia do que qualquer humano vida-curta, mas não tinha a menor ideia de como parecia infantil ao lado daqueles seres imemoriais. Tampouco imaginava até que ponto a consciência deles se espalhava além dela como tentáculos até os cantos mais remotos de universos nunca sonhados por ela; e não fazia ideia de que os enxergava como formas humanas simplesmente porque era isso que seus olhos esperavam; se fosse percebê-los em sua forma verdadeira, eles pareceriam mais uma arquitetura do que um organismo, como imensas estruturas compostas de inteligência e sentimento.

Mas eles esperavam isso mesmo — afinal, ela era muito jovem.

Imediatamente bateram as asas e saltaram para a frente, e ela disparou com eles, surfando na turbulência que as asas provocavam no ar e adorando a velocidade e a força que isso conferia ao seu voo.

Voaram durante toda a noite. As estrelas giravam ao seu redor, e desmaiavam e desapareciam à medida que a aurora subia do leste. O mundo explodiu em luz quando a borda do Sol apareceu, e então passaram a voar por um céu azul e um ar claro, fresco, doce e úmido.

À luz do dia, os anjos eram menos visíveis, embora sua singularidade ficasse óbvia para qualquer um. A luz que permitia que Ruta Skadi os visse ainda não era a do Sol, que agora se erguia no céu, mas de alguma outra fonte, vinda de outro lugar.

Incansavelmente voavam mais e mais, e incansavelmente ela os acompanhava. Sentia uma alegria intensa tomar conta dela por ter à disposição aquelas presenças imortais. E se alegrava por seu sangue e sua carne, pela áspera casca de pinheiro-nubígeno que sentia perto da pele, se alegrava porque seu coração batia e pela vida de todos os seus sentidos, pela fome que agora estava sentindo e pela presença de seu daemon-rouxinol de voz tão doce, pela terra lá embaixo e pela vida de cada criatura, tanto vegetal quanto animal; se deliciava em ser da mesma substância daquilo tudo e em saber que, quando morresse, sua carne iria nutrir outras vidas como elas a tinham nutrido. E se alegrava, também, por estar indo ver novamente lorde Asriel.

Outra noite chegou, e os anjos continuavam a voar. Em certo momento a

qualidade do ar mudou, não para pior ou melhor, mas mudou, e Ruta Skadi percebeu que tinham saído daquele mundo e entrado em outro. Como isso acontecera, ela não tinha a menor ideia.

— Anjos! — chamou, quando sentiu a mudança. — Como foi que deixamos o mundo onde os encontrei? Onde fica a fronteira?

— Existem no ar lugares invisíveis, portas para outros mundos. — Foi a resposta. — Podemos vê-los; você, não.

Ruta Skadi não conseguiu enxergar a porta invisível, nem era necessário: as feiticeiras conseguiam se orientar melhor que os pássaros. Assim que o anjo falou, ela fixou sua atenção em três picos pontiagudos lá embaixo, memorizando sua configuração exata. Agora poderia encontrar de novo a porta, se precisasse, apesar do que os anjos pudessem pensar.

Continuaram voando, e finalmente ela ouviu uma voz de anjo:

— Lorde Asriel está neste mundo, e ali vemos a fortaleza que ele está construindo...

Estavam voando mais devagar, fazendo círculos no céu, como águias. Ruta Skadi olhou para onde um anjo apontava. O primeiro albor tingia o leste, embora todas as estrelas acima brilhassem com a intensidade de sempre contra o veludo profundamente negro dos céus. E na própria borda do mundo, onde a luz aumentava a cada momento, uma grande serra erguia seus picos — aguçados picos de pedra negra, poderosas lajes irregulares e cristas serrilhadas empilhadas de maneira caótica, como ruínas de uma catástrofe universal. Mas no ponto mais alto, que enquanto ela olhava foi tocado e delineado pelos primeiros raios do sol matinal, havia uma estrutura: uma imensa fortaleza cujos parapeitos eram formados por lajes de basalto com a metade da altura de um monte e cuja extensão só podia ser medida em tempo de voo.

Sob essa fortaleza colossal, ardiam fogueiras e chaminés soltavam fumaça na escuridão do início do amanhecer, e, a muitos quilômetros de distância, Ruta Skadi ouviu o som de martelos em atividade e o ruído de grandes oficinas. E ela via grupos de anjos voando para lá, vindos de todas as direções, e não apenas anjos, mas máquinas também; naves com asas de aço deslizando como albatrozes, cabines de vidro sob tremeluzentes asas de libélulas, zepelins que zumbiam como enormes abelhas — todos na direção da fortaleza que lorde Asriel estava construindo nas montanhas no fim do mundo.

— Lorde Asriel está lá? — perguntou ela.

— Está, sim — responderam os anjos.

— Então vamos voar ao encontro dele. Vocês precisam ser minha guarda de honra.

Obedientemente eles abriram as asas e partiram rumo à fortaleza de bordas douradas, com a ansiosa feiticeira voando à frente.

7. O ROLLS ROYCE

Lyra acordou cedo; a manhã era quente e sossegada, como se a cidade nunca tivesse tido outra estação do ano além daquele calmo verão. Ela pulou da cama, desceu a escada e, ao ouvir vozes de crianças na praia, saiu para ver o que elas estavam fazendo.

Em frente ao porto ensolarado, três meninos e uma menina em dois pedalinhos apostavam corrida na água em direção aos degraus. Ao verem Lyra, diminuíram a velocidade, mas logo voltaram à disputa. Os vencedores bateram nos degraus com tanta força que um deles caiu na água, e depois tentou subir para o outro pedalinho, virando-o; ficaram todos brincando dentro d'água como se o terror da noite anterior nunca tivesse acontecido. Pareciam mais novas do que a maioria das crianças que estavam ao pé da torre. Lyra se juntou a elas na água, com Pantalaimon a seu lado na forma de um peixinho brilhante. Nunca tivera dificuldades em se relacionar com outras crianças, e logo estavam todas reunidas em volta dela, sentadas em poças d'água na pedra quentinha, suas camisas secando rapidamente sob o sol. O pobre Pantalaimon teve que voltar para o bolso dela, em forma de sapo, por causa do pano molhado e frio.

— O que vocês vão fazer com aquela gata?

— Vocês conseguem mesmo afastar o azar?

— De onde vocês vieram?

— O seu amigo, ele não tem medo dos Espectros?

— Will não tem medo de nada — afirmou Lyra. — Nem eu. Por que vocês têm medo de gatos?

— Não sabe? — perguntou o menino mais velho, incrédulo. — Os gatos têm

o diabo no corpo, têm mesmo. É preciso matar todo gato que aparecer. Eles mordem, colocam o diabo dentro da gente também. E o que você estava fazendo com aquele bicho enorme?

Ela compreendeu que ele estava falando de Pantalaimon em forma de leopardo e sacudiu a cabeça inocentemente.

— Você deve ter sonhado — disse. — As coisas ficam diferentes ao luar. Mas eu e Will viemos de um lugar que não tem Espectros, então não sabemos muita coisa sobre eles.

— Se você não consegue ver os Espectros, tudo bem, você está segura — explicou um garoto. — Mas, se vir, pode ficar sabendo que eles vão te pegar. Foi o que papai disse, e depois pegaram ele. Daquela vez ele nem viu eles chegarem.

— E eles estão aqui em volta de nós agora?

— É — disse a menina. Ela estendeu a mão e agarrou um punhado de ar, bradando: — Peguei um!

— Eles não conseguem nos machucar — disse um dos garotos. — E nós também não podemos machucar eles.

— E sempre teve Espectros neste mundo? — Lyra quis saber.

— Sempre — disse um dos meninos.

Mas o outro o desmentiu:

— Não. Eles vieram há muito tempo, centenas de anos.

— Vieram por causa da Guilda — disse o terceiro.

— Do quê? — perguntou Lyra.

— Nada disso! — retrucou a menina. — Minha avó disse que os Espectros vieram porque as pessoas eram más e Deus mandou eles para nos castigar.

— A sua avó não sabe de nada — disse um menino. — Ela tem barba, a sua avó. Igual a um bode.

— Que negócio é esse de Guilda? — insistiu Lyra.

— Sabe a Torre degli Angeli, a torre de pedra? Então, ela pertence à Guilda, e tem um lugar secreto lá. A Guilda, eles lá sabem todo tipo de coisa. Filosofia, alquimia, todo tipo de coisa eles sabem. E foram eles que deixaram os Espectros entrarem.

— Isso não é verdade — disse outro menino. — Eles vieram das estrelas.

— É, *sim*! Foi isso mesmo que aconteceu: um sujeito da Guilda, há muitos séculos, estava separando um metal. Chumbo. Ele ia transformar em ouro.

Cortou, cortou cada vez menor, até que ficou com o menor pedaço que ele conseguiu fazer. Não existe nada menor. Tão pequeno que a gente nem consegue enxergar. Mas ele cortou esse pedaço também, e dentro do pedacinho mais pequenininho era onde estavam todos os Espectros juntos, enrolados e dobrados, tão apertados que quase não ocupavam espaço nenhum. Mas depois que ele cortou, bum! Eles saíram todos, e estão por aí até hoje. Foi o que o meu pai me contou.

— Tem algum homem da Guilda na torre agora? — perguntou Lyra.

— Não! Eles fugiram que nem todo mundo — contou a menina.

— Não tem ninguém na torre. É mal-assombrado, aquele lugar — declarou um menino. — Foi por isso que a gata veio de lá. A gente não entra lá, de jeito nenhum. Nenhuma criança vai lá. Dá medo.

— Os homens da Guilda não têm medo de entrar lá — comentou outro.

— Eles devem ter alguma mágica especial, ou coisa assim. São ambiciosos, vivem às custas dos pobres — disse a menina. — Os pobres trabalham e os homens da Guilda vivem lá de graça.

— Mas não tem ninguém na torre agora? — perguntou Lyra. — Nenhum adulto?

— Não tem nenhum adulto na cidade inteira!

— Eles não têm coragem, não têm mesmo.

Mas ela havia visto um rapaz lá em cima. Tinha certeza. E havia alguma coisa no jeito daquelas crianças falarem: como mentirosa experiente, Lyra reconhecia outros mentirosos e sabia que aquelas crianças estavam escondendo alguma coisa.

E de repente ela lembrou: o pequeno Paolo tinha dito que ele e Angélica tinham um irmão mais velho, Tullio, que também estava na cidade, e Angélica tinha mandado o menino calar a boca... O rapaz que ela viu poderia ser esse irmão?

As crianças foram buscar os pedalinhos para levá-los de volta à praia, e Lyra entrou de novo para fazer café e verificar se Will estava acordado. Mas ele ainda dormia, com a gata enrodilhada a seus pés. Lyra estava impaciente para visitar novamente sua catedrática; portanto, escreveu um bilhete e o deixou no chão junto à cama dele, depois pegou a mochila e saiu para procurar a janela.

O caminho que tomou passava pela pracinha que tinham visto no dia anterior.

Estava vazia agora, e o sol batia na fachada da torre, ressaltando os entalhes ao lado da porta: figuras humanas com asas dobradas, as feições desfeitas por séculos de exposição ao tempo, mas de alguma forma exprimindo poder, compaixão e força intelectual em sua imobilidade.

— Anjos — comentou Pantalaimon, um grilo no ombro dela.

— Talvez Espectros — retrucou ela.

— Não! Eles disseram que isto aí é alguma coisa "angeli" — insistiu ele. — Aposto que quer dizer anjos.

— Vamos entrar?

Olharam para a grande porta de carvalho com suas ferragens negras; os poucos degraus que levavam à entrada estavam muito gastos, e a própria porta estava ligeiramente aberta. Nada havia para impedir que Lyra entrasse, a não ser seu próprio medo.

Ela subiu os degraus na ponta dos pés e espiou pela porta entreaberta. Tudo o que conseguia enxergar era um saguão escuro, com piso de pedra, e só parte dele; mas Pantalaimon esvoaçava ansiosamente em seu ombro, do mesmo modo que tinha feito quando ela trocara os crânios na cripta da Universidade Jordan, e agora ela era um pouco mais esperta. Aquele era um lugar ruim. Lyra desceu correndo os degraus e saiu da praça, rumando para o sol brilhante da avenida de palmeiras. E, assim que se certificou de que ninguém estava olhando, atravessou a janela e entrou na Oxford de Will.

Quarenta minutos depois, Lyra estava mais uma vez dentro do prédio da Física, discutindo com o porteiro; mas dessa vez tinha um trunfo.

— Pergunte à dra. Malone — disse em voz doce. — Basta fazer isso. É só perguntar, e ela vai te dizer.

O porteiro pegou o telefone, apertou alguns botões e falou, enquanto Lyra observava com pena: ele não tinha sequer uma guarita para ficar, como qualquer universidade na Oxford de verdade; só um grande balcão de madeira, como se aquilo fosse uma loja.

— Está certo — disse o porteiro, virando-se para Lyra. — Ela disse para você subir. Não vá para outro lugar.

— Não vou, não — disse ela, obedientemente, como uma menina boazinha fazendo o que lhe mandavam.

Mas, no alto da escada, ela teve uma surpresa, pois, quando passava por uma porta com o desenho de uma mulher, a passagem se abriu e ali estava a dra. Malone, chamando-a com gestos.

Ela entrou, desconfiada. Ali não era o laboratório, era um banheiro, e a dra. Malone estava nervosa.

— Lyra, tem gente lá no laboratório, policiais ou coisa assim. Eles sabem que você veio me visitar ontem, não sei o que estão procurando, mas não gostei. O que está acontecendo?

— Como é que eles sabem que eu vim?

— Não sei! Eles não sabem o seu nome, mas descobri de quem eles estavam falando...

— Ah, bom, a gente pode mentir para eles. É fácil.

— Mas *o que está acontecendo*?

Uma voz de mulher chamou do corredor:

— Dra. Malone, viu a menina?

— Vi, sim — respondeu a dra. Malone. — Eu estava mostrando a ela onde era o banheiro...

Lyra achou que não havia necessidade de ficar tão nervosa, mas talvez a mulher não estivesse acostumada com o perigo.

A mulher no corredor era jovem e estava muito bem-vestida. Tentou sorrir quando Lyra saiu, mas seus olhos continuaram hostis e cheios de suspeita.

— Olá! Você é a Lyra, não é?

— Sou, sim. Qual é o seu nome?

— Sou a sargento Clifford. Entre aqui.

Lyra achou que a mulher era muito cara de pau, agindo como se o laboratório fosse dela, mas concordou humildemente. Foi o momento em que sentiu a primeira pontada de arrependimento. Sabia que não deveria estar ali; sabia o que o aletiômetro queria que ela fizesse, e não era aquilo. Indecisa, ficou parada à porta.

No aposento já estava um homem alto e corpulento, de sobrancelhas brancas. Lyra sabia como era um catedrático, e nenhum daqueles dois se parecia com um.

— Entre, Lyra — disse a sargento Clifford. — Está tudo bem. Este é o inspetor Walters.

— Olá, Lyra — disse o homem. — A dra. Malone já me falou muito de você.

Gostaria de lhe fazer umas perguntas, se você não se importar.

— Que tipo de perguntas?

— Nada complicado — disse ele, sorrindo. — Entre e sente-se, Lyra.

Ele empurrou uma cadeira na direção dela; a menina se sentou cautelosamente e ouviu a porta se fechar. A dra. Malone estava de pé perto dela. Pantalaimon, em forma de grilo no bolso de Lyra, estava agitado: ela o sentia no peito, e esperava que o tremor dele não fosse visível. Mandou-lhe um pensamento para ficar quieto.

— De onde você vem, Lyra? — perguntou o inspetor Walters. Se ela respondesse "de Oxford", eles poderiam checar facilmente. Mas não poderia dizer "de outro mundo"; aquelas pessoas eram perigosas, iriam querer saber mais. Lyra pensou no único nome que conhecia nesse mundo: o lugar de onde Will tinha vindo.

— De Winchester — respondeu.

— Você esteve brigando, não esteve, Lyra? — perguntou o inspetor. — Onde arranjou esses machucados? Está com uma mancha no rosto, outra na perna... Alguém andou batendo em você?

— Não — respondeu Lyra.

— Você estuda, Lyra?

— Estudo, sim. De vez em quando — acrescentou.

— Não deveria estar na escola hoje?

Ela não respondeu. Estava cada vez mais inquieta. Olhou para a dra. Malone, cujo rosto parecia tenso e infeliz.

— Vim visitar a dra. Malone — disse Lyra.

— Está hospedada em Oxford, Lyra? Onde?

— Com umas pessoas — disse ela. — Uns amigos.

— Qual é o endereço deles?

— Não sei exatamente como se chama o lugar. Sei chegar lá, mas não me lembro do nome da rua.

— Quem são essas pessoas?

— Uns amigos do meu pai, só isso.

— Ah, entendo. Como foi que conheceu a dra. Malone?

— Porque meu pai é físico e conhece ela.

Ela achava que as coisas estavam ficando mais fáceis; começou a relaxar e a

mentir com mais fluência.

— E ela lhe mostrou o que estava fazendo, não foi?

— Foi. O motor com a tela... É, isso tudo.

— Você está interessada nesse tipo de coisa? Ciência, coisas assim?

— Estou. Especialmente a física.

— Vai ser cientista quando crescer?

Aquele tipo de pergunta merecia como resposta um olhar inexpressivo, e foi o que ele recebeu. O homem não se perturbou: seus olhos claros observaram de relance a outra mulher, depois voltaram para Lyra.

— E ficou surpresa com o que a dra. Malone lhe mostrou?

— Bem, mais ou menos, eu já esperava.

— Por causa do seu pai?

— É. Porque ele está fazendo o mesmo tipo de trabalho.

— Ah, sei. Você compreende esse trabalho?

— Só uma parte.

— Então seu pai está estudando a matéria escura?

— Está.

— Está tão adiantado quanto a dra. Malone?

— Não do mesmo jeito. Algumas coisas ele faz melhor, mas o motor com as palavras na tela, isso ele não tem.

— Will também está hospedado com os seus amigos?

— É, ele...

Ela se calou, sabendo que tinha acabado de cometer um erro terrível.

Eles também perceberam e, no mesmo instante, ficaram de pé para impedir que ela fugisse, mas a dra. Malone estava no caminho e a sargento tropeçou e caiu, bloqueando a passagem do inspetor. Isso deu a Lyra tempo para sair correndo, bater a porta e disparar para a escada.

Dois homens de jaleco branco saíram de uma porta e ela trombou com eles. De repente, Pantalaimon era um corvo grasnando e batendo asas, assustando tanto os dois que eles recuaram. Ela se soltou das mãos deles e disparou escada abaixo, chegando à portaria no mesmo instante em que o porteiro desligava o telefone e saía em sua direção chamando:

— Ei! Pare aí! Ei, você!

Mas ele tinha que levantar o tampo do balcão na outra extremidade para sair, e

ela chegou à porta giratória antes que conseguisse pegá-la.

Atrás dela, as portas do elevador se abriram, e lá estava o homem de cabelo claro, tão forte e tão veloz...

E a porta não girava! Pantalaimon grasnou para ela: estava empurrando para o lado errado!

Ela soltou um grito de medo e se virou para a outra parede divisória, jogando seu corpinho leve contra o vidro pesado, querendo com todas as suas forças que ela girasse; conseguiu movê-la bem a tempo de evitar que o porteiro a agarrasse. O porteiro estava no caminho do homem de cabelo claro, então Lyra conseguiu sair e se afastar antes que ele passasse pela porta.

Ela atravessou a rua — ignorando os carros, as freadas e os pneus cantando — e entrou em um beco entre prédios altos, depois virou em outra rua com carros indo em ambas as direções, mas ela foi rápida, desviando-se das bicicletas, sempre com o homem de cabelo claro logo atrás dela — ah, ele era tão apavorante!

Entrou em um jardim, saltou uma cerca e atravessou um bosquezinho de arbustos, com Pantalaimon, em forma de pássaro, esvoaçando acima de sua cabeça, indicando-lhe o caminho. Depois Lyra se escondeu atrás de um recipiente para estocar carvão enquanto ouvia o homem de cabelo claro passar correndo — ele nem sequer ofegava, era muito veloz e estava em ótima forma!

— Agora volte para aquela rua... — instruiu Pantalaimon.

Ela saiu do esconderijo e atravessou de volta o gramado do jardim, passou pelo mesmo portão e estava outra vez na amplidão da rua Banbury; mais uma vez atravessou correndo e mais uma vez ouviu pneus cantando; e então entrou correndo na Norham Gardens, uma rua tranquila, ladeada de árvores, com altas casas vitorianas, perto do parque.

Ela parou para recuperar o fôlego. Havia uma cerca viva alta diante de um dos jardins, tendo à frente uma mureta, e ali ela se sentou, enfiando-se o máximo que pôde sob os alfeneiros.

— Ela nos ajudou! — disse Pantalaimon. — A dra. Malone atrapalhou eles! Ela está do nosso lado, não do deles!

— Ah, Pan, eu não deveria ter dito aquilo do Will... Eu deveria ter sido mais cuidadosa...

— Não deveria ter vindo — disse ele severamente.

— Eu sei. Isso também...

Mas não teve tempo de se lamentar, pois Pantalaimon esvoaçou para seu ombro, dizendo:

— Cuidado, atrás de você...

E imediatamente se transformou outra vez em grilo e mergulhou no bolso dela.

Lyra se preparou para correr, e viu um sedã azul-escuro deslizando silenciosamente para junto da calçada. A menina estava pronta para fugir, mas a janela traseira do carro abaixou e ela viu um rosto familiar.

— Lizzie! — fez o velho do museu. — Que bom ver você de novo! Posso lhe dar uma carona?

Ele abriu a porta e recuou para dar lugar a ela ao seu lado. Pantalaimon mordiscou a pele da menina através do pano fino, mas ela entrou imediatamente, agarrada à mochila, e o homem, inclinando-se sobre ela, fechou a porta do carro.

— Parece que você está com pressa — disse. — Aonde quer ir?

— Para Summertown, por favor.

O motorista usava um quepe pontudo. Tudo naquele carro era bonito, macio e poderoso, e o cheiro da água-de-colônia do homem era forte naquele espaço fechado. O carro se afastou da calçada sem fazer o menor ruído.

— Então, o que você anda fazendo, Lizzie? — perguntou o velho. — Descobriu mais alguma coisa sobre aqueles crânios?

— Descobri — disse ela, virando-se e olhando para a janela traseira.

Não havia sinal do homem de cabelo claro. Ela conseguira escapar! E ele nunca a encontraria, agora que ela estava em segurança em um carro poderoso, com um homem rico como aquele. Lyra teve uma breve sensação de triunfo.

— Também fiz algumas pesquisas — disse ele. — Um antropólogo meu amigo me disse que eles têm vários outros além dos que estão em exibição. Alguns são realmente muito antigos. De Neandertal, sabia?

— É, foi o que eu soube também — disse Lyra, sem ter a menor ideia do que ele estava falando.

— E como vai o seu amigo?

— Que amigo? — perguntou Lyra, assustada; tinha contado a ele também sobre Will?

— Com quem você está hospedada.

— Ah, a minha amiga. Ela vai muito bem, obrigada.

— O que ela faz? É arqueóloga?

— Não, é... física. Estuda a matéria escura — disse Lyra, ainda um pouco descontrolada.

Naquele mundo era mais difícil contar mentiras do que ela havia imaginado. E alguma coisa a incomodava: aquele velho lhe parecia familiar de alguma maneira, e ela não conseguia saber de onde era.

— Matéria escura? — repetiu ele. — Que coisa fascinante! Ainda hoje de manhã li alguma coisa sobre isso no *Times*. O universo está repleto dessa coisa misteriosa, que ninguém sabe o que é! E a sua amiga está estudando isso?

— É. Ela sabe um monte de coisas sobre esse assunto.

— E o que você vai fazer depois, Lizzie? Vai estudar física também?

— Pode ser — disse ela. — Depende.

O motorista pigarreou discretamente e diminuiu a velocidade do carro.

— Bem, chegamos a Summertown — disse o velho. — Onde quer ficar?

— Ah, logo depois dessas lojas. Daqui posso ir caminhando — disse Lyra. — Obrigada.

— Vire à esquerda no Passeio Público e encoste do lado direito, Allan, por favor — instruiu ele.

— Sim, senhor — disse o motorista.

No minuto seguinte estavam parados diante de uma biblioteca pública. O velho abriu a porta do seu próprio lado, de modo que Lyra, para sair, teve que passar por cima dos joelhos dele. Havia bastante espaço, mas por um motivo qualquer aquilo foi constrangedor, e ela não queria encostar nele, por mais bonzinho que fosse.

— Não esqueça a mochila — disse ele, entregando-a para a menina.

— Obrigada.

— Espero que nos encontremos de novo, Lizzie. Dê minhas lembranças à sua amiga.

— Adeus — disse Lyra.

Ela ficou parada na calçada até o carro virar a esquina e sumir de vista; só então saiu na direção da janela. Tinha uma sensação estranha em relação àquele homem de cabelo claro e queria consultar o aletiômetro.

Will estava lendo as cartas do pai de novo. Sentado na varanda, ouvindo os gritos distantes das crianças que mergulhavam da borda do porto, lia a caligrafia firme nas finas folhas de papel de correio aéreo, tentando visualizar o homem a quem ela pertencia, voltando várias vezes à referência do bebê — que era ele próprio.

Ouviu os passos de Lyra correndo ainda à distância, guardou as cartas no bolso e se levantou. Quase no mesmo instante, Lyra apareceu, com olhos assustados e Pantalaimon rosnando como um gato selvagem, perturbado demais para pensar em se esconder. Ela, que nunca chorava, estava soluçando; tinha o peito ofegante, os dentes rangendo. Lyra se jogou sobre ele, agarrando-lhe os braços, gritando:

— Eu mato ele! Eu mato ele! Quero que ele morra! Ah, se Iorek estivesse aqui... Ah, Will, eu fiz besteira. Sinto muito...

— O que foi? Qual é o problema?

— Aquele velho... não passa de um ladrão sujo... ele me roubou, Will! Ele roubou o meu aletiômetro! Aquele velho podre, com suas roupas de rico, seu carro com motorista... Ah, fiz tanta coisa errada hoje... Ah, eu...

E começou a soluçar tão desesperadamente que ele pensou: *Um coração pode se despedaçar de verdade, e o dela está se despedaçando agora* — pois ela caiu no chão, tremendo, gemendo alto. Ao lado dela, Pantalaimon virou um lobo e começou a uivar com amargo sofrimento.

Longe dali, na saída do porto, as crianças pararam o que estavam fazendo e protegeram os olhos com as mãos para ver melhor. Will ficou ao lado de Lyra e a sacudiu pelo ombro.

— Pare! Pare de chorar! Me conte tudo. Que velho é esse? O que foi que aconteceu?

— Você vai ficar tão zangado... Prometi que não ia fazer isso, denunciar você, eu *prometi*, e agora... — Ela soluçou.

Pantalaimon se tornou um filhotinho de cão desajeitado, de orelhas caídas e rabo encolhido, rastejando de vergonha. E Will compreendeu que Lyra tinha feito alguma coisa da qual se envergonhava demais para conseguir lhe contar, e então falou com o daemon:

— O que foi que *aconteceu*? Me conte.

Pantalaimon contou:

— Fomos até a catedrática, e tinha mais gente lá, um homem e uma mulher, e eles nos prepararam uma armadilha, fizeram muitas perguntas e depois perguntaram sobre você; antes que a gente percebesse, a gente já tinha revelado que te conhecia, e então fugimos...

Lyra estava com o rosto escondido nas mãos, a cabeça apertada contra o chão. Pantalaimon, em sua agitação, mudava de uma forma para outra: cão, pássaro, gato, arminho branco como a neve.

— Como era o homem? — Will quis saber.

— Grandão — disse Lyra, com a voz abafada. — E muito forte, de olhos claros...

— Ele viu você voltar pela janela?

— Não, mas...

— Bom, então ele não vai saber onde estamos.

— Mas o aletiômetro! — exclamou ela, sentando-se, decidida, as feições rígidas de emoção como uma máscara grega.

— É, me fale sobre isso — pediu Will.

Ela lhe contou, soluçando e rangendo os dentes, o que acontecera: que o velho a tinha visto usar o aletiômetro no museu no dia anterior; que ele hoje tinha parado o carro e ela entrou para escapar do homem louro; e que o carro tinha estacionado do outro lado, de modo que ela precisou pular por cima dele para sair, e ele deve ter agido depressa, roubando o aletiômetro quando lhe passou a mochila...

Will percebia como ela estava desesperada, mas não entendia por que deveria se sentir culpada. E então ela disse:

— Will, ah, Will, fiz uma coisa horrível. Porque o aletiômetro me disse que eu tinha que parar de procurar o Pó e tratar de ajudar você. Eu tinha que ajudar você a encontrar o seu pai. E eu *podia* mesmo, podia levar você até onde ele estivesse, se eu tivesse o aletiômetro. Mas não dei ouvidos. Simplesmente fiz o que queria fazer, mas não deveria...

Ele já a tinha visto usar o aletiômetro, e sabia que o instrumento podia mesmo lhe contar a verdade. Então ficou de costas para ela. Lyra agarrou o pulso dele, mas Will se soltou e caminhou até a beira d’água. As crianças brincavam novamente no outro extremo do porto. Lyra correu até ele e disse:

— Will, estou tão arrependida...

— De que adianta isso? Não ligo se está arrependida ou não. Você errou.

— Mas, Will, nós temos que ajudar um ao outro, você e eu, porque não temos mais ninguém.

— Não vejo como.

— Nem eu, mas...

Ela cortou a frase no meio, e seus olhos brilharam. Saiu correndo de volta à mochila abandonada na calçada e começou a remexer tudo dentro dela.

— Sei quem ele é! E onde mora! Veja! — disse, estendendo o pequeno cartão de visita. — Ele me deu isso no museu! Podemos ir lá pegar o aletiômetro de volta!

Will pegou o cartão e leu:

SIR CHARLES LATROM
COMANDANTE DA ORDEM DO IMPÉRIO BRITÂNICO
MANSÃO LIMEFIELD
OLD HEADINGTON
OXFORD

— Ele é importante — comentou. — É um cavalheiro. Isso quer dizer que as pessoas vão automaticamente acreditar nele, e não em nós. De qualquer maneira, o que você quer que eu faça? Chame a polícia? A polícia está atrás de mim! Se não estavam ontem, agora estarão. E, se você for, eles sabem quem você é e sabem que você me conhece, então isso também não funcionaria.

— Podíamos roubar o aletiômetro. Podíamos ir até a casa dele e roubar o aletiômetro. Sei onde fica Headington, existe esse lugar na minha Oxford também. Não é longe. Podíamos chegar lá em uma hora a pé, sem problemas.

— Você é uma idiota!

— Iorek Byrnison iria lá direto e arrancaria a cabeça dele. Queria que ele estivesse aqui. Ele iria...

Lyra ficou em silêncio. Will apenas a encarava, e ela se sentiu intimidada. Teria se intimidado do mesmo modo se um urso de armadura tivesse olhado para ela daquele jeito, porque havia alguma coisa parecida com Iorek nos olhos de Will, por mais jovem que ele fosse.

— Nunca ouvi uma coisa tão idiota na minha vida — disse ele. — Acha que

podemos simplesmente ir até a casa dele, entrar escondidos e roubar o aletiômetro? Você tem que pensar, usar essa sua porcaria de inteligência. Se ele é assim tão rico, deve ter todo tipo de alarmes contra ladrões e coisas assim, deve haver sirenes que disparam, trancas especiais e luzes infravermelhas que acendem automaticamente...

— Nunca ouvi falar nessas coisas — disse Lyra. — Não temos nada disso no meu mundo. Eu não sabia, Will.

— Está bem, então pense no seguinte: ele tem uma casa inteira para esconder o aletiômetro, e quanto tempo um ladrão teria para procurar em todos os armários, gavetas e esconderijos da casa toda? Aqueles homens que entraram na minha tiveram horas para procurar e não encontraram o que queriam, e aposto que a casa dele é muito maior. E ele com certeza tem cofre, também. Então, mesmo conseguindo entrar na casa, não vamos ter tempo para encontrar o aletiômetro antes que a polícia chegue.

Ela baixou a cabeça. Aquilo tudo era verdade.

— Então, o que nós vamos fazer?

Ele não respondeu. Mas tratava-se de *nós*, sem dúvida — agora, gostando ou não, estava preso a ela.

Caminhou até a beira d'água e de volta à varanda, e novamente até a água. Batia as mãos uma na outra, procurando em vão uma resposta, e sacudia a cabeça com raiva.

— Só ir até lá — disse, finalmente. — Ir até lá falar com ele. Também não adianta pedir ajuda à sua catedrática, se a polícia já chegou até ela. Ela com certeza vai acreditar neles, e não em nós. Pelo menos, entrando na casa dele, vamos saber alguma coisa que possa nos dar uma ideia. Já é um começo.

Sem falar mais nada, ele entrou na casa e guardou as cartas debaixo do travesseiro no quarto em que estava dormindo. Assim, se fosse preso, eles nunca as pegariam.

Lyra estava esperando na varanda, com Pantalaimon empoleirado em seu ombro como andorinha. Ela parecia mais animada.

— Vamos pegar o aletiômetro de volta — afirmou ela. — Sinto que vamos.

Ele não respondeu, e os dois partiram rumo à janela.

Caminharam uma hora e meia até chegarem a Headington. Lyra ia mostrando o

caminho, evitando o centro da cidade, e Will vigiava em volta, sem dizer nada. Para Lyra as coisas estavam muito mais difíceis agora do que até mesmo no Ártico, a caminho de Bolvangar, pois naquela ocasião os gípcios e Iorek Byrnison estavam com ela, e, mesmo que a tundra estivesse cheia de perigos, era possível reconhecê-lo de cara. Ali, naquela cidade que era sua e não era, o perigo podia ter aparência amigável, e a traição sorria e cheirava bem. E, mesmo que não fossem matá-la ou separá-la de Pantalaimon, tinham lhe roubado seu único guia. Sem o aletiômetro ela era... apenas uma menininha perdida.

A Mansão Limefield tinha a cor cálida do mel, e metade da fachada estava coberta de hera. Ficava em um jardim amplo e bem tratado, com uma cerca viva de um lado e uma alameda de cascalho para automóveis que serpenteava até a porta principal. O Rolls Royce estava parado diante de uma garagem dupla, à esquerda. Tudo que Will enxergava dava a impressão de dinheiro e poder, o tipo de superioridade informal e estabelecida que algumas pessoas da aristocracia inglesa ainda achavam natural. Havia alguma coisa naquilo tudo que o fazia cerrar os dentes, mas ele não sabia por quê, até que de repente se lembrou de uma ocasião, quando era bem novo — sua mãe o levara a uma casa parecida com essa... Os dois usavam suas melhores roupas; ele tinha que se comportar da melhor forma possível, e um casal de velhos fez a mãe dele chorar. Eles foram embora da casa, ela ainda chorando...

Lyra viu que ele estava com a respiração acelerada e os punhos cerrados, mas ela era suficientemente sensível para não fazer perguntas: era algo que dizia respeito a ele, não a ela. Will respirou fundo.

— Bom, não custa tentar — disse.

Subiu a alameda, com Lyra logo atrás. Sentiam-se muito vulneráveis.

A porta tinha um puxador antiquado, como os do mundo de Lyra, e Will só conseguiu descobrir como se tocava a campainha quando Lyra lhe mostrou. Então eles o puxaram, e a campainha tocou longe, dentro da casa.

O homem que abriu a porta era o motorista do carro, só que sem o quepe. Primeiro ele olhou para Will, depois para Lyra, e sua expressão se modificou um pouco.

— Queremos ver sir Charles Latrom — anunciou Will.

Tinha o queixo erguido, como no dia anterior, ao enfrentar as crianças que jogavam pedras junto à torre. O criado assentiu.

— Esperem aqui. Vou avisar sir Charles.

Ele fechou a sólida porta de carvalho, com duas trancas pesadas e fechos em cima e embaixo — embora Will achasse que nenhum ladrão sensato iria tentar a porta da frente. Havia um alarme contra ladrões instalado em lugar bem visível na fachada da casa, e um grande refletor em cada esquina. Nunca conseguiriam se aproximar da casa, muito menos invadi-la.

Passos regulares vieram até a porta, que tornou a se abrir. Will olhou para o rosto daquele homem que já possuía tanta coisa e ainda cobiçava mais; achou-o intrigantemente tranquilo e seguro de si, nem um pouco culpado ou embaraçado.

Sentindo que Lyra se encontrava impaciente e zangada ao seu lado, Will disse depressa:

— Com sua licença, Lyra acha que, hoje mais cedo, quando pegou uma carona com o senhor, esqueceu um objeto dentro do carro.

— Lyra? Não conheço nenhuma Lyra. Que nome incomum! Conheço uma menina chamada Lizzie. Quem é você?

— Sou Mark, o irmão dela — disse Will, amaldiçoando-se por ter esquecido.

— Entendo. Olá, Lizzie, ou Lyra. É melhor entrarem.

Ele deu um passo para o lado. Nem Will nem Lyra esperavam por isso, e entraram, mas ainda em dúvida. O vestíbulo estava um pouco escuro e cheirava a cera de abelha e flores. Todas as superfícies estavam limpas e enceradas, e uma estante de mogno encostada à parede continha delicadas figurinhas de porcelana. Will viu o criado de pé a distância, como se esperasse ser chamado.

— Vamos para o meu escritório — disse sir Charles, abrindo outra porta do vestíbulo.

Ele estava se mostrando cortês, até mesmo acolhedor, mas havia em seus modos alguma coisa que deixou Will desconfiado. O escritório era amplo e confortável, um ambiente de charutos e poltronas de couro, e parecia estar cheio de estantes, quadros, troféus de caça. Havia três ou quatro estantes com portas de vidro contendo antigos instrumentos científicos: microscópios de cobre, telescópios encapados em couro verde, sextantes, bússolas; era óbvio o seu motivo para querer o aletiômetro.

— Podem se sentar — disse sir Charles, indicando um sofá de couro. Acomodou-se na cadeira atrás da escrivaninha e continuou: — E então? O que vocês têm a dizer?

— O senhor roubou... — começou Lyra, com raiva.

Mas Will olhou para ela, e ela se calou.

— Lyra acha que deixou uma coisa no seu carro — disse ele, novamente. — Viemos pegar de volta.

— Está falando deste objeto? — disse, abrindo uma gaveta da escrivaninha.

Tirou de dentro um embrulho de veludo. Lyra ficou de pé. Ele a ignorou e desdobrou o pano, mostrando o esplendor dourado do aletiômetro descansando na palma da sua mão.

— É, sim! — explodiu Lyra, estendendo a mão para o aletiômetro.

Mas o homem fechou a mão. A escrivaninha era larga, e Lyra não conseguiu alcançá-lo. Antes que ela pudesse fazer alguma coisa ele girou e colocou o aletiômetro em uma estante com porta de vidro, trancou-a e colocou a chave no bolsinho do colete.

— Mas isso não é seu, Lizzie — disse. — Ou Lyra, se é esse o seu nome.

— É meu, *sim*! É o meu aletiômetro!

Ele sacudiu a cabeça com ar triste, como se estivesse repreendendo a menina e isso lhe causasse dor, mas fosse para o próprio bem dela.

— Acho que no mínimo existem sérias dúvidas quanto a isso.

— Mas é dela! — disse Will! — Eu juro! Ela mostrou ele para mim! Sei que é dela!

— Entendam, acho que vocês teriam que provar isso — retrucou o homem. — Não preciso provar coisa alguma, porque tenho a posse dele. Parte-se do princípio de que ele é meu, como todos os outros itens da minha coleção. Devo dizer, Lyra, que fico surpreso ao perceber que você é tão desonesta...

— Eu não sou desonesta nada! — gritou Lyra.

— Ah, é, sim. Você me disse que o seu nome era Lizzie; agora vejo que não é. Francamente, você não tem a menor chance de convencer ninguém que uma peça preciosa como esta lhe pertence. Vou lhe dizer o que vamos fazer: chamar a polícia.

Ele se virou para chamar o criado.

— Não, espere — disse Will, antes que sir Charles abrisse a boca, mas Lyra correu em volta da mesa, e de repente Pantalaimon estava nos braços dela, um feroz gato selvagem mostrando os dentes e rosnando para o velho. Sir Charles pestanejou diante daquela aparição, mas não se perturbou.

— O senhor nem sabe o que roubou! — bradou Lyra. — Me viu usando ele, resolveu roubar, e roubou. Mas o senhor, o senhor é pior do que a minha mãe, ela pelo menos sabe que o aletiômetro é importante, mas o senhor vai colocar ele em uma estante e não vai fazer nada! O senhor tinha que *morrer*! Se eu puder, vou fazer alguém matar o senhor. O senhor não merece ficar vivo. O senhor é...

Ela não conseguiu dizer mais nada; a única coisa que podia fazer era cuspir na cara dele — e foi o que fez, com toda a força.

Will continuava sentado, imóvel, observando, olhando em volta, memorizando onde ficava cada coisa.

Sir Charles calmamente pegou um lenço de seda e se limpou.

— Você não sabe se *controlar*? Vá se sentar, sua pivete imunda.

Lyra sentiu lágrimas saltando dos olhos com a força do tremor do seu corpo e se jogou sobre o sofá. Pantalaimon, com a cauda ereta, ficou no colo dela, com os olhos em brasa fixos no homem.

Will continuou sentado, confuso. Sir Charles poderia tê-los expulsado havia muito tempo; o que ele estava pretendendo?

E então viu algo tão bizarro que achou que era fruto da imaginação. Da manga do paletó de linho de sir Charles, junto ao punho branco da camisa, assomou a cabeça cor de esmeralda de uma cobra. A língua branca surgiu e vibrou para um lado e para outro, e a cabeça cheia de escamas, com seus olhos negros com um aro dourado em volta, se moveu de Lyra para Will e de volta para a garota. Lyra estava zangada demais para perceber a cena, e o garoto a viu apenas por uns segundos, antes que a cobra se retraísse novamente para dentro da manga do paletó do velho, mas foi o suficiente para que ele arregalasse os olhos de susto.

Sir Charles foi até a janela e se sentou com tranquilidade em um banco, ajeitando o vinco das calças.

— Acho melhor me escutar, em vez de se comportar desse modo descontrolado — declarou. — Você não tem escolha. O instrumento está comigo e vai continuar comigo. Eu o quero para mim. Sou colecionador. Você pode cuspir, bater pé e gritar quanto quiser, mas, quando tiver conseguido convencer alguém a escutá-la, já terei muitos documentos provando que eu o comprei. Posso fazer isso com toda a facilidade. E então você nunca vai tê-lo de volta.

As crianças não disseram nada, pois ele ainda não tinha terminado. Uma enorme perplexidade pesava no coração de Lyra, tornando o aposento muito

quieto. Ele continuou:

— No entanto, existe uma coisa que desejo ainda mais. E não consigo obtê-la por mim mesmo, então estou preparado para fazer um trato. Vocês me trazem o objeto que eu quero, e eu lhes devolverei esse... Como foi mesmo que você chamou?

— Aletiômetro — disse Lyra, com a voz fraca.

— Aletiômetro... Que interessante! *Aletheia*, verdade... Os símbolos... É, estou entendendo.

— Que coisa é essa que o senhor quer? — perguntou Will. — E onde é que ela está?

— Em um lugar aonde eu não posso ir, mas vocês podem. Sei perfeitamente que vocês encontraram uma porta em algum lugar. Acredito que não seja muito distante de Summertown, onde deixei Lizzie, ou Lyra, hoje de manhã. E do outro lado da porta existe outro mundo, sem pessoas adultas. Estou certo até agora? Bem, o homem que fez aquela porta tem uma faca. Neste momento, ele está escondido nesse outro mundo, com muito medo. E tem razão para ter medo. Se ele está onde penso que está, é em uma velha torre de pedra com anjos entalhados em volta da porta. A Torre degli Angeli. É para lá que vocês têm que ir, e não me importo como vão fazer isso, mas quero aquela faca. Tragam a faca para mim e poderão ficar com o aletiômetro. Vai ser uma pena perdê-lo, mas sou um homem de palavra. É isto que vocês têm que fazer: me trazer a faca.

8. A TORRE DOS ANJOS

— Quem é esse homem que está com a faca? — perguntou Will.

Estavam no Rolls Royce, atravessando Oxford. Sir Charles estava sentado na frente, virado para trás, e Will e Lyra no banco de trás, com Pantalaimon, agora um rato, reconfortado pelas mãos dela.

— Uma pessoa que tem tanto direito à faca quanto eu ao aletiômetro — respondeu sir Charles. — Infelizmente para todos nós, o aletiômetro está comigo e a faca está com ele.

— Como é que o senhor sabe sobre o outro mundo, afinal?

— Sei de muitas coisas que vocês não sabem. O que mais poderiam esperar? Afinal, sou bem mais velho que vocês e consideravelmente mais bem informado. Existem várias portas entre este mundo e o outro. Aqueles que sabem onde elas estão podem passar de um lado para outro com facilidade. Em Cittàgazze existe uma guilda de homens eruditos, ou pretensamente eruditos, que faziam isso o tempo todo.

— O senhor não é deste mundo! — exclamou Lyra, de repente. — É daquele, não é?

E novamente ela sentiu um estranho cutucão da memória. Tinha quase certeza de que já o tinha visto.

— Não sou, não — respondeu ele.

— Se temos que tirar a faca desse homem, precisamos saber mais sobre ele. Ele não vai simplesmente nos dar a faca, vai? — interveio Will.

— Claro que não. É a única coisa que mantém os Espectros longe. Não vai ser uma coisa fácil, de jeito nenhum.

— Os Espectros têm medo da faca?

— Muito medo.

— Por que eles só atacam os adultos?

— Não é necessário saber isso agora. Não faz diferença. — Sir Charles se virou para a menina. — Lyra, me fale sobre o seu notável amigo.

Ele estava se referindo a Pantalaimon. Assim que ele falou isso, Will entendeu que a cobra que vira escondida na manga do velho era também um daemon, e que sir Charles devia vir do mundo de Lyra. Estava perguntando por Pantalaimon para disfarçar; isso significava que ele não tinha percebido que Will vira o seu daemon.

Lyra ergueu Pantalaimon junto ao peito e ele se tornou um rato negro, que enrolou a cauda em várias voltas em torno do pulso dela e, com seus olhos vermelhos, encarou sir Charles cheio de ódio.

— Não era para o senhor ver ele — respondeu. — É o meu daemon. O senhor acha que neste mundo aqui não tem daemons, mas tem, sim. O seu seria um rola-bosta.

— Se os faraós do Egito ficavam contentes por serem representados por um escaravelho, eu também fico — retrucou ele. — Bem, você vem de outro mundo ainda. Que interessante. Foi de lá que veio o aletiômetro, ou você o roubou durante as suas viagens?

— Eu ganhei — disse Lyra, furiosa. — O reitor da Universidade Jordan na minha Oxford me deu. É meu por direito. E o senhor não saberia o que fazer com ele, seu velho estúpido e fedorento, o senhor nunca iria conseguir ler o aletiômetro, nem em mil anos. Para o senhor, é só um brinquedo. Mas eu preciso dele, e Will também. Nós vamos pegar ele de volta, não se engane.

— Veremos — retrucou Sir Charles. — Bem, foi aqui que deixei você da outra vez. Querem ficar aqui mesmo?

— Não — respondeu Will, tendo visto um carro da polícia. — O senhor não pode ir a Ci’gazze por causa dos Espectros, então não faz diferença saber onde fica a janela. Vamos mais para a frente, na direção da via de acesso.

— Como quiser — disse Sir Charles, e o carro seguiu em frente. — Quando, ou se, pegarem a faca, liguem para mim e Allan virá buscar vocês.

Não disseram mais nada até o motorista parar o carro. Quando os dois saíram, sir Charles baixou o vidro da janela e disse a Will:

— Se vocês não conseguirem pegar a faca, nem se deem ao trabalho de voltar. Se forem à minha casa sem ela, vou chamar a polícia. Imagino que eles vão correr para lá quando souberem o seu verdadeiro nome. É William Parry, não é? Eu já imaginava. O jornal de hoje traz uma boa fotografia sua.

E o carro se afastou. Will estava sem fala. Lyra sacudiu o braço dele.

— Não tem problema, ele não vai contar a ninguém — disse ela. — Senão já teria feito isso. Vamos.

Dez minutos depois, estavam na pracinha em frente à Torre dos Anjos. Will contou a Lyra sobre o daemon-cobra, e ela parou no meio da rua, novamente atormentada pelo vislumbre de uma lembrança. Quem era aquele velho? Onde ela o tinha visto? Não adiantava, não conseguia lembrar com nitidez.

— Eu não quis contar a *ele*, mas vi um homem lá em cima ontem à noite — declarou ela. — Ele olhou para baixo quando as crianças estavam fazendo aquela confusão...

— Como ele era?

— Bem moço, de cabelo cacheado. Nem um pouco velho. Mas só vi ele um instante, bem lá no alto, por cima do parapeito. Achei que ele podia ser o... Você se lembra da Angélica e do Paolo? Ele disse que tinham um irmão mais velho que também tinha vindo para a cidade, e ela não deixou Paolo contar o resto, como se fosse um segredo? Então, achei que podia ser ele. Ele podia estar atrás da faca, também. E imagino que todas as crianças estão sabendo. Acho que foi por isso que elas voltaram para cá.

— Hum... Talvez — disse Will, olhando para cima.

Ela se lembrou da conversa das crianças: nenhuma delas, segundo disseram, entrava na torre; havia coisas apavorantes lá; e Lyra se lembrou da própria inquietação quando ela e Pantalaimon olharam pela porta entreaberta. Talvez fosse por isso que era preciso um adulto para entrar lá. O daemon agora voejava em torno da cabeça dela, em forma de traça, sussurrando ansiosamente.

— Quieto — sussurrou ela de volta. — A culpa foi nossa. Temos que consertar as coisas, e este é o único jeito.

Will seguiu para a direita, acompanhando a parede da torre. Na esquina havia uma passagem estreita, com piso de pedras, entre a torre e o muro do prédio seguinte, e Will entrou por ali, olhando para o alto, avaliando o lugar. Lyra foi

atrás. Ele parou debaixo de uma janela na altura do segundo andar e perguntou a Pantalaimon:

— Consegue voar até lá? Consegue olhar lá dentro?

Pantalaimon imediatamente se transformou em uma andorinha e alçou voo. Mal conseguiu alcançar a janela; Lyra arfou e soltou um gemido quando ele pousou na moldura da janela e ficou ali durante um ou dois segundos apenas, antes de tornar a descer. Ela suspirou e respirou fundo várias vezes, como uma pessoa que quase morreu afogada. Will, confuso, franziu a testa.

— É ruim, quando o daemon se afasta da gente, isso dói... — explicou ela.

— Sinto muito. Viu alguma coisa?

— Uma escada — disse Pantalaimon. — Uma escada e salas escuras. Havia espadas penduradas na parede, lanças e escudos, como um museu. E vi o homem. Ele estava... dançando.

— *Dançando?*

— Indo de um lado para outro, sacudindo a mão. Ou parecia que estava lutando contra alguma coisa invisível... Ele estava do outro lado de uma porta aberta. Não deu para ver muito bem.

— Lutando com um Espectro? — Lyra tentou adivinhar.

No entanto, não conseguiriam descobrir mais que isso, então seguiram em frente. Atrás da torre, um alto muro de pedra com o topo coberto de cacos de vidro rodeava um pequeno jardim com canteiros de ervas em volta de um chafariz (mais uma vez Pantalaimon alçou voo para olhar); e do outro lado havia um beco, que os levou de volta à praça. As janelas nas paredes da torre eram pequenas e fundas como olhos.

— Então vamos ter que entrar pela frente — disse Will, decidido.

Subiu os degraus e empurrou a porta, escancarando-a. As pesadas dobradiças rangeram, e o sol entrou. Ele deu um ou dois passos para dentro e, sem ninguém à vista, avançou mais. Lyra o seguia de perto. O piso era feito de lajes de pedra desgastadas pelos séculos, e o ar ali dentro era frio.

Will rumou para a escada que levava ao porão e desceu alguns degraus, o suficiente para ver que ia dar em uma sala comprida, de teto baixo, com uma imensa fornalha apagada e paredes negras de fuligem em uma extremidade. Mas não havia ninguém, e ele voltou para o saguão da entrada, onde encontrou Lyra olhando para o alto com o dedo nos lábios.

— Estou ouvindo — cochichou ela. — Ele está falando sozinho, eu acho.

Will prestou atenção e ouviu também um murmúrio baixo e cantado, interrompido de vez em quando por uma risada ríspida ou uma exclamação de raiva. Parecia a voz de um louco.

Will respirou fundo e se pôs a subir a escada. Ela era feita de carvalho escurecido, imensa e larga, com degraus tão gastos quanto as pedras do piso e sólidos demais para rangerem sob o peso de alguém. A luz diminuía conforme eles subiam, porque a única iluminação era a janelinha pequena e funda em cada patamar. Subiram um andar, pararam para escutar, subiram o seguinte, e o som da voz masculina se misturava agora com o de passos ritmados. Vinha de um aposento que ficava do outro lado do patamar e cuja porta estava entreaberta.

Will foi até lá na ponta dos pés e empurrou a porta mais alguns centímetros, para poder espiar.

Era uma sala ampla, com o teto cheio de teias de poeira. As paredes eram cobertas por estantes com livros malconservados, as encadernações se desmanchando ou deformadas pela umidade. Vários volumes estavam jogados no chão, abertos no assoalho ou em cima de largas mesas empoeiradas, e outros tinham sido enfiados no lugar de maneira brutal e desajeitada.

No meio da sala, um rapaz dançava. Pantalaimon tinha razão: era exatamente o que parecia estar fazendo. Estava de costas para a porta, e ia para um lado, depois para outro, enquanto mexia sem cessar a mão em frente ao corpo como se estivesse abrindo caminho através de obstáculos invisíveis. Nessa mão havia uma faca — não uma faca de aparência especial, mas simplesmente uma lâmina fosca de uns vinte e cinco centímetros de comprimento —, e ele a lançava para a frente, golpeava para o lado, tateava com ela, ficava movendo a faca para cima e para baixo, tudo isso no vazio.

O rapaz fez menção de se virar, e Will recuou. Levou um dedo aos lábios e chamou Lyra com um gesto, depois subiu na frente dela para o andar seguinte.

— O que ele está fazendo? — cochichou ela.

Ele descreveu o melhor que pôde.

— Parece coisa de maluco — comentou Lyra. — Ele é magro, de cabelo cacheado?

— É. Cabelo ruivo, como o de Angélica. E parece mesmo maluco. Não sei, não, acho isso mais esquisito do que o que sir Charles falou. Vamos dar mais

uma olhada, antes de falarmos com ele.

Ela não questionou; seguiu atrás dele por outra escada até o último andar. Ali era muito mais claro, porque um lance de degraus pintados de branco levava ao telhado — ou melhor, a uma estrutura de madeira e vidro, como uma pequena estufa. Mesmo ao pé dessa escada eles sentiam o calor que a estufa estava absorvendo.

Enquanto estavam ali parados, ouviram um gemido vindo de cima.

Os dois deram um pulo — tinham certeza de que só havia aquele rapaz na torre. Pantalaimon levou um susto tão grande que na mesma hora mudou de gato para passarinho e voou para o peito de Lyra. Will e Lyra perceberam então que estavam de mãos dadas e se soltaram lentamente.

— Melhor ir ver — sussurrou Will. — Eu vou na frente.

— Eu deveria ir na frente — sussurrou ela de volta. — Já que a culpa é minha.

— Já que a culpa é sua, você tem que fazer o que eu mandar.

Ela crispou os lábios, mas deixou que ele fosse na frente.

Will subiu em direção ao sol. A luz na estrutura de vidro era tão forte que mal dava para enxergar. O ar também era quente como em uma estufa, e Will não conseguia ver nem respirar direito. Encontrou uma maçaneta, girou-a e atravessou depressa, levantando a mão para tapar a luz do sol.

Estava em um telhado de chumbo rodeado por um parapeito. A estrutura de vidro ficava no centro, e em toda a volta o chumbo tinha um ligeiro declive em direção a uma calha no lado interno do parapeito, com furos quadrados para escoar a água da chuva.

Deitado no chumbo, em pleno sol, estava um homem de cabelos brancos. Tinha o rosto machucado, um dos olhos estava fechado, e, ao se aproximarem, os dois repararam que ele estava com as mãos amarradas nas costas.

Ele ouviu quando chegaram e tornou a gemer, tentando se virar para evitar o sol.

— Está tudo bem, não vamos machucar o senhor — disse Will, baixinho. — O homem da faca fez isto com o senhor?

— Mmm — fez o velho.

— Vamos tirar a corda. Não está muito bem amarrada...

O nó tinha sido feito de maneira desajeitada e apressada, e Will conseguiu

desatá-lo com facilidade. Os dois ajudaram o ancião a se levantar e o levaram para a sombra do parapeito.

— Quem é o senhor? — perguntou Will. — Não sabíamos que havia duas pessoas aqui. Pensamos que era só uma.

— Giacomo Paradisi — balbuciou o velho, entre os dentes quebrados. — Sou o portador. Ninguém mais. Aquele rapaz roubou a faca de mim. Sempre existem uns idiotas que se arriscam assim por causa dela. Mas esse aí está desesperado. Ele vai me matar...

— Não vai, não — disse Lyra. — O que quer dizer portador? O que significa?

— Significa que a faca mágica fica comigo, por ordem da guilda. Para onde ele foi?

— Está lá embaixo — respondeu Will. — Nós passamos por ele. Ele não viu a gente. Estava sacudindo a faca no ar...

— Tentando cortar até o outro lado. Não vai conseguir. Quando ele...

— Cuidado — avisou Lyra.

Will se virou. O rapaz estava subindo para o pequeno abrigo de madeira. Ainda não os tinha visto, mas não havia onde se esconder, e quando as crianças se levantaram ele percebeu o movimento e girou para enfrentá-los.

Pantalaimon imediatamente virou um urso e se ergueu nas patas traseiras. Somente Lyra sabia que ele não conseguiria tocar no outro homem, que piscou e encarou a imensa figura por um segundo, mas Will percebeu que na verdade o rapaz não tinha enxergado coisa alguma. Estava louco. O cabelo ruivo estava empapado, o queixo sujo de saliva, as pupilas rodeadas de branco por todos os lados.

E tinha a faca, ao passo que eles não tinham arma alguma.

Will deu um passo para o centro do telhado, ficando mais afastado do ancião, e se agachou, pronto para lutar ou saltar de lado.

O rapaz avançou e tentou atingi-lo com a faca, à esquerda, à direita, à esquerda, cada vez mais perto, fazendo Will recuar até ficar encurralado em um canto onde dois lados da torre se encontravam.

Enquanto isso, Lyra se aproximava dele por trás, com a corda na mão. De repente, Will saltou para a frente, como tinha feito com o intruso em casa, e com o mesmo efeito: seu oponente tropeçou para trás sem querer, caindo por cima de Lyra e batendo no chumbo. Tudo aconteceu depressa demais para Will sentir

medo. Mas ele teve tempo de ver a faca voar da mão do homem e cair a poucos metros de distância, cravada no telhado de chumbo, ficando enterrada até o punho, como se estivesse enfiada em uma barra de manteiga.

No mesmo instante, o rapaz girou e estendeu a mão para a faca, e Will se jogou nas costas dele, agarrando-o pelo cabelo. Tinha aprendido a brigar na escola: houve muitas ocasiões para isso, depois que as outras crianças sentiram que tinha alguma coisa diferente na mãe dele. E Will havia aprendido que o objetivo de uma briga na escola não era ganhar pontos pela elegância, mas forçar o inimigo a desistir, o que significava machucá-lo mais do que era machucado. Will também sabia que era preciso estar disposto a machucar os outros e percebera que pouca gente estava, na hora H; mas ele estava, sim.

Então aquilo não era novidade para ele, mas nunca tinha brigado com um rapaz quase adulto, armado com uma faca, e precisava a todo custo impedir que o adversário conseguisse pegar a arma de volta, agora que a tinha deixado cair.

Entrelaçou os dedos no cabelo grosso e úmido do rapaz e puxou com toda a força. O rapaz gemeu e se jogou de lado, mas Will puxou ainda mais, e seu oponente rugiu de dor e de raiva. Ele esticou o corpo e se jogou para trás, esmagando Will de encontro ao parapeito, e isso foi demais para o garoto, que perdeu o fôlego com o choque e afrouxou os dedos. O rapaz se soltou.

Will caiu de joelhos na calha, sem ar, mas sabia que não podia permanecer ali. Conseguiu se levantar — e ao fazer isso enfiou o pé em um dos furos de drenagem. Por um terrível segundo, achou que tinha pisado no vazio; seus dedos rasparam desesperadamente o chumbo quente. Mas nada aconteceu: sua perna esquerda se projetava para o vazio, mas o resto dele estava a salvo.

Ele puxou o pé de volta para dentro do parapeito e se levantou. O rapaz tinha alcançado a faca, mas não teve tempo de arrancá-la do chumbo, pois Lyra saltou sobre suas costas, arranhando, chutando, mordendo como um gato selvagem; mas a menina não conseguiu agarrar o cabelo dele, e o rapaz a jogou longe. E quando se levantou estava com a faca na mão.

Lyra tinha caído para um lado com Pantalaimon, agora como gato selvagem, dentes à mostra, pelo eriçado. Will enfrentou o rapaz e, pela primeira vez, o viu com clareza. Não havia dúvida, era mesmo o irmão de Angélica, e ele era mau. Toda a sua mente se concentrava em Will, e a faca estava em sua mão.

Mas Will também não estava indefeso.

Ele havia agarrado a corda quando Lyra a soltou e agora a enrolou em volta da mão esquerda para se proteger da lâmina. Começou a se mover de lado entre o rapaz e o sol, para que seu adversário tivesse que piscar e estreitar os olhos para enxergar. Ainda melhor: a estrutura de vidro lançava reflexos brilhantes nos olhos do rapaz, e Will percebeu que por um instante o outro ficou quase cego.

Saltou para o lado esquerdo do adversário, o lado oposto à faca, erguendo a mão esquerda, e chutou com força o joelho dele. Tinha mirado com cuidado, e o pé acertou no alvo. O rapaz caiu com um gemido alto e rolou desajeitadamente.

Will saltou atrás dele, dando socos e chutando inúmeras vezes, acertando onde conseguia alcançar, forçando-o a recuar cada vez mais na direção da estufa. Se conseguisse fazer com que ele chegasse ao alto da escada...

Dessa vez o rapaz caiu com mais força, e sua mão direita, segurando a faca, bateu no chumbo aos pés de Will. No mesmo instante, Will pisou na arma, esmagando os dedos do rapaz entre o cabo da faca e o telhado de chumbo. Em seguida, enrolou a corda com mais força em torno da mão e pisoteou pela segunda vez. O rapaz gritou e soltou a faca. Will aproveitou e a chutou para longe, tendo sorte por seu sapato ter acertado o cabo, e a faca saiu girando sobre o chumbo até parar na calha, junto a um dos orifícios de drenagem. A corda tinha se desenrolado de novo de sua mão, e parecia haver uma surpreendente quantidade de sangue sobre o chumbo e em seus próprios sapatos. O homem estava se levantando...

— Cuidado! — gritou Lyra, mas Will estava alerta.

No momento em que o oponente estava desequilibrado, Will se jogou em cima dele, batendo com toda força em sua barriga. O rapaz caiu de costas sobre o vidro, que se estilhaçou no mesmo instante, e a frágil estrutura de madeira também não resistiu. Ele caiu sobre os destroços, metade do corpo pendurado sobre o poço da escada. Ficou agarrado à moldura da porta, mas ela já não estava presa e cedeu. Ele despencou no buraco, sob outra chuva de vidro.

Will correu até a calha e pegou a faca; a luta terminara. O rapaz, machucado e arranhado, subiu de novo os degraus e viu Will de pé logo acima, segurando a faca; encarou-o com uma raiva alucinada, depois se virou e fugiu.

— Ai! — fez Will, sentando-se. — Ai...

Alguma coisa estava muito errada e ele não tinha percebido. Deixou cair a faca e apertou a mão esquerda contra o corpo. A corda estava encharcada de

sangue, e quando ele a tirou...

— Os seus dedos! — Lyra arfou. — Ah, Will...

O dedo mínimo e o anelar caíram junto com a corda.

A mente dele se anuviou. O sangue jorrava com força dos tocos que restaram dos dedos, e ele estava com o jeans e os sapatos encharcados. Teve que se recostar e fechar os olhos por um instante. A dor não era tão grande, e parte do seu cérebro registrou esse fato com uma surpresa sem emoção: era mais como um estrondo baixo e persistente, em vez daquela sensação breve e aguda que a pessoa sentia quando se cortava de maneira superficial.

Will nunca se sentira tão fraco. Achou até que tinha adormecido por um momento. Lyra estava fazendo alguma coisa no seu braço. Ele se endireitou para olhar o estrago e sentiu vontade de vomitar. O velho estava ali por perto, mas Will não conseguia ver o que estava fazendo, e enquanto isso Lyra falava com ele.

— Se ao menos a gente tivesse um pouco de musgo-de-sangue... — dizia ela. — É o que os ursos usam. Eu ia poder curar isso, Will, ia mesmo. Escuta, vou amarrar este pedaço de corda em volta do seu braço para segurar o sangue, porque não posso amarrar em volta de onde eram os dedos, não tem onde prender... Fique quieto...

Ele deixou que ela fizesse isso e olhou em volta à procura dos dedos. Ali estavam, curvados como aspas sanguinolentas, sobre o chumbo. Ele riu.

— Ei, pode parar — disse ela. — Agora fique de pé. O sr. Paradisi tem um remédio, uma pomada, sei lá o que é. Você tem que descer. Aquele outro foi embora, nós vimos que ele saiu correndo pela porta. Já sumiu. Você ganhou dele. Vamos, Will, vamos...

Com autoridade e um pouco de bajulação, ela conseguiu que ele descesse a escada, e eles atravessaram os cacos de vidro e lascas de madeira até um quarto pequeno e fresco que dava para o patamar da escada. As paredes eram cobertas de estantes com garrafas, frascos, potes, pilões, almofarizes e balanças de farmácia. Sob a janela suja havia um tanque de pedra onde o ancião estava derramando alguma coisa com as mãos trêmulas, de uma garrafa maior para um frasco pequeno.

— Fique sentado aqui e beba isto — disse ele, enchendo um copinho com um líquido escuro.

Will se sentou e pegou o copo. O primeiro gole desceu pela garganta como fogo. Lyra pegou o copo para que não caísse enquanto Will engasgava.

— Beba tudo — ordenou o homem.

— Que é isso?

— Conhaque de ameixa. Beba.

Will bebericou com mais cautela. Sua mão agora doía de verdade.

— Consegue curar ele? — perguntou Lyra, com desespero na voz.

— Ah, sim, temos remédio para tudo. Você, menina, abra aquela gaveta e me traga uma gaze.

Will viu a faca em cima da mesa no centro do aposento, mas antes que pudesse pegá-la o ancião veio mancando em sua direção com uma jarra de água.

— Beba mais — disse.

Will agarrou o copo com força e fechou os olhos enquanto o homem fazia alguma coisa na sua mão. A ardência foi horrível, mas em seguida ele sentiu a fricção áspera de uma toalha em seu pulso e alguma coisa enxugando a ferida com mais suavidade. Então houve uma sensação fria por um instante, depois começou a doer de novo.

— Esta é uma pomada preciosa — contou o ancião. — Muito difícil de obter. Muito boa para ferimentos.

Era uma bisnaga velha e empoeirada de pomada antisséptica comum, que Will poderia comprar em qualquer farmácia do seu mundo. O ancião a segurava como se fosse feita de mirra. Will desviou o olhar.

E enquanto o homem fazia um curativo, Lyra sentiu que Pantalaimon queria que ela fosse espiar pela janela. Ele era um gavião empoleirado na moldura aberta e tinha percebido um movimento lá embaixo. Ela se juntou ao daemon e viu uma figura conhecida: a menina Angélica corria para seu irmão mais velho, Tullio, que estava parado com as costas apoiadas no muro do outro lado da passagem lateral, mexendo os braços no ar como se tentasse manter longe do rosto uma nuvem de morcegos. Ele então se virou e começou a passar as mãos pelas pedras do muro, examinando cada uma delas com atenção, contando-as, tateando pelas beiradas, curvando-se como se fugisse de alguma coisa às suas costas, sacudindo a cabeça.

Angélica estava desesperada, assim como o pequeno Paolo atrás dela. Ambos chegaram até o irmão, o agarraram pelos braços e tentaram puxá-lo para longe

do que quer que o estivesse perturbando.

Com um espasmo de náusea, Lyra compreendeu o que estava acontecendo: o rapaz estava sendo atacado pelos Espectros. Angélica sabia disso, embora naturalmente não conseguisse vê-los, e o pequeno Paolo chorava e golpeava o ar, tentando afastá-los. Mas não adiantava, Tullio estava perdido. Seus movimentos ficaram cada vez mais fracos e finalmente cessaram por completo. Angélica se agarrou ao irmão mais velho, estremecendo e sacudindo o braço dele, mas nada o despertava. Paolo gritava o nome do irmão sem cessar, como se isso fosse mudar o que havia acontecido.

Então, como se sentisse que Lyra a observava, Angélica olhou para cima. Por um instante seus olhos se encontraram. Lyra estremeceu, como se a garota a tivesse golpeado de verdade, tão intenso era o ódio nos olhos dela; então Paolo viu o que a irmã fazia, olhou para cima também e gritou com sua voz infantil:

— Nós vamos te matar! Você fez isso com Tullio. Nós vamos te matar!

As duas crianças se viraram e saíram correndo, deixando para trás o irmão aturdido, e Lyra, se sentindo assustada e culpada, se afastou da janela e a fechou. Os outros não tinham ouvido nada. Giacomo Paradisi estava colocando mais pomada nos ferimentos, e Lyra tentou tirar da cabeça aquilo que tinha visto e se concentrar em Will.

— Tem que amarrar alguma coisa em volta do braço dele para segurar o sangue. Senão não vai parar.

— É, é, eu sei — disse o velho, mas com tristeza.

Will manteve o olhar desviado enquanto eles faziam um curativo e bebeu o conhaque de ameixa aos golinhos. Finalmente se sentiu tranquilo e distante, embora a mão agora doesse insuportavelmente.

— Agora, aqui está, pegue a faca, ela é sua — disse Giacomo Paradisi.

— Não quero — disse Will. — Não quero ter nada a ver com ela.

— Você não tem escolha — afirmou o ancião. — Agora é o portador.

— Pensei que fosse o senhor — intrometeu-se Lyra.

— O meu tempo acabou. A faca sabe quando deixar uma mão e procurar outra, e eu sei distinguir. Não acredita em mim? Veja.

Ele ergueu a mão esquerda. Também não tinha o dedo mínimo e o anelar, exatamente como Will.

— É, eu também — disse ele. — Lutei e perdi os mesmos dedos. É o

emblema do portador. E eu também não sabia que seria escolhido.

Lyra se sentou, de olhos arregalados. Will se apoiou na mesa empoeirada com a mão boa. Tentava encontrar as palavras.

— Mas eu... Só viemos aqui porque... Um homem roubou uma coisa de Lyra; ele queria a faca e disse que, se a gente levasse a faca para ele, então ele ia...

— Conheço esse homem. Ele é mentiroso, um vigarista. Não ia lhes dar coisa nenhuma, não se enganem. Ele quer a faca, e quando a conseguir vai trair vocês. Ele nunca será o portador. A faca é sua por direito.

Ainda sem acreditar no que estava acontecendo, Will alcançou a faca e a puxou em sua direção. Era uma adaga de aparência comum: lâmina de dois gumes, de metal fosco, com uns vinte e cinco centímetros de comprimento, um travessão curto do mesmo metal e cabo de pau-rosa. Ao examiná-la com mais atenção, o garoto percebeu que na madeira do cabo estavam embutidos fios dourados, formando um desenho que ele não reconheceu até virar a faca e ver do outro lado um anjo de asas dobradas; no lado oposto havia um anjo diferente, com as asas abertas. Os fios ressaltavam um pouco da madeira, permitindo uma pegada firme, e ao segurar a faca Will sentiu que ela era leve, forte, tinha um equilíbrio perfeito e que a lâmina afinal não era fosca — aliás, parecia que sob a superfície do metal havia um redemoinho de cores nubladas: os roxos de um hematoma, os azuis do mar, os marrons da terra, os cinzas das nuvens e os verdes-escuros que se encontravam sob uma árvore de copa densa, as sombras que se agrupavam na boca de uma sepultura quando a tarde caía sobre um cemitério deserto. Se existia algo como sombras coloridas, era o que refletia a lâmina da faca sutil.

Mas os gumes eram diferentes — aliás, os dois gumes eram diferentes um do outro. Um era de aço claro e brilhante, que logo se fundia àquelas sutis sombras coloridas, mas um aço de agudeza incomparável. Will não conseguiu manter o olhar no gume, de tão afiado que ele parecia. O outro era igualmente afiado, mas de cor prateada, e Lyra, que olhava por cima do ombro de Will, exclamou:

— Já vi esta cor! É a mesma da lâmina que iam usar para me separar do Pan, a mesma!

— Este gume corta qualquer material no mundo — disse Giacomo Paradisi, tocando o aço com o cabo de uma colher. — Vejam.

O ancião apertou a colher de prata contra a lâmina. Will, que segurava a faca,

sentiu uma resistência mínima enquanto a ponta do cabo era cortada e caía em cima da mesa. Ele continuou:

— O outro gume é ainda mais sutil. Com ele é possível cortar uma abertura para fora deste mundo. Experimente agora. Faça o que eu digo; você é o portador. Tem que saber. Só eu posso lhe ensinar e não tenho muito tempo. Fique de pé e escute.

Will empurrou a cadeira para trás e ficou de pé, segurando a faca com dedos frouxos. Estava se sentindo tonto, enjoado, revoltado.

— Eu não quero... — começou a dizer.

Mas Giacomo Paradisi sacudiu a cabeça.

— Silêncio! — ordenou. — Você não quer? Não quer? Você não tem escolha! Escute o que eu digo, pois o tempo é curto. Agora segure a faca na sua frente, assim. Não é só a faca que tem que cortar, mas a sua mente também. Você tem que pensar nisso. Portanto, faça o seguinte: coloque sua mente na pontinha da faca. Se concentre, garoto. Clareie sua mente. Não pense nesse ferimento, vai sarar. Pense na ponta da faca. É onde você está. Agora vá movimentando devagar. Você está procurando uma fresta tão pequena que nunca poderia enxergá-la com os olhos, mas a ponta da faca vai conseguir encontrar, se você colocar sua mente ali. Vá movimentando pelo ar até sentir uma minúscula fenda no mundo...

Will tentou — mas a cabeça zunia, a mão esquerda latejava horrivelmente e ele tornou a ver seus dois dedos caídos no telhado. Então pensou na mãe, coitada... O que ela ia dizer? Como iria consolá-lo? E como ele poderia consolá-la? O menino colocou a faca em cima da mesa, se agachou, abraçando a mão machucada, e começou a chorar. Tudo aquilo era demais para ele. Os soluços arranhavam a garganta e o peito, as lágrimas o cegavam, e ele deveria estar chorando por ela, sua pobre mãe querida, assustada e infeliz. Ele a tinha abandonado, abandonado...

Estava desconsolado. Mas então sentiu uma coisa muito estranha e enxugou os olhos com o dorso da mão direita para ver a cabeça de Pantalaimon em seu joelho. O daemon, em forma de lobo, erguia para ele os olhos cheios de tristeza e ternura, e então começou a lamber suavemente a mão ferida de Will, várias vezes; depois tornou a descansar a cabeça no joelho do garoto.

Will não tinha ideia do tabu que no mundo de Lyra impedia que uma pessoa

tocasse o daemon de outra; se ele ainda não tinha tocado em Pantalaimon, fora por educação, não por saber que era proibido. Lyra estava assombrada. Seu daemon fizera aquilo por iniciativa própria e então recuou, voejou até o ombro dela como a menor das vespas. O ancião observava com interesse, mas não com incredulidade. Já devia ter visto daemons; certamente viajara para outros mundos.

O gesto de Pantalaimon funcionou: Will suspirou pesadamente e voltou a ficar de pé, enxugando as lágrimas dos olhos.

— Está bem, vou tentar outra vez — declarou. — O que eu tenho que fazer?

Dessa vez ele forçou a mente a fazer o que Giacomo Paradisi dizia, rangendo os dentes, tremendo com o esforço, suando. Lyra estava doida para interromper, pois conhecia esse processo — assim como a dra. Malone, e como o poeta Keats, fosse ele quem fosse, todos eles sabiam que não adiantava forçar. Mas ficou calada, apertando as mãos.

— Pare — disse o ancião, com suavidade. — Relaxe. Não force. É uma faca mágica, não uma espada pesada. Você está segurando a faca com muita força. Afrouxe os dedos. Deixe a mente descer pelo seu braço até a mão, depois para o cabo da faca, e depois seguir pela lâmina, sem pressa, não force. Devagar. Então vá até a pontinha, onde o gume é mais afiado. Você se torna a ponta da faca. Faça isso agora. Vá até lá, sinta isso e então volte.

Will tentou outra vez. Lyra via a intensidade do corpo dele, a mandíbula contraída, e então viu que uma autoridade descia sobre ele, acalmando, relaxando e tornando tudo mais claro. A autoridade era do próprio Will — ou do seu daemon, talvez. Como ele devia sentir falta de um daemon! Tanta solidão... Não era de espantar que ele tivesse chorado. E Pantalaimon estava certo em fazer o que fez, embora ela tivesse ficado com uma sensação muito estranha. Estendeu os braços para seu amado daemon, que, em forma de arminho, deslizou para o colo dela.

Juntos observaram Will, que tinha parado de tremer. Continuava concentrado, com a mesma intensidade, mas de maneira diferente, e a própria faca também parecia diferente. Talvez fossem aquelas cores nubladas ao longo da lâmina, talvez fosse o modo como ela se encaixava tão naturalmente na mão de Will; o fato era que o pequeno movimento que ele agora fazia com a ponta da lâmina parecia cheio de propósito, não era mais casual. Ele tateou para um lado, depois

girou a faca e tateou para o outro, sempre usando o gume prateado, e então pareceu encontrar uma fenda no ar vazio.

— O que é isso? É a abertura? — perguntou, com a voz rouca.

— É, sim. Não force. Volte agora, volte para si mesmo.

Lyra imaginou que via a alma de Will fluindo de volta ao longo da lâmina até a mão dele, e dali pelo braço até o coração. Ele deu um passo para trás, baixou a mão e piscou um pouco.

— Eu senti uma coisa ali — disse a Giacomo Paradisi. — No começo, a faca estava só passando pelo ar, e de repente eu senti...

— Muito bem. Agora faça de novo. Desta vez, quando sentir a fenda, deslize a faca para dentro dela e para o lado. Faça um corte. Não hesite. Não fique surpreso. Não deixe a faca cair.

Will teve que se agachar, respirar fundo duas ou três vezes e colocar a mão esquerda sob o braço direito antes de poder continuar. Mas o garoto estava decidido; depois de alguns segundos tornou a se levantar, a faca apontada para a frente.

Dessa vez foi mais fácil — tendo experimentado uma vez, ele sabia o que deveria procurar, e em menos de um minuto tornou a sentir a curiosa fenda. Era como procurar delicadamente o espaço entre dois pontos cirúrgicos com a ponta do bisturi. Ele tocou, afastou a ponta da faca e tornou a tocar para ter certeza; então fez o que o ancião lhe ensinara e cortou para o lado com o gume prateado.

Ainda bem que Giacomo Paradisi tinha avisado para ele não ficar surpreso. Will manteve a faca cuidadosamente na mão e a colocou em cima da mesa, e só então se deixou surpreender. Lyra já estava de pé, sem fala, pois no meio do quartinho empoeirado havia uma janela exatamente como aquela sob as árvores: um buraco no ar através do qual era possível enxergar outro mundo.

E, como estavam no alto da torre, ficaram bem acima da parte norte de Oxford. Aliás, acima de um cemitério, virados na direção da cidade. Pouco à frente deles estavam os carpinos; havia casas, árvores, estradas e, a distância, as torres e os obeliscos da cidade.

Se já não tivessem visto a primeira janela, teriam pensado que se tratava de algum tipo de truque. Mas não era apenas ótico; por ali entrava ar, e eles sentiam o cheiro da fumaça dos veículos, coisa que não existia no mundo de Cittàgazze. Pantalaimon virou uma andorinha e voou para o outro lado, deleitando-se com o

ar livre, depois abocanhou um inseto antes de voar de volta para o ombro de Lyra.

Giacomo Paradisi observava com um sorriso curioso e triste. Então disse:

— Já aprendeu a abrir. Agora precisa aprender a fechar.

Lyra recuou para dar espaço a Will, e o ancião ficou ao lado dele.

— Para isso, vai precisar dos dedos — explicou. — Basta uma das mãos. Procure a borda como fez com a faca antes de abrir. Só vai conseguir encontrar se colocar a alma na ponta dos dedos. Vá tateando com muita delicadeza, até encontrar as bordas. Então aperte uma contra a outra. Só isso. Experimente.

Mas Will tremia. Não conseguia levar a mente de volta ao delicado equilíbrio que ele sabia ser necessário, e foi ficando cada vez mais frustrado.

Lyra via o que estava acontecendo. Ela se levantou, segurou o braço direito dele e disse:

— Escute, Will, pare um pouco e vou lhe contar como se faz. Sente aqui só um minuto, porque sua mão está doendo e está distraindo a sua mente. É natural. Vai melhorar daqui a pouco.

O ancião ergueu as mãos, mas mudou de ideia, deu de ombros e tornou a se sentar.

Will também se sentou e olhou para Lyra.

— O que estou fazendo de errado? — perguntou.

Ele estava sujo de sangue, tremendo e com o olhar perdido, uma pilha de nervos: tinha a mandíbula contraída, a respiração cansada e batia o pé no chão.

— É o seu machucado — disse ela. — *Você* não está errado. Está fazendo tudo certo, mas a sua mão não deixa você se concentrar. Não conheço um jeito fácil de resolver isso, mas quem sabe, se você não tentasse reprimir...

— Como assim?

— Você está tentando fazer duas coisas com a mente ao mesmo tempo. Está tentando ignorar a dor *e* fechar essa janela. Eu lembro que uma vez estava lendo o aletiômetro quando estava com medo, e pode ser que eu já estivesse acostumada com ele, não sei, mas ainda estava assustada o tempo todo enquanto lia. Simplesmente relaxe os seus pensamentos e diga sim, está doendo, eu sei. Não tente abafar a dor.

Ele fechou os olhos por um instante. Sua respiração ficou um pouco mais lenta.

— Está bem, vou tentar — disse ele.

E dessa vez foi muito mais fácil. Ele tateou à procura da borda, encontrando-a em um minuto, e fez o que Giacomo Paradisi tinha ensinado: apertou as bordas uma contra a outra. Era a coisa mais fácil do mundo. Sentiu um entusiasmo breve e calmo, e a janela sumiu. O outro mundo estava fechado.

O ancião entregou a ele uma bainha de couro com um contraforte de chifre sólido e fivelas para manter a faca no lugar, pois o menor movimento da lâmina cortaria até o couro mais grosso. Will deslizou a faca para dentro da bainha e a afivelou como podia, usando desajeitadamente uma só mão.

— Essa deveria ser uma ocasião solene — declarou Giacomo Paradisi. — Se nós dispuséssemos de dias e semanas, eu poderia contar a vocês a história da faca sutil e da Guilda da Torre degli Angeli, e toda a triste trajetória deste mundo corrompido e descuidado. Os Espectros são culpa nossa, só nossa. Eles vieram porque aqueles que estavam aqui antes de mim, alquimistas, filósofos, homens eruditos, vinham pesquisando a natureza mais profunda das coisas. Ficaram curiosos sobre o aglutinante que mantinha unidas as mais ínfimas partículas de matéria. Sabe o que eu quero dizer com aglutinante? É o mesmo que cola, grude. Bem, esta cidade era comercial, uma cidade de mercadores e banqueiros. Pensávamos que sabíamos tudo sobre todas as coisas... Mas sobre esse aglutinante nós estávamos enganados. Nós o desmanchamos e deixamos os Espectros entrarem.

— De onde vêm os Espectros? — Will quis saber. — Por que deixaram uma janela aberta debaixo daquelas árvores, a janela por onde eu entrei? Existem outras janelas no mundo?

— De onde os Espectros vêm é um mistério. De outro mundo, da escuridão do espaço, quem sabe? O que importa é que estão aqui e nos destruíram. Se existem outras janelas para este mundo? Sim, umas poucas, porque de vez em quando um portador da faca pode se descuidar ou esquecer, ou então ficar sem tempo para parar e fechar como deveria. E quanto à janela que você atravessou, sob os carpinos... Eu mesmo a deixei aberta, em um momento de estupidez imperdoável. O homem que vocês mencionaram, pensei que ele cairia na tentação de atravessar para cá, onde seria vítima dos Espectros. Mas acho que ele é inteligente demais para cair em um truque desses. Ele quer a faca. Por favor, jamais permitam que ele a consiga.

Will e Lyra se entreolharam.

— Bem, tudo o que posso fazer é lhe entregar a faca e ensinar como usá-la — terminou o ancião, abrindo os braços. — Isso eu já fiz; também devo lhe dizer quais costumavam ser as regras da Guilda antes que ela entrasse em decadência. Primeira: nunca abrir sem fechar. Segunda: nunca deixar outra pessoa usar a faca. Ela é só sua. Terceira: nunca usar com propósito vil. Quarta: guardar segredo. Se existem outras regras, eu as esqueci, e, se esqueci, foi porque não eram importantes. Você tem a faca. Você é o portador. Não deveria ser uma criança. Mas o nosso mundo está se esfacelando, e a marca do portador é inconfundível. Nem sei o seu nome. Agora saiam. Vou morrer logo, pois sei onde estão guardadas as drogas venenosas e não pretendo esperar a chegada dos Espectros quando a faca tiver ido embora.

— Mas, sr. Paradisi... — começou Lyra.

Ele, porém, sacudiu a cabeça e continuou:

— Não há tempo. Vocês vieram aqui com um propósito que talvez não saibam qual é, mas os anjos que os trouxeram até aqui sabem. Vão. Você é corajoso e a sua amiga é inteligente. E você tem a faca. Saiam.

— Então vai mesmo se envenenar? — perguntou Lyra, inconformada.

— Vamos, Lyra — chamou Will.

— E que história é essa de anjos? — insistiu ela.

Will a puxou pelo braço.

— Vamos embora — tornou a chamar. — Temos que ir. Obrigado, sr. Paradisi.

Ele estendeu a mão direita, suja de sangue e poeira, e o velho a apertou delicadamente. Apertou a mão de Lyra também e fez um aceno para Pantalaimon, que como resposta baixou sua cabeça de arminho.

Portando a faca em sua bainha de couro, Will desceu na frente pelos degraus largos e escuros que levavam ao térreo e saiu da torre. A luz do sol era quente na pracinha, e o silêncio era profundo. Lyra olhou em volta com imensa cautela, mas a rua estava deserta. E era melhor não preocupar Will contando para ele o que tinha visto; já havia problemas suficientes. Ela o levou para longe da rua em que tinha visto as crianças e em que Tullio ainda estava parado, imóvel, como se estivesse morto.

— Eu queria... — disse ela, já quase fora da praça, quando pararam e olharam

para trás. — É horrível pensar em... E os dentes dele, coitadinho, todos quebrados, e ele mal podia enxergar... Vai simplesmente engolir veneno e morrer agora, e eu queria...

Ela estava à beira das lágrimas.

— Psiu — interrompeu Will. — Ele não vai sentir dor. Vai simplesmente adormecer. É melhor do que os Espectros, foi o que ele disse.

— Ah, o que nós vamos fazer, Will? O que nós vamos fazer? Você, tão machucado, e aquele pobre velhinho... Odeio este lugar, odeio mesmo, tenho vontade de botar fogo em tudo. O que nós vamos fazer agora?

— Bom, isso é fácil — respondeu ele. — Precisamos pegar o aletiômetro de volta, então vamos ter que roubar ele. É isso que vamos fazer.

9. O ROUBO

Primeiro voltaram ao café para descansar, recuperar as forças e mudar de roupa. Era óbvio que Will não podia ficar andando por ali coberto de sangue, e o tempo em que ele se sentia constrangido em pegar coisas nas lojas já tinha ficado para trás. Sendo assim, ele arrumou um conjunto completo de roupas e sapatos, e Lyra, que exigira ajudar e vigiava em todas as direções a chegada das outras crianças, carregou tudo de volta para o café.

Lyra ferveu água, que Will levou para o banheiro, onde tirou a roupa para se lavar da cabeça aos pés. A dor era surda e interminável, mas pelo menos os cortes estavam limpos. Depois de ver o que aquela faca podia fazer, ele sabia que nenhum corte poderia ser mais limpo; mas os tocos dos dedos sangravam abundantemente. Quando olhava para eles, Will sentia náusea e o coração disparava, o que, por sua vez, aumentava o sangramento. Ele se sentou na borda da banheira, fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes.

Finalmente sentiu que estava mais calmo e começou a tomar banho. Fez o melhor que pôde, enxugou-se nas toalhas cada vez mais sujas de sangue e depois vestiu as roupas novas, tentando mantê-las limpas também.

— Você vai ter que refazer o meu curativo — pediu para Lyra. — Pode apertar quanto quiser, contanto que pare o sangue.

Ela rasgou um lençol e envolveu a mão ferida o mais apertado que pôde. Ele trincou os dentes, mas não conseguiu evitar as lágrimas. Enxugou-as sem uma palavra, e ela não disse nada.

Quando ela terminou, Will agradeceu e continuou:

— Escute, quero que você leve uma coisa para mim na sua mochila, pois pode

ser que a gente não consiga voltar para cá. São só umas cartas. Pode ler, se quiser.

Ele pegou o estojo de couro verde e entregou a ela as folhas de papel de carta.

— Não vou ler, não, a não ser que...

— Não me importo. Senão não tinha falado nada.

Ela dobrou as cartas e ele se estendeu na cama, empurrou a gata para o lado e adormeceu.

Muito mais tarde, na mesma noite, Will e Lyra estavam agachados na alameda que corria ao longo do pequeno bosque de arbustos no jardim de sir Charles. No mundo de Cittàgazze, estavam no gramado de um parque que rodeava uma mansão em estilo clássico, o vulto branco brilhando ao luar. Tinham levado muito tempo para chegar até a casa de sir Charles, avançando a maior parte do tempo em Cittàgazze, com frequentes paradas para cortar uma janela e verificar sua posição no mundo de Will. Assim que se certificavam de onde estavam, Will fechava cada janela.

Não exatamente ao lado deles, mas não muito atrás, vinha a gata. Ela dormira desde que a tinham salvado das pedras lançadas pelas crianças e, agora que estava novamente acordada, parecia não querer se separar deles, como se pensasse que estaria segura onde quer que eles estivessem. Will não estava tão certo disso, mas já tinha problemas suficientes sem se preocupar com a gata, então resolveu deixar pra lá. Ele ficava cada vez mais à vontade com a faca, mais seguro ao comandá-la. O ferimento, no entanto, doía mais do que antes, latejando muito e sem parar. O curativo novo que Lyra fizera já estava encharcado.

Ele cortou uma janela no ar não muito longe da casa em estilo clássico e atravessaram para a alameda silenciosa em Headington para planejar exatamente como chegariam ao escritório em que sir Charles tinha guardado o aletiômetro. Havia dois refletores iluminando o jardim, e todas as janelas da fachada da casa estavam acesas, menos a do escritório. Naquele lado só o luar clareava, e a janela do escritório estava completamente às escuras.

A alameda seguia por entre árvores até chegar em outra rua, que não era iluminada. Seria fácil para um ladrão comum entrar sem ser visto no bosque de arbustos e dali para o jardim, se não fosse a pesada cerca de ferro, com duas

vezes a altura de Will e com pontas afiadas, que cercava todo o perímetro da propriedade de sir Charles. Mas isso não era impedimento para a faca mágica.

— Segure esta barra para eu cortar — cochichou Will. — Não deixe cair no chão.

Lyra fez o que ele mandava, e ele cortou quatro barras, o suficiente para que passassem sem dificuldade. A menina as enfileirou sobre o gramado, e os dois passaram, avançando em meio aos arbustos.

Quando já tinha uma boa visão da lateral da casa, com a janela do escritório, sombreada pela hera, de frente para eles do outro lado do gramado liso, Will disse baixinho:

— Vou abrir aqui um buraco para Ci'gazze e deixar ele aberto, e avançar em Ci'gazze até onde sei que fica o escritório. Aí abro outro buraco de volta para este mundo. Então pego o aletiômetro naquela estante, volto a passar pelo buraco, fecho ele e venho por Ci'gazze até este buraco. Você fica me esperando aqui neste mundo e vigiando. Assim que me ouvir chamar, passe para Ci'gazze por este buraco, e eu torno a fechar ele. Entendeu?

— Entendi — cochichou ela. — Eu e Pan vamos vigiar.

Seu daemon era uma pequena coruja castanha, quase invisível à luz manchada de sombras sob as árvores. Seus olhos grandes e claros observavam cada movimento.

Will deu um passo para trás e estendeu a faca, procurando, tocando o ar com movimentos muito delicados, até que, depois de cerca de um minuto, encontrou um ponto em que poderia cortar. Fez isso depressa, abrindo uma janela para dentro do parque enluarado de Ci'gazze, e então calculou quantos passos precisaria dar para chegar ao escritório, memorizando a direção.

Em seguida, sem falar nada, ele atravessou e desapareceu.

Lyra ficou escondida ali perto. Pantalaimon estava empoleirado em um galho acima da cabeça dela, virando-se de um lado para outro, em silêncio. Ela ouvia o trânsito de Headington atrás deles, e os passos abafados de alguém que descia a rua no final do beco, e até mesmo o leve movimento dos insetos por entre as folhas a seus pés.

Um minuto passou, e mais outro. Onde estaria Will agora? Ela se esforçou para enxergar pela janela do escritório, que, entretanto, era apenas um quadrado escuro semiencoberto pela hera. Ainda naquela mesma manhã, sir Charles tinha

se sentado lá dentro, junto à janela, cruzara as pernas e ajeitara o vinco das calças. Onde ficava a estante em relação à janela? Will conseguiria entrar sem chamar a atenção de alguém dentro da casa? Lyra ouvia as batidas do próprio coração.

Então Pantalaimon fez um ruído baixo, e no mesmo momento veio um som diferente da frente da casa, à esquerda de Lyra. Ela não conseguia enxergar a fachada, mas viu uma luz varrendo as árvores e ouviu o som de pneus no cascalho. Não tinha escutado o menor barulho de motor de automóvel.

Procurou Pantalaimon, que já deslizava silenciosamente pelo ar, o mais distante que conseguia. Ele se virou na escuridão e foi pousar no pulso dela.

— Sir Charles está voltando — sussurrou. — E está com alguém.

Ele tornou a sair voando, e dessa vez Lyra foi atrás, na ponta dos pés, pela terra fofa, agachando-se atrás das moitas, e por fim se pondo de quatro para espiar por entre as folhas de um loureiro.

O Rolls Royce estava parado em frente à casa, e o motorista dava a volta no veículo para abrir a porta do passageiro. Sir Charles esperava sorrindo e oferecendo o braço à mulher que saltava do carro. Quando ela surgiu à vista, Lyra sentiu um golpe no coração, pois a visitante de sir Charles era sua mãe, a sra. Coulter.

Will atravessou com cuidado o gramado iluminado pela lua em Cittàgazze, contando os passos, mantendo na mente, com toda a clareza que conseguia, a lembrança de onde ficava o escritório e tentando localizá-lo em relação à casa em estilo clássico que se erguia ali perto no mundo de Ci’gazze, caiada de branco e com colunas, no centro de um jardim com estátuas e um chafariz. Ele tinha consciência de como estava exposto naquele jardim enluarado.

Quando achou que se encontrava no lugar correto, parou e tornou a estender a faca, tateando com cuidado à frente. Havia daquelas pequenas fendas invisíveis em vários lugares, mas não em todos, caso contrário qualquer golpe com a faca abriria uma janela.

A princípio ele abriu um orifício pequeno, não maior que sua mão, e espiou por ali. Do outro lado, apenas a escuridão. Ele não conseguia enxergar onde estava. Fechou esse buraco, fez uma volta de noventa graus e abriu outro. Dessa vez encontrou um pano à sua frente, um pesado veludo verde: as cortinas do

escritório. Mas onde elas ficavam em relação à estante? Ele teria que fechar esse buraco também, virar para o outro lado e tentar de novo. E o tempo estava passando.

A terceira vez foi melhor: conseguiu enxergar o escritório inteiro à luz fraca que entrava pela porta aberta para o vestíbulo. Lá estavam a escrivaninha, o sofá, a estante! Ele conseguia vislumbrar um leve brilho ao longo da lateral de um microscópio de cobre. E não havia ninguém ali, a casa estava em silêncio. Não podia ser melhor.

Calculou meticulosamente a distância, fechou a janela, deu quatro passos para a frente e ergueu a faca de novo. Se estivesse certo, estaria exatamente no local apropriado para estender a mão pelo buraco, cortar o vidro da estante, pegar o aletiômetro e fechar a janela atrás dele.

Cortou uma janela na altura ideal: o vidro da porta da estante ficava logo à frente. Chegou o rosto bem perto, estudando atentamente as prateleiras, da primeira à última.

O aletiômetro não estava lá.

A princípio, Will achou que tinha escolhido a estante errada. Havia quatro no escritório, ele tinha contado de manhã e decorado onde ficavam, estantes altas e quadradas, de madeira escura, com frente e laterais de vidro e prateleiras forradas de veludo, feitas para exibir preciosos objetos de porcelana, marfim ou ouro. Ele podia simplesmente ter aberto uma janela na frente da estante errada? Mas na prateleira superior estava o instrumento pesado, com anéis de cobre; ele fizera questão de observá-lo. E na prateleira do meio, onde sir Charles tinha colocado o aletiômetro, havia um espaço sem nada. Era a estante certa, e o aletiômetro não estava lá.

Will recuou por um momento e respirou fundo.

Teria que atravessar totalmente e procurar em volta; abrir janelas ao acaso iria levar a noite toda. Ele fechou a janela na frente da estante, abriu outra para olhar para o resto do aposento e, depois de um estudo cuidadoso, fechou essa outra e abriu uma maior atrás do sofá, por onde seria fácil fugir às pressas se fosse necessário. A essa altura, sua mão latejava brutalmente, e do curativo frouxo pendia uma tira de pano. Ele a enrolou o melhor que conseguiu e enfiou a ponta para dentro, depois atravessou para a casa de sir Charles e ficou escondido atrás do sofá de couro, a faca na mão direita, escutando.

Como não ouviu qualquer ruído, levantou-se devagar e olhou em volta. A porta para o vestíbulo estava entreaberta, e a luz que entrava o ajudava a enxergar as coisas. As estantes envidraçadas, as prateleiras, os livros, os quadros, tudo estava como naquela manhã, nada havia mudado.

Pisando no tapete, ele verificou cada uma das estantes. O aletiômetro não estava ali. Nem na escrivaninha, no meio dos livros e papéis organizados em pilhas, nem sobre a lareira entre os cartões convidando para estreias e recepções, nem no assento acolchoado junto à janela, nem na mesinha octogonal atrás da porta.

Ele voltou à escrivaninha, pretendendo procurar nas gavetas, já com uma incômoda expectativa de fracasso; e nesse momento escutou um ruído leve de pneus no cascalho, tão baixo que ele achou que tinha imaginado; mas mesmo assim ficou imóvel, esforçando-se para ouvir. O ruído cessou.

Então ele ouviu a porta se abrir.

Voltou correndo para trás do sofá, onde ficou agachado ao lado da janela que tinha aberto para o gramado enluarado em Cittàgazze. E mal tinha chegado ali quando ouviu passos naquele outro mundo, passos leves correndo pelo gramado, e olhou através da janela para ver Lyra vindo apressada em sua direção. Só teve tempo de acenar e pedir silêncio com um dedo nos lábios; ela diminuiu a velocidade, percebendo que ele já sabia que sir Charles tinha voltado.

— Não consegui — sussurrou ele quando Lyra se aproximou. — Não estava lá. Provavelmente está com ele. Vou esperar para ver se ele coloca de volta no lugar. Fique aqui.

— Não! É pior ainda! — exclamou ela, quase em pânico. — Ela está com ele, a sra. Coulter, a minha mãe, não sei como ela chegou aqui, mas se me encontrar eu estou morta, Will, estou perdida. E agora lembrei quem é ele! Já sei onde foi que vi esse velho antes! Will, o nome dele é lorde Boreal! Eu conheci ele no coquetel da sra. Coulter, quando fugi! E ele devia saber quem eu era o tempo todo...

— Psiu. Não fique aqui, se vai ficar fazendo barulho.

Ela se controlou, engolindo em seco e sacudindo a cabeça.

— Desculpe. Quero ficar com você — cochichou. — Quero ouvir o que eles vão dizer.

— Agora fique quieta...

Ele escutava vozes no vestíbulo. Os dois estavam ao alcance de um toque, ele no mundo dele, ela em Cittàgazze, e ao ver o curativo frouxo de Will, Lyra bateu de leve no braço dele e gesticulou para que o amarrasse de novo. Ele estendeu o braço para que ela fizesse isso, agachado, com a cabeça de lado, escutando com atenção.

Uma luz se acendeu no escritório. Ele ouviu sir Charles falando com o criado, dispensando-o; ele entrou no escritório e fechou a porta.

— Posso lhe oferecer uma taça de Tokay? — perguntou ele. Uma voz feminina, baixa e doce respondeu:

— Quanta gentileza, Carlo. Há muitos anos não tomo Tokay.

— Se acomode ali perto da lareira.

Deu para ouvir o gorgolejar do vinho sendo servido, o tilintar da garrafa na borda da taça e um murmúrio de agradecimento. Em seguida, sir Charles foi se sentar no sofá, a centímetros de Will.

— À sua saúde, Marisa — disse ele, bebendo um gole. — Agora, o que deseja?

— Quero saber onde você conseguiu o aletiômetro.

— Por quê?

— Porque estava com Lyra, e eu quero encontrá-la.

— Não imagino por que motivo. É uma pirralha repugnante.

— Tenho que lhe lembrar que ela é minha filha.

— Então é ainda mais repugnante, porque deve ter resistido de propósito à sua encantadora influência. Ninguém conseguiria fazer isso sem querer.

— Onde está ela?

— Vou lhe contar, prometo. Mas primeiro você tem que me dizer uma coisa.

— Se eu puder... — disse ela, em um tom diferente, que Will imaginou ser de advertência. — O que você quer saber?

A voz dela era extasiante: tranquilizadora, doce, musical, e jovem também. Ele tinha uma vontade enorme de saber como ela era, porque Lyra nunca tinha falado dela. E o rosto que acompanhava aquela voz devia ser maravilhoso.

— O que Asriel está pretendendo?

Houve então um silêncio, como se a mulher estivesse calculando o que iria dizer. Will voltou a olhar para Lyra através da janela e viu o rosto dela, iluminado pelo luar; olhos arregalados de medo, mordendo os lábios para ficar

quieta e se esforçando para ouvir, como ele.

— Muito bem, vou lhe contar — disse, por fim, a sra. Coulter. — Lorde Asriel está reunindo um exército com o propósito de concluir a guerra que houve no céu há muitas eras.

— Que coisa mais medieval. No entanto, parece que ele tem alguns poderes bem modernos. O que foi que ele fez com o polo magnético?

— Ele descobriu um modo de explodir a barreira entre o nosso mundo e os outros. Isso provocou sérias alterações no campo magnético da Terra, e deve ter afetado este mundo aqui também... Mas como você sabe disso? Carlo, acho que *você* deveria responder a algumas perguntas minhas. Que mundo é este? E como foi que me trouxe aqui?

— É um entre milhões. Existem aberturas entre eles, mas não são fáceis de achar. Conheço cerca de uma dúzia, mas os lugares para onde elas se abrem mudaram, deve ter sido por causa do que Asriel fez. Parece que agora podemos passar diretamente deste mundo para o nosso, e é provável que para muitos outros também. Antes, havia um único mundo que servia como uma espécie de encruzilhada, e todas as portas se abriam para lá. De modo que você pode imaginar a minha surpresa quando a vi, quando atravessei hoje, e o meu prazer em poder trazê-la diretamente para cá, sem correr o risco de passar por Cittàgazze.

— Cittàgazze? Que é isso?

— A encruzilhada. Um mundo em que tenho interesse, minha cara Marisa. Mas um mundo perigoso demais para visitarmos no momento.

— Perigoso por quê?

— Perigoso para os adultos. As crianças podem ir livremente.

— Como assim? Preciso saber disso, Carlo — disse a mulher, e Will sentia a sua apaixonada impaciência. — Isso está no centro de tudo, essa diferença entre crianças e adultos! É onde está guardado todo o mistério do Pó! É por isso que preciso encontrar aquela criança. E as feiticeiras lhe deram um nome. Quase fiquei sabendo qual era, quase, de uma feiticeira mesmo, mas ela morreu depressa demais. Preciso encontrar a menina. Ela tem a resposta, seja como for, e eu preciso dela...

— E terá. Esse instrumento vai trazê-la até aqui, não se preocupe. Assim que ela me der o que eu quero, você pode ficar com ela. Mas me fale dessa sua

curiosa escolta, Marisa. Nunca vi soldados como aqueles. Quem são?

— São homens, simplesmente. Mas... sofreram a intercisão. Não têm daemons, e por isso não têm medo, nem imaginação, nem vontade própria, e lutarão até morrer.

— Não têm daemons... Ora, é muito interessante. Fico imaginando se eu não poderia sugerir uma pequena experiência, se você puder dispor de um deles. Gostaria de ver se os Espectros estão interessados neles. Se não estiverem, pode ser que possamos ir a Cittàgazze, afinal...

— Quem são os Espectros?

— Mais tarde explico, minha cara. São o motivo pelo qual os adultos não podem entrar naquele mundo. Pó, crianças, Espectros, daemons, intercisão... É, podia funcionar. Tome mais um pouco de vinho.

— Quero saber de *tudo* — declarou ela, enquanto o vinho era servido. — Vou lhe cobrar isso. Agora me diga: o que você está fazendo neste mundo? Era para cá que você vinha quando pensávamos que estava no Brasil ou nas Índias?

— Descobri o caminho para cá há muito tempo. Era um segredo bom demais para ser revelado, até mesmo para você, Marisa. Montei uma vida bastante confortável aqui, como pode ver. Como em casa eu pertencia ao Conselho de Estado, tive facilidade em avaliar onde estava o poder aqui. Na verdade, me tornei espião, embora nunca tenha contado aos meus chefes tudo o que sabia. Durante anos os serviços de espionagem neste mundo se preocuparam com a União Soviética, que nós chamamos de Moscóvia. E, embora essa ameaça tenha diminuído, ainda existem postos de escuta e instrumentos apontados naquela direção, e ainda estou em contato com aqueles que chefiam os espiões.

A sra. Coulter tomou um gole de seu Tokay. Seus olhos brilhantes estavam fixos nos dele, sem piscar.

— E eu soube recentemente de um sério distúrbio no campo magnético da Terra. Todos os serviços de segurança estão alarmados. Todos os países que pesquisam física fundamental, o que chamamos de teologia experimental, estão deslocando seus cientistas a fim de descobrir com urgência o que está acontecendo. Porque eles sabem que *alguma coisa* está acontecendo. E suspeitam que tenha algo a ver com outros mundos. Aliás, eles já têm algumas pistas disso. Há uma pesquisa sobre o Pó em andamento. Ah, sim, aqui também sabem sobre isso. Aqui mesmo nesta cidade há uma equipe trabalhando nisso. E

outra coisa: um homem desapareceu há dez ou doze anos, no Norte, e os serviços de segurança acham que ele tinha certa informação de que eles precisavam muito, ou seja, a localização de uma porta entre os mundos, como essa que você atravessou hoje. A porta que ele encontrou é a única que eles conhecem: você pode imaginar que não lhes contei o que sei. Quando começou esse novo distúrbio, eles saíram em busca desse homem. Naturalmente, Marisa, estou curioso. E ansioso para aumentar os meus conhecimentos.

Will estava paralisado, o coração batendo com tanta força que ele temia que os adultos escutassem. Sir Charles estava falando do seu pai! Então era isso que aqueles homens eram, e o que estavam procurando!

Mas durante todo o tempo ele tinha consciência de mais alguma coisa no aposento além das vozes de sir Charles e da mulher: havia uma sombra se movendo pelo chão, ou pela parte do chão que o menino conseguia enxergar além da ponta do sofá e atrás das pernas da mesinha octogonal. Mas nem sir Charles nem a mulher se mexiam. A sombra se movimentava em passos rápidos e curtos, e deixava Will muito inquieto. A única luz na sala era a de um abajur ao lado da lareira, de modo que a sombra era nítida e definida, mas nunca se imobilizava por tempo suficiente para Will distinguir o que era.

Então duas coisas aconteceram. Primeiro, sir Charles mencionou o aletiômetro.

— Por exemplo, estou muito curioso sobre este instrumento — declarou ele. — E se você me contar como ele funciona?

E ele colocou o aletiômetro sobre a mesinha octogonal na ponta do sofá. Will conseguia vê-lo claramente; quase podia tocá-lo.

A segunda coisa que aconteceu foi que a sombra se imobilizou. A criatura que a lançava devia estar empoleirada no encosto da cadeira da sra. Coulter, porque a luz que jorrava sobre ela formava sua sombra na parede. E, no momento em que ela se imobilizou, ele tomou consciência de que se tratava do daemon da mulher: um macaco, agachado, girando a cabeça de um lado para outro, procurando alguma coisa.

Will escutou Lyra inspirar com força atrás dele, quando ela também viu o daemon. Ele se virou sem ruído e murmurou:

— Volte para a outra janela e atravesse para este jardim. Pegue umas pedras e jogue na janela do escritório para desviar a atenção deles por um instante e eu

poder pegar o aletiômetro. Depois corra de volta para a outra janela e espere por mim.

Ela concordou, se virou e se afastou correndo pela grama sem fazer barulho. Will se voltou para o escritório. A mulher dizia:

— ... o reitor da Universidade Jordan é um velho idiota. Não posso imaginar por que deu o aletiômetro a ela; é preciso um estudo intensivo durante vários anos para entender o instrumento. E agora você me deve umas informações, Carlo. Como foi que encontrou o aletiômetro? E onde está minha filha?

— Vi quando ela o usou em um museu da cidade. Reconheci a garota, é claro, pois a conheci naquele seu coquetel há muito tempo, de modo que imaginei que ela tivesse encontrado uma porta. E então percebi que poderia usar isso para um propósito meu. Assim, quando esbarrei com ela pela segunda vez, eu o roubei.

— Você é bem franco.

— Não há necessidade de enrolação, nós dois somos adultos.

— E onde está ela agora? O que foi que ela fez quando descobriu o roubo?

— Ela veio até aqui, o que deve ter exigido coragem, imagino.

— Coragem não lhe falta. E o que vai fazer com ela? Qual é esse seu propósito?

— Eu disse a ela que devolveria o aletiômetro se me conseguisse uma coisa que não posso conseguir sozinho.

— E que coisa é essa?

— Não sei se você...

E foi nesse instante que a primeira pedra atingiu a janela do escritório.

A vidraça se estilhaçou em um agradável tilintar, e no mesmo instante o macaco saltou do encosto da cadeira, enquanto os adultos ficavam imóveis, boquiabertos. Veio outra pedra, e mais outra, e Will sentiu o sofá se mexer quando sir Charles se levantou.

Will se inclinou para a frente e pegou o aletiômetro na mesinha, enfiando-o no bolso antes de saltar através da janela. Assim que se viu no gramado em Cittàgazze, tateou no ar em busca das bordas invisíveis, acalmando a mente, respirando devagar, consciente, durante o tempo todo, de que a poucos passos dele havia um perigo terrível.

Então ouviu um guincho que não era humano nem animal, mas pior do que qualquer uma dessas coisas, e entendeu que vinha do horrível macaco. Já tinha

conseguido fechar a janela quase toda, mas ainda restava uma fenda na altura do seu peito — e então teve que saltar para trás, porque por essa fenda passou uma pequena pata de pelos dourados e garras negras, e depois uma cara: uma cara de pesadelo. O macaco dourado tinha os dentes à mostra, os olhos brilhantes de ódio, e uma maldade tão intensa emanava dele que Will a sentia quase como uma lança.

Mais um segundo e o macaco teria atravessado, e isso teria sido o fim; mas Will ainda segurava a faca; ele a ergueu e golpeou duas vezes o focinho do macaco — ou o lugar onde o focinho estaria, se o animal não tivesse recuado bem a tempo. Isso deu a Will a margem necessária para pegar as bordas da janela e apertar uma contra a outra.

Seu próprio mundo desapareceu, e ele estava sozinho no parque enluarado em Cittàgazze, ofegando, tremendo — e muito assustado.

Mas agora tinha que ajudar Lyra. Correu de volta à primeira janela que ele tinha aberto e que dava para o bosque de arbustos, e espiou para o outro lado. As folhas escuras dos loureiros e dos azevinhos atrapalhavam a visão, mas ele enfiou a mão para afastar a folhagem e poder enxergar a lateral da casa, com a vidraça quebrada da janela do escritório destoando claramente ao luar.

Enquanto observava, ele viu o macaco surgir aos saltos do canto da casa, disparando pelo gramado com a velocidade de um gato, e então viu sir Charles e a mulher, que o acompanhavam de perto. Sir Charles segurava uma pistola. A mulher era bela — Will ficou chocado com sua beleza —, linda ao luar, o vulto esguio, leve e gracioso. Mas, quando ela estalou os dedos, o macaco estacou imediatamente e saltou para seus braços, e o menino viu que aquela mulher de rosto doce e aquele macaco maligno eram um só ser.

Mas onde estava Lyra?

Os adultos procuravam em volta, e então a mulher colocou no chão o macaco, que começou a se movimentar pela grama como se estivesse farejando ou procurando pegadas. O silêncio reinava em toda parte. Se Lyra já estava nos arbustos, não poderia se mexer sem fazer algum ruído que a entregaria no mesmo instante.

Sir Charles fez algo na pistola que provocou um estalido baixo: a trava de segurança. Ele sondou os arbustos, parecendo olhar diretamente para Will, e então seus olhos seguiram adiante.

Então ambos os adultos olharam para a esquerda, pois o macaco ouvira alguma coisa. Em um segundo ele tinha saltado para onde Lyra devia estar, e no instante seguinte iria encontrá-la...

Nesse momento, a gata saltou dos arbustos para a grama, sibilando. Ouvindo isso, o macaco girou em pleno ar, como se tivesse levado um susto, embora não estivesse tão assustado quanto o próprio Will. O macaco caiu sobre as quatro patas, de frente para a gata, que arqueou o dorso, o rabo erguido, e ficou de lado, sibilando, rosnando, desafiando.

O macaco saltou sobre ela. A gata ficou de pé nas patas traseiras, golpeando com as garras afiadas, movendo-se depressa demais para a vista, e nesse instante Lyra surgiu junto a Will, rolando através da janela, com Pantalaimon ao lado. A gata berrou, e o macaco também, quando as garras dela lhe rasgaram o focinho. E então o macaco saltou para os braços da sra. Coulter, e a gata, mergulhando nos arbustos do seu próprio mundo, desapareceu.

Os dois tinham conseguido atravessar, e Will mais uma vez tateou em busca das bordas quase intangíveis no ar e as apertou com rapidez, fechando todo o orifício, enquanto ouvia, através da fenda cada vez menor, o som de pés esmagando gravetos e mãos afastando galhos.

Sobrou apenas um furo do tamanho do punho de Will, que foi logo fechado, e o mundo inteiro ficou silencioso. Ele caiu de joelhos na grama orvalhada e tateou à procura do aletiômetro.

— Pegue — disse a Lyra.

Ela pegou o instrumento. Com as mãos trêmulas ele deslizou a faca de volta na bainha. Depois se deitou, com o corpo todo estremecendo, fechou os olhos, sentindo o luar sobre ele e notando Lyra desfazer o curativo e tornar a prendê-lo com movimentos delicados. Então ouviu-a dizer:

— Ah, Will, obrigada pelo que você fez, por tudo...

— Espero que a gata esteja bem — resmungou ele. — Parece a minha Moxie. Provavelmente foi para casa. Lá no mundo dela. Agora ela vai ficar bem.

— Sabe o que pensei? Por um segundo imaginei que ela era o seu daemon. De qualquer maneira, ela fez o que um bom daemon teria feito. Nós salvamos ela, e ela nos salvou. Vamos, Will, não fique deitado na grama, está todo molhado. Você tem que ir se deitar em uma cama, senão vai ficar resfriado. Vamos entrar naquela casa grande ali. Deve haver camas, comida, coisas. Vamos, eu vou fazer

um curativo novo, preparar café, fazer um pouco de omelete, o que você quiser, e vamos dormir... Estaremos seguros, agora que temos o aletiômetro de volta, você vai ver. Não vou fazer outra coisa a não ser ajudar você a encontrar o seu pai, prometo...

Ela o ajudou a se levantar e os dois caminharam devagar pelo jardim em direção à casa branca que resplandecia ao luar.

10. O XAMÃ

Lee Scoresby desembarcou no porto na foz do rio Yenisei e encontrou o lugar em um caos, com pescadores tentando vender seu parco produto da pesca — peixes até então desconhecidos — para as fábricas de peixe enlatado, donos de navio furiosos com as taxas portuárias que as autoridades tinham aumentado para enfrentar as enchentes, caçadores e peleiros chegando à cidade em grande número, impossibilitados de trabalhar por causa do degelo precoce na floresta e do comportamento inusitado e imprevisível dos animais.

Ia ser difícil viajar para o interior pela estrada, isso era certo; em épocas normais a estrada era apenas uma trilha de terra congelada, e, agora que até mesmo essa camada estava se derretendo, o leito da estrada era um pântano de lama e água.

Por causa disso tudo, Lee colocou o balão e o equipamento em um depósito e, com o seu suprimento de ouro — cada vez mais minguado —, alugou um barco com motor a gás, comprou vários tanques de combustível e alguns suprimentos e partiu corrente acima pelo rio cheio.

No início seu progresso foi lento. Não apenas a corrente era forte, mas as águas carregavam todo tipo de detritos: troncos, galhos, animais afogados e até mesmo o corpo inchado de um homem. Ele tinha que pilotar com cautela e manter o pequeno motor funcionando com força total para conseguir avançar.

Seu destino era a aldeia da tribo de Grumman. Como orientação, ele tinha apenas a lembrança de ter sobrevoado a área alguns anos antes, mas essa lembrança era forte, e ele teve pouca dificuldade em encontrar o rumo correto em meio aos cursos d’água, mesmo com parte das margens submersa sob a água

turva da enchente. A temperatura tinha perturbado os insetos, e uma nuvem de mosquitos deixava todos os contornos meio apagados. Lee esfregou unguento de estramônio no rosto e nas mãos e fumou uma sucessão de charutos de cheiro forte, para diminuir um pouco o problema.

Hester, por sua vez, ficou sentada na proa, parecendo triste, as orelhas compridas caídas sobre o dorso magro e os olhos apertados. Eles estavam acostumados ao silêncio um do outro; falavam quando havia necessidade.

Na manhã do terceiro dia, Lee conduziu a pequena embarcação contra a corrente de um regato que se juntava ao rio, vindo de uma sucessão de montes baixos que deveriam estar bem cobertos pela neve, mas agora estavam manchados de marrom. Logo o regato passou a correr entre pinheiros e abetos baixos, e depois de alguns quilômetros chegaram a um rochedo grande e arredondado, com a altura de uma casa, no qual Lee atracou e amarrou o barco.

— Havia um atracadouro aqui — contou a Hester. — Você se lembra do que aquele velho caçador de focas em Nova Zembla nos contou? Deve estar dois metros debaixo d'água.

— Então espero que tenham tido o bom senso de construir a aldeia no alto — respondeu ela, saltando para a margem.

Não mais de meia hora depois, ele colocou sua bagagem no chão diante da casa de madeira do chefe da aldeia e se virou para cumprimentar a pequena multidão que se juntara. Usou o gesto universal em direção ao norte para significar amizade e pousou o rifle no chão a seus pés.

Um velho tártaro siberiano, os olhos quase perdidos em meio às rugas, colocou sua tigela no chão ao lado do rifle. Seu daemon-carcaju sacudiu o focinho para Hester, que moveu uma orelha em resposta, e então o chefe falou.

Lee respondeu, e os dois passaram por meia dúzia de linguagens antes de encontrarem uma em que pudessem conversar.

— Meus respeitos a você e à sua tribo — disse Lee. — Tenho um pouco de erva de fumar, que não vale muito, mas eu me sentiria honrado em lhe dar de presente.

O chefe assentiu, satisfeito, e uma de suas mulheres recebeu a trouxa que Lee retirou da bagagem.

— Estou procurando um homem chamado Grumman — prosseguiu Lee. — Ouvi dizer que ele é um de vocês por adoção. Pode ser que ele esteja usando

outro nome, mas é europeu.

— Ah, estávamos esperando por você — disse o chefe.

O resto dos habitantes, reunidos sob a luz fraca do sol no solo enlameado no meio das casas, não conseguia entender as palavras, mas via a satisfação do chefe — satisfação e alívio, foi o que Lee sentiu Hester pensar.

O chefe ficou confirmando com a cabeça várias vezes.

— Estávamos esperando por você — repetiu. — Você veio para levar o dr. Grumman para o outro mundo.

Lee franziu a testa, mas disse apenas:

— Como quiser, senhor. Ele está aqui?

— Venha comigo — disse o chefe.

Os outros deram passagem respeitosamente. Compreendendo o desprazer de Hester em ter que atravessar a lama imunda, Lee colocou a mochila nas costas e a segurou nos braços, seguindo o chefe ao longo de uma trilha na floresta até uma cabana situada a dez longas flechadas da aldeia, em uma clareira entre os lariços.

O chefe parou do lado de fora da cabana de estrutura de madeira e cobertura de couro. O local era decorado com presas de javali e chifres de alces e veados, que não eram apenas troféus de caça, pois deles pendiam flores secas e ramos de pinheiro cuidadosamente dispostos, como se para algum ritual.

— Tem que falar com ele com respeito — disse o chefe em voz baixa. — Ele é um xamã. E tem o coração doente.

De repente Lee sentiu um arrepio lhe percorrer o corpo, e Hester se esticou em seus braços, pois os dois se deram conta de que vinham sendo observados todo o tempo: por entre as flores secas e os ramos de pinheiro, um olho amarelo e brilhante os vigiava. Era um daemon, e Lee a viu virar a cabeça, pegar delicadamente um ramo de pinheiro com seu bico poderoso e passá-lo pelo ar como se puxasse uma cortina.

O chefe chamou em sua própria língua, usando o nome que o velho caçador de focas mencionara a Lee: Jopari. Logo em seguida a porta se abriu.

Parado na soleira estava um homem magro, de olhos brilhantes, vestindo couro e peles. O cabelo negro tinha manchas cinza, a mandíbula forte ressaltava, e seu daemon, uma águia-pesqueira empoleirada em seu punho, olhava com raiva para os visitantes.

O chefe se curvou três vezes e retrocedeu, deixando Lee sozinho com o xamã-acadêmico que tinha ido procurar.

— Dr. Grumman, meu nome é Lee Scoresby. Venho do país do Texas e sou aeróstata de profissão. Se me deixar sentar e falar um pouco, vou lhe contar o que me trouxe aqui. É isso mesmo, não é? O senhor é mesmo o dr. Stanislaus Grumman, da Academia de Berlim?

— Sou — disse o xamã. — E você diz que vem do Texas. Os ventos o empurraram para bem longe da sua terra natal, sr. Scoresby.

— Bem, agora existem ventos estranhos soprando pelo mundo, senhor.

— De fato. O sol está morno, eu acho. Vai encontrar um banco dentro da minha cabana; se me ajudar a trazê-lo para fora, podemos nos sentar sob essa luz tão agradável e conversar ao ar livre. Tenho um pouco de café, se lhe agrada.

— É muita gentileza, senhor — disse Lee.

Ele carregou o banco de madeira enquanto Grumman ia ao fogão e servia o café quente em duas canecas de lata. Aos ouvidos de Lee, seu sotaque não era alemão, mas inglês, da Inglaterra — o diretor do observatório tinha razão, afinal.

Depois que se sentaram, Hester impassível, de olhos apertados, ao lado de Lee e o grande daemon-águia-pesqueira olhando malevolamente para o sol, Lee começou a falar. Primeiro, do seu encontro em Trollesund com John Faa, chefe dos gípcios. Relatou como tinham recrutado Iorek Byrnison, o urso, viajado para Bolvangar e resgatado Lyra e as outras crianças. Depois contou o que soubera por Lyra e Serafina Pekkala, no balão, enquanto voavam para Svalbard.

— Sabe, dr. Grumman, pelo jeito que a menina descreveu, parece que lorde Asriel simplesmente brandiu diante dos catedráticos aquela cabeça decepada embalada em gelo, assustando-os tanto que eles não quiseram examinar de perto. Foi o que me fez suspeitar que o senhor poderia estar vivo. E é óbvio que o senhor tem praticamente um conhecimento especializado dessa história. Tenho ouvido falar no senhor em todo o litoral do Ártico: da perfuração em sua cabeça, da sua pesquisa, que varia entre escavar o leito do oceano e observar as luzes do Norte, e o jeito como o senhor apareceu de repente, saindo do nada, há uns dez ou doze anos, e tudo isso é muito interessante. Mas algo mais que a simples curiosidade me atraiu até aqui, dr. Grumman. Estou preocupado com a menina. Acho que ela é importante, e as feiticeiras também acham. Se existe alguma coisa que o senhor saiba sobre ela e sobre o que está acontecendo, eu gostaria

que me contasse. Como eu disse, alguma coisa me deu a certeza de que o senhor pode fazer isso, e é por isso que estou aqui.

“Mas, se não estou enganado, senhor, ouvi o chefe da aldeia dizer que eu tinha vindo para levá-lo para outro mundo. Entendi errado, ou foi isso mesmo que ele disse? E mais uma pergunta, senhor: que nome foi aquele que ele usou? É algum tipo de nome tribal, algum título de magia?”

Grumman sorriu brevemente e respondeu:

— O nome que ele usou é o meu nome verdadeiro, John Parry. Sim, você veio até aqui para me levar para outro mundo. E quanto ao que o trouxe aqui, acho que vai concluir que foi isso.

Ele abriu a mão. Havia ali uma coisa que Lee viu, mas não entendeu. O que viu foi um anel de prata e turquesa, um desenho navajo, que ele reconheceu como o anel de sua própria mãe: conhecia seu peso, a superfície lisa da pedra e o modo como o ourives tinha dobrado mais o metal no canto em que a pedra estava lascada — Lee sabia que os contornos daquele canto lascado tinham se desgastado com o uso, porque muitas e muitas vezes ele tinha passado os dedos ali, muitos anos antes, em sua infância nos campos de salva do seu país natal.

Quando deu por si, tinha levantado. Hester tremia, ereta, orelhas em pé. Sem que Lee percebesse, a águia-pesqueira tinha se movido entre ele e Grumman, defendendo o seu humano, mas Lee não ia atacar. Ele se sentia tonto; parecia criança outra vez, e estava com a voz tensa e trêmula quando perguntou:

— Onde conseguiu isso?

— Pegue — disse Grumman, ou Parry. — Ele já cumpriu sua missão. Trouxe você. Agora não preciso mais dele.

— Mas como... — fez Lee, pegando na palma da mão de Grumman aquele objeto querido. — Não compreendo como foi que o senhor... Será que... Como conseguiu isso? Passei mais de quarenta anos sem ver esse anel.

— Sou um xamã. Posso fazer muitas coisas que você não entende. Sente-se aqui, sr. Scoresby. Fique calmo. Vou lhe contar tudo o que precisa saber.

Lee tornou a se sentar, segurando o anel, passando sem parar os dedos sobre a joia.

— Bem, estou perturbado, senhor. Acho que preciso ouvir o que o senhor puder me contar.

— Muito bem, vou começar. Meu nome, como já lhe disse, é John Parry, e eu

não nasci neste mundo. Lorde Asriel não foi o primeiro a viajar entre os mundos, embora seja o primeiro a abrir caminho de maneira tão espetacular. Em meu próprio mundo, fui soldado e depois explorador. Há doze anos eu estava acompanhando uma expedição a um lugar no meu mundo que corresponde ao seu estreito de Bering; meus companheiros tinham outros propósitos, mas eu estava procurando uma coisa que tinha ouvido nas velhas lendas: um rasgão no tecido do mundo, um buraco que tinha aparecido entre o nosso universo e outro. Bem, alguns dos meus companheiros se perderam. Procurando por eles, eu e dois outros atravessamos esse buraco, essa porta, sem percebermos, e deixamos o nosso mundo para trás. A princípio não compreendemos o que tinha acontecido. Caminhamos até encontrarmos uma cidade e aí não tivemos mais dúvidas: estávamos em outro mundo.

"Bem, por mais que tentássemos, não conseguimos encontrar novamente aquela porta. Tínhamos atravessado durante uma nevasca, e você, que é um veterano do Ártico, sabe o que isso significa.

"Então não tivemos escolha senão continuarmos neste mundo novo. E logo descobrimos que era um lugar perigoso. Parece que havia um estranho fantasma ou uma aparição assombrando o lugar, alguma coisa implacável e mortal. Meus dois companheiros morreram logo depois, vítimas dos Espectros, como aquelas coisas são chamadas.

"O resultado foi que achei o mundo deles um lugar abominável e não via a hora de sair de lá. O caminho de volta ao meu próprio mundo estava barrado para sempre. Mas havia outras portas para outros mundos, e logo encontrei o caminho para este aqui.

"E aqui estou. E assim que cheguei descobri uma coisa que me maravilhou, Lee Scoresby, pois os mundos são muito diferentes uns dos outros, e neste mundo vi meu daemon pela primeira vez. É, eu não sabia da existência de Sayan Kötör até entrar no seu mundo. As pessoas daqui não conseguem conceber um lugar em que os daemons são uma voz silenciosa na mente, nada mais. Pode imaginar a minha surpresa ao descobrir que parte da minha própria natureza era feminina, tinha a forma de pássaro e era linda?

"Assim, com Sayan Kötör ao meu lado, vaguei pelas terras do Norte e aprendi muita coisa com os povos do Ártico, como os meus bons amigos nesta aldeia. O que eles me contaram sobre este mundo preencheu algumas lacunas nas

informações que obtive no meu, e comecei a ver a resposta a muitos mistérios.

“Fui para Berlim com o nome de Grumman. Não contei a ninguém as minhas origens; era o meu segredo. Apresentei uma tese à academia e a defendi em um debate, que é o método deles. Eu era mais bem-informado do que os acadêmicos, e não tive dificuldade em me tornar um deles.

“Com as minhas novas credenciais eu poderia começar a trabalhar neste mundo em que encontrei, de maneira geral, muito contentamento. Senti falta de algumas coisas do meu próprio mundo, é claro. É casado, sr. Scoresby? Não? Bem, eu era; e amava muito a minha esposa, como amava o meu filho, meu único filho, um menino que não tinha nem um ano quando saí do meu mundo. Senti uma saudade terrível deles. Mas, mesmo que procurasse durante mil anos, nunca encontraria o caminho de volta. Estávamos separados para sempre.

“O meu trabalho me absorvia, e procurei outras formas de conhecimento: fui iniciado no culto do crânio, me tornei um xamã. E tenho feito algumas descobertas úteis: descobri um modo de fazer um unguento com musgo-de-sangue, por exemplo, que conserva todas as virtudes da planta viva.

“Conheço muita coisa deste mundo, sr. Scoresby. Sei, por exemplo, da existência do Pó. Vejo pela sua expressão que já ouviu essa palavra. É uma coisa que está matando de medo os seus teólogos, mas são eles que me amedrontam. Sei o que lorde Asriel está fazendo, e sei por quê, e foi por isso que chamei você aqui. Quero ajudar lorde Asriel, entende, porque a missão a que ele se destinou é a maior na história humana. A maior em trinta e cinco mil anos de história humana, sr. Scoresby.

“Eu mesmo não posso fazer grande coisa. Meu coração está doente de um mal que ninguém neste mundo conseguirá curar. Ainda tenho, talvez, energia suficiente para um grande esforço. Mas sei uma coisa que lorde Asriel não sabe e precisa saber para que seus empenhos tenham sucesso.

“Fiquei intrigado com aquele mundo mal-assombrado em que os Espectros se alimentavam da consciência humana; tinha vontade de saber o que eram, como tinham surgido. Sendo xamã, consigo descobrir coisas por meio do espírito quando não posso ir com o corpo, e passei muito tempo em transe explorando aquele mundo. Descobri que os filósofos de lá, há muitos séculos, criaram uma ferramenta para sua própria destruição: uma ferramenta que eles chamaram de faca sutil. Ela possuía muitos poderes, mais do que eles imaginavam quando a

fabricaram, muito mais do que eles sabem, mesmo hoje em dia. E, ao usá-la, eles deixaram os Espectros entrarem no mundo deles.

“Bem, sei a respeito da faca sutil e o que ela pode fazer. E sei onde ela está, sei como reconhecer o indivíduo que deve usá-la e sei o que ele tem que fazer para ajudar lorde Asriel. Espero que ele seja capaz de cumprir a tarefa. Portanto, chamei o senhor até aqui para me levar pelo ar até o Norte, para dentro do mundo que Asriel abriu, onde espero encontrar o portador da faca sutil.

“É um mundo perigoso, não se engane. Aqueles Espectros são piores do que qualquer coisa no seu mundo ou no meu. Precisaremos ter cuidado e coragem. Não vou voltar de lá, e o senhor terá que usar toda a sua valentia, toda a sua esperteza, toda a sua sorte, se quiser ver o seu mundo de novo.

“É esta a sua missão, sr. Scoresby. Por isso o senhor me procurou.”

E o xamã silenciou. Tinha o rosto pálido, com um leve brilho de transpiração.

— É a coisa mais maluca que já ouvi na minha vida. — Foi o comentário de Lee.

Em sua agitação, ele se pôs de pé e ficou caminhando de um lado para outro, enquanto Hester, impassível, observava. Grumman tinha os olhos semicerrados, e seu daemon, no colo, observava Lee com olhar desconfiado.

— Quer dinheiro? — perguntou Grumman, depois de alguns segundos. — Posso lhe arranjar ouro. Não é difícil.

— Droga, não vim até aqui por dinheiro — exclamou Lee. — Vim porque... Vim ver se o senhor estava vivo como eu pensava. Bem, a minha curiosidade quanto a isso já foi satisfeita.

— Que bom.

— E há outra coisa — acrescentou Lee. Ele relatou a Grumman sobre o conselho de feiticeiras no lago Enara e a resolução a que elas tinham chegado. — Sabe, aquela garotinha, Lyra... Bem, foi por causa dela que resolvi ajudar as feiticeiras. O senhor disse que me trouxe até aqui com o anel navajo; pode ser que seja, pode ser que não. O que eu sei é que vim aqui porque achei que estaria ajudando Lyra. Nunca vi uma criança como aquela. Se eu tivesse uma filha, queria que ela fosse pelo menos metade tão forte, corajosa e boa quanto ela é. Ora, eu tinha ouvido falar que o senhor sabia de um objeto, eu não sabia o que podia ser, que dá proteção a qualquer pessoa que o carregue. E, pelo que o senhor diz, acho que deve ser essa tal de faca sutil.

“Então este é o meu preço para levar o senhor até o outro mundo, dr. Grumman: nada de ouro, mas a faca sutil, e não a quero para mim, mas para Lyra. O senhor terá que jurar que vai conseguir que ela fique sob a proteção desse objeto, e então eu o levo aonde quiser ir.”

O xamã escutou atentamente e disse:

— Muito bem, sr. Scoresby, eu juro. Acredita no meu juramento?

— Vai jurar pelo quê?

— Pelo que o senhor quiser.

Lee pensou um pouco e disse:

— Jure por aquilo que fez o senhor recusar o amor da feiticeira. Acho que deve ser a coisa mais importante que o senhor conhece.

— Tem toda razão, sr. Scoresby — disse Grumman, arregalando os olhos. — Jurarei com prazer. Eu lhe dou a minha palavra de que vou fazer com que essa menina Lyra Belacqua fique sob a proteção da faca sutil. Mas vou lhe dar um aviso: o portador dessa faca tem sua própria missão a cumprir, e pode ser que essa missão coloque a menina em um perigo ainda pior.

Lee assentiu com a fisionomia séria.

— Pode ser — concordou. — Mas quero que ela tenha uma chance de ficar segura, por menor que seja.

— Eu lhe dou a minha palavra. E agora preciso ir para o novo mundo, e o senhor precisa me levar.

— E o vento? O senhor não está doente demais para observar as condições meteorológicas, está?

— Deixe que eu cuido do vento.

Lee concordou. Tornou a se sentar e ficou passando a mão pelo anel de turquesa enquanto Grumman colocava dentro de uma bolsa de pele de cervo as poucas coisas de que necessitaria, e então os dois voltaram para a aldeia pela trilha na floresta.

O chefe falou durante algum tempo. Cada vez mais pessoas vinham tocar na mão de Grumman, murmurar algumas palavras e receber em troca algo que parecia uma bênção. Enquanto isso, Lee examinava as condições do tempo. O céu estava claro para o sul, e uma brisa fresca sacudia de leve os ramos e o topo dos pinheiros. Para o norte, a neblina ainda pairava sobre o rio cheio, mas pela primeira vez em muitos dias parecia haver uma promessa de tempo claro.

Junto ao rochedo em que antes ficava o ancoradouro, ele colocou a bolsa de Grumman dentro do bote e abasteceu o pequeno motor, que pegou de imediato. Então partiram. Com o xamã sentado na proa, o bote desceu velozmente a correnteza, passando sob as árvores e entrando no rio principal com tanta rapidez que Lee temeu por Hester, agachada junto à amurada. Mas ela era uma viajante experiente, ele deveria saber disso; por que estava tão nervoso?

Quando chegaram ao porto na foz do rio, ficaram sabendo que todos os hotéis, pensões e até quartos em casas particulares tinham sido requisitados para os soldados. E não eram quaisquer soldados: eram as tropas da Guarda Imperial de Moscóvia, o exército mais feroz, mais treinado e mais bem-equipado do mundo, dedicado sob juramento a defender os poderes do Magisterium.

Lee tinha pretendido descansar uma noite antes de partirem, pois Grumman parecia estar precisando, mas não havia chance de encontrarem um quarto.

— O que está acontecendo? — perguntou ao barqueiro, quando devolveu o barco alugado.

— Não sabemos. O regimento chegou ontem e requisitou todos os leitos, toda a comida e todos os barcos da cidade. Este bote seria deles, se não estivesse com o senhor.

— Sabe para onde estão indo?

— Para o Norte — respondeu o barqueiro. — Vai haver uma guerra, a maior guerra que já houve.

— Para o Norte, para esse novo mundo?

— Isso mesmo. E vão chegar mais tropas, esta é só a tropa de vanguarda. Daqui a uma semana não vamos ter um só pedaço de pão ou galão de combustível. O senhor me fez um grande favor alugando este barco. O preço já dobrou...

Agora não havia sentido em descansar, mesmo se conseguissem encontrar um lugar. Cheio de ansiedade por seu balão, Lee, acompanhado por Grumman, foi direto ao depósito no qual o tinha deixado. Grumman conseguia acompanhar seu passo; parecia doente, mas era durão.

O guardador do depósito, ocupado contando algumas peças de motor para um sargento da Guarda, ergueu os olhos rapidamente de sua prancheta.

— Balão? Infelizmente foi requisitado ontem — disse. — Está vendo como as

coisas estão; não tive escolha.

Hester mexeu as orelhas e Lee entendeu o que ela queria dizer.

— Já entregou o balão? — perguntou.

— Virão buscá-lo esta tarde.

— Nada disso — retrucou Lee. — Tenho uma autoridade que ultrapassa a da Guarda.

E mostrou ao guardador do depósito o anel que ele tinha tirado do dedo do escraelingue morto em Nova Zembla. O sargento, que estava ao seu lado junto ao balcão, parou o que estava fazendo e prestou continência ao ver o símbolo da Igreja, mas, apesar de toda a sua disciplina, não conseguiu conter uma breve expressão de espanto.

— Vamos levar o balão agora mesmo, pode colocar alguns homens para trabalhar: quero o balão cheio e abastecido. Isso inclui comida, água e lastro. Eu disse agora mesmo.

O guardador do depósito olhou para o sargento, que deu de ombros, e então saiu apressado para ver o balão. Lee e Grumman foram para o atracadouro em que ficavam os tanques de combustível, para supervisionar o abastecimento e conversar em voz baixa.

— Onde conseguiu esse anel? — Grumman quis saber.

— Tirei do dedo de um morto. É meio arriscado usar isso, mas não vi outra maneira de ter meu balão de volta. Acha que aquele sargento suspeitou de alguma coisa?

— Claro que suspeitou. Mas é um homem disciplinado. Não vai questionar a Igreja. Se ele mencionar o que viu, nós estaremos longe quando resolverem fazer alguma coisa. Bem, eu lhe prometi um vento, sr. Scoresby, espero que goste.

O céu estava azul e o sol brilhava. Para o norte, a neblina ainda parecia uma cordilheira de montanhas acima do mar, mas a brisa a empurrava cada vez mais para trás, e Lee ficou impaciente para levantar voo.

Enquanto o balão se enchia de ar, inchando e começando a aparecer por trás do telhado do depósito, Lee examinava a cesta e guardava o equipamento com especial cuidado. Quem poderia prever as turbulências que encontrariam no outro mundo? Os instrumentos também foram fixados à estrutura com a máxima atenção — até mesmo a bússola, cujo ponteiro girava em volta do mostrador. Para terminar, Lee amarrou vários sacos de areia como lastro em volta da cesta.

Quando o balão já estava cheio, pendendo para o norte e forçando as cordas que o ancoravam por causa do vento que aumentava, Lee pagou o guardador do depósito com o resto de seu ouro e ajudou Grumman a entrar na cesta. Então se virou para os homens que seguravam as cordas e ordenou que as soltassem.

No entanto, antes que pudesse dar a ordem, houve uma interrupção. Do beco ao lado do depósito veio o barulho de botas pisando com força, movendo-se depressa, e um brado de comando:

— Alto!

Os homens das cordas ficaram indecisos, alguns olhando para o beco, outros para Lee, que gritou com veemência:

— Soltem as cordas!

Dois deles obedeceram e o balão chacoalhou, mas os outros dois prestavam atenção aos soldados, que estavam rodeando a esquina do depósito. Os dois homens seguravam as cordas ainda em volta dos ganchos, e o balão estava inclinado para um lado. Lee se agarrou à borda da cesta; Grumman já estava agarrado a ela, e também seu daemon.

— Soltem as cordas, seus idiotas! O balão já está no ar! — gritou Lee.

O gás que enchia o balão tinha muita força, e os homens, por mais que resistissem, não conseguiam segurar mais. Um deles soltou a corda, que se desenrolou do gancho de amarração; mas o outro, ao sentir a corda começando a fugir, se agarrou instintivamente, em vez de largá-la. Lee, que já tinha visto isso acontecer uma vez, ficou horrorizado. O daemon do pobre homem, uma pesada cadela husky, uivava de medo e dor, lá no solo, enquanto o balão disparava para o céu. Depois de cinco intermináveis segundos, estava tudo acabado: o homem perdeu as forças e caiu, semimorto, batendo com força na água.

Mas os soldados já estavam com os rifles apontados para cima. Uma rajada de balas assobiou perto da cesta, uma delas tirando uma fagulha de um anel de metal e fazendo as mãos de Lee arderem com o impacto, mas nenhuma causou qualquer estrago. Quando houve a segunda rajada, o balão estava quase fora de alcance, erguendo-se no azul e disparando na direção do mar. Lee sentia o coração se erguer também. Certa vez dissera a Serafina Pekkala que não fazia questão de voar e que aquilo era apenas um trabalho, mas não tinha dito a verdade. Voar pelo céu, com um bom vento a carregá-lo e um mundo novo a esperá-lo — alguma coisa poderia ser melhor na vida?

Soltou a borda da cesta e viu que Hester estava agachada, de olhos semicerrados, no seu canto costumeiro. Lá de baixo e de muito longe, outra rajada de balas foi disparada inutilmente. A cidade se distanciava depressa, e abaixo deles a amplidão da foz do rio cintilava ao sol.

— Bem, dr. Grumman, não sei quanto ao senhor, mas eu me sinto melhor no ar — comentou Lee. — Mas queria que aquele coitado tivesse soltado a corda. É tão fácil, e, se a gente não soltar, não tem escapatória.

— Obrigado, sr. Scoresby, fez um bom trabalho. Agora vamos nos acomodar para o voo. Eu ficaria muito grato se me passasse essas peles; o ar ainda está frio.

11. O MIRANTE

Na grande mansão branca no centro do belo jardim, Will dormiu um sono inquieto, perseguido por sonhos cheios de ansiedade e ternura em igual medida, de modo que ele lutava para despertar, mas ansiava por voltar a dormir. Quando seus olhos se abriram de vez, ele se sentia tão cansado que mal podia se mexer; ao se sentar, descobriu que o curativo estava frouxo, e a cama, escarlate.

Conseguiu sair da cama e atravessar os aposentos cheios de poeira, luz do sol e silêncio, até chegar à cozinha. Ele e Lyra tinham dormido nos quartos dos criados, sob o sótão (pois não se sentiriam bem nas imponentes camas de dossel nos quartos dos outros andares), e era um percurso longo e difícil.

— Will... — disse ela imediatamente, a voz cheia de preocupação.

Ela deixou o fogão para ajudá-lo a se sentar. Ele se sentia tonto. Achava que tinha perdido muito sangue; aliás, nem precisava achar, pois as evidências estavam por toda parte. E os ferimentos ainda sangravam.

— Eu ia justamente fazer café — disse ela. — Quer café primeiro, ou quer que eu faça outro curativo? Como você preferir. E temos ovos, mas não consigo encontrar uma lata de salsichas.

— Este não é o tipo de casa em que se come isso. Primeiro o curativo. Tem água quente na torneira? Quero me lavar. Odeio ficar cheio de sangue...

Ela abriu a torneira de água quente e ele se despiu, ficando só de cueca. Estava fraco e tonto demais para se sentir envergonhado, mas Lyra se envergonhou por ele e saiu. Ele se lavou o melhor que conseguiu e depois se enxugou com os panos de prato pendurados perto do fogão.

Ao voltar, Lyra tinha arranjado roupas para ele — uma camiseta, calças de

lona e um cinto. Ele se vestiu, e ela rasgou um pano de prato em tiras, com as quais fez um curativo apertado. Estava muito preocupada com a mão dele: não apenas os ferimentos ainda sangravam muito, como também porque a mão em si estava vermelha e inchada. Mas ele não comentou nada, nem ela.

Então Lyra fez café e torrou um pouco de pão velho; os dois levaram a comida para o salão que ficava na parte da frente da casa, com vista para a cidade. Depois de comer e beber, ele se sentiu um pouco melhor.

— É melhor perguntar ao aletiômetro o que devemos fazer agora — sugeriu ele. — Já fez alguma pergunta?

— Não. De agora em diante só vou fazer o que você pedir. Pensei em perguntar ontem à noite, mas não perguntei. E não vou, a menos que você me peça.

— Bom, então é melhor perguntar logo. Existe tanto perigo aqui quanto no meu mundo agora. Para começar, existe o irmão da Angélica. E se...

Ele parou de falar, pois ela ia começar a dizer alguma coisa, mas se interrompeu assim que ele o fez. Então ela se controlou e disse:

— Will, tem uma coisa que aconteceu ontem que eu não contei a você. Deveria ter contado, mas estava acontecendo tanta coisa... Desculpe...

Ela então narrou tudo o que tinha visto pela janela da torre enquanto Giacomo Paradisi estava fazendo o curativo nele: Tullio sendo atacado pelos Espectros, Angélica avistando-a na janela e lançando um olhar de ódio, além da ameaça de Paolo. E continuou:

— Você se lembra de quando ela falou com a gente pela primeira vez? O irmão pequeno disse alguma coisa sobre o que todos estavam fazendo. Disse “Ele vai pegar...”, mas não terminou, porque a irmã lhe deu um tapa, lembra? Aposto que ele ia dizer que Tullio ia pegar a faca, e foi por isso que todas as crianças vieram para cá. Porque, se elas tivessem a faca, poderiam fazer qualquer coisa, poderiam até crescer sem medo dos Espectros.

— Como era a aparência dele quando estava sendo atacado? — Will quis saber.

Para surpresa dela, Will tinha se sentado ereto, os olhos curiosos e interessados. Ela tentou lembrar exatamente:

— Ele... Ele começou a contar as pedras na parede. Parecia estar se encostando em cada uma. Mas não conseguiu continuar. No fim, ele perdeu o

interesse e parou. Então ficou imóvel. — Ao ver a expressão de Will, ela quis saber: — Por quê?

— Porque... acho que talvez eles tenham vindo do meu mundo, os Espectros. Se eles fazem as pessoas se comportarem assim, não seria estranho que tivessem vindo do meu mundo. E quando os homens da Guilda abriram a primeira janela, se ela dava para o meu mundo, os Espectros poderiam ter entrado por ali.

— Mas não existem Espectros no seu mundo! Você nunca ouviu falar deles lá, ouviu?

— Talvez eles não sejam chamados de Espectros. Talvez tenham outro nome.

Lyra não entendeu o que ele queria dizer, mas não quis pressionar. Ele estava com o rosto vermelho e os olhos inchados.

— De qualquer maneira, o importante é que a Angélica me viu na janela da torre. E, agora que sabe que a faca está com a gente, ela vai contar para as outras crianças. Vai pensar que foi por nossa culpa que o irmão foi atacado pelos Espectros. Sinto muito, Will, eu devia ter contado antes. Mas aconteceu tanta coisa...

— Bom, acho que não ia fazer diferença. Ele estava torturando o velho, e depois de aprender a usar a faca ele teria matado nós dois, se pudesse. Tínhamos que lutar contra ele.

— Eu me sinto mal por causa disso, Will. Quer dizer, ele era irmão dela. E aposto que, no lugar deles, íamos querer a faca também.

— É, mas não podemos voltar e mudar o que aconteceu. Tínhamos que pegar a faca para conseguir o aletiômetro de volta, e se pudéssemos conseguir isso sem lutar, nós teríamos feito.

— É, teríamos — concordou ela.

Como Iorek Byrnison, Will era um verdadeiro guerreiro, de modo que ela estava preparada para concordar quando ele dizia que melhor seria não entrar em uma luta: ela sabia que não era uma questão de covardia, mas de estratégia. Ele agora parecia mais calmo e tinha o rosto outra vez pálido; estava olhando para longe, pensativo. Então disse:

— Com certeza é mais importante agora pensar no que sir Charles vai fazer, ou a sra. Coulter. Talvez, já que ela tem essa escolta especial de que eles estavam falando, a dos soldados com os daemons cortados, talvez sir Charles tenha razão e eles consigam ignorar os Espectros. Sabe o que eu acho? Acho que o que esses

Espectros comem são os daemons das pessoas.

— Mas as crianças também têm daemons. E eles não atacam crianças. Não pode ser isso.

— Então deve ser a diferença entre os daemons das crianças e os dos adultos — insistiu Will. — Existe uma diferença, não é? Você me disse que os daemons dos adultos não mudam de forma. Deve ter alguma coisa a ver com isso. Se aqueles soldados dela não têm daemon, pode ser que o efeito seja o mesmo...

— É! — concordou ela. — Pode ser. E, de qualquer maneira, ela não teria medo dos Espectros. Ela não tem medo de nada. E é tão esperta, Will, eu juro, e tão impiedosa e cruel que ia acabar mandando neles, aposto. Ela poderia mandar nos Espectros como faz com as pessoas e eles teriam que obedecer, aposto. Lorde Boreal é forte e inteligente, mas logo, logo vai fazer tudo o que ela quiser. Ah, Will, estou ficando assustada de novo, só de pensar no que ela pode fazer... Vou perguntar ao aletiômetro, como você sugeriu. Ainda bem que conseguimos pegar ele de volta.

Ela abriu o embrulho de veludo e passou as mãos com ternura sobre o pesado instrumento de ouro.

— Vou perguntar sobre o seu pai, e como podemos encontrar ele — disse. — Veja, eu coloco os ponteiros em...

— Não. Pergunte primeiro pela minha mãe. Quero saber se ela está bem.

Lyra obedeceu e girou os ponteiros antes de colocar o aletiômetro no colo, puxar o cabelo para trás das orelhas, olhar para baixo e se concentrar. Will observou o ponteiro maior girar em volta do mostrador, correndo, parando e correndo de novo com a rapidez de uma andorinha ciscando, e observou os olhos de Lyra, muito azuis, intensos e cheios de compreensão.

Ela então pestanejou e ergueu o olhar.

— Ela ainda está segura. Essa amiga que está tomando conta dela é muito boa. Ninguém sabe onde sua mãe está, e a amiga não vai denunciar.

Will não tinha percebido a extensão de sua preocupação. Diante dessa boa notícia, ele relaxou. Então, livre de uma pequena parte da tensão que o dominava, sentiu com mais força a dor dos ferimentos.

— Obrigado. Muito bem, agora pergunte sobre o meu pai...

Antes, porém, que ela pudesse ao menos começar, ouviram um grito lá fora.

Imediatamente os dois olharam para a janela. Na beira do jardim, em frente às

primeiras casas da cidade, havia um cinturão de árvores, e alguma coisa se movia ali. Pantalaimon se transformou em um lince e foi até a porta aberta, com olhar feroz.

— São as crianças — disse.

Ambos se levantaram. As crianças surgiam por entre as árvores, uma a uma, talvez quarenta ou cinquenta ao todo. Muitas levavam pedaços de pau. À frente ia o garoto de camiseta listrada, e não era um pedaço de pau o que ele carregava: era uma pistola.

— Ali está Angélica — sussurrou Lyra, apontando.

Angélica estava ao lado do menino líder, puxando-o pelo braço, incentivando-o a seguir em frente. Logo atrás deles, seu irmão Paolo gritava de entusiasmo, assim como as outras crianças, que sacudiam os punhos no ar. Duas carregavam pesadas espingardas. Will já tinha visto crianças dominadas por esse estado de espírito, mas nunca tantas, e as crianças da sua cidade não usavam armas.

Elas gritavam, e Will conseguiu distinguir a voz de Angélica em meio às outras:

— Vocês mataram o meu irmão e roubaram a faca! Seus assassinos! Vocês fizeram os Espectros pegarem ele! Vocês mataram ele, e nós vamos matar vocês! Não vão conseguir fugir! Vamos matar vocês como vocês mataram ele!

— Will, você podia abrir uma janela! — disse Lyra com urgência, agarrando o braço bom dele. — Podíamos fugir com facilidade...

— É, mas onde a gente ia parar? Em Oxford, em plena luz do dia, a poucos metros da casa de sir Charles. Provavelmente no meio da rua, na frente de um ônibus. Não posso simplesmente cortar em qualquer lugar e ter certeza de que estaremos seguros. Primeiro tenho que espiar e ver onde vamos sair, e isso ia demorar demais. Atrás desta casa tem uma floresta, um bosque ou coisa assim. Se conseguirmos chegar até lá, estaremos mais seguros entre as árvores.

Olhando pela janela, Lyra exclamou, furiosa:

— Eu devia ter acabado com ela ontem! Ela é tão ruim quanto o irmão. Eu queria...

— Pare de falar e venha — ordenou Will.

Ele se certificou de que estava com a faca presa ao cinto, e Lyra colocou nas costas a mochila com o aletiômetro e as cartas do pai de Will. Os dois correram pelo vestíbulo cheio de ecos, seguiram pelo corredor e entraram na cozinha,

atravessaram a copa e saíram em um pátio com piso de pedras. Uma porta no muro dava para uma horta com canteiros de hortaliças e ervas expostos ao sol da manhã.

A borda do bosque ficava a algumas centenas de metros, depois de um gramado inclinado para cima, horrivelmente exposto. Em uma elevação à esquerda, mais próxima do que as árvores, ficava uma pequena construção, uma estrutura circular que parecia um templo, com um segundo andar aberto em arcos como uma varanda, da qual se descortinava a vista da cidade.

— Vamos correr — comandou Will, embora sentisse menos vontade de correr do que de se deitar e fechar os olhos.

Com Pantalaimon em forma de pássaro, voando acima dela para vigiar, os dois partiram pelo gramado. Mas a grama era alta e irregular, e Will não conseguiu correr mais do que alguns passos sem ficar tonto demais para manter o ritmo. Passou a andar devagar.

Lyra olhou para trás. As crianças não tinham visto os dois, ainda estavam na frente da casa; talvez levassem algum tempo para revistar tudo...

Mas Pantalaimon piou em alarme. Havia um menino parado perto de uma janela aberta no segundo andar da casa, apontando para eles. Ouviu-se um grito.

— *Vamos*, Will — fez Lyra.

Ela o puxou pelo braço sadio, ajudando-o a se levantar. Ele tentou reagir, mas não tinha forças. Só conseguia andar bem devagar.

— Está bem, não vamos conseguir chegar até as árvores. É longe demais. Então vamos para aquele templo ali. Com a porta fechada, talvez a gente consiga segurar eles pelo tempo suficiente para eu cortar uma porta...

Pantalaimon saiu na frente; Lyra soltou um arquejo e o chamou, sem fôlego, fazendo com que ele esperasse. Will quase podia enxergar o elo entre eles, o daemon puxando e a menina reagindo. Ele cambaleava pela grama alta, com Lyra correndo à frente para observar e voltando para ajudar, depois novamente à frente, até chegarem ao piso de pedra em volta do templo.

A porta sob o pequeno pórtico estava destrancada, e ao entrarem eles encontraram um aposento circular com várias estátuas de deusas em nichos na parede. Bem no centro, uma escada em espiral, feita de ferro forjado, subia até uma abertura no andar de cima. Não havia chave na porta, de modo que os dois subiram a escada e passaram para o piso de tábuas do que era na realidade um

mirante — um lugar onde as pessoas iam respirar o ar puro e contemplar a cidade. Não havia janelas nem paredes, mas apenas uma série de arcos abertos em toda a volta, sustentando o telhado. Em cada arco havia um parapeito da altura da cintura, no qual se podia apoiar, e abaixo dele, pelo lado de fora, o teto de telhas curvas descia em uma inclinação suave até a calha que o circundava.

Eles viam a floresta atrás do templo, a uma proximidade tentadora, bem como a casa abaixo deles, e atrás dela o grande jardim e os telhados marrom-avermelhados da cidade, com a torre se erguendo à esquerda. Havia urubus girando no ar acima dos parapeitos cinzentos, e Will sentiu um espasmo de náusea ao tomar consciência do que os atraíra até lá.

Mas não havia tempo para contemplar a paisagem. Primeiro precisavam lidar com as crianças, que vinham correndo até o templo, gritando de fúria e de entusiasmo. O garoto que ia à frente diminuiu a velocidade, ergueu a pistola e deu dois ou três disparos na direção do templo. Então todos recomeçaram a correr, aos berros:

— Ladrões!

— Assassinos!

— Vamos matar vocês!

— Vocês roubaram a nossa faca!

— Vocês não são daqui!

— Vocês vão morrer!

Will não deu atenção. Já empunhava a faca e rapidamente abriu uma janelinha para ver onde estavam — e recuou no mesmo instante. Lyra também olhou e retrocedeu, decepcionada. Estavam a uns quinze metros do chão, suspensos sobre uma avenida bastante movimentada.

— Claro — disse Will, amargurado. — Nós subimos uma boa ladeira... Bom, estamos presos. Vamos ter que tentar afastar eles, só isso.

Poucos segundos depois, as primeiras crianças entravam em bando pela porta. O som dos berros ecoava dentro do templo e reforçava a selvageria. Então se ouviu um tiro, absurdamente alto, e outro, e os gritos ganharam outra entonação. A escada estremeceu quando as primeiras crianças começaram a subir.

Lyra, paralisada, estava agachada contra a parede, mas Will ainda tinha a faca na mão; ele correu para a abertura no chão, estendeu a mão e cortou o ferro do degrau superior como se fosse papel. Sem ter o que a segurasse, a escada passou

a dobrar sob o peso das crianças, depois caiu com um enorme ruído. Mais gritos, mais confusão; e novamente a arma disparou, mas pareceu ter sido acidental, pois alguém se feriu, e dessa vez o grito foi de dor. Will olhou para baixo e viu uma confusão de corpos se contorcendo, cobertos de cal, poeira e sangue.

Não eram crianças individuais: eram uma massa única, como uma onda crescendo abaixo deles quando as crianças saltaram para o ar, furiosas, mãos estendidas para agarrá-los, ameaçando, gritando, cuspindo, mas sem conseguir alcançá-los.

Então alguém chamou, e elas olharam para a porta. Aquelas que conseguiam se mexer saíram naquela direção, deixando várias outras presas debaixo dos degraus de ferro, ou atordoadas, tentando se levantar do chão cheio de entulho.

Will logo percebeu por que elas tinham corrido lá para fora. Houve um ruído no telhado abaixo dos arcos, e, ao correr para o parapeito, ele viu o primeiro par de mãos agarrando a borda das telhas e alçando o corpo para cima. Alguém ajudava por baixo, e logo surgiu outra cabeça e outro par de mãos, à medida que umas subiam nos ombros das outras e alcançavam o telhado como formigas.

Mas era difícil caminhar sobre as telhas, e as primeiras crianças avançaram engatinhando, os olhares ferozes grudados no rosto de Will. Lyra ficou ao lado dele, e Pantalaimon, como leopardo, rosnava com as patas no alto do parapeito, fazendo elas hesitarem. Mas mesmo assim as crianças avançavam, cada vez em maior número.

Alguém gritava “Mata! Mata! Mata!”, e então outras vozes se juntaram, cada vez mais alto. As crianças que estavam no telhado começaram a bater o pé marcando o ritmo, embora não ousassem se aproximar e enfrentar a fúria do daemon. Então uma telha se partiu e o menino que estava de pé em cima escorregou e caiu, mas o que estava ao lado dele pegou um caco e o arremessou em Lyra.

Ela mergulhou e a telha se espatifou na coluna ao seu lado; os pedaços choveram em cima dela. Will tinha reparado na grade de ferro em volta da abertura no chão e cortou dois pedaços na forma de espada. Entregou um a Lyra, que o girou com toda força em direção à lateral da cabeça do primeiro menino. Ele caiu na mesma hora, mas logo surgiu outra criança — Angélica, cabelo vermelho, rosto branco, olhos enlouquecidos. Ela engatinhou até o parapeito, mas Lyra a acertou com o pedaço de grade e ela caiu.

Will estava fazendo a mesma coisa. A faca estava na bainha em sua cintura, e ele atacava e se defendia com o pedaço de ferro. Embora muitas crianças tombassem, outras as substituíam, e cada vez mais crianças subiam para o telhado.

Então apareceu o menino de camiseta listrada, que, no entanto, tinha perdido a pistola, ou talvez estivesse sem munição. Mas ele e Will se encararam, e ambos tinham consciência do que iria acontecer: eles iam lutar, e ia ser uma luta violenta e mortal.

— Vem — disse Will, ansioso pelo combate. — Vem, então...

Mais um segundo e eles teriam lutado.

Mas aconteceu uma coisa estranhíssima: um grande cisne branco veio voando baixo, as asas estendidas, grasnando tão alto que até as crianças no telhado, em meio àquela selvageria, se viraram para olhar.

— Kaisa! — chamou Lyra, cheia de alegria, pois era mesmo o daemon de Serafina Pekkala.

O ganso tornou a grasnar, um som penetrante que encheu o céu, depois girou e passou a poucos centímetros do menino de camiseta listrada. O garoto recuou, apavorado, deslizando para a borda do telhado, de onde desceu. As outras crianças começaram a gritar de medo também, porque havia mais alguma coisa no céu. E, quando Lyra viu as pequenas figuras negras surgindo do azul, também começou a gritar, só que de alegria.

— Serafina Pekkala! Aqui! Socorro! Estamos aqui no templo...

Com um som sibilante, uma dúzia de flechas e mais uma dúzia logo em seguida, e mais outra dúzia disparada tão depressa que todas estavam no ar ao mesmo tempo, choveram sobre o telhado do templo, onde bateram como marteladas. Admiradas e atordoadas, as crianças no telhado em um instante perderam toda a truculência, substituída pelo pavor: quem eram aquelas mulheres vestidas de preto e voando? Que coisa seria aquilo? Seriam fantasmas? Um novo tipo de Espectros?

Gemendo e chorando, as crianças saltaram do telhado, algumas caindo de mau jeito e se arrastando ou mancando para longe, outras rolando ladeira abaixo e correndo para um lugar seguro, não mais uma massa humana, mas apenas um bando de crianças assustadas e envergonhadas. Um minuto depois do aparecimento do ganso, a última das crianças fugiu do templo, e o único som era

o ar passando pelos galhos nos quais as feiticeiras voavam em círculos.

Will olhou para cima, maravilhado, espantado demais para falar, mas Lyra saltava e chamava, encantada:

— Serafina Pekkala! Como foi que nos encontrou? Obrigada, obrigada! Eles iam matar a gente! Desça para cá...

Mas Serafina e as outras sacudiram a cabeça e tornaram a subir, para voar em círculos mais acima. O daemon-ganso girou e voou na direção do telhado, batendo as grandes asas para dentro, a fim de diminuir a velocidade, e pousou ruidosamente nas telhas abaixo do arco.

— Saudações, Lyra — disse. — Serafina Pekkala não pode vir ao solo, nem as outras. Este lugar está cheio de Espectros, mais de cem deles estão rodeando este lugar e vêm vindo outros pelo gramado. Não conseguem ver?

— Não! A gente não vê nada disso!

— Já perdemos uma feiticeira. Não podemos arriscar. Vocês conseguem descer daí?

— Saltando do telhado, como as crianças fizeram. Mas como nos encontrou? E onde...

— Por agora chega. Vêm mais problemas por aí, maiores ainda. Desçam como puderem e vão para as árvores.

Os dois passaram por cima do parapeito e desceram lateralmente pelas telhas quebradas até a calha. Não era alto, e o solo era gramado, com um ligeiro declive. Lyra saltou primeiro e Will logo atrás, rolando no chão e tentando proteger a mão machucada, que já estava novamente sangrando muito e doendo também. O curativo tinha se soltado e pendia em uma tira; enquanto ele tentava enrolá-lo, o ganso pousou na grama ao lado dele.

— Lyra, quem é este? — perguntou Kaisa.

— Will. Ele vem conosco...

— Por que os Espectros estão evitando você? — perguntou o daemon-ganso diretamente a Will.

A essa altura nada mais surpreendia Will, que respondeu:

— Não sei. A gente não consegue ver eles. Não, espere! — E ele ficou de pé, quando uma ideia lhe ocorreu. — Onde é que estão agora? — perguntou. — Onde está o mais próximo?

— A dez passos de você, ladeira abaixo — respondeu o daemon. — Eles não

querem chegar mais perto, é evidente.

Will tirou a faca, olhou naquela direção e ouviu o daemon sibilar, surpreso.

Mas Will não conseguiu fazer o que pretendia porque no mesmo momento uma feiticeira pousou seu galho na grama ao lado dele. Ele ficou espantado, não tanto pelo fato de vê-la voar, mas pela surpreendente graciosidade, a claridade intensa, fria e amorosa do olhar dela, e pelos membros pálidos, despidos, tão jovens, mas tão distantes de serem jovens.

— Seu nome é Will? — perguntou ela.

— É, sim, mas...

— Por que os Espectros têm medo de você?

— Por causa da faca. Onde está o mais próximo? Diga! Quero matar ele!

Mas Lyra veio correndo antes que a feiticeira pudesse responder.

— Serafina Pekkala!

E jogou os braços em volta da feiticeira, abraçando-a com tanta força que a feiticeira riu e lhe deu um beijo na cabeça. A menina continuou:

— Ah, Serafina, de onde você surgiu desse jeito? Nós estávamos... aquelas crianças... Eram *crianças*, e iam matar a gente... Você viu? Pensamos que íamos morrer, e... Ah, estou tão feliz por você ter aparecido! Pensei que nunca mais ia ver você!

Serafina Pekkala olhou por cima da cabeça de Lyra, para onde os Espectros obviamente estavam agrupados a certa distância, depois olhou para Will.

— Agora escutem, há uma caverna neste bosque, não muito longe. Subam a ladeira e então acompanhem a crista do morro, para a esquerda. Poderíamos até tentar carregar Lyra uma parte do caminho, mas você é grande demais, vai ter que ir a pé. Os Espectros não vão nos seguir; eles não conseguem nos ver no ar e têm medo de você. Nós nos encontraremos lá; é uma caminhada de meia hora.

E ela tornou a alçar voo. Will protegeu os olhos da luz para observar a feiticeira e as outras figuras elegantes girarem no ar e voarem velozes rumo às árvores.

— Ah, Will, estamos salvos agora! Vai dar tudo certo, agora que Serafina Pekkala está aqui! — afirmou Lyra. — Nunca pensei que fosse ver Serafina de novo... Ela chegou bem na hora, não foi? Exatamente como na outra vez, em Bolvangar...

Tagarelando animadamente, como se já tivesse esquecido a luta, ela subiu a

ladeira em direção ao bosque. Will a acompanhava em silêncio. A mão latejava com força, e o sangue escorria sem parar. Ele ergueu a mão junto ao peito e tentou não pensar nisso.

Demorou não meia hora, mas uma hora e quarenta e cinco minutos, porque por várias vezes Will teve que parar e descansar. Quando chegaram à caverna, encontraram uma fogueira acesa, um coelho assando e Serafina Pekkala mexendo alguma coisa em um pequeno caldeirão de ferro.

— Deixe-me ver a ferida. — Foi a primeira coisa que ela disse a Will.

Ele estendeu a mão, sem falar nada.

Pantalaimon, em forma de gato, observava com curiosidade, mas Will desviou o olhar. Não gostava de ver seus dedos mutilados. As feiticeiras cochicharam entre si, e então Serafina Pekkala perguntou:

— Qual foi a arma que fez esse ferimento?

Will pegou a faca e a estendeu para ela em silêncio. As companheiras contemplaram a faca com espanto e suspeita, pois nunca tinham visto uma lâmina assim tão afiada.

— Vai ser preciso mais do que ervas para curar isto. Vai ser preciso um feitiço — declarou Serafina Pekkala. — Muito bem, vamos preparar um. Vai estar pronto quando a lua sair. Enquanto isso, vocês vão dormir.

Ela deu a ele uma pequena taça de chifre contendo uma poção quente cujo sabor amargo era adoçado com mel, e algum tempo depois ele se deitou e caiu em um sono profundo. A feiticeira o cobriu com folhas e se voltou para Lyra, que ainda comia coelho.

— Agora, Lyra, me conte quem é este menino e o que você sabe sobre este mundo e esta faca — pediu.

Então Lyra respirou fundo e começou.

12. A LINGUAGEM DA TELA

— Conte tudo outra vez — pediu o dr. Oliver Payne, no pequeno laboratório com vista para o parque. — Ou não entendi direito, ou você está dizendo besteira. Uma criança de outro mundo?

— Foi o que ela disse. Certo, é besteira, mas pelo menos *escute*, Oliver, por favor — disse a dra. Mary Malone. — Ela sabia das Sombras, com o nome de Pó, mas é a mesma coisa. São as nossas partículas de Sombra. Estou lhe dizendo: quando ela estava ligada à Caverna pelos eletrodos, houve uma extraordinária ocorrência de figuras e símbolos na tela... Além disso, ela possuía um instrumento, uma espécie de bússola feita de ouro, com vários símbolos em volta do mostrador. Disse que conseguia ler aquilo da mesma maneira e sabia também sobre o estado de espírito necessário, ela o conhecia intimamente.

Estavam no meio da manhã. A dra. Malone, a catedrática de Lyra, estava com os olhos vermelhos por causa do sono atrasado, e seu colega, que acabara de voltar de Genebra, se mostrava preocupado, cético e impaciente para ouvir mais. A dra. Malone prosseguiu:

— E o importante, Oliver, é que ela se comunicou com elas. Elas *são* conscientes e conseguem reagir. E você se lembra dos crânios? Pois bem, ela me falou de uns crânios no Museu Pitt-Rivers, descobriu com aquela coisa que eles eram muito mais antigos do que o museu dizia, e havia Sombras...

— Espere um minuto. Pelo menos fale *coisa com coisa*. O que você está dizendo, exatamente? A garota confirmou o que já sabemos, ou revelou alguma novidade?

— As duas coisas. Não sei. Mas vamos supor que tenha acontecido alguma

coisa há trinta ou quarenta mil anos. Antes disso já havia partículas de Sombra, é claro, elas existem desde o *Big Bang*. Mas não havia um meio físico de amplificar seus efeitos no *nosso* nível, no nível antropológico, no nível dos seres humanos. E então aconteceu alguma coisa, não consigo imaginar o quê, mas tinha a ver com a evolução. Daí os seus crânios, lembra? Antes não havia Sombras, e depois havia um monte delas? E os crânios que a menina viu no museu e testou com aquela espécie de bússola. Ela disse a mesma coisa. O que estou dizendo é que por volta dessa época o cérebro humano se tornou o veículo ideal para esse processo de amplificação. De repente adquirimos consciência.

O dr. Payne virou a caneca de plástico e bebeu o resto do café.

— Por que deveria ter acontecido exatamente nesse período? — perguntou. — Por que de repente, há trinta e cinco mil anos?

— Ah, quem sabe? Não somos paleontólogos. Não sei, Oliver, só estou imaginando. Não acha pelo menos que é possível?

— E esse policial, fale sobre ele.

A dra. Malone esfregou os olhos.

— O nome dele é Walters. Disse que era da Divisão Especial. Pensei que eles tratassem de política, ou coisa assim.

— Terrorismo, subversão, segurança, tudo isso... Continue. O que ele queria? Por que veio até aqui?

— Por causa da garota. Ele disse que estava procurando um menino mais ou menos da mesma idade, mas não me disse a razão. E esse menino tinha sido visto com a garota que veio aqui. Só que ele tinha outra intenção também, Oliver, ele *sabia* sobre a pesquisa, chegou até a perguntar...

O telefone tocou. Ela interrompeu o que dizia, dando de ombros, e o dr. Payne atendeu. Falou rapidamente e desligou, dizendo:

— Temos visita.

— Quem é?

— Não sei o nome. Sir Qualquer Coisa. Escute, Mary, você sabe que vou pedir demissão, não sabe?

— Eles lhe ofereceram o emprego.

— Isso. Tenho que aceitar. Você com certeza compreende.

— Bom, então é o fim de tudo isso.

Ele espalmou as mãos, em um gesto que indicava que nada poderia fazer, e

disse:

— Para ser sincero, não consigo entender o sentido de tudo isso que você me contou. Crianças de outro mundo e Sombras fósseis... É muita maluquice. Simplesmente não posso me envolver. Tenho uma carreira, Mary.

— E os crânios que você testou? E as Sombras em volta da peça de xadrez feita de marfim?

O dr. Payne sacudiu a cabeça e se virou de costas. Antes que pudesse responder, os dois ouviram batidas à porta e ele a abriu de imediato, com alívio.

Sir Charles cumprimentou:

— Bom dia a todos. Dr. Payne? Dra. Malone? Meu nome é Charles Latrom. É muita gentileza me receberem sem hora marcada.

— Entre — convidou a dra. Malone, perplexa. — Entendi bem? O senhor é *sir* Charles? Como é que podemos ajudá-lo?

— Talvez seja o caso de eu poder ajudar *vocês* — respondeu ele. — Ouvi dizer que estão esperando o resultado do seu pedido de verba.

— Como sabe disso? — perguntou o dr. Payne.

— Já trabalhei para o ministério. Aliás, eu trabalhava diretamente com a política científica. Ainda tenho muitos contatos na área e ouvi dizer que... Posso me sentar?

— Ah, por favor — disse a dra. Malone.

Ela puxou uma cadeira e ele se sentou como se estivesse dirigindo uma reunião.

— Obrigado. Soube por um amigo... É melhor não mencionar o nome dele, os regulamentos de segurança são muito rigorosos... Enfim, soube que o seu pedido estava sendo estudado, e o que ouvi me intrigou tanto que devo confessar que pedi para ver alguma coisa do trabalho de vocês. Sei que não era da minha conta, mas ainda atuo como uma espécie de conselheiro não oficial, de modo que usei essa desculpa. E, realmente, o que vi era fascinante.

— Isso significa que vamos conseguir? — quis saber a dra. Malone, inclinando-se para a frente, ansiosa para acreditar nele.

— Infelizmente, não. Tenho que ser sincero: eles não estão dispostos a renovar a sua bolsa.

A dra. Malone curvou os ombros. O dr. Payne observava o visitante com curiosidade.

— Então, por que veio aqui?

— Bem, sabe, eles ainda não decidiram oficialmente. Não parece que a resposta será promissora, e vou ser franco com vocês: eles não têm perspectiva de financiar esse tipo de trabalho no futuro. No entanto, se alguém defendesse o caso de vocês, eles poderiam mudar de ideia.

— Um patrono? O senhor está dizendo que poderia fazer isso? Eu não sabia que as coisas funcionavam assim — disse a dra. Malone, endireitando-se na cadeira. — Pensei que eles consultassem outros cientistas e...

— Na teoria, sim, mas também ajuda saber como esses comitês funcionam na prática. E saber quem faz parte deles. Bem, cá estou: tenho imenso interesse no seu trabalho, acho que pode ser muito importante e certamente deveria prosseguir. Vocês me deixariam fazer contatos informais para isso?

A dra. Malone se sentia como um marinheiro que estava se afogando, quando de repente lhe jogavam um colete salva-vidas.

— Ora! Claro que sim! E muito obrigada... Quer dizer, o senhor acha mesmo que vai adiantar? Não estou querendo dizer que... Ah, não sei o que estou querendo dizer. É claro que sim!

— O que teríamos que fazer? — perguntou o dr. Payne.

A dra. Malone olhou para ele, surpresa: Oliver não tinha acabado de dizer que ia trabalhar em Genebra? Mas ele parecia estar entendendo sir Charles melhor do que ela, pois uma centelha de cumplicidade passou entre os dois homens, e Oliver veio se sentar também.

— Fico feliz por você ter me entendido — disse o homem. — Tem toda razão. Existe certa direção que me deixaria imensamente feliz se vocês tomassem. E, se pudermos entrar em um acordo, eu poderia até arranjar mais dinheiro, de outra fonte.

— Espere, espere — interrompeu a dra. Malone. — Espere um minuto. O rumo desta pesquisa é uma questão *nossa*. Estou inteiramente disposta a discutir os resultados, mas não a meta. O senhor sem dúvida deve entender que...

Sir Charles levantou as mãos, exprimindo pesar, e ficou de pé. Oliver Payne também se levantou, ansioso.

— Não, por favor, sir Charles, tenho certeza de que a dra. Malone vai escutar o que o senhor tem a dizer. Mary, escutar não faz mal e pode fazer uma grande diferença.

— Você não ia para Genebra?

— Genebra? — interpôs sir Charles. — Excelente lugar. Muitos recursos. Muito dinheiro também. Não quero prendê-lo aqui.

— Não, não, ainda não está decidido — disse o dr. Payne, com pressa. — Falta discutir muita coisa, ainda está tudo muito no ar. Sente-se, sir Charles, por favor... Posso lhe oferecer um café?

— É muita gentileza sua — disse sir Charles, tornando a se sentar com ar de um gato satisfeito.

A dra. Malone o estudou com atenção pela primeira vez. Viu um homem de quase setenta anos, próspero, confiante, vestido com elegância, habituado ao melhor, acostumado a conviver com pessoas poderosas e a sussurrar em ouvidos importantes. Oliver tinha razão, ele queria mesmo algo em troca — e só teriam o apoio dele se o satisfizessem.

Ela cruzou os braços. O dr. Payne estendeu uma caneca ao visitante, dizendo:

— Sinto muito, a nossa louça é modesta...

— De maneira nenhuma. Posso continuar o que estava dizendo?

— Sim, por favor — disse o dr. Payne.

— Bem, compreendo que vocês fizeram algumas descobertas fascinantes no campo da consciência. Sim, eu sei, vocês ainda não publicaram e, aparentemente, ainda falta muita coisa para o sucesso da sua pesquisa. No entanto, as notícias se espalham. Estou especialmente interessado no assunto. Eu ficaria muito feliz, por exemplo, se vocês concentrassem sua pesquisa na manipulação da consciência. Em segundo lugar, na hipótese dos mundos paralelos, de Everett, vocês se lembram, de 1957 ou por aí. Acredito que vocês estão no encalço de alguma coisa que poderia expandir muito essa teoria. E essa linha de pesquisa poderia até atrair verbas da Defesa, que, como vocês devem saber, continua generosa, mesmo hoje em dia, e certamente não está sujeita a esses cansativos processos de aprovação dos pedidos de verbas.

Ele ergueu a mão quando a dra. Malone fez menção de falar, depois prosseguiu:

— Não me peçam para revelar minhas fontes. Eu me referi às leis de segurança nacional; é uma legislação incômoda, mas não podemos brincar com ela. Tenho confiança de que faremos alguns progressos na área dos mundos paralelos. Acho que vocês são as pessoas certas para isso. E, em terceiro lugar,

existe um determinado assunto relacionado a uma pessoa. Uma criança.

Ele fez uma pausa e bebericou o café. A dra. Malone não conseguia falar. Ela empalidecera, embora não tivesse consciência disso, mas tinha consciência de que se sentia zonza.

— Por diversos motivos, estou em contato com os serviços de informações — continuou sir Charles. — Eles estão interessados em uma criança, uma menina, que possui um instrumento pouco comum, um antigo instrumento científico, certamente roubado, que deveria estar em mãos mais seguras do que as dela. Há também um menino mais ou menos da mesma idade, uns doze anos, que está sendo procurado por causa de um assassinato. Muito se discute se uma criança dessa idade é capaz de assassinar, mas ele com certeza matou uma pessoa. E foi visto com a menina.

"Agora, dra. Malone, pode ser que a senhora tenha conhecido uma dessas crianças. E pode ser que a senhora, muito corretamente, esteja inclinada a contar à polícia o que sabe. Mas estaria agindo melhor se me contasse em particular. Posso dar um jeito para que as autoridades lidem com o assunto de maneira rápida e eficiente, sem sensacionalismo nos jornais. Sei que o inspetor Walters veio vê-la ontem e sei que a garota apareceu. Entende, sei do que estou falando. E saberia, por exemplo, se a senhora a visse de novo. E, se não me contasse, eu também saberia. Seria bom pensar bastante sobre isso, e tentar clarear sua lembrança a respeito do que ela disse e fez enquanto esteve aqui. É um problema de segurança nacional. Sei que a senhora está me entendendo.

"Bem, vou ficando por aqui. Tomem o meu cartão, para poderem me procurar. Se fosse comigo, eu não perderia muito tempo; o comitê se reúne amanhã, como vocês sabem. Mas podem me encontrar neste número a qualquer hora."

Ele deu um cartão a Oliver Payne e, ao ver que a dra. Malone continuava de braços cruzados, colocou um em cima da mesa para ela. O dr. Payne abriu a porta. Sir Charles colocou na cabeça o chapéu-panamá, dando-lhe um tapinha, depois sorriu para ambos e saiu.

Depois de fechar a porta, o dr. Payne perguntou:

— Mary, você ficou maluca? Por que se comportou dessa maneira?

— Como assim? Você não caiu na conversa desse velho nojento, caiu?

— Você não pode recusar uma oferta como essa! Quer ou não quer que o nosso projeto sobreviva?

— Não foi uma oferta, foi um ultimato — retrucou ela, com firmeza. — Ou fazemos o que ele quer, ou fechamos. E, Oliver, pelo amor de Deus, todas aquelas ameaças e indiretas nada sutis sobre segurança nacional e coisas assim, você não consegue enxergar aonde isso iria levar?

— Bem, acho que consigo enxergar melhor do que você. Se você disser não, eles não vão fechar este lugar, vão se apossar dele. Se estão tão interessados quanto ele diz, vão querer continuar com a pesquisa. Só que nos termos deles.

— Mas os termos deles seriam... Ora, uma questão de *defesa*, pelo amor de Deus. Isso quer dizer que eles querem encontrar novos métodos de matar. E você ouviu o que ele disse sobre consciência: ele quer *manipular* consciências! Não vou me envolver com esse tipo de coisa, Oliver, jamais.

— Eles vão fazer de qualquer maneira, e você vai ficar sem emprego. Se permanecer, poderá orientar o trabalho, direcionar a pesquisa para um rumo melhor. E ainda estará trabalhando no projeto! Ainda estará envolvida!

— Mas, de qualquer maneira, em que isso interessa a você? O trabalho em Genebra já não está decidido?

Ele passou as mãos pelo cabelo e disse:

— Decidido, não. Nada foi assinado. E seria uma coisa completamente diferente. Eu não gostaria de ir embora agora que acho que estamos realmente conseguindo alguma coisa...

— O que você está dizendo?

— Não estou dizendo...

— Está insinuando. Aonde quer chegar?

— Bem... — Ele se pôs a caminhar de um lado para outro no laboratório, espalmando as mãos, dando de ombros, sacudindo a cabeça. — Bom, se você não entrar em contato com ele, entro eu — disse finalmente.

Ela ficou em silêncio por algum tempo. Depois disse:

— Ah, estou entendendo.

— Mary, tenho que pensar na...

— Claro.

— Não que...

— Não, não.

— Você não compreende...

— Compreendo, sim. É muito simples. Você promete fazer o que ele diz, você

consegue a verba, eu saio, você assume como diretor. Não é difícil entender. Você teria um orçamento maior. Muitas máquinas novinhas. Meia dúzia de doutores sob suas ordens. Ótima ideia. Faça isso, Oliver. Vá em frente. Mas para mim chega, estou fora. Isso é nojento.

— Você não...

Mas ele se calou ao ver a expressão dela. A dra. Malone despiu o jaleco branco e o pendurou na porta; juntou alguns papéis em uma sacola e saiu sem uma palavra. Assim que ela partiu, ele pegou o cartão de sir Charles e foi para o telefone.

Várias horas mais tarde, pouco antes da meia-noite, a dra. Malone estacionou o carro em frente ao prédio de ciências e entrou por uma porta lateral. Mas, assim que se virou para subir a escada, se deparou com um homem que surgira de outro corredor. Ela levou um susto tão grande que quase deixou cair a pasta. Ele estava fardado.

— Aonde vai? — questionou.

Ficou parado diante dela, corpulento, os olhos quase invisíveis sob o quepe com a aba baixa.

— Vou para o meu laboratório. Eu trabalho aqui. Quem é você?

— Segurança. Posso ver sua identidade?

— Que segurança? Saí daqui hoje às três da tarde e só havia um porteiro trabalhando, como sempre. Sou eu quem deveria estar pedindo a *sua* identidade. Quem o contratou? E por quê?

— Eis a minha identidade — disse ele, mostrando-lhe um cartão e tornando a guardá-lo sem que ela tivesse tempo de ler. — E onde está a sua?

Ela notou que ele levava um telefone celular em um coldre à cintura. Ou seria uma arma? Não, claro que não, ela estava ficando paranoica. E ele não tinha respondido às perguntas dela. Mas, se insistisse, o homem ficaria cheio de suspeitas, e o importante era chegar ao laboratório. Ela pensou: *Tenho que acalmá-lo, como a gente faz com um cachorro.* Remexeu na bolsa e encontrou a carteira.

— Isto serve? — perguntou, mostrando o cartão que costumava usar para operar a porta automática do estacionamento.

Ele estudou o cartão rapidamente.

— O que está fazendo aqui a esta hora da noite? — perguntou.

— Estou no meio de uma experiência delicada. Preciso verificar periodicamente o computador.

Ele parecia estar procurando um motivo para impedi-la, ou talvez estivesse apenas gostando de exercer poder. Finalmente concordou e deixou que ela passasse. A dra. Malone seguiu adiante, sorrindo, mas o rosto dele permaneceu sério.

Ela ainda estava tremendo quando chegou ao laboratório. Naquele prédio, a "segurança" sempre tinha se resumido a uma tranca na porta e um porteiro idoso, e ela sabia o motivo daquela mudança. Mas isso significava que ela dispunha de pouco tempo: seria preciso acertar de primeira, pois, quando descobrissem o que estava fazendo, não poderia voltar lá.

A cientista trancou a porta atrás dela e baixou as persianas. Ligou o detector, pegou um disquete no bolso e o colocou no computador que controlava a Caverna. Um minuto depois já estava manipulando os números na tela, guiando-se metade pela lógica, metade pela intuição e metade pelo programa que ela havia criado em casa, tendo trabalhado até aquela hora; e a complexidade da tarefa a que se propunha era tão desconcertante quanto fazer três metades somarem um inteiro.

Finalmente ela afastou o cabelo dos olhos e colocou os eletrodos na cabeça, depois flexionou os dedos e começou a digitar. Estava se sentindo intensamente constrangida.

Olá. Não sei
o que estou fazendo. Talvez
seja loucura.

As palavras se agruparam à esquerda da tela, o que foi a primeira surpresa. Ela não estava usando um programa de processamento de texto — na verdade, estava passando ao largo de grande parte do sistema operacional —, e a formatação das suas palavras não estava sendo feita por ela. Sentiu um arrepio nas costas e tomou consciência de todo o prédio à sua volta, os corredores escuros, as máquinas ociosas, as várias experiências em curso, computadores monitorando testes e registrando resultados, o ar-condicionado analisando e

ajustando a umidade e a temperatura, todos os dutos, encanamentos e cabos, que eram as artérias e os nervos do prédio, despertos e vigilantes... Na verdade, quase conscientes.

Ela experimentou de novo.

Estou tentando fazer
com palavras o que
fiz antes com um
estado de espírito, mas

Antes que ela tivesse sequer terminado a frase, o cursor correu para o lado direito da tela e escreveu:

FAÇA UMA PERGUNTA.

Foi quase instantâneo.

Ela sentiu como se tivesse tentado descer um degrau que não existia: todo o seu corpo sofreu um impacto com o choque. Foram necessários vários minutos para que ela se acalmasse o suficiente e tentasse de novo. Quando o fez, as respostas se apresentavam no lado direito da tela praticamente antes que ela terminasse.

Vocês são as Sombras? SIM.

Vocês são a mesma coisa que o Pó de Lyra? SIM.

E que a matéria escura? SIM.

A matéria escura tem consciência? EVIDENTEMENTE.

O que eu disse hoje a Oliver,
a minha ideia sobre a evolução

humana, está CORRETA. MAS VOCÊ PRECISA
FAZER MAIS PERGUNTAS.

Ela parou, respirou fundo, empurrou a cadeira para trás, flexionou os dedos. Sentia o coração disparado. Aquilo que estava acontecendo era impossível: toda a sua educação, todos os seus hábitos mentais, todo o seu senso de si mesma como cientista berravam com ela silenciosamente: *Isto está errado! Não está acontecendo! Você está sonhando!* No entanto, ali estavam aquelas coisas na tela: as suas perguntas e as respostas de alguma outra mente.

Ela se controlou e tornou a digitar, e novamente as respostas surgiram sem que se notasse uma pausa.

A mente que está respondendo
não é humana, é? NÃO. MAS OS HUMANOS
SEMPRE SOUBERAM DE NÓS.

Nós? Então existe mais de um? INCONTÁVEIS BILHÕES.
Mas quem são vocês? ANJOS.

A dra. Malone sentiu a cabeça girar. Ela fora educada como católica — mais do que isso: como Lyra havia descoberto, ela já tinha sido freira. Nada lhe restava agora de sua fé, mas ela já sabia dos anjos. Santo Agostinho dissera: “Anjo é o nome do trabalho deles, não da natureza deles. Se você procurar o nome da natureza deles, esse nome é espírito; se procurar o nome do trabalho deles, esse nome é anjo. O que eles são, espírito; o que eles fazem, anjo”.

Zonza, trêmula, ela tornou a digitar:

Os anjos são criaturas de
matéria-de-Sombra? De Pó? ESTRUTURAS.
COMPLEXIFICAÇÕES. SIM.
E a matéria-de-Sombra é o
que chamamos de espírito? PELO QUE SOMOS, ESPÍRITO.
PELO QUE FAZEMOS, MATÉRIA.
MATÉRIA E ESPÍRITO
SÃO UMA COISA SÓ.

Ela estremeceu — estavam escutando seus pensamentos!

E vocês interferiram
na evolução humana? SIM.

Por quê? VINGANÇA.

Vingança de... Ah,
Anjos rebeldes! Depois
da guerra no Céu, Satanás
e o jardim do Éden... Mas
isso não é verdade, é? É
isso que vocês... ENCONTRE A MENINA E O MENINO.
NÃO PERCA TEMPO.

Mas por quê? VOCÊ PRECISA BANCAR
A SERPENTE.

Ela tirou as mãos do teclado e esfregou os olhos. Quando voltou a olhar, as palavras ainda estavam ali.

Onde VÁ A UM LUGAR CHAMADO
AVENIDA SUNDERLAND E
PROCURE UMA TENDA. ENGANE
O GUARDIÃO E ATRAVESSE.
LEVE PROVISÕES PARA UMA
LONGA VIAGEM. VOCÊ ESTARÁ
PROTEGIDA. OS ESPECTROS
NÃO LHE FARÃO MAL.

Mas eu ANTES DE IR, DESTRUA ESTE
EQUIPAMENTO.

Não compreendo — por que
eu? Que viagem é essa? E... VOCÊ VEM SE PREPARANDO PARA

ISTO DESDE QUE NASCEU. SEU
TRABALHO AQUI CHEGOU AO FIM.
A ÚNICA COISA QUE VOCÊ
TEM A FAZER NESTE MUNDO
É IMPEDIR QUE OS INIMIGOS
TOMEM O CONTROLE. DESTRUA
ESTE EQUIPAMENTO. FAÇA
ISTO AGORA MESMO E PARTA
IMEDIATAMENTE.

Mary Malone empurrou a cadeira para trás e se levantou, trêmula. Apertou as têmporas com os dedos e descobriu os eletrodos ainda presos à pele. Puxou os fios sem prestar atenção. Podia ter duvidado do que tinha feito e daquilo que ainda via na tela, mas na última meia hora ela havia ultrapassado a dúvida e a credulidade. Alguma coisa tinha acontecido, e ela estava eletrizada.

Desligou o detector e o amplificador. Então anulou todos os códigos de segurança e formatou o disco rígido do computador, esvaziando-o por completo. Em seguida, removeu a interface entre o detector e o amplificador, que era um cartão especialmente adaptado; colocou o cartão em cima da mesa e o destruiu com o salto do sapato, pois nada havia de pesado por perto. Depois desligou a fiação entre o escudo eletromagnético e o detector; encontrou a planta da fiação em uma gaveta do arquivo e colocou fogo nela. Havia algo mais que podia fazer? Não podia fazer coisa alguma a respeito do conhecimento que Oliver Payne tinha do programa, mas a aparelhagem especial estava destruída.

Enfiou alguns papéis de uma gaveta dentro da pasta e finalmente tirou da parede o cartaz com os hexagramas do I Ching, que dobrou e guardou no bolso. Por fim, apagou a luz e saiu.

O segurança estava parado ao pé da escada, falando ao telefone. Guardou o aparelho assim que ela desceu e a acompanhou em silêncio até a entrada lateral, observando através da porta de vidro até o carro dela desaparecer.

Uma hora e meia mais tarde, ela encostou o carro em uma rua perto da avenida Sunderland. Precisou procurar a rua em um mapa de Oxford, pois não conhecia aquela parte da cidade. Até aquele momento ela vinha agindo movida pela empolgação acumulada, mas, ao sair do carro na escuridão da madrugada e

sentir o ar noturno, frio e silencioso, assim como a imobilidade à sua volta, teve um momento de dúvida. E se estivesse sonhando? E se aquilo tudo fosse uma brincadeira complexa que alguém estava fazendo?

Bem, era tarde demais para se preocupar com isso. Já estava envolvida. Pegou a mochila que tantas vezes carregara em excursões pela Escócia e nos Alpes e pensou que pelo menos sabia sobreviver no mato. Se o pior acontecesse, podia sempre fugir correndo, ir para as montanhas...

Ridículo.

Colocou a mochila nas costas, deixou o carro, entrou na rua Banbury e caminhou duzentos ou trezentos metros pela avenida Sunderland, que começava à esquerda do trevo. Nunca na vida ela havia se sentido tão tola.

Mas, ao virar a esquina e ver aquelas árvores estranhas, com formato de criança, que Will tinha visto, ela constatou que pelo menos uma coisa era verdade: sob as árvores, na grama no lado oposto da rua, havia uma pequena tenda quadrada de náilon vermelho e branco, do tipo que os eletricistas erguiam para se proteger da chuva enquanto trabalhavam, e estacionado ali perto havia um caminhão branco, do departamento de trânsito, com vidros escuros nas janelas.

Era melhor não hesitar. Ela atravessou diretamente para a tenda. Quando estava quase lá, a porta traseira do furgão foi aberta e dali saiu um policial. Sem o capacete ele parecia muito jovem, e a luz do poste brilhava em seu rosto.

— Posso saber aonde vai, senhora? — perguntou.

— Entrar nesta tenda.

— Infelizmente não é possível, senhora. Tenho ordens de não deixar ninguém entrar.

— Ótimo! — exclamou ela. — Que bom que mandaram proteger este lugar. Mas sou do Departamento de Ciências Físicas. Sir Charles Latrom nos pediu para fazer uma avaliação preliminar e redigir um relatório antes que comecem a pesquisa. É importante que isso seja feito a esta hora, enquanto não há muita gente na rua. Tenho certeza de que você compreende os motivos.

— Bem, sim — respondeu ele. — Mas a senhora tem alguma identificação?

— Ah, claro — afirmou ela.

E tirou a mochila das costas, para pegar a bolsa. Entre as coisas que tinha tirado da gaveta no laboratório estava um cartão da biblioteca, já vencido, de

Oliver Payne. Com quinze minutos de trabalho, sentada à mesa da sua cozinha, ela havia utilizado a foto do próprio passaporte para produzir um documento que ela esperava que passasse por verdadeiro. O policial pegou o cartão de plástico e estudou-o atentamente.

— Dra. Oliver Payne — leu. — Por acaso a senhora conhece uma dra. Mary Malone?

— Ah, sim, é uma colega.

— Sabe onde ela está agora?

— Em casa, na cama, se tiver juízo. Por quê?

— Bem, me disseram que ela não trabalha mais na sua organização e não tem permissão para passar por aqui. Na verdade, temos ordens para prender a doutora se ela tentar. E, ao ver uma mulher, naturalmente pensei que só poderia ser ela, entende? Desculpe, dra. Payne.

— Ah, entendo — disse Mary Malone.

O policial tornou a examinar o cartão.

— Bem, isto parece correto — disse, devolvendo a identificação. Nervoso, com vontade de falar, ele continuou: — *Sabe* o que tem ali, dentro desta tenda?

— Bem, só de ouvir falar — respondeu ela. — Por isso estou aqui.

— Imagino que sim. Muito bem, dra. Payne.

O guarda deu um passo para o lado e deixou que ela desatasse a proteção que fechava a porta da tenda. Ela esperava que ele não notasse o tremor de suas mãos. Segurando a mochila contra o peito, ela entrou. Enganar o guardião — ela havia feito isso; mas não tinha ideia do que encontraria dentro da tenda. Estava preparada para algum tipo de escavação arqueológica, um cadáver, um meteorito — mas nada em sua vida ou em seus sonhos a tinha preparado para aquele quadrado de cerca de um metro em pleno ar, ou para a cidade adormecida e silenciosa à beira-mar que ela encontrou quando o atravessou.

13. ÆSAHÆTTR

Quando a lua nasceu, as feiticeiras deram início ao feitiço para curar os ferimentos de Will: acordaram o menino e pediram a ele que colocasse a faca no chão, em um local onde ela pudesse pegar um raio de luz das estrelas.

Lyra estava sentada ali perto, mexendo um caldeirão de água fervente com algumas ervas sobre uma fogueira. Serafina se abaixou junto à faca e, enquanto suas companheiras batiam palmas, batiam com o pé no chão e soltavam gritos ritmados, começou a cantar em tom alto e estridente:

Pequena faca! Arrancaram teu ferro
das entranhas da mãe Terra,
fizeram uma fogueira e ferveram o minério,
fizeram-no chorar, sangrar e transbordar,
teu ferro foi martelado, foi temperado,
mergulhado em água gélida,
aquecido dentro da forja
até tua lâmina ter a cor vermelho-sangue, crestante!
Então fizeram-te ferir a água
outra vez, e mais outra,
até o vapor se tornar névoa fervente
e a água clamar por misericórdia.
E quando tu cortaste uma única sombra
em trinta mil sombras,
então souberam que estavas pronta,

então te chamaram: a sutil.
Mas, pequena faca, que foi que fizeste?
Abriste portais de sangue, deixando-os escancarados!
Pequena faca, tua mãe te chama,
das entranhas da Terra,
de suas minas e cavernas mais profundas,
de seu secreto ventre de ferro.
Escuta!

Então Serafina começou a bater o pé no chão e a bater palmas com as outras feiticeiras, que ululavam, suas vozes rascantes arranhando o ar como garras. Will, sentado no meio do grupo, sentiu um arrepio no centro do corpo.

Serafina Pekkala se virou para o menino e tomou a mão ferida entre as suas. Dessa vez, quando ela cantou, ele quase fez uma careta, tão penetrante era a voz alta e clara, tão brilhantes eram os olhos dela. Mas continuou sentado, imóvel, deixando o feitiço seguir seu curso.

Sangue! Obedece-me! Faz meia-volta,
sendo um lago e não um rio.
Quando chegares ao ar livre,
para! E constrói uma parede coagulada,
que seja firme, para conter a enchente.
Sangue, teu céu é o domo do crânio,
teu sol é o olho aberto,
teu vento, o ar nos pulmões.
Sangue, teu mundo é limitado; fica dentro dele!

Will conseguia sentir todos os átomos do seu corpo respondendo ao comando dela, e então se juntou a eles, forçando o sangue que gotejava a escutar e obedecer.

Ela largou a mão de Will e se virou para o pequeno caldeirão de ferro sobre o fogo. Dali subia um vapor de cheiro forte — Will ouvia o líquido borbulhando violentamente.

Serafina cantou:

Casca de carvalho, seda de aranha,
musgo moído, salgueiro:
agarrem-se com firmeza, unam-se com força,
tranquem a porta, travem o portão,
reforcem a parede de sangue,
estanquem a enchente sangrenta.

Então a feiticeira pegou um broto de amieiro e, com sua própria faca, o partiu em dois no sentido do comprimento. A alvura exposta do miolo brilhava ao luar. Ela colocou um pouco do líquido quente em cada metade e tornou a juntá-las, pressionando um lado contra o outro em toda a extensão do corte. E o raminho ficou inteiro de novo.

Will ouviu um som vindo de Lyra e se virou, para ver outra feiticeira segurando uma lebre, que se contorcia e se debatia nas mãos fortes da mulher. O animal ofegava, de olhos arregalados, chutando furiosamente, mas as mãos da feiticeira eram implacáveis; uma delas segurava a lebre pelas patas da frente e a outra pelas patas traseiras, mantendo o frenético animal estendido de barriga para cima.

A faca de Serafina deslizou sobre o animal. Will sentiu uma vertigem; Lyra, por sua vez, segurava Pantalaimon — em forma de lebre, para se mostrar solidário —, que tentava se desvencilhar de suas mãos. A verdadeira lebre ficou imóvel, os olhos saltados, o peito ofegante, as entranhas brilhando.

Mas Serafina deixou cair um pouco do líquido do caldeirão dentro do corte aberto na barriga da lebre e então o fechou com os dedos, alisando os pelos molhados na área do ferimento até não haver mais qualquer sinal do corte.

A feiticeira que segurava o animal o colocou no chão com delicadeza; ele se sacudiu, se virou para lamber o flanco, mexeu as orelhas e foi mordiscar um pedaço de capim como se estivesse sozinho. De repente pareceu perceber o círculo de humanos à sua volta e fugiu dali como uma flecha, inteiramente refeito, saltando velozmente para dentro da escuridão.

Lyra, acalmando Pantalaimon, olhou de relance para Will e viu que ele sabia o que aquilo significava: o remédio estava pronto. Ele estendeu a mão e Serafina passou a mistura quente nos tocos sangrentos, enquanto ele desviava os olhos e

respirava fundo algumas vezes, mas sem se queixar.

Depois que a carne viva estava inteiramente encharcada, a feiticeira pressionou sobre os ferimentos as ervas tiradas do caldeirão e fechou tudo com uma faixa de seda.

Pronto: o feitiço estava terminado.

Will dormiu profundamente pelo resto da noite. Estava frio, mas as feiticeiras empilharam folhas sobre seu corpo, e Lyra dormiu aninhada junto às suas costas. Na manhã seguinte, Serafina refez o curativo. Ele tentou ler no rosto dela se o ferimento estava sarando, mas a feiticeira se mostrava tranquila e impassível.

Depois que comeram alguma coisa, Serafina lhes contou: as feiticeiras tinham concordado que, já que tinham ido àquele mundo para encontrar Lyra e tomar conta dela, iriam ajudar a menina a fazer aquilo que ela agora sabia ser a sua missão: levar Will até o pai dele.

Assim, partiram; e a viagem foi tranquila em sua maior parte. Para começar, Lyra consultou o aletiômetro, mas com cautela, e ficou sabendo que deveriam viajar na direção das montanhas distantes, visíveis do outro lado da grande baía. Como nunca tinham chegado a uma altitude tão grande na cidade, os dois não tinham noção de como a costa se curvava e de como as montanhas se encontravam abaixo do horizonte. Agora, no entanto, onde as árvores escasseavam ou onde um declive se abria aos pés dos viajantes, eles avistavam o mar deserto da baía, até as altas montanhas azuis que eram seu destino. Elas pareciam muito distantes.

Os dois não conversaram muito. Lyra ficava observando a vida na floresta, que tinha desde pica-paus até esquilos e cobrinhas de losangos no dorso, e Will precisava de toda a sua energia simplesmente para continuar andando. Lyra e Pantalaimon falavam a respeito dele todo o tempo.

— Bem que nós *podíamos* consultar o aletiômetro — disse Pantalaimon, em um momento em que os dois tinham ficado para trás a fim de ver até que ponto conseguiriam se aproximar de um cervo antes que este os visse. — Não prometemos não fazer isso. E poderíamos descobrir todo tipo de coisas para ele. Seria por ele, não por nós.

— Não seja estúpido — retrucou Lyra. — *Seria* por nós, porque ele nunca perguntaria. Você é curioso e intrometido, Pan.

— Já é uma mudança. Normalmente é você quem é curiosa e intrometida, e sou eu quem tem que te dizer para não fazer certas coisas. Como na Sala Privativa na Jordan. Eu não queria entrar lá.

— Se a gente não tivesse entrado, acha que tudo isso teria acontecido?

— Não. Porque o reitor teria envenenado lorde Asriel, e tudo ia acabar ali mesmo.

— É, talvez... Quem você acha que é o pai do Will? E por que será que ele é importante?

— É isso que eu estava dizendo! Podemos descobrir em um instante!

Ela pareceu hesitar.

— Antigamente, eu até faria isso. Mas estou mudando, Pan, eu acho.

— Não está, não.

— *Você* pode não estar... Ei, Pan, quando eu mudar, você vai parar de mudar. O que vai ser?

— Uma pulga, espero.

— Você não tem *nenhum* pressentimento do que vai ser?

— Não, nem quero ter.

— Você está chateado porque eu não vou fazer o que você quer.

Ele se transformou em um porco e grunhiu, berrou e roncou até que ela começasse a rir. Então mudou para um esquilo e correu por entre os ramos ao lado dela.

— E você? Quem você acha que o pai dele é? — Pantalaimon quis saber. — Acha que é alguém que nós já conhecemos?

— Talvez. Mas deve ser alguém importante, quase tão importante quanto lorde Asriel. Tem que ser. Sabemos que o que *nós* estamos fazendo é importante, afinal.

— Não sabemos, não — retorquiu Pantalaimon. — Achamos que sabemos, mas não temos certeza. Simplesmente resolvemos procurar o Pó porque o Roger morreu.

— Nós *sabemos* que é importante, sim! — exclamou Lyra, com veemência, chegando a bater o pé no chão. — E as feiticeiras também sabem. Elas viajaram até aqui para nos procurar, só para tomar conta de mim e me ajudar! E temos que ajudar Will a encontrar o pai dele. *Isso* é importante mesmo. Você sabe que é, senão não teria dado aquelas lambidas nele quando ele se machucou. Aliás, por

que você fez aquilo? Nem me perguntou se podia! Não consegui acreditar quando vi.

— Fiz porque ele não tem daemon e estava precisando de um. E, se você tivesse metade do talento que pensa que tem para perceber as coisas, saberia disso.

— No fundo eu sabia.

Pararam de falar porque alcançaram Will, que estava sentado em uma pedra ao lado da trilha. Pantalaimon transformou-se em um papa-moscas e passou a voar no meio dos galhos.

— Will, o que será que as crianças vão fazer agora? — perguntou Lyra.

— Não vão nos seguir. Estão com muito medo das feiticeiras. Talvez continuem por aí, andando sem rumo.

— É, talvez... Mas podem querer usar a faca. Podem vir atrás de nós.

— Que venham. Não vão conseguir. No princípio eu não queria ficar com a faca. Mas se ela mata Espectros...

— Nunca confiei na Angélica, desde o princípio — afirmou Lyra, virtuosamente.

— Confiou, sim — rebateu ele.

— É. Confiei mesmo... No fim eu estava odiando aquela cidade.

— Pensei que era o paraíso quando cheguei lá. Não podia imaginar coisa melhor. E o tempo todo aquele lugar estava cheio de Espectros, e a gente nem sabia...

— Bom, não vou mais confiar em crianças — declarou Lyra. — Lá em Bolvangar eu pensava que, por mais maldades que os adultos fizessem, as crianças eram diferentes, não eram capazes de tanta crueldade. Mas agora não tenho certeza. Nunca tinha visto crianças como aquelas, isso é fato.

— Eu já — disse Will.

— Quando? No seu mundo?

— É — respondeu ele, embaraçado.

Lyra esperou, imóvel, até ele continuar:

— Foi quando a minha mãe estava tendo outra fase ruim. Ela e eu, a gente estava por conta própria, entende, porque obviamente o meu pai não estava lá. E de vez em quando ela começava a dizer coisas que não eram verdade. E de vez em quando começava a pensar coisas que não eram verdade. E tinha que fazer

coisas que não faziam sentido, pelo menos para mim. Quer dizer, ela precisava fazer essas coisas, senão ficava muito nervosa, com medo de tudo, então eu ajudava. Tocando em todas as ripas da grade em volta do parque, por exemplo, ou contando as folhas de um arbusto, esse tipo de coisa. Depois de um tempo ela melhorava. Mas eu tinha medo de alguém descobrir, porque achava que podiam levar ela, então eu tomava conta dela e escondia isso de todo mundo. Nunca contei a ninguém. Uma vez ela ficou com medo quando eu não estava em casa. Eu tinha ido para a escola. E então ela saiu, estava quase sem roupa, só que não sabia disso. E alguns meninos da minha escola viram e começaram...

Will estava com o rosto vermelho. Sem conseguir se controlar, ele começou a andar de um lado para outro, desviando os olhos de Lyra, porque tinha a voz instável e os olhos cheios d'água. Mas prosseguiu:

— Estavam perturbando a minha mãe, igualzinho àqueles meninos na torre com a gata... Acharam que ela era louca e queriam machucar ela, talvez até matar, isso não seria surpresa. Ela era diferente, só isso, e eles tinham ódio disso. De qualquer maneira, encontrei a minha mãe e levei ela para casa. E no dia seguinte na escola briguei com o garoto que era o líder da turma. Lutei com ele, quebrei o braço dele e acho que alguns dentes também, não sei. E ia brigar com o resto da turma, mas parei para pensar e vi que era melhor evitar, porque, se as autoridades ou os professores ficassem sabendo, iam procurar minha mãe para prestar queixa, e então iam descobrir como ela era e levar ela embora. Então fingi que estava arrependido e disse aos professores que não ia fazer de novo. Eles me castigaram por ter brigado e eu não disse nada. Mas minha mãe ficou em segurança, entende? Ninguém sabia, além daqueles meninos, e eles sabiam o que eu faria se dissessem alguma coisa. Sabiam que um dia eu ia matar eles todos, não ia só machucar. E logo depois ela melhorou outra vez. Ninguém nunca ficou sabendo. Mas depois disso deixei de confiar tanto nas crianças quanto nos adultos. São igualmente maus. Então não fiquei surpreso quando as crianças de Ci'gazze fizeram aquilo.

Ele tornou a se sentar, de costas para Lyra.

— Mas gostei quando as feiticeiras vieram — arrematou.

Sem olhar para Lyra, ele enxugou os olhos com a mão. Ela fingiu não perceber.

— Will, o que você contou sobre a sua mãe... E Tullio, quando os Espectros

pegaram ele... E ontem, quando você disse que achava que os Espectros vieram do seu mundo...

— É. Porque não fazia sentido o que estava acontecendo com ela. Minha mãe não é louca. Aqueles meninos podiam achar que era, podiam zombar e querer machucar ela, mas estavam enganados. Minha mãe não é louca, só que tinha medo de umas coisas que eu não conseguia enxergar. E tinha que fazer coisas que pareciam malucas; *eu* não conseguia entender o motivo, mas obviamente *ela* entendia. Como contar todas as folhas, feito o Tullio, ontem, que estava tocando nas pedras do muro. Talvez seja um modo de tentar afastar os Espectros. Se a pessoa virar as costas para a coisa que deixa ela com medo e tentar se interessar realmente pelas pedras ou pelo desenho delas, ou pelas folhas da árvore, se conseguir achar que aquilo é realmente importante, pode estar segura. Não sei. Parece isso. *Tinha* coisas reais das quais ela devia sentir medo, como aqueles homens que nos roubaram, só que havia algo mais. Então talvez a gente tenha Espectros no meu mundo, só que ninguém consegue ver, e nós não demos nome a eles, mas eles estão lá, e não param de tentar atacar a minha mãe. Foi por isso que ontem fiquei feliz quando o aletiômetro disse que ela está bem.

Ele estava com a respiração acelerada, a mão direita agarrada ao cabo da faca na bainha. Lyra não disse nada, e Pantalaimon ficou imóvel.

— Quando você soube que tinha que ir procurar o seu pai? — perguntou ela depois de um momento.

— Há muito tempo — contou ele. — Eu costumava fingir que ele estava preso e eu ia ajudar ele a fugir. Brincava sozinho durante horas, durante dias. Ou então estava em uma ilha deserta e eu ia até lá de barco e levava ele para casa. Ele ia saber exatamente o que era preciso fazer, especialmente com a minha mãe, e ela iria melhorar e ele cuidaria dela e de mim, e eu poderia simplesmente ir à escola e ter amigos, e teria um pai e uma mãe. Então eu sempre dizia para mim mesmo que, quando crescesse, sairia para procurar meu pai... E a minha mãe dizia que eu ia levar o manto do meu pai. Ela dizia isso para me deixar feliz. Eu não sabia o que queria dizer, mas parecia importante.

— Você não tinha amigos?

— Como é que eu podia ter amigos? — perguntou ele, realmente sem saber. — Amigos... Eles entram na casa da gente, conhecem os pais da gente e... Às vezes um garoto me convidava para ir na casa dele, e eu até podia aceitar, mas

nunca poderia retribuir o convite. Então nunca tive amigos. Eu queria... Eu tinha a minha gata — continuou. — Espero que ela esteja bem. Espero que alguém esteja tomando conta dela...

— E o homem que você matou? — perguntou Lyra, o coração batendo com força. — Quem era?

— Não sei. Se matei, não me importo. Ele merecia. Eram dois. Iam lá em casa atormentar a minha mãe até ela ficar com medo de novo, e era cada vez pior. Eles queriam saber tudo sobre o meu pai e não deixavam ela em paz. Não sei se eram policiais ou qualquer outra coisa. No começo pensei que faziam parte de uma quadrilha de bandidos, que achavam que meu pai tinha roubado um banco, talvez, e escondido o dinheiro. Mas eles não queriam dinheiro, queriam papéis. Queriam algumas cartas que o meu pai tinha mandado. Um dia arrombaram a casa, e então eu vi que seria mais seguro se a minha mãe fosse para outro lugar. Entende, eu não podia pedir ajuda à polícia, porque iam levar minha mãe embora. Eu não sabia o que fazer.

Will parou de falar por um instante.

— No fim procurei uma senhora que tinha sido minha professora de piano. Na hora só me lembrei dela. Perguntei se minha mãe podia ficar na casa dela, e deixei ela lá. Acho que ela vai cuidar direito da minha mãe. De qualquer maneira, voltei para casa e procurei as tais cartas, porque eu sabia onde estavam. Peguei as cartas, e os homens chegaram e invadiram a casa de novo. Era de noite, ou de madrugada. Eu estava escondido no sótão, e Moxie, a minha gata Moxie, ela saiu do quarto sem eu ver, nem o homem viu, e quando pulei em cima do cara ele tropeçou nela e rolou escada abaixo... e eu fugi correndo. Foi o que aconteceu. Eu não pretendia matar ele, mas não me importo se ele morreu. Fugi e vim para Oxford e encontrei aquela janela. E isso tudo só aconteceu porque eu vi a outra gata e parei para ficar olhando, e ela encontrou a janela primeiro. Se eu não tivesse visto aquela gata... ou se Moxie não tivesse saído do quarto naquele instante...

— É, foi sorte — comentou Lyra. — Eu e Pan estávamos pensando agora mesmo: se eu não tivesse entrado no armário da Sala Privativa da Jordan e visto o reitor colocar veneno no vinho, nada disso teria acontecido também...

Os dois ficaram sentados em silêncio na pedra coberta de musgo, sob os raios oblíquos do sol através dos velhos pinheiros, pensando em quantos

acontecimentos casuais mínimos tinham conspirado para levá-los até aquele lugar. Cada um desses acontecimentos casuais poderia ter tido um desfecho diferente. Talvez outro Will, em outro mundo, não percebesse a janela na avenida Sunderland e saísse andando em direção às Midlands, perdido e exausto, até ser apanhado. E, em outro mundo, talvez outro Pantalaimon tivesse convencido outra Lyra a não entrar na Sala Privativa, e outro lorde Asriel tivesse sido envenenado, e outro Roger tivesse sobrevivido para brincar para sempre com aquela Lyra em cima dos telhados e pelos becos de uma Oxford diferente e imutável.

Will enfim tinha descansado o suficiente para continuar caminhando, e os dois seguiram viagem, rodeados pelo silêncio profundo da floresta.

Viajaram durante todo o dia; descansavam, avançavam, tornavam a descansar, enquanto as árvores iam ficando mais espaçadas e o terreno, mais pedregoso. Lyra consultou o aletiômetro, que instruiu: *continuem*, *esta é a direção correta*. Ao meio-dia chegaram a uma aldeia que os Espectros não perturbavam: cabras pastavam nas encostas, uma plantação de limoeiros jogava sombras no solo e algumas crianças que brincavam em um riacho correram para suas mães ao verem a menina de roupas esfarrapadas e o menino de rosto pálido e feroz, com a camisa suja de sangue, e mais o galgo elegantíssimo que os acompanhava.

Os adultos se mostraram cautelosos, mas dispostos a vender-lhes pão, queijo e frutas em troca de uma das moedas de ouro de Lyra. As feiticeiras ficaram fora de vista, embora as duas crianças soubessem que elas estariam ali em um segundo se surgisse algum perigo. Lyra, depois de muito pechinchar, conseguiu que uma anciã lhes vendesse dois cantis de pele de cabra e uma bela camisa de linho, pela qual Will trocou com alívio a sua camiseta imunda, depois de se lavar no riacho gelado e se deitar ao sol quente para secar.

Refeitos, os dois seguiram viagem. O terreno agora era mais difícil de atravessar; sombra, só a das rochas, pois não havia árvores, e o calor do solo atravessava a sola dos sapatos. O sol fazia os olhos doerem. À medida que subiam, os dois avançavam cada vez mais devagar. Quando o sol tocou na crista das montanhas e eles viram um pequeno vale surgir a seus pés, resolveram não ir mais longe.

Desceram a encosta às pressas, quase perdendo o equilíbrio mais de uma vez,

e depois tiveram que atravessar um campo de rododendros-anões, as folhas escuras e brilhantes e as muitas flores carmim tomadas pelo zumbido das abelhas, antes de saírem para uma campina aberta ao crepúsculo, ao longo de um riacho. O solo ali era de um capim que chegava aos joelhos, pontilhado de centáureas azuis, gencianas e quinquefólios.

Will bebeu bastante água no riacho e depois se deitou. Não conseguia ficar acordado e tampouco conseguia dormir. A cabeça girava, uma aura de estranheza rodeava todas as coisas, sua mão doía e latejava.

E, pior, tinha recomeçado a sangrar.

Serafina examinou sua mão, colocou mais ervas sobre os ferimentos e apertou a atadura de seda com mais força, mas dessa vez estava com a fisionomia inquieta. Ele não quis fazer perguntas; de que adiantaria? Era evidente que o feitiço não tinha funcionado, e percebia que ela sabia disso também.

Assim que escureceu, ele sentiu Lyra vir se deitar perto dele e logo ouviu um ronronar suave: o daemon dela, em forma de gato, cochilava com as patas dobradas a menos de um metro dele, e Will sussurrou:

— Pantalaimon?

O daemon abriu os olhos. Lyra não se mexeu. Pantalaimon murmurou:

— Sim?

— Pan, eu vou morrer?

— As feiticeiras não vão deixar você morrer. Lyra também não vai.

— Mas o feitiço não funcionou. Não paro de perder sangue. Não deve ter sobrado muito. E continua sangrando, não quer parar. Estou com medo...

— Lyra acha que você não está.

— Sério?

— Lyra acha que você é o guerreiro mais corajoso que ela já viu, tão corajoso quanto Iorek Byrnison.

— Então é melhor eu tentar não fazer cara de assustado — declarou Will. Depois de ficar em silêncio por um instante, continuou: — Acho que Lyra é mais corajosa que eu. Acho que é a melhor amiga que eu já tive.

— Ela pensa a mesma coisa de você — cochichou o daemon.

Finalmente Will fechou os olhos.

Lyra estava imóvel, mas tinha os olhos abertos na escuridão, e seu coração batia com força.

Quando Will voltou a abrir os olhos, estava completamente escuro, e sua mão doía mais que nunca. Ele se sentou com cuidado e viu uma fogueira acesa não muito longe, onde Lyra tentava tostar pão em um galho em forquilha. Havia também alguns pássaros assando em um espeto, e, quando Will se aproximou, Serafina Pekkala pousou.

— Will, coma estas folhas antes de comer qualquer outra coisa.

Ela deu ao menino um punhado de folhas de sabor levemente amargo, um pouco parecido com salva, que ele mastigou em silêncio e engoliu com dificuldade. Eram ligeiramente picantes, mas ele se sentiu melhor, mais desperto e menos friorento.

Comeram os pássaros assados, temperando-os com suco de limão. Uma feiticeira trouxe algumas cerejas que havia encontrado, e então as outras se reuniram em volta do fogo. Conversavam em voz baixa; algumas delas tinham voado bem alto, para espionar, e uma tinha visto um balão sobre o mar. Lyra se endireitou no mesmo instante.

— O balão do sr. Scoresby? — perguntou.

— Havia dois homens nele, mas estavam longe demais para eu distinguir quem eram. Atrás deles estava se formando uma tempestade.

Lyra bateu palmas.

— Se o sr. Scoresby estiver chegando, vamos poder voar, Will! Ah, tomara que seja ele! Ele foi tão bacana, e eu nem consegui me despedir... Queria ver ele de novo, queria mesmo...

A feiticeira Juta Kamainen prestava atenção, com seu daemon-sabiá de peito vermelho e olhos brilhantes empoleirado em seu ombro, porque quando falaram em Lee Scoresby ela se lembrou da missão que ele havia assumido. Ela era a feiticeira que tinha se apaixonado por Stanislaus Grumman, que recusara o seu amor — a feiticeira que Serafina Pekkala tinha levado para aquele mundo a fim de impedir que ela o matasse em seu próprio mundo.

Serafina poderia ter percebido, mas aconteceu alguma coisa; ela ergueu a mão e a cabeça, assim como todas as outras feiticeiras. Will e Lyra escutavam muito vagamente, vindo do norte, o grito de um pássaro noturno. Mas não era um pássaro comum: as feiticeiras reconheceram instantaneamente um daemon. Serafina Pekkala se levantou, olhando atentamente para o céu.

— Acho que é Ruta Skadi — disse.

Ficaram imóveis, as cabeças de lado, voltadas para o grande silêncio, esforçando-se para ouvir.

Veio então outro grito, já mais perto, e então um terceiro. Diante disso, todas as feiticeiras pegaram seus galhos e saltaram para o ar — exceto duas, que ficaram bem próximas, flechas preparadas nos arcos, protegendo Will e Lyra.

Em algum lugar na escuridão lá em cima havia uma batalha. E havia passado apenas um instante quando ouviram sons de luta, assobios de flechas e gritos de dor, de raiva ou de comando.

E então, com um estrondo tão súbito que eles nem tiveram tempo de saltar para trás, uma criatura caiu do céu a seus pés: um animal de pele semelhante a couro e pelagem encardida, que Lyra reconheceu como um espectro-dos-penhascos ou algo semelhante.

O animal tinha sofrido na queda, e estava com uma flecha enfiada nas costas, mas tentou atacar Lyra com malícia. As feiticeiras não podiam atirar porque Lyra estava na linha de fogo; mas Will chegou primeiro, e com a faca cortou fora a cabeça da criatura, que rolou para longe. O ar que ainda havia nos pulmões da fera escapou com um som borbulhante, e ela caiu morta.

Eles voltaram a olhar para cima, pois a batalha agora se desenrolava mais perto do solo, e a luz da fogueira mostrava redemoinhos de seda negra, membros pálidos, ramos verdes de pinheiro-nubígeno, couro descamado, marrom-acinzentado. Como as feiticeiras conseguiam manter o equilíbrio durante as manobras súbitas, e ainda por cima fazer pontaria e atirar, era algo além da compreensão de Will.

Outro espectro-dos-penhascos foi abatido, depois um terceiro caiu no riacho ou nas pedras próximas; e então o resto do bando fugiu ruidosamente para a escuridão em direção ao norte.

No momento seguinte, Serafina Pekkala pousou com suas feiticeiras e com mais uma: uma linda mulher de olhos ferozes e cabelo negro, as maçãs do rosto ruborizadas de raiva e agitação.

Essa feiticeira viu o espectro-dos-penhascos sem cabeça e cuspiu.

— Não vem do nosso mundo, nem deste — declarou. — Abominações nojentas. Existem milhares delas, se reproduzindo como moscas... Quem é esta menina? É a Lyra? E o menino, quem é?

Lyra devolveu o olhar com serenidade, embora sentisse o coração bater mais

depressa, pois os nervos de Ruta Skadi vibravam tão intensamente que provocavam uma agitação nos nervos de qualquer pessoa perto dela.

Então a feiticeira se virou para Will, que sentiu o mesmo pulsar de intensidade, mas controlou sua expressão, a exemplo de Lyra. Ainda empunhava a faca; a feiticeira viu o que ele tinha feito usando a lâmina e sorriu. Ele a enfiou na terra para limpá-la do sangue da criatura imunda e depois a lavou no riacho.

Ruta Skadi dizia:

— Serafina Pekkala, estou aprendendo muito; todas as coisas antigas estão mudando, ou morrendo ou vazias. Estou com fome...

Ela comeu como um animal, roendo o que sobrara dos pássaros assados e enfiando punhados de pão na boca, com a ajuda de grandes goles de água do riacho. Enquanto ela se alimentava, algumas feiticeiras carregaram para longe o corpo do espectro-dos-penhascos e refizeram a fogueira, depois montaram turnos de vigia.

As outras vieram se sentar perto de Ruta Skadi, para escutar o que ela ia começar a contar. A feiticeira narrou o que acontecera depois que partiu voando atrás dos anjos e a sua viagem até a fortaleza de lorde Asriel.

— Irmãs, é o maior castelo que se pode imaginar. Muralhas de basalto chegando até o céu, estradas largas descendo de todas as direções, por onde chegam carregamentos de pólvora, comida, placas de armadura. Como ele conseguiu isso? Acho que deve ter passado vários anos, várias eras, fazendo preparativos. Ele vem preparando isso tudo desde antes de termos nascido, irmãs, embora seja tão mais jovem... Mas como pode ser isso? Não sei. Não consigo entender. Acho que ele controla o tempo, faz o tempo andar depressa ou devagar, conforme a sua vontade.

“Nessa fortaleza estão chegando guerreiros de todo tipo, de todos os mundos. Homens e mulheres, sim, e espíritos guerreiros também, e criaturas armadas que eu nunca tinha visto. Lagartos e macacos, e grandes pássaros com esporas venenosas, criaturas tão estranhas que eu não conseguiria adivinhar o nome delas. E outros mundos têm feiticeiras, sabiam disso, irmãs? Falei com feiticeiras que vieram de um mundo como o nosso, mas profundamente diferente, pois aquelas feiticeiras não vivem mais do que os nossos vidas-curtas, e havia homens, também, feiticeiros que voam como nós...”

As feiticeiras do clã de Serafina Pekkala ouviam esse relato com assombro,

medo e incredulidade. Mas Serafina acreditava e insistiu para que Ruta Skadi continuasse.

— Viu lorde Asriel, Ruta Skadi? Conseguiu chegar até ele?

— Sim, consegui, e não foi fácil, pois ele vive no centro de muitos círculos de atividade e dirige todos eles. Mas fiquei invisível e consegui chegar ao quarto dele, onde ele estava se preparando para dormir.

Todas as feiticeiras sabiam o que tinha acontecido em seguida, mas Will e Lyra nem sonhavam com isso. De modo que Ruta Skadi não viu necessidade de contar, então continuou:

— Então eu lhe perguntei por que estava reunindo todas aquelas forças, e se era verdade o que ouvimos sobre o seu desafio à Autoridade, e ele riu.

"Ele me perguntou: Então falam disso na Sibéria? Eu disse que sim, e que falam disso em Svalbard e em todas as regiões do Norte, o nosso Norte. E contei sobre o nosso pacto, e que eu tinha deixado o nosso mundo para procurar por ele.

"Então lorde Asriel nos convidou para nos juntarmos a ele, irmãs. Para integrarmos o seu exército contra a Autoridade. Eu desejei de todo o coração que nós todas pudéssemos nos comprometer naquele momento; teria jogado o meu clã na guerra com o coração satisfeito. Ele me mostrou que a rebelião era certa e justa, diante das coisas que os agentes da Autoridade fizeram em nome Dela... E pensei nas crianças de Bolvangar, e nas outras mutilações terríveis que vi nas nossas próprias terras meridionais. Ele me contou muitas outras crueldades feitas em nome da Autoridade. Em alguns mundos eles capturam as feiticeiras e as queimam vivas, irmãs, sim, feiticeiras como nós...

"Ele abriu meus olhos. Me mostrou coisas que eu nunca tinha visto, crueldades e horrores cometidos em nome da Autoridade, todos designados a destruir as alegrias e as verdades da vida.

"Ah, irmãs, eu queria me lançar a essa guerra com todo o meu clã! Mas sabia que devia consultá-la primeiro, Serafina Pekkala, e depois voar de volta ao nosso mundo e conversar com Ieva Kasku, Reina Miti e as outras feiticeiras-rainhas.

"Então fiquei invisível, peguei meu pinheiro-nubígeno e parti. Mas, antes de me afastar muito, surgiu um grande vento que me jogou para o alto das montanhas, e tive que me refugiar no topo de um penhasco. Como conheço o tipo de criaturas que vivem nos penhascos, tornei a ficar invisível e escutei vozes

na escuridão.

“Parece que eu tinha ido parar no lugar onde ficava o ninho do mais velho de todos os espectros-dos-penhascos. Ele era cego, e os outros lhe traziam comida, carniça fedorenta, lá do vale. E lhe pediam orientação.

“‘Vovô’, perguntavam, ‘até onde vai a sua memória?’

“‘Até bem longe. Muito antes dos humanos’, respondeu ele. A voz dele era baixa, frágil e envelhecida.

“‘É verdade que a maior batalha de todas está para acontecer, vovô?’

“‘É, sim, crianças. Uma batalha maior do que a última. Um belo banquete para todos nós. Serão dias de prazer e abundância para todos os espectros-dos-penhascos de todos os mundos.’

“‘E quem vai vencer, vovô? Lorde Asriel vai derrotar a Autoridade?’

“‘O exército de lorde Asriel tem milhões de soldados, vindos de todos os mundos’, contou o velho espectro-dos-penhascos. ‘É um exército maior do que aquele que lutou contra a Autoridade da última vez e é mais bem comandado. Quanto às forças da Autoridade, ora, elas são cem vezes maiores. Mas a Autoridade é muito velha, até muito mais velha do que eu, crianças, e seus soldados estão assustados, ou então são complacentes. Seria uma luta difícil, mas lorde Asriel venceria, pois é apaixonado e corajoso, e acredita que sua causa seja justa. Mas há uma coisa, crianças. Ele não tem Æsahættr. Sem Æsahættr, ele e os seus exércitos serão derrotados. Então vamos nos banquetear durante anos, minhas crianças!’

“Ele riu e começou a roer o osso fedorento que os outros tinham levado, e todos guincharam de alegria.

“Ora, vocês podem imaginar como me esforcei para escutar mais coisas sobre esse tal Æesahættr, mas só conseguia ouvir o uivo do vento e um espectro-dos-penhascos novinho perguntando: ‘Se lorde Asriel precisa de Æsahættr, por que não chama?’

“E o velho avantesma respondeu: ‘Lorde Asriel sabe tanto quanto você sobre Æsahættr, criança! Esta é a piada! Pode rir bastante!’

“Mas quando tentei chegar mais perto daquelas coisas imundas, meu poder falhou, irmãs, não consegui ficar invisível por mais tempo. Os mais jovens me viram, dando o alarme, e tive que fugir de volta para este mundo através da porta invisível no céu. Um bando deles veio atrás de mim, e aqueles corpos ali são os

dos últimos.

“Mas é evidente que lorde Asriel precisa de nós, irmãs. Seja quem for esse Æsahættr, lorde Asriel precisa de nós! Eu gostaria de voltar a lorde Asriel agora e dizer: não se preocupe, estamos chegando, nós, as feiticeiras do Norte, vamos ajudá-lo a vencer... Vamos resolver isso agora, Serafina Pekkala, vamos convocar um grande conselho de todas as feiticeiras, de todos os clãs, e guerrear!”

Serafina Pekkala olhou para Will, que sentiu que ela lhe pedia permissão para alguma coisa. Mas o menino não sabia o que responder, e ela olhou de volta para Ruta Skadi.

— Nós, não — afirmou. — A nossa missão agora é ajudar Lyra, e a missão dela é guiar Will até o pai dele. Você deve voltar para lá, concordo, mas nós devemos ficar com Lyra.

Ruta Skadi fez um gesto de impaciência com a cabeça.

— Bom, se é preciso... — resmungou.

Will se deitou, porque o ferimento estava doendo, muito mais do que no início. A mão inteira estava inchada. Lyra se deitou também, com Pantalaimon enrolado junto ao seu pescoço, e ficou contemplando o fogo pelas pálpebras semicerradas, escutando, sonolenta, o murmúrio das feiticeiras.

Ruta Skadi avançou um pouco riacho acima, e Serafina Pekkala a acompanhou.

— Ah, Serafina Pekkala, você devia ver lorde Asriel — disse baixinho a rainha da Letônia. — É o maior comandante que já existiu. Tem cada detalhe bem nítido no cérebro. Imagine quanta ousadia entrar em guerra contra o Criador? Mas quem você acha que pode ser esse Æsahættr? Como é que nunca ouvimos falar dele? E como podemos convencê-lo a se juntar a lorde Asriel?

— Talvez não seja um *ele*, irmã. Sabemos tão pouco quanto o espectro-dos-penhascos novinho. Talvez o avô estivesse zombando da ignorância dele. Essa palavra parece significar destruidor-de-deus, sabia disso?

— Então pode ser que sejamos nós, Serafina Pekkala! E, se formos, então o exército dele ficará muito mais forte com a nossa presença. Ah, que vontade de ver minhas flechas matando aqueles malvados de Bolvangar e de todas as Bolvangares em todos os mundos! Irmã, por que fazem isso? Em todos os mundos os agentes da Autoridade estão sacrificando crianças ao seu deus cruel!

Por quê? Por quê?

— Têm medo do Pó — disse Serafina Pekkala. — Mas não sei o que é isso.

— E esse menino que você encontrou, quem é? De que mundo ele veio?

Serafina Pekkala lhe contou tudo o que sabia sobre Will.

— Não sei por que ele é importante — concluiu. — Mas nós servimos a Lyra. E o instrumento dela lhe diz que a sua missão é essa. E, irmã, tentamos curar o ferimento dele, mas fracassamos. Tentamos o feitiço da coagulação, e não funcionou. Talvez as ervas neste mundo sejam menos potentes do que as nossas. Aqui é quente demais para o musgo-de-sangue crescer...

— Ele é estranho — comentou Ruta Skadi. — É do mesmo tipo de lorde Asriel. Já olhou bem nos olhos dele?

— Para falar a verdade, não tive coragem — confessou Serafina Pekkala.

As duas rainhas se sentaram em silêncio junto ao riacho. O tempo passou; algumas estrelas desapareceram, outras nasceram. Alguém soltou um gritinho enquanto dormia: era Lyra, sonhando. As feiticeiras ouviram o ronco de uma tempestade e viram os raios sobre o mar e o sopé das montanhas, porém muito distantes.

Mais tarde Ruta Skadi perguntou:

— E a menina Lyra, qual é o papel dela? É só esse? Ela é importante porque pode levar o garoto até o pai? É mais que isso, não é?

— Isso é o que ela tem que fazer agora. Mas depois, sim, muito mais do que isso. O que nós, feiticeiras, dissemos sobre a criança é que ela deveria colocar um fim no destino. Bem, nós sabemos o nome que iria torná-la importante para a sra. Coulter e sabemos que a mulher não o conhece. A feiticeira que ela estava torturando no navio perto de Svalbard quase disse qual era, mas Yambe-Akka chegou a tempo. Só que agora estou achando que Lyra pode ser aquilo que você ouviu os espectros-dos-penhascos falando, esse tal Æsahættr. Nem as feiticeiras, nem aqueles seres-anjos, mas esta criança adormecida: a arma definitiva em uma guerra contra a Autoridade. Por que mais a sra. Coulter ficaria tão ansiosa para encontrá-la?

— A sra. Coulter foi amante de lorde Asriel — informou Ruta Skadi. — Claro, Lyra é filha deles... Serafina Pekkala, se eu tivesse uma filha com ele, que feiticeira seria ela! A rainha das rainhas!

— Psiu, irmã — fez Serafina. — Escute... E que luz é aquela?

Elas ficaram de pé, alarmadas, imaginando se alguma coisa teria passado despercebida, e viram um brilho vindo do local do acampamento: não era a fogueira, não tinha a menor semelhança com a luz do fogo.

Correram de volta sem fazer barulho, as flechas já preparadas nos arcos, e estacaram de repente.

Todas as feiticeiras dormiam na relva, assim como Will e Lyra. Mas em volta das duas crianças havia mais de dez anjos, olhos baixos, a contemplá-las.

E então Serafina entendeu algo para o qual as feiticeiras não tinham uma palavra: era a ideia de uma peregrinação. Ela compreendeu por que aqueles seres esperavam milhares de anos e viajavam longas distâncias para ficarem perto de alguma coisa importante, e como dali em diante se sentiriam diferentes até o final dos tempos, por terem estado por um instante na presença dessa coisa. Era o que aquelas criaturas agora simbolizavam, aqueles belos peregrinos de luz rarefeita, postados em volta da menina de rosto sujo e saia escocesa e o menino de mão machucada que franzia a testa enquanto dormia.

Algo se mexeu ao lado do pescoço de Lyra: Pantalaimon, um arminho branco como a neve, abriu os olhos negros de maneira sonolenta e observou sem medo o entorno. Mais tarde, Lyra iria se lembrar disso como se fosse um sonho. Pantalaimon pareceu aceitar aquela atenção como algo a que Lyra tinha direito. Depois de algum tempo, se enroscou e tornou a fechar os olhos.

Finalmente uma das criaturas abriu as asas. As outras, embora bem próximas umas das outras, fizeram a mesma coisa, e suas asas se interpenetravam sem resistência, passando uma pela outra como uma luz atravessando outra luz, até que havia um círculo radiante em volta das crianças adormecidas na relva.

Então os seres alçaram voo, um de cada vez, erguendo-se como labaredas no céu e aumentando de tamanho, até ficarem imensos; mas então já estavam distantes, movendo-se como estrelas cadentes em direção ao Norte.

Serafina e Ruta Skadi saltaram sobre seus galhos de pinheiro-nubígeno e os seguiram para o alto, mas ficaram para trás.

— Eram como as criaturas que você viu, Ruta Skadi? — perguntou Serafina, depois que as duas diminuíram a velocidade do voo para contemplar as labaredas brilhantes que se abrandavam em direção ao horizonte.

— Maiores, eu acho, mas da mesma espécie. Não têm carne, você viu? São feitos só de luz. Seus sentidos devem ser muito diferentes dos nossos... Serafina

Pekkala, vou embora agora, para reunir todas as feiticeiras do nosso Norte. Quando nos encontrarmos outra vez, será tempo de guerra. Fique bem, minha querida...

Elas se abraçaram em pleno ar, e Ruta Skadi se virou para partir com velocidade rumo ao Sul.

Serafina ficou observando, depois se virou para ver os anjos cintilantes desaparecerem de vez na distância. Sentia apenas compaixão por aqueles imensos vigilantes. Quanta coisa eles deviam perder, nunca sentir a terra sob os pés ou o vento no cabelo ou o arrepio que a luz das estrelas provocava na pele nua! Então partiu um raminho do galho de pinheiro-nubígeno no qual voava e aspirou com imenso prazer o aroma acre da resina, antes de baixar lentamente para se juntar às companheiras adormecidas na relva.

14. A RAVINA DO ÁLAMO

Lee Scoresby baixou os olhos para o calmo oceano à sua esquerda e a costa verde à sua direita, protegendo-os da luz para procurar sinais de vida humana. Tinham se passado um dia e uma noite desde que deixaram o Yenisei.

— E este é um novo mundo? — perguntou.

— Novo para aqueles que não nasceram nele — respondeu Stanislaus Grumman. — Tão velho quanto o seu ou o meu. O que Asriel fez bagunçou tudo, sr. Scoresby, mais profundamente do que nunca. Essas portas e janelas de que falei agora se abrem para locais inesperados. A orientação é difícil, mas o vento está bom.

— Novo ou velho, este mundo aí embaixo é estranho — observou Lee.

— É, sim. É um mundo estranho, embora sem dúvida certas pessoas se sintam em casa aqui.

— Parece deserto — comentou o aeróstata.

— Mas não é. Atrás daquela ponta de terra existe uma cidade que já foi rica e poderosa. Continua habitada pelos descendentes dos mercadores e nobres que a construíram, ainda que tenha entrado em decadência há trezentos anos...

Minutos depois, à medida que o balão avançava, Lee avistou primeiro um farol, depois a curva de um quebra-mar de pedra, em seguida as torres, os domos e os telhados marrom-avermelhados de uma linda cidade em torno de um porto, com um prédio suntuoso, como um teatro, e belos jardins e avenidas largas, com hotéis elegantes e ruelas onde árvores carregadas de flores envolviam sacadas sombreadas.

E Grumman tinha razão: havia gente ali. Mas, ao se aproximarem, Lee se

surpreendeu ao perceber que se tratava de crianças. Não havia um só adulto à vista. As crianças estavam brincando na praia ou entrando e saindo de cafés e bares, ou comendo e bebendo, ou recolhendo sacolas com objetos das casas e das lojas. E havia um grupo de meninos brigando, e uma menina ruiva incentivando a briga, e um menininho jogando pedras, tentando quebrar todas as vidraças de um prédio próximo. Era como um pátio do tamanho de uma cidade, sem um único professor à vista — um mundo infantil.

No entanto, aquelas não eram as únicas presenças ali. Lee teve que esfregar os olhos quando os viu, mas não havia dúvida: colunas de névoa, ou algo mais tênue do que a névoa, um espessamento do ar... Fossem o que fossem, a cidade estava cheia deles. Deslizavam ao longo das avenidas, entravam nas casas, se juntavam nas praças. As crianças andavam entre eles sem os ver.

Mas não sem serem vistas. Quanto mais voavam para o centro da cidade, mais Lee podia observar o comportamento daquelas figuras. E era evidente que elas se interessavam por certas crianças e seguiam algumas por toda parte: as mais velhas, aquelas que (pelo que Lee podia ver através do telescópio) estavam às portas da adolescência. Havia um menino, alto, magro, de cabelo negro, que estava tão rodeado pelos seres transparentes que seu próprio contorno parecia desfocado. Eram como moscas em volta de carne. E o menino não tinha ideia disso, embora de vez em quando esfregasse os olhos ou sacudisse a cabeça como se quisesse desanuviar a visão.

— Que coisas são aquelas? — perguntou Lee.

— As pessoas as chamam de Espectros.

— E o que fazem, exatamente?

— Já ouviu falar de vampiros?

— Ah, as lendas.

— Assim como os vampiros se alimentam de sangue, os Espectros se alimentam de atenção, de um interesse consciente e informado. A imaturidade das crianças não os atrai tanto.

— Então são o oposto daqueles demônios em Bolvangar.

— Pelo contrário. Tanto o Conselho de Oblação quanto os Espectros da Indiferença estão enfeitiçados por esta verdade a respeito dos seres humanos: a inocência é diferente da experiência. O Conselho de Oblação teme e odeia o Pó, e os Espectros se alimentam dele, mas ambos são obcecados por ele.

— Estão cercando aquele menino ali...

— Ele está crescendo. Logo será atacado, e a sua vida será transformada em um sofrimento vazio e indiferente. Ele está condenado.

— Pelo amor de Deus! Não podemos fazer nada?

— Não. Os Espectros nos agarrariam na mesma hora. Aqui em cima não podem nos alcançar. Tudo o que podemos fazer é observar e seguir viagem.

— Mas onde estão os adultos? Não me diga que este mundo inteiro está cheio só de crianças.

— Essas crianças são órfãs, seus pais foram atacados pelos Espectros. Existem muitos bandos delas neste mundo. Elas perambulam por aí, vivendo daquilo que encontram quando os adultos fogem. E, como você pode ver, existe muita coisa à disposição. Elas não passam fome. Parece que um bando de Espectros invadiu esta cidade, e os adultos fugiram para algum lugar seguro. Percebeu como há poucos barcos no porto? As crianças não correm perigo.

— A não ser as mais velhas. Como aquele menino ali embaixo, coitado.

— Sr. Scoresby, é assim que este mundo funciona. Se quiser acabar com a crueldade e a injustiça, precisa me levar mais longe. Tenho um trabalho a fazer.

— Me parece... — começou Lee, procurando as palavras. — Me parece que o lugar de combater a crueldade é onde ela está, e o lugar onde se presta socorro é onde ele é necessário. Ou estou enganado, dr. Grumman? Sou apenas um aeróstata ignorante. Sou tão ignorante que acreditei quando me disseram que os xamãs tinham o dom de voar, por exemplo. No entanto, aqui está um xamã que não tem esse dom.

— Ah, mas eu tenho, sim.

— Como assim?

— Eu precisava voar, então convoquei você e aqui estou, voando — disse Grumman.

O balão voava mais baixo, o solo estava mais perto. Uma torre de pedra se erguia diretamente no caminho deles, e Lee parecia não ter percebido. Grumman estava totalmente consciente do perigo que corriam, mas evitou insinuar que o aeróstata não estava. E, no momento certo, Lee Scoresby se inclinou por cima da borda da cesta e puxou a corda de um dos sacos de lastro. A areia escorreu, e o balão subiu suavemente, passando por cima da torre a uns dois metros de distância. Algumas gralhas, alvoroçadas, revoaram aos guinchos em volta deles.

— É, está mesmo — disse Lee. — O senhor tem um jeito estranho, dr. Grumman. Já teve contato com as feiticeiras?

— Já, sim — respondeu Grumman. — E com catedráticos, e com espíritos. Encontrei loucura em toda parte, mas havia grãos de sabedoria em todos os casos de loucura. Sem dúvida havia muito mais sabedoria do que eu consegui reconhecer. A vida é dura, sr. Scoresby, mas mesmo assim nos agarramos a ela.

— E esta viagem, é loucura ou sabedoria?

— A maior sabedoria que conheço.

— Me conte outra vez qual é o seu propósito: vai encontrar o portador da faca mágica, e depois?

— Revelar a ele qual é a sua tarefa.

— Uma tarefa que inclui proteger Lyra — lembrou o aeróstata.

— Vai proteger todos nós.

O voo prosseguia, e logo a cidade tinha ficado para trás.

Lee verificou seus instrumentos. A bússola ainda girava sem parar, mas o altímetro funcionava corretamente, pelo que ele podia julgar, e mostrava que estavam flutuando a cerca de trezentos metros de altura, paralelos à costa. À frente, uma cadeia de altas montanhas verdes se erguia para dentro da névoa, e Lee ficou aliviado por ter providenciado bastante lastro.

Mas, ao examinar o horizonte, ele sentiu o coração dar um salto. Hester sentiu o mesmo e sacudiu as orelhas, girando a cabeça para olhar para o rosto dele com um olho castanho-dourado. Ele a pegou no colo, a enfiou dentro do casaco e tornou a abrir o telescópio.

Não, não tinha se enganado. Ao sul (se a direção de onde vinham era realmente o sul) outro balão flutuava na neblina. A distância e a distorção do calor impossibilitavam que se distinguisse qualquer detalhe, mas o outro balão era maior e voava mais alto.

Grumman também o vira.

— Inimigos, sr. Scoresby? — perguntou, protegendo os olhos para enxergar melhor o que trazia a luz nacarada.

— Sem dúvida. Não sei se solto lastro e subo, para pegar um vento mais rápido, ou continuo voando baixo e fico menos visível. Ainda bem que aquela coisa não é um zepelim, senão poderia nos alcançar em poucas horas. Não, droga, dr. Grumman, vou subir, porque se eu estivesse naquele balão já teria

visto este aqui, e aposto que eles enxergam bem.

Ele tornou a colocar Hester no chão e se inclinou para soltar três sacos de lastro. O balão subiu imediatamente, e Lee manteve o telescópio pregado no olho.

No minuto seguinte ele teve certeza de ter sido avistado, pois houve um movimento na névoa que se transformou em uma linha de fumaça subindo e se afastando em diagonal do outro balão; e, quando chegou a certa altura, a fumaça explodiu em luz. Por um instante, ela soltou um brilho vermelho, depois se transformou em uma fumaça cinzenta, mas era um sinal tão claro quanto um sino de alarme tocando na noite.

— Pode invocar uma brisa mais forte, dr. Grumman? Eu gostaria de chegar àquelas montanhas antes de escurecer — pediu Lee.

Pois agora se afastavam da costa, e seu curso os levava sobre uma grande baía, de uns cinquenta quilômetros de extensão. As montanhas se erguiam do outro lado, e, agora que tinha ganhado altura, Lee viu que eram realmente imensas.

Virou-se para Grumman, que, no entanto, estava em transe profundo. O xamã estava com os olhos fechados, e gotas de suor surgiam em sua testa, enquanto ele se balançava suavemente para a frente e para trás. De sua garganta vinha um gemido baixo e ritmado, e seu daemon, igualmente em transe, se agarrava à borda da cesta.

Fosse resultado da maior altura, fosse resultado do feitiço do xamã, uma brisa alcançou o rosto de Lee. Ele olhou para cima, verificou o balão propriamente dito e notou que se inclinava um ou dois graus na direção das montanhas.

Mas a brisa que os levava também estava impulsionando o outro balão. Ele não estava mais perto, mas também não estava mais longe. E quando virou o telescópio naquela direção, Lee avistou atrás do balão formas menores e mais escuras. Estavam agrupadas de maneira organizada, e a cada minuto ficavam mais sólidas e nítidas.

— Zepelins — identificou. — Bem, não temos onde nos esconder.

Ele tentou calcular a distância dos zepelins e das montanhas para onde estavam voando. Sua velocidade certamente era maior agora, e a brisa erguia franjas brancas lá embaixo nas ondas do mar.

Grumman descansava em um canto da cesta, enquanto seu daemon alisava as

penas com o bico. Ele tinha os olhos fechados, mas Lee sabia que estava acordado.

— A situação é a seguinte, dr. Grumman: não quero ser apanhado no ar por aqueles zepelins. Não há defesa; eles nos derrubariam em um minuto. Também não quero pousar na água, por escolha ou não; poderíamos flutuar por algum tempo, mas eles nos pegariam com granadas como quem pesca um peixe. Dessa forma, quero chegar até aqueles montes e pousar lá. Estou vendo uma floresta; podemos nos esconder entre as árvores por algum tempo, talvez por muito tempo. Enquanto isso, o sol está descendo. Faltam umas três horas para o pôr do sol, pelos meus cálculos. É difícil dizer, mas acho que a essa hora os zepelins já terão diminuído pela metade a distância entre nós, e já deveremos ter chegado ao outro lado desta baía. Portanto, entenda o que quero dizer: vou nos levar para aquelas montanhas e então pousar, pois qualquer outra coisa será morte certa. Eles já devem ter feito a ligação entre o anel que mostrei e o escraelingue que matei em Nova Zembla, e não estão atrás de nós com tanto empenho só para nos dizer que esquecemos a carteira em cima do balcão. Ou seja, este voo termina hoje, em alguma hora da noite. Já pousou de balão?

— Não, mas confio na sua habilidade — afirmou o xamã.

— Vou tentar chegar o mais alto possível. É uma questão de equilíbrio, pois, quanto mais voarmos, mais perto estarão de nós. Se eu pousar com eles muito perto, poderão ver onde descemos, mas, se eu pousar cedo demais, não conseguiremos nos abrigar nas árvores. De qualquer maneira, não vai demorar para haver tiroteio.

Grumman, impassível, jogava de uma mão para a outra um instrumento de magia feito de penas e contas, de um jeito específico no qual Lee distinguia certo propósito. Os olhos de seu daemon não abandonavam os zepelins que os perseguiam.

Passou-se uma hora, e mais outra. Lee mastigava um charuto apagado e bebericava café frio de um frasco de lata. O sol baixou no céu atrás deles, e Lee via a longa sombra da noite avançar pela praia da baía e subir as encostas mais baixas das montanhas à frente, enquanto o próprio balão e o topo dos montes estavam banhados de dourado.

E atrás deles, quase perdidas no brilho do poente, as manchinhas dos zepelins ficavam maiores e mais nítidas. Eles já tinham ultrapassado o outro balão e

podiam ser vistos a olho nu: quatro zepelins, lado a lado. E pelo amplo silêncio da baía veio o som dos seus motores, baixo, porém nítido — um insistente zumbido de mosquito.

Quando faltavam alguns minutos para chegarem à praia no sopé das montanhas, Lee percebeu uma novidade no céu, atrás dos zepelins: uma massa de nuvens vinha crescendo e uma imensa nuvem de tempestade subia milhares de metros no céu, ainda claro lá em cima. Como ele pôde não ter percebido? Se uma tempestade era iminente, quanto mais cedo pousassem, melhor.

Então uma cortina verde-escura de chuva desabou da nuvem, e a tempestade parecia perseguir os zepelins como estes perseguiam o balão de Lee, pois a chuva vinha do mar em sua direção. Quando o sol finalmente desapareceu, veio das nuvens um fortíssimo clarão e, segundos depois, o estrondo de um trovão tão alto que sacudiu por inteiro o balão de Lee e ecoou durante um longo tempo nas montanhas.

Houve então outro relâmpago, que dessa vez desceu das nuvens diretamente sobre um dos zepelins. No mesmo instante o gás se incendiou: uma brilhante flor de fogo desabrochou contra as nuvens escuras, e a embarcação começou a cair lentamente, em chamas, como uma tocha, e ficou flutuando no mar.

Lee soltou a respiração. Grumman estava de pé a seu lado, uma das mãos na borda da cesta, o rosto marcado de rugas de cansaço.

— Foi *o senhor* quem trouxe a tempestade? — perguntou Lee.

Grumman fez que sim com a cabeça.

O céu agora tinha o colorido de um tigre: listras douradas se alternavam com manchas e mais listras marrom-escuras, e o desenho mudava a cada minuto, pois o dourado desaparecia rapidamente, engolido pelo marrom. O mar era uma colcha de retalhos de água escura e espuma fosforescente, e as últimas labaredas do zepelim em chamas minguavam, para finalmente desaparecerem quando a estrutura afundou.

No entanto, os outros três continuavam a perseguição, maltratados pela tempestade, mas mantendo o rumo. Em volta deles os relâmpagos se multiplicaram, e, à medida que a tempestade se aproximava, Lee começou a temer pelo gás de seu próprio balão: um raio iria derrubá-lo no solo, em chamas, e ele não imaginava que o xamã teria tanto controle sobre a tempestade a ponto de evitar isso.

— Certo, dr. Grumman, por enquanto vou ignorar aqueles zepelins e me concentrar em nos levar em segurança para as montanhas e pousar por lá. Quero que o senhor se sente, se segure bem firme e fique preparado para saltar quando eu mandar. Vou dar um aviso e tentar pousar da maneira mais suave possível, mas o pouso nessas condições é tanto uma questão de sorte quanto de habilidade.

— Confio em você, sr. Scoresby — afirmou o xamã.

Ele foi se recostar em um canto da cesta enquanto seu daemon se empoleirava na borda, as garras enfiadas nas cordas de couro.

O vento agora soprava forte sobre eles, e o grande balão sacudia e se inclinava. Os cabos estalavam, forçados, mas Lee não tinha medo que cedessem. Soltou um pouco mais de lastro, observando atentamente o altímetro. Em uma tempestade, quando a pressão do ar caía, era preciso levar em conta essa queda ao fazer a leitura do altímetro, que muitas vezes permitia apenas um cálculo aproximado. Lee verificou e tornou a verificar os números, e então soltou o último lastro. O único controle que tinha agora era a válvula do gás. Não tinha mais como subir; poderia apenas descer.

Examinou atentamente o ar tempestuoso e distinguiu o vulto das grandes montanhas escuras em contraponto com o céu nublado. De baixo vinha um som como ondas batendo em uma praia de pedras, mas ele sabia que era o vento passando com força pela folhagem das árvores. Então já estavam ali! Viajavam mais depressa do que ele tinha imaginado.

E não deveria demorar muito para pousar. Lee tinha a natureza tranquila demais para ficar reclamando contra o destino. Sua reação era erguer uma sobrancelha e aceitar o que viesse. Mas agora não conseguia deixar de sentir uma fagulha de desespero, pois a única coisa a fazer — voar à frente da tempestade, esperando até que ela acabasse — era a única que garantiria que eles seriam derrubados a tiros.

Pegou Hester e a enfiou dentro do casaco de lona, abotoando-o até o pescoço para que ela ficasse bem presa. Grumman estava quieto e imóvel; seu daemon, açoitado pelo vento, a plumagem eriçada, se agarrava firmemente à borda da cesta.

— Vou descer agora, dr. Grumman — gritou Lee, em meio ao ruído do vento. — O senhor deve ficar de pé, pronto para saltar. Agarre a borda e pule para fora quando eu mandar.

Grumman obedeceu. Lee olhou para baixo, para a frente, para baixo, para a frente, tentando enxergar alguma diferença de uma olhada para outra, piscando para tirar a chuva dos olhos — pois uma rajada súbita desabou sobre eles como punhados de cascalho, e o tamborilar dos pingos sobre o balão se juntava ao uivo do vento e ao ruído da folhagem lá embaixo, até que Lee mal conseguia ouvir até mesmo o trovão.

— Lá vamos nós! — gritou. — O senhor preparou uma bela tempestade, sr. Xamã.

Ele enrolou a corda da válvula de gás em uma haste, para mantê-la aberta. À medida que o gás saía pelo topo, invisível lá em cima, a curva inferior do balão começou a encolher, formando uma prega, depois mais outra, onde antes havia apenas uma esfera.

A cesta se sacudia com tanta violência que era difícil dizer se estavam descendo, e as rajadas de vento eram tão súbitas e fortes que eles poderiam muito bem ter sido soprados para o alto sem perceberem. Mas, depois de mais ou menos um minuto, Lee sentiu um puxão e descobriu que a pequena âncora tinha ficado presa em um galho. A freada foi apenas temporária — o galho que os segurava quebrou —, mas serviu para demonstrar como estavam perto do solo. Ele gritou:

— Quinze metros acima das árvores!

O xamã concordou.

Houve então outro puxão, mais violento, e os dois homens foram jogados na parede da cesta. Lee estava acostumado e logo recuperou o equilíbrio, mas o dr. Grumman foi pego de surpresa. Mas não largou a borda da cesta, e Lee viu que ele estava seguro, pronto para saltar.

Logo em seguida, houve um choque violento, quando a âncora se prendeu a um galho que não quebrou. Imediatamente a cesta tombou de lado, e no instante seguinte ela batia contra o topo das árvores; em meio às chicotadas da folhagem molhada, dos ramos partidos e do estalo dos galhos que suportaram o choque, a cesta ficou parada, mas sem qualquer segurança.

— Ainda está aí, dr. Grumman? — chamou Lee, pois era impossível ver qualquer coisa.

— Ainda estou aqui, sr. Scoresby.

— É melhor ficarmos parados um minuto até eu entender a situação com mais

clareza — recomendou Lee.

O vento os fazia sacudir ferozmente, e ele sentia a cesta vencer, com pequenos puxões, a resistência do que quer que os segurava no ar.

O balão, agora quase vazio, era como uma vela ao vento, puxando a cesta para um lado. Lee pensou em cortar os cabos que o prendiam, mas, se fizesse isso e o balão não fosse soprado para longe, ficaria em cima das árvores como uma bandeira indicando onde eles se encontravam; era melhor recolhê-lo, se conseguissem.

Houve o clarão de outro relâmpago, e no momento seguinte o som estrondoso do trovão: a tempestade estava quase em cima deles. O clarão permitiu que Lee visse o tronco de um carvalho, com uma grande cicatriz branca de onde um galho tinha sido quase totalmente arrancado — a cesta descansava ali em cima, perto do lugar onde ele ainda estava precariamente preso ao tronco.

— Vou jogar uma corda e descer — gritou ele. — Assim que estivermos com os pés no chão, poderemos planejar o passo seguinte.

— Vou atrás do senhor — declarou Grumman. — Meu daemon me disse que o solo fica a pouco mais de dez metros.

E Lee tomou consciência do bater de asas poderosas, enquanto o daemon-águia pousava novamente na borda da cesta.

— Ela consegue ir tão longe assim? — perguntou, surpreso.

Mas afastou isso da mente e prendeu a corda com segurança, primeiro à cesta e depois ao galho, de modo que, mesmo se a árvore cedesse e a cesta caísse, a queda não seria grande.

Então, com Hester em segurança junto ao peito, ele jogou o resto da corda pela borda e desceu até sentir o chão sob os pés. Os ramos cresciam grossos em volta do tronco. Era uma árvore imensa, um carvalho gigante, e Lee murmurou um obrigado conforme dava um puxão na corda para avisar a Grumman que ele podia descer.

Mas havia por acaso outro som no meio do barulho? Lee escutou com atenção. Sim, o motor de um zepelim, talvez mais de um. Era impossível precisar a altitude ou a direção, mas o som permaneceu por um minuto ou mais e depois desapareceu.

O xamã chegou ao solo.

— O senhor escutou? — perguntou Lee.

— Escutei. Subindo e se aproximando das montanhas, eu acho. Parabéns por ter pousado em segurança, sr. Scoresby.

— Ainda não acabou. Quero puxar aquele balão para debaixo das árvores antes do amanhecer, senão ele vai revelar nossa posição a quilômetros de distância. Está disposto a um trabalho braçal, dr. Grumman?

— É só dizer o que tenho que fazer.

— Está bem. Vou tornar a subir e baixar algumas coisas para o senhor. Uma delas é uma barraca. O senhor pode ir montando a barraca enquanto vejo o que posso fazer para esconder o balão.

Trabalharam por um longo tempo e correram perigo em certo momento, quando o galho que segurava a cesta finalmente quebrou e Lee caiu com ele; mas não caiu muito, já que o balão, ainda preso ao topo das árvores, segurou a cesta no ar.

Na verdade, a queda facilitou na hora de esconder o balão, pois a parte inferior foi puxada para baixo, atravessando a ramagem das árvores. Trabalhando à luz dos relâmpagos, puxando, torcendo e cortando, Lee conseguiu que todo o corpo do balão descesse por entre os galhos até descansar sobre os ramos inferiores, fora de vista.

O vento ainda açoitava o topo das árvores, mas o pior da tempestade tinha passado quando ele concluiu que aquilo era o máximo que podia fazer. Quando finalmente desceu, constatou que o xamã não apenas tinha montado a barraca como também acendido uma fogueira, e estava fazendo café.

— Fez isso com magia? — perguntou ele ao entrar na barraca, dolorido e encharcado, e pegar a caneca que Grumman lhe estendeu.

— Não, pode agradecer aos escoteiros — respondeu Grumman. — Existem escoteiros no seu mundo? Um escoteiro prevenido vale por dois. De todas as maneiras de fazer fogo, a melhor delas é usar fósforos secos, e nunca viajo sem eles. Podíamos estar menos confortáveis em um camping, sr. Scoresby.

— Ouviu aqueles zepelins de novo?

Grumman ergueu a mão e Lee escutou. Realmente lá estava o ruído de motor, mais nítido agora que a chuva tinha diminuído.

— Já passaram duas vezes — disse Grumman. — Não sabem onde estamos, mas sabem que estamos em algum lugar por aqui.

E um minuto depois um brilho bruxuleante veio da direção em que o zepelim

voara. Era menos brilhante do que um relâmpago, mas duradouro, e Lee tomou consciência de que era um sinalizador.

— É melhor apagar o fogo, dr. Grumman — disse ele. — Por pior que seja ficar sem ele. Acho que a cobertura das árvores nos esconde, mas nunca se sabe. Vou dormir agora, molhado ou não.

— De manhã o senhor estará seco — afirmou o xamã.

Pegou um punhado de terra molhada, pressionando-o sobre a chama, e Lee se estendeu com esforço na pequena barraca e fechou os olhos.

Teve sonhos intensos e estranhos. Em certo momento, estava certo de ter despertado e visto o xamã sentado de pernas cruzadas, envolto em chamas que consumiram rapidamente o seu corpo, deixando apenas um esqueleto branco, ainda sentado em um montinho de cinzas ardentes. Assustado, Lee procurou por Hester e a encontrou adormecida, coisa que nunca tinha acontecido, pois, quando ele estava acordado, ela também estava. Então, ao encontrá-la dormindo, sua daemon de poucas palavras, mas de língua ferina, lhe pareceu tão boazinha e vulnerável que ele se comoveu com a estranheza daquilo e se deixou ficar, inquieto, ao lado dela, acordado dentro do sonho, mas na realidade dormindo, sonhando que ficara um longo tempo acordado.

Outro sonho também era com Grumman. Lee parecia ver o xamã sacudindo um chocalho enfeitado de penas e dando ordens a alguma coisa, exigindo obediência. Lee percebeu, com um espasmo de náusea, que essa coisa era um Espectro como aqueles que tinham visto do balão. Era alto e quase invisível, e provocava uma repulsa tão profunda em Lee que ele quase despertou de terror. Mas Grumman dava ordens sem medo e não parecia ter problemas, pois a coisa o escutou com atenção e depois se ergueu no ar como uma bolha de sabão até se perder no topo da barraca.

Então a exaustiva noite de Lee deu outra reviravolta, pois ele estava na cabine de um zepelim, observando o piloto — aliás, estava sentado no lugar do copiloto, e voavam acima da floresta, perscrutando a superfície do topo das árvores, um mar revolto de galhos e folhas. Então viu aquele Espectro na cabine com eles.

Preso no sonho, Lee não conseguia se mexer nem gritar e sofreu o terror do piloto à medida que este começava a tomar consciência daquilo que estava lhe

acontecendo.

O Espectro estava inclinado sobre o piloto, pressionando aquilo que seria o seu rosto contra o dele. O daemon do piloto — uma fêmea de tentilhão — bateu asas, grasnou e tentou se afastar, para cair, quase desmaiado, em cima do painel de instrumentos. O piloto virou o rosto para Lee e estendeu a mão, mas o aeróstata não conseguia se movimentar. A angústia nos olhos do outro era dilacerante. Alguma coisa viva e verdadeira parecia se evaporar dele, e seu daemon bateu as asas, soltando um grasnido alto e selvagem: ele estava morrendo.

Então o daemon desapareceu. Mas o piloto ainda estava vivo: seus olhos se tornaram opacos e a mão estendida caiu flacidamente sobre o manete. Ele parecia vivo, mas não estava: estava indiferente a tudo.

E Lee ficou ali sentado, vendo, sem poder fazer nada, o zepelim voar diretamente para a encosta de uma das montanhas que se erguiam à frente. O piloto contemplava a montanha crescer sobre eles, mas nada despertava seu interesse. Lee se apertou contra o encosto da cadeira, horrorizado, mas nada aconteceu, e no momento do impacto ele apenas gritou:

— Hester!

E despertou.

Estava na barraca, em segurança, e Hester mordiscava seu queixo. Ele estava coberto de suor. O xamã permanecia sentado de pernas cruzadas, mas Lee sentiu um estremecimento ao ver que o daemon-águia não estava por perto. Obviamente aquela floresta era um lugar ruim, assombrado por fantasmas.

Então teve consciência da luz pela qual estava conseguindo enxergar o xamã, pois o fogo continuava apagado e a escuridão da floresta era total. Um clarão distante mostrava os troncos e a parte inferior da copa das árvores, com água pingando das folhas, e Lee soube de imediato do que se tratava: seu sonho tinha sido realidade e um piloto de zepelim havia voado contra a encosta da montanha.

— Droga, Lee, você está tremendo como uma folha de faia. Qual é o problema? — resmungou Hester, mexendo as grandes orelhas.

— Você não está sonhando também, Hester? — resmungou ele em resposta.

— Não está sonhando, Lee, está vendo. Se eu soubesse que você é vidente, já o teria curado há muito tempo. Agora vê se sossega, está ouvindo?

Ele esfregou a cabeça do daemon com o polegar, e as orelhas dele

estremeceram.

E, sem qualquer transição, ele estava flutuando no ar ao lado do daemon do xamã, a águia-pesqueira Sayan Kötör. O fato de estar na presença do daemon de outro homem e distante do seu próprio provocava em Lee um forte sentimento de culpa e um estranho prazer. Estavam planando, como se ele também fosse um pássaro, nas turbulentas correntes ascendentes acima da floresta, e Lee olhou em volta para a escuridão, agora permeada pelo brilho pálido da lua cheia que de vez em quando surgia através de uma breve fenda nas nuvens e coloria de prateado a copa das árvores.

A águia-daemon soltou um guincho forte e de baixo vieram, em mil vozes diferentes, os sonidos de mil pássaros: o pio das corujas, o grito de alarme das pequenas andorinhas, a música líquida do rouxinol: Sayan Kötör estava chamando os pássaros. E eles acorreram, todos os pássaros da floresta — os que estavam deslizando pelo ar com asas silenciosas, os que estavam em plena caça, os que dormiam empoleirados, todos alçaram voo aos milhares.

E Lee sentiu a natureza de pássaro que o dominava reagir com alegria ao comando da águia-rainha, e a humanidade que ele possuía sentiu o mais estranho dos prazeres: o de oferecer obediência a um poder mais forte e ideal. Ele girava e volteava com o resto do enorme bando, cem espécies diferentes voando em formação, em obediência à vontade poderosa da águia, e avistou, destoando na capa prateada das nuvens, o odioso vulto escuro de um zepelim.

Todos sabiam exatamente o que deveriam fazer. E avançaram para o dirigível, os mais velozes chegando primeiro, mas nenhum tão veloz quanto Sayan Kötör. As minúsculas cambaxirras, os tentilhões, os andorinhões de voo rápido, as corujas de voo silencioso — em um minuto o zepelim estava rodeado deles, as garras procurando apoio na seda oleada, perfurando-a.

Os pássaros evitavam o motor, embora alguns tivessem sido atraídos pelas engrenagens, despedaçados pelas hélices. A maioria simplesmente se empoleirou no corpo do zepelim, e os que chegavam depois se agarravam aos primeiros, até cobrirem não apenas todo o balão do veículo (agora perdendo hidrogênio através de milhares de pequenos orifícios feitos pelas garras), mas as janelas da cabine também, e os suportes e cabos — cada centímetro quadrado de espaço tinha um pássaro, dois pássaros, três ou mais.

O piloto não podia fazer nada. Sob o peso dos pássaros, o zepelim começou a

perder cada vez mais altura, e então surgiu outra escarpa, crescendo na noite e naturalmente invisível aos homens dentro da embarcação, que movimentavam as armas sem direção e atiravam no ar.

No último instante, Sayan Kötör gritou, e o estrondo do ruflar de asas abafou até mesmo o ronco do motor quando todos os pássaros alçaram voo e se distanciaram. E os homens na cabine tiveram quatro ou cinco segundos de constatação e terror antes que o zepelim batesse na rocha e explodisse em chamas.

Fogo, calor, labaredas... Lee acordou novamente, o corpo quente, como se estivesse deitado ao sol do deserto.

Do lado de fora da barraca ainda havia o som constante dos pingos que caíam das folhas sobre a lona do abrigo, mas a tempestade tinha cessado. Uma fraca luz cinzenta se filtrava no interior da barraca, e Lee se ergueu um pouco e viu Hester a seu lado, pestanejando, e o xamã enrolado em uma coberta, dormindo tão profundamente que poderia estar morto, se seu daemon-águia-pesqueira Sayan Kötör não estivesse dormindo empoleirada em um galho caído do lado de fora.

O único som além dos pingos era o cantar dos pássaros na floresta. Nenhum motor no céu, nenhuma voz inimiga. Lee então achou que seria seguro acender o fogo e fazer café — e conseguiu, depois de certo esforço.

— E agora, Hester? — perguntou.

— Depende. Havia quatro zepelins, e ele só destruiu três.

— O que estou querendo saber é: já cumprimos a nossa obrigação?

— Não me lembro de contrato nenhum — respondeu ela, mexendo as orelhas.

— Não é questão de contrato, é uma questão moral.

— Ainda temos que nos preocupar com mais um zepelim, antes de você começar a inventar essa coisa de moral, Lee. São de trinta a quarenta homens armados querendo nos pegar. Soldados imperiais, ainda por cima. Primeiro a sobrevivência, depois a moral.

Ela tinha razão, naturalmente, e, enquanto bebericava o café quente e fumava um charuto, contemplando a luz do dia que aumentava de forma gradual, ele ficou pensando no que faria se estivesse no comando do único zepelim restante. Retroceder e esperar o dia clarear, sem dúvida, e voar alto o suficiente para investigar a borda da floresta em uma grande extensão e poder ver Lee e Grumman quando eles deixassem o esconderijo.

O daemon-águia-pesqueira Sayan Kötör despertou e estendeu as longas asas acima de onde Lee estava sentado. Hester olhou para cima e girou a cabeça para um lado e para outro, encarando o poderoso daemon com um olho dourado de cada vez, e logo em seguida o próprio xamã saiu da barraca.

— Que noite cheia! — comentou Lee.

— E um dia cheio por vir. Temos que sair daqui imediatamente, sr. Scoresby. Eles vão botar fogo na floresta.

Lee, incrédulo, deu uma olhada para a vegetação encharcada à sua volta e perguntou:

— Como?

— Eles têm um motor que lança uma espécie de nafta misturada com potassa, que se incendeia em contato com a água. Foi desenvolvido pela Marinha Imperial para ser usado na guerra contra os nipônicos. Como a floresta está molhada, vai pegar fogo ainda mais depressa.

— O senhor consegue ver isso?

— Assim como o senhor viu o que aconteceu com os zepelins durante a noite. Prepare o que vai querer levar, e vamos embora agora.

Lee esfregou o queixo. As coisas mais valiosas que ele possuía eram também as mais portáteis — os instrumentos do balão, que ele pegou na cesta e guardou cuidadosamente em uma mochila; em seguida, se certificou de que o rifle estava seco e carregado. Deixou a cesta, os cabos e o balão vazio onde estavam, retorcidos e emaranhados nos galhos. Dali em diante ele não era mais aeróstata, a não ser que por algum milagre conseguisse escapar com vida e arranjasse dinheiro suficiente para comprar outro balão. Agora teria que se mover como um inseto ao longo da superfície da Terra.

Sentiram o cheiro da fumaça antes de ouvirem o fogo, pois uma brisa vinda do mar a lançava para o interior. Quando alcançaram a borda da floresta, escutaram o fogo, um rugido profundo e voraz.

— Por que não fizeram isto à noite? — perguntou Lee. — Podiam ter feito um assado de nós dois enquanto dormíamos.

— Acho que querem nos pegar vivos — respondeu Grumman, enquanto preparava um galho para servir de bengala. — E estão esperando sairmos da floresta.

De fato, o zumbido do zepelim ficou mais alto até mesmo que o som do fogo e a sua própria respiração ofegante, pois agora estavam correndo, trepando sobre raízes, rochedos e troncos caídos, parando apenas para recuperar o fôlego. Sayan Kötör, voando alto, dava rasantes para informar o progresso que tinham feito e a distância das labaredas. Mas não demorou até que eles próprios pudessem ver a fumaça sobre as árvores atrás deles, e depois uma faixa ondulante de chamas.

Pequenas criaturas da floresta, esquilos, pássaros e javalis fugiam com eles, e um coro de guinchos, berros, sons de alarme de todo tipo se erguia ao redor. Os dois homens avançavam com esforço para a borda da floresta, não muito distante; e então a alcançaram, conforme onda após onda de calor das gigantescas labaredas avançavam sobre eles, agora a menos de quinze metros. As árvores ardiam como tochas. A seiva em suas veias fervia e as partia em pedaços, a resina nas coníferas inflamavam como nafta, os ramos pareciam florescer de um momento para outro com ferozes flores alaranjadas.

Respirando com dificuldade, Lee e Grumman chegaram junto à íngreme encosta de rochedos e cascalho. Metade do céu estava obscurecida pela fumaça e pela reverberação do calor, mas acima flutuava a forma atarracada do zepelim restante — longe demais para poder ver os dois, mesmo com os binóculos, pensou Lee, cheio de esperança.

Vertical e intransponível, a encosta da montanha se exibia à frente. Só havia um caminho para escapar da armadilha em que se encontravam: uma garganta estreita mais à frente, onde um leito seco de rio emergia de uma reentrância na rocha. Lee apontou, e Grumman disse:

— Exatamente o que eu estava pensando, sr. Scoresby.

Seu daemon, voando em círculos, balançou as asas e foi para a ravina, aproveitando uma corrente ascendente. Os homens não pararam, subindo o mais depressa que podiam, mas Lee disse:

— Desculpe a minha pergunta, se ela for impertinente, mas nunca conheci alguém cujo daemon conseguisse se afastar tanto, a não ser as feiticeiras. Mas o senhor não é feiticeiro. Isso foi uma coisa que o senhor aprendeu, ou veio naturalmente?

— Para um ser humano, nada vem naturalmente — respondeu Grumman. — Temos que aprender tudo o que fazemos. Sayan Kötör está me dizendo que a ravina leva a uma passagem. Se chegarmos até lá antes que eles nos vejam, ainda

poderemos escapar.

A águia tornou a voar baixo, e os homens continuaram a subida. Hester preferia encontrar seu próprio caminho por sobre as rochas, de modo que Lee a seguiu, evitando as pedras soltas e se movendo o mais depressa possível por cima das pedras maiores, sempre em direção à pequena ravina.

Lee ficou preocupado com Grumman, que estava pálido e abatido, respirando com dificuldade. As atividades noturnas tinham consumido muito da sua energia. Até quando conseguiriam prosseguir era algo em que Lee não queria pensar; mas quando estavam quase perto da entrada da ravina, na margem do leito seco do rio, ele escutou uma mudança no som do zepelim.

— Eles nos viram — concluiu.

Isso era como receber uma sentença de morte. Hester tropeçou — até Hester, de passos tão seguros, tropeçou e vacilou. Grumman se apoiou na bengala que levava e protegeu os olhos para observar atrás deles, e Lee se virou para ver também.

O zepelim descia depressa, rumo à encosta diretamente abaixo de onde eles estavam. Era óbvio que os perseguidores pretendiam capturá-los vivos, pois uma rajada de balas teria acabado com os dois em um segundo. Em vez disso, o piloto pairou com habilidade o dirigível logo acima do solo, no ponto mais alto da encosta abaixo deles. Da porta da cabine saltaram muitos homens de farda azul, com seus daemons-lobos ao lado, e começaram a subir a encosta.

Lee e Grumman estavam quase seiscentos metros acima deles e não muito distantes da entrada da ravina. Uma vez chegando lá, poderiam combater os soldados enquanto houvesse munição: mas só tinham um único rifle.

— Estão atrás de mim, sr. Scoresby — disse Grumman. — Se me der o rifle e se entregar, vai sobreviver. São soldados disciplinados. O senhor será prisioneiro de guerra.

— Vá até a ravina e siga adiante até o outro lado, enquanto eu fico na entrada e seguro os soldados — disse Lee, ignorando a recomendação de Grumman. — Trouxe o senhor até aqui e não vou deixar que o peguem agora.

Os homens lá embaixo subiam com rapidez, pois eram fortes e estavam descansados. Grumman concordou.

— Não tive forças para derrubar o quarto zepelim. — Foi tudo o que disse.

Os dois se apressaram para alcançar o abrigo da ravina.

— Só me diga uma coisa antes de ir, porque não terei sossego enquanto não souber — pediu Lee. — Não sei dizer de que lado estou lutando, e não me importo muito com isso. Só quero saber o seguinte: isso que vou fazer agora vai ajudar ou vai prejudicar aquela garota, Lyra?

— Vai ajudar — afirmou Grumman.

— E o seu juramento? Não vai esquecer o que jurou?

— Não vou esquecer.

— Porque, dr. Grumman, John Parry ou seja lá o nome que vai arranjar no mundo em que for parar, o senhor fique sabendo de uma coisa: eu amo aquela menininha como se fosse uma filha. Se eu tivesse uma, não a amaria tanto. E, se o senhor quebrar seu juramento, o que quer que sobre de mim vai procurar o que quer que sobre do senhor, e o senhor vai passar o resto da eternidade desejando nunca ter existido. Isso mostra a importância que tem o seu juramento.

— Compreendo. E já dei a minha palavra.

— Então é só o que eu preciso saber. Boa sorte.

O xamã estendeu a mão, que Lee apertou. Então Grumman se virou, seguindo em direção à ravina, e Lee olhou em volta à procura do melhor lugar para assumir sua posição.

— Não o rochedo grande, Lee — aconselhou Hester. — De lá não dá para enxergar à direita, e eles poderiam atacar por ali. Vá para o menor.

Havia nos ouvidos de Lee um rugido que não tinha nada a ver com o incêndio da floresta mais abaixo nem com o zumbido forçado do motor do zepelim tentando subir outra vez. Tinha a ver com a sua infância e o Álamo. Quantas vezes ele e seus amiguinhos tinham encenado de brincadeira aquela batalha heroica, nas ruínas do velho forte, alternando a vez de serem franceses ou dinamarqueses! Sua infância lhe voltava agora, com força redobrada. Ele pegou o anel navajo da mãe e o colocou na pedra ao seu lado. Nas velhas brincadeiras de Álamo, Hester muitas vezes se transformava em puma ou lobo, e uma ou duas vezes em cascavel, mas em geral em tordo. Mas agora...

— Pare de sonhar acordado e faça pontaria — instruiu ela. — Isso não é uma brincadeira, Lee.

Os homens que subiam a encosta tinham se espalhado e avançavam mais devagar, porque entendiam a situação tão bem quanto ele. Sabiam que teriam que invadir a ravina e que um homem com um rifle poderia detê-los por muito

tempo. Atrás deles, para surpresa de Lee, o zepelim ainda tentava subir. Talvez estivesse perdendo a flutuação, ou talvez tivesse pouco combustível, mas, fosse o que fosse, ainda não tinha levantado voo, e isso lhe deu uma ideia.

Ele ajustou a posição e fez pontaria com o velho Winchester até ter o suporte do motor de bombordo bem na mira; então atirou. Ouvindo o disparo, os soldados que subiam a encosta levantaram a cabeça, mas no instante seguinte o motor de repente roncou e morreu.

O zepelim tombou de lado. Lee ouvia o outro motor roncando, mas a aeronave agora estava no solo.

Os soldados tinham estacado, tentando se proteger como podiam. Lee conseguiria contar quantos eram, e fez isso: vinte e cinco. E ele tinha trinta balas.

Hester se aproximou do seu ombro esquerdo.

— Vou vigiar deste lado.

Agachada no rochedo cinzento, as orelhas esticadas sobre as costas, ela parecia uma pequena rocha, marrom-acinzentada e quase invisível, a não ser pelos olhos. Hester não era nenhuma beleza; era sem graça e magrela como quase toda lebre, mas tinha os olhos maravilhosamente coloridos, dourados, com raios de um marrom profundo e um verde vivo. E agora esses olhos contemplavam a última paisagem que veriam: uma encosta árida, de brutais pedras roladas, e mais atrás uma floresta em chamas. Nem uma folha de capim, nem uma manchinha verde para descansar os olhos. Ela mexeu de leve as orelhas.

— Estão conversando — disse. — Consigo escutar, mas não consigo entender.

— É russo — explicou ele. — Vão atacar todos juntos e correndo. Seria o pior para nós. Por isso é o que vão fazer.

— Mire direito — recomendou ela.

— Vou mirar. Mas, que droga, não gosto de matar, Hester.

— Eles ou nós.

— Não, é mais que isso — corrigiu ele. — São eles ou Lyra. Não entendo como, mas estamos ligados àquela garota, e isso me faz feliz.

— Um homem à esquerda vai atirar — disse Hester.

Enquanto ela falava, ouviu-se o disparo, e a bala arrancou lascas da pedra a trinta centímetros de onde ela estava agachada. A bala ricocheteou para dentro

da ravina, mas ela não moveu um só músculo.

— Bom, isso tira um peso da minha consciência — disse Lee, fazendo pontaria com cuidado.

Ele atirou. Havia apenas um pedacinho de azul para acertar, e ele acertou. Com um grito de surpresa, o homem caiu para trás e morreu.

E então começou o tiroteio. Dentro de um minuto, o estalido dos tiros e o zumbido das balas ricocheteando ecoavam ao longo do flanco da montanha e da ravina atrás de Lee. O cheiro de cordite e de queimado que vinha da pedra pulverizada que as balas atingiam era apenas uma variação do cheiro de queimado que vinha da floresta, até parecer que o mundo inteiro estava em chamas.

Em pouco tempo, o rochedo de Lee estava marcado de balas. Ele sentia o impacto quando os projéteis atingiam a pedra. Em determinado momento, viu a pelagem das costas de Hester ondular com o deslocamento de ar provocado por uma bala, mas ela não se mexeu; e ele não parou de atirar.

O primeiro minuto foi feroz. E depois, na pausa que se seguiu, Lee constatou que estava ferido: havia sangue na pedra debaixo do seu rosto, e a mão direita e o ferrolho do fuzil estavam vermelhos.

Hester se virou para olhar.

— Nada de grave. Uma bala arranhou o seu couro cabeludo — declarou.

— Você contou quantos caíram, Hester?

— Não, estava ocupada demais me desviando das balas. Recarregue a arma enquanto pode, rapaz.

Ele rolou para baixo atrás do rochedo e moveu o ferrolho para a frente e para trás. O ferrolho estava quente, e o sangue do ferimento que o encharcava estava coagulando, emperrando o mecanismo. Lee cuspiu no ferrolho e o soltou.

Então se colocou novamente em posição e, antes mesmo que pudesse fazer pontaria, levou um tiro.

Pareceu uma explosão no ombro esquerdo. Durante alguns segundos ele ficou atordoado e, quando recuperou o sangue-frio, estava com o braço esquerdo dormente e inútil. Havia uma dor imensa esperando para dar o bote, mas ela ainda não tinha reunido coragem para isso, e essa ideia lhe deu forças para se concentrar em voltar ao combate.

Apoiou o rifle no braço inútil, que um minuto antes era tão cheio de vida, e

fez pontaria com uma concentração impassível: um tiro, dois, três, e cada um deles encontrou o alvo.

— Como vamos indo? — resmungou.

— Bom trabalho — cochichou ela, bem perto do rosto dele. — Não pare. Em cima daquela pedra preta...

Ele olhou, mirou, atirou. A figura caiu.

— Droga, são homens como eu — desabafou.

— Não faz sentido. Mas atire assim mesmo — disse ela.

— Você acredita nele? Em Grumman?

— Claro. Chumbo neles, Lee.

Um tiro: outro homem caiu, e seu daemon se apagou como uma vela.

Houve então um longo silêncio. Lee remexeu no bolso e encontrou mais algumas balas. Enquanto recarregava, sentiu algo tão raro que seu coração quase parou: o rosto de Hester pressionado contra o seu, e ela estava chorando.

— Lee, a culpa foi minha — disse ela.

— Como assim?

— O escraelingue. Aconselhei você a trazer o anel dele. Sem ele, não estaríamos nesta situação.

— Você acha que alguma vez segui um conselho seu? Peguei o anel porque a feiticeira...

Não terminou, porque outra bala o atingiu. Dessa vez na perna esquerda, e, antes que conseguisse piscar, uma terceira bala raspou por sua cabeça, como um ferro quente encostado no couro cabeludo.

— Agora falta pouco, Hester — murmurou ele, tentando ficar firme.

— A feiticeira, Lee! Você falou da feiticeira! Você lembra?

Pobre Hester, agora estava deitada, não agachada com a postura tensa e vigilante, como estivera em toda a sua vida adulta. E os lindos olhos dourados estavam ficando embaçados.

— Ainda são lindos — disse ele. — Ah, Hester, sim, a feiticeira. Ela me deu...

— Isso mesmo. A flor...

— No bolso da camisa. Pegue, Hester, eu não consigo me mexer.

Foi um esforço grande, mas com seus dentes fortes ela conseguiu puxar para fora a pequena flor escarlate e a colocou junto à mão direita dele. Com enorme esforço, ele fechou os dedos em volta da flor e disse:

— Serafina Pekkala! Socorro, por favor...

Um movimento lá embaixo: ele soltou a flor, fez pontaria, atirou. O movimento cessou.

Hester estava enfraquecendo.

— Hester, não vá antes de mim — sussurrou Lee.

— Lee, eu não conseguiria ficar longe de você nem por um segundo — sussurrou em resposta.

— Acha que a feiticeira virá?

— Claro que sim. Deveríamos ter chamado antes.

— Deveríamos ter feito um monte de coisas.

— Pode ser...

Outro estampido, e dessa vez a bala penetrou fundo, procurando o centro da vida dele. Ele pensou: *Essa bala não vai encontrar isso aqui dentro, o meu centro é Hester*. Avistou uma centelha azul lá embaixo e se esforçou para virar o rifle naquela direção.

— É ele — murmurou Hester.

Lee achou difícil puxar o gatilho. Tudo era difícil. Teve que tentar três vezes, mas finalmente conseguiu; a farda azul rolou encosta abaixo.

Outro longo silêncio. A dor que se avizinhava estava deixando de ter medo dele. Era como um bando de chacais, andando em círculos, farejando, chegando mais perto, e ele sabia que não iam deixá-lo até que o tivessem devorado.

— Ainda falta um — sussurrou Hester. — Está indo para o zepelim.

Com os olhos embaçados, Lee o localizou: um soldado da Guarda Imperial se afastando da derrota da sua companhia.

— Não posso matar um homem pelas costas — protestou Lee.

— Mais vergonhoso é morrer com uma bala na arma.

Então ele apontou para o próprio zepelim, que ainda se esforçava para subir com um motor só, e disparou sua última bala, que devia estar em brasa — ou talvez um galho em chamas da floresta lá embaixo tivesse subido até a aeronave em uma corrente ascendente, pois o gás de súbito se transformou em uma bola cor de laranja. O zepelim se ergueu um pouco e depois tombou e saiu rolando, devagar, de maneira suave, mas repleto de morte incandescente.

E o homem que fugia, mais os seis ou sete que eram o restante da Guarda e que não tinham ousado chegar mais perto do oponente que defendia a ravina,

foram envolvidos pelo fogo que caía sobre eles.

Lee viu a bola de fogo e escutou, em meio ao rugido nos ouvidos, a voz de Hester:

— Já foram todos, Lee.

Ele disse, ou pensou:

— Esses coitados não precisavam chegar a isso, nem nós.

— Nós os derrotamos. Nós conseguimos. Estamos ajudando Lyra.

Ela então apertou seu corpo orgulhoso e dolorido contra o rosto dele, o mais perto que conseguiu, e os dois morreram.

15. MUSGO-DE-SANGUE

Adiante, instruiu o aletiômetro. *Para a frente, para cima*.

Então eles continuaram a subir. As feiticeiras voavam mais acima para escolher o melhor caminho, pois o terreno cheio de colinas logo deu lugar a inclinações mais íngremes e solo pedregoso, e enquanto o sol ganhava o céu em direção ao meio-dia, os viajantes iam entrando em uma região de terra seca e desbarrancada, grandes rochedos e vales pontilhados de pedras, onde não crescia uma única folha verde e o estrídulo dos insetos era o único som.

Seguiram em frente, conversando pouco, parando somente para beber água de seus cantis de pele de cabra. Por algum tempo, Pantalaimon voou sobre a cabeça de Lyra, até se cansar e se transformar em um pequenino cabrito-montês de pés firmes e orgulhoso de seus chifres, saltando por entre as rochas enquanto Lyra subia a muito custo. Will seguia, melancólico, apertando os olhos por causa da claridade, ignorando a dor que aumentava na mão e finalmente chegando a um estado em que se movimentar era bom e ficar parado era ruim, de modo que ele sofria mais descansando do que em marcha. E, desde que o feitiço para estancar a hemorragia tinha fracassado, ele achava que as feiticeiras estavam olhando para ele com medo, também, como se fosse marcado por alguma maldição mais forte do que o poder delas.

Em certo momento, chegaram a um laguinho, um pedaço de azul intenso com pouco mais de vinte e cinco metros de diâmetro, em meio às rochas vermelhas. Pararam ali por algum tempo para se refrescar, encher os cantis e para banhar os pés doloridos na água gelada. Ficaram alguns minutos e seguiram em frente, e logo depois, quando o sol estava mais quente e mais alto, Serafina Pekkala deu

um rasante para falar com eles. Estava nervosa.

— Tenho que deixar vocês por um tempo — declarou. — Lee Scoresby precisa de mim. Não sei por quê. Mas ele não me chamaria se não precisasse de ajuda. Vão em frente, eu encontro vocês...

— O sr. Scoresby? — perguntou Lyra, agitada e ansiosa. — Mas onde...

Serafina, porém, já tinha partido, sumindo de vista antes que a menina conseguisse completar a pergunta. Automaticamente Lyra ia pegar o aletiômetro para perguntar o que tinha acontecido com Lee Scoresby, mas desistiu, pois tinha prometido não fazer nada além de guiar Will.

A menina olhou para ele. Will estava sentado por perto, a mão descansando sobre o joelho, ainda pingando sangue devagar, o rosto crestado de sol e abatido sob o bronzeado.

— Will, sabe por que você tem que encontrar o seu pai? — perguntou ela.

— É o que eu sempre quis saber. Minha mãe disse que eu ia levar o manto do meu pai. É só isso que eu sei.

— O que significa isso, levar o manto dele? O que será esse manto?

— Uma missão, eu acho. Seja lá o que ele estiver fazendo, tenho que continuar por ele. Não faz o menor sentido.

Ele enxugou o suor dos olhos com a mão direita. O que o menino não podia dizer era que ansiava pelo pai como uma criança perdida ansiava pelo lar. Essa comparação não teria lhe ocorrido, pois o lar para ele era o lugar onde tomava conta da mãe, não o lugar onde outras pessoas tomavam conta dele. Mas já fazia cinco anos desde aquela manhã de sábado no supermercado quando a brincadeira de se esconder dos inimigos se tornara desesperadamente real. Cinco anos era muito tempo em sua vida, e seu coração ansiava por ouvir as palavras: “Muito bem, muito bem, meu filho, ninguém no mundo teria feito melhor. Estou orgulhoso de você. Agora venha descansar...”

Will estava tão ávido por isso que mal se dava conta. Aquilo simplesmente fazia parte do modo como as coisas eram. Sendo assim, não conseguia dizer isso para Lyra, embora ela conseguisse ler tudo nos olhos dele — e isso era novidade para ela, também: ser tão perceptiva. O fato era que, em relação a Will, ela estava desenvolvendo outro sentido, como se ele simplesmente estivesse mais nítido do que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Tudo nele era claro, próximo e imediato.

E teria até dito isso a ele, mas nesse momento uma feiticeira pousou.

— Vem vindo gente atrás de nós — informou. — Estão bem longe, mas avançando depressa. Devo chegar mais perto e espiar?

— Sim, faça isso — disse Lyra. — Mas voe baixo e se esconda, não deixe que vejam você.

Will e Lyra ficaram de pé com esforço e seguiram em frente com dificuldade.

— Já senti frio muitas vezes, mas nunca tinha sentido tanto calor. Faz calor assim no seu mundo? — perguntou ela, para afastar o pensamento dos perseguidores.

— Não onde eu morava. Normalmente, não. Mas o clima está mudando. O verão tem sido mais quente do que costumava ser. Dizem que as pessoas interferiram na atmosfera colocando nela produtos químicos, e o clima está ficando fora de controle.

— É, colocaram mesmo, e está ficando mesmo — concordou Lyra. — E nós aqui bem no meio disso tudo.

Ele estava com calor e sede demais para responder, e ambos continuaram a subir, ofegantes. Pantalaimon agora era um grilo, sentado no ombro de Lyra, cansado demais para saltar ou voar. De vez em quando, as feiticeiras avistavam do alto uma nascente distante demais para Lyra e Will atingirem, e voavam até lá para encher os cantis deles. As crianças teriam morrido sem água, e onde estavam era tudo seco. Qualquer nascente que conseguisse aflorar logo afundava outra vez entre as rochas.

E assim continuaram, enquanto a tarde chegava ao fim.

A feiticeira que voltou para espionar chamava-se Lena Feldt. Ela voava baixo, de um penhasco a outro, e quando o sol se punha, tingindo de vermelho-sangue as rochas, chegou ao laguinho azul e encontrou uma tropa de soldados acampados.

No entanto, ao primeiro olhar, ela descobriu mais do que gostaria: aqueles soldados não tinham daemons. E não eram do mundo de Will, nem do mundo de Cittàgazze, onde os daemons das pessoas ficavam dentro delas, e onde elas mesmo assim pareciam vivas: aqueles homens eram do mundo dela, e vê-los sem daemons era um horror grosseiro e nojento.

Então, de uma barraca na margem do lago veio a explicação. Lena Feldt viu uma mulher, uma vida-curta, graciosa em suas roupas cáqui de caçadora e tão

cheia de vida quanto o macaco dourado que ao seu lado dava cambalhotas ao longo da margem.

Lena Feldt se escondeu entre os rochedos acima do lago e ficou observando enquanto a sra. Coulter conversava com o oficial comandante, e os homens montavam barracas, faziam fogueiras, ferviam água.

A feiticeira estivera com Serafina Pekkala resgatando as crianças em Bolvangar e sentiu uma vontade imensa de atirar na sra. Coulter ali mesmo. Mas alguma boa sorte estava protegendo a mulher, pois a distância era um pouco maior do que o alcance de uma flecha, e a feiticeira não poderia chegar mais perto — a não ser que se tornasse invisível. Então começou a fazer o feitiço para isso.

Foram precisos dez minutos de profunda concentração. Finalmente confiante, Lena Feldt desceu a encosta rochosa em direção ao lago, e, quando atravessou o acampamento, um ou dois soldados de expressão vazia ergueram os olhos de relance para ela. A feiticeira parou do lado de fora da barraca em que a sra. Coulter tinha entrado e colocou a flecha no arco.

Escutou a voz baixa da mulher através da lona e então avançou com cautela até a abertura da barraca, que era virada para o lago.

Lá dentro, a sra. Coulter conversava com um homem que Lena Feldt nunca tinha visto: um homem mais velho, grisalho e corpulento, com um daemon-serpente enrolado no pulso. Estavam sentados em cadeiras de lona colocadas lado a lado, e ela falava em voz baixa, inclinada para ele:

— Claro que sim, Carlo. Vou lhe contar o que quiser. O que você deseja saber?

— Como é que você comanda os Espectros? — perguntou ele. — Pensei que fosse impossível, mas eles seguem você como cachorrinhos... Eles têm medo da sua escolta? O que é?

— Simples. Eles sabem que posso lhes dar mais alimento se me deixarem viva do que se me consumirem. Posso dar a eles todas as vítimas que seus corações fantasmagóricos desejarem. Assim que você os descreveu para mim, eu soube que poderia dominá-los, e foi o que aconteceu. E um mundo inteiro estremece sob o poder dessas coisas pálidas! Mas, Carlo, posso satisfazer você também, sabia? — sussurrou ela. — Gostaria disso?

— Marisa, já é prazer suficiente estar perto de você...

— Não é, não, Carlo; você sabe que não é. Sabe que posso lhe dar ainda mais prazer.

As mãozinhas negras e calosas do daemon dela acariciavam o daemon-serpente. Aos poucos, a serpente se desenrolou e começou a deslizar ao longo do braço do homem em direção ao macaco. O homem e a mulher seguravam taças de vinho dourado; ela deu um gole na sua e se inclinou para ele um pouco mais.

— Ah... — fez o homem, enquanto seu daemon deslizava lentamente do seu braço para as mãos do macaco dourado.

O macaco ergueu-a devagar até o rosto e roçou a face de leve ao longo da pele cor de esmeralda da serpente, que dardejou a língua, e o homem suspirou.

— Carlo, me conte por que está perseguindo o menino — pediu a sra. Coulter, com a voz tão suave quanto a carícia do macaco. — Por que precisa encontrar esse garoto?

— Ele tem uma coisa que eu quero. Ah, Marisa...

— O que é, Carlo? O que ele tem?

Ele sacudiu a cabeça, mas estava achando difícil resistir. Seu daemon se enrolara em volta do tórax do macaco e deslizava a cabeça pela pelagem longa e lustrosa, enquanto o macaco corria as mãos ao longo do corpo fluido da serpente.

Lena Feldt observava, parada, invisível, a dois passos de onde eles estavam sentados. Mantinha a corda do arco tensa, a flecha preparada: em menos de um segundo a sra. Coulter poderia estar morta. Mas a feiticeira estava curiosa; ficou parada, imóvel, silenciosa, de olhos bem abertos.

Mas, enquanto observava, não olhou para o laguinho azul atrás dela. Na margem oposta, na escuridão, parecia ter nascido um bosque de árvores fantasmagóricas, um bosque que de vez em quando estremecia como se fosse com uma intenção consciente. Mas não eram árvores, claro. E, enquanto Lena Feldt e seu daemon dedicavam toda a sua atenção à sra. Coulter, uma das figuras pálidas se afastou das outras e deslizou sobre a superfície do lago gelado sem provocar uma única ondulação na água, até parar a cerca de um metro da pedra onde o daemon de Lena Feldt estava empoleirado.

— Você podia muito bem me contar, Carlo — murmurava a sra. Coulter. — Você podia sussurrar. Podia fingir que estava falando dormindo, quem poderia culpá-lo por isso? Apenas conte o que o garoto tem e por que você quer essa

coisa. Eu poderia conseguir para você... Gostaria que eu fizesse isso? É só me contar, Carlo. Não quero essa coisa para mim; eu quero a garota. O que é? Diga o que é, e eu lhe trago.

Ele estremeceu de leve. Estava com os olhos fechados.

— É uma faca — disse, por fim. — A faca sutil de Cittàgazze. Nunca ouviu falar dela, Marisa? Algumas pessoas a chamam de *teleutaia makhaira*, a última de todas as facas. Outras pessoas chamam de Æsahættr...

— O que ela faz? Por que é tão especial?

— Ah... É a faca que corta qualquer coisa... Nem os seus fabricantes sabiam o que ela pode fazer... Nada, ninguém, matéria, espírito, anjo, ar, nada resiste à faca sutil. Marisa, ela é minha, você entende?

— Claro, Carlo. Eu prometo. Me deixe encher a sua taça...

E, enquanto o macaco dourado percorria com as mãos o corpo da serpente esmeralda, apertando de leve, erguendo, acariciando, conforme sir Charles suspirava de prazer, Lena Feldt viu o que estava realmente acontecendo: como o homem estava com os olhos fechados, a sra. Coulter secretamente colocou na taça dele algumas gotas de um pequeno frasco antes de tornar a enchê-la com vinho.

— Tome, querido — sussurrou ela. — Vamos brindar um ao outro...

Ele já estava embriagado; pegou a taça e bebeu com vontade, gole após gole.

E então, sem qualquer aviso, a sra. Coulter se levantou, se virou e ficou cara a cara com Lena Feldt.

— Ora, feiticeira, pensou que eu não sabia como vocês ficam invisíveis?

Lena Feldt estava atônita demais para se mover.

Atrás da sra. Coulter o homem lutava para respirar. O peito ofegava, o rosto estava vermelho e o daemon pendia flacidamente das mãos do macaco, que o jogou longe com desprezo.

Lena Feldt tentou erguer o arco, mas uma paralisia fatal lhe dominava o ombro; não conseguia se mexer. Isso nunca tinha acontecido. Ela soltou um gritinho.

— Ah, é tarde demais para isso — disse a sra. Coulter. — Olhe para o lago, feiticeira.

Lena Feldt se virou e viu seu daemon-cotovia batendo as asas e guinchando como se estivesse em uma câmara de vidro sendo esvaziada de ar. O daemon se

debateu e caiu, o bico aberto, em pânico, tentando respirar. O Espectro o tinha envolvido.

— Não! — gritou ela.

Tentou ir até ele, mas foi impedida por um espasmo de náusea. Mesmo naquele estado terrível, Lena Feldt via que a sra. Coulter tinha mais força na alma do que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Não ficou surpresa ao perceber que o Espectro estava sob o poder dela: ninguém conseguia resistir à sua autoridade. Lena Feldt, angustiada, se voltou para a mulher.

— Solta ele! Por favor, solta ele! — implorou.

— Veremos. A criança está com vocês? A menina, Lyra?

— Está!

— E um garoto também? Um menino com uma faca?

— É... Eu imploro...

— E quantas feiticeiras são?

— Vinte. Solta ele, solta ele!

— Todas no ar? Ou algumas ficam no chão com as crianças?

— A maioria no ar, três ou quatro sempre no chão... É horrível... Solta ele ou me mata agora!

— A que distância da montanha eles estão? Estão avançando ou pararam para descansar?

Lena Feldt contou tudo a ela. Teria resistido a qualquer tortura, exceto ao que estava agora acontecendo com o seu daemon. Quando a sra. Coulter ficou sabendo tudo que desejava, disse:

— E agora me conte uma coisa. Vocês, feiticeiras, sabem alguma coisa sobre essa menina. Quase fiquei sabendo por uma das suas irmãs, mas ela morreu antes que eu pudesse terminar a tortura. Bem, não há ninguém para salvar você agora. Me diga a verdade sobre a minha filha.

— Ela será a mãe... — disse Lena Feldt, ofegante. — Ela será a vida... a mãe... Vai desobedecer... vai...

— Diga o nome dela! Você está contando tudo, menos o mais importante! O nome dela! — gritou a sra. Coulter.

— Eva! A mãe de todos! Eva, outra vez! A Mãe Eva! — balbuciou Lena Feldt, em meio aos soluços.

— Ah! — fez a sra. Coulter.

E soltou um grande suspiro, como se finalmente o propósito de sua vida estivesse claro.

A feiticeira percebeu vagamente o que tinha feito e, vencendo o horror que a envolvia, tentou gritar:

— O que vai fazer com ela? O que vai fazer?

— Ora, vou ter que acabar com ela — respondeu a sra. Coulter. — Para impedir outra Queda... Por que não vi isso antes? Era grandioso demais para perceber...

Ela bateu palmas de leve, como uma criança, de olhos arregalados. Lena Feldt, gemendo, a ouviu prosseguir:

— Claro que sim. Asriel vai guerrear contra a Autoridade, e então... Claro, claro... Como antes, de novo. E Lyra é Eva. E desta vez ela não vai cair. Vou cuidar disso. Não vai haver Queda...

A sra. Coulter endireitou o corpo e estalou os dedos para o Espectro que se alimentava do daemon da feiticeira. O pequeno daemon-cotovia ficou caído em cima da pedra, com espasmos, enquanto o Espectro avançava para a própria feiticeira. E então, o que quer que Lena Feldt tivesse suportado foi duplicado e triplicado e multiplicado cem vezes. Ela sentiu náuseas na alma, um desespero terrível e repugnante, melancolia e cansaço, um cansaço tão profundo que pensou que fosse morrer. Seu último pensamento consciente foi nojo da vida: seus sentidos tinham mentido para ela, o mundo não era feito de energia e prazer, mas de sujeira, traição e tédio. Viver era horrível e morrer não era melhor, e de um lado a outro do universo essa era a primeira, última e única verdade.

E assim ela ficou, o arco na mão, indiferente, morta em vida.

Lena Feldt deixou de ver ou de se importar com o que a sra. Coulter fez em seguida. Ignorando o homem grisalho caído, inconsciente, na cadeira de lona, e o daemon-serpente de pele opaca enrodilhado no chão, ela chamou o capitão dos soldados e ordenou que se preparassem para uma marcha noturna montanha acima.

Então foi até a beirada do lago e chamou os Espectros.

Eles vieram ao seu comando, deslizando como colunas de névoa por cima da água. Ela levantou os braços e fez com que se esquecessem de que eram presos à terra, de modo que, um por um, eles se ergueram no ar e flutuaram, como sombras malévolas adentrando a noite, levados pelas correntes de ar em direção

a Will, Lyra e as outras feiticeiras; mas Lena Feldt nada enxergou disso tudo.

Depois que escureceu, a temperatura caiu rapidamente. Will e Lyra comeram o restante do pão seco e foram se deitar na reentrância formada por um rochedo, para ficarem aquecidos e tentarem dormir. Lyra, pelo menos, nem precisou tentar; em apenas um minuto estava dormindo, enrodilhada em volta de Pantalaimon. Mas Will não conseguia dormir, por mais que tentasse — em parte por causa da mão, que passou a latejar até o cotovelo e estava com um inchaço incômodo, em parte por causa do solo duro, em parte pelo frio, em parte por pura exaustão e em parte por saudade da mãe.

Estava preocupado, naturalmente, e achava que ela estaria mais segura se ele estivesse lá, tomando conta de tudo. Queria, no entanto, que ela tomasse conta dele também, como tinha sido na infância; queria que lhe fizesse um curativo, cantasse para ele dormir e levasse embora todos os problemas, que o rodeasse de todo o carinho, a suavidade e o amor maternal de que ele tanto precisava. Mas isso nunca iria acontecer. Parte dele ainda era um menininho. Então ele chorou, mas sem se mexer, para não acordar Lyra.

Mas mesmo assim não conseguiu dormir. Estava mais desperto que nunca. Finalmente estendeu as pernas doloridas e se levantou com cuidado, estremecendo, e, com a faca na cintura, começou a subir a montanha, para acalmar sua inquietação.

Atrás dele, o daemon-sabiá da feiticeira de sentinela inclinou a cabeça e a feiticeira se virou em seu posto de vigia para ver Will subindo pelas pedras. Ela pegou seu ramo de pinheiro-nubígeno e alçou voo silenciosamente, não para incomodá-lo, mas para proteger o menino e evitar que ele se machucasse.

Ele não percebeu. Sentia tanta necessidade de se movimentar que já quase não percebia a dor na mão. Tinha a sensação de que deveria caminhar a noite inteira, o dia inteiro, para sempre, porque nada mais acalmaria aquela febre no peito. Então, como que em solidariedade, o vento começou a soprar. Não havia folhas que pudessem ser sacudidas, mas o vento golpeava o corpo de Will, soprando seu cabelo para trás; havia turbulência dentro e fora dele.

Subiu cada vez mais alto, mal se lembrando de que precisaria encontrar o caminho de volta para Lyra, até chegar a um pequeno platô que parecia estar quase no topo do mundo. Em volta dele, em todos os horizontes, não havia

montanha mais alta. Ao luar brilhante, as únicas cores eram o negro total e o branco puro; os contornos eram serrilhados, e as superfícies, nuas.

O vento selvagem devia estar trazendo nuvens, pois de repente a Lua foi encoberta e a escuridão tomou toda a paisagem. Eram nuvens espessas, pois nem um brilho do luar conseguia atravessá-las. Em menos de um minuto Will estava em uma escuridão quase total.

E, no mesmo momento, sentiu que lhe agarravam o braço direito.

Ele gritou com o choque e tentou se soltar, mas foi em vão. Então Will ficou selvagem. Tinha a sensação de ter chegado ao fim do mundo; se ali fosse também o fim da sua vida, iria lutar, e lutar até cair.

Ele começou a girar e chutar, mas a mão não o soltava. Como era o braço direito que estava preso, não conseguia pegar a faca. Tentou fazer isso com a mão esquerda, mas o sacudiam com tanta violência, e sua mão estava tão inchada e dolorida, que não conseguiu. Tinha que lutar com uma mão só, machucada, contra um homem adulto.

Enterrou os dentes na mão que prendia o seu braço, mas o homem lhe deu um soco atordoante na nuca. Então Will tornou a chutar, alguns dos chutes atingiram o alvo e outros não, e durante todo o tempo ele saltava, girava, empurrava e se debatia — mas não conseguia se libertar.

Ouvia vagamente a própria respiração ofegante junto com os grunhidos e a respiração rascante do homem. Então, por puro acaso, conseguiu passar a perna por trás do adversário e se jogou contra o peito dele, derrubando o homem e caindo por cima dele. Contudo, nem por um instante o aperto no braço de Will diminuiu. E o menino, rolando com violência no solo pedregoso, sentiu um grande medo no coração: aquele homem jamais iria soltá-lo. Mesmo que Will conseguisse matá-lo, o cadáver continuaria preso ao seu braço.

Mas Will sentia que estava enfraquecendo, e agora estava chorando também, soluçando profundamente enquanto chutava, empurrava e batia no homem com a cabeça e os pés, e sabia que seus músculos logo perderiam a força. Percebeu, então, que o homem estava imóvel, embora a mão continuasse presa com firmeza em seu braço. Estava deitado, sem oferecer resistência à surra que Will dava com a cabeça e os joelhos. Mas, assim que percebeu isso, o menino perdeu o resto das forças e caiu ao lado do oponente, atordoado, cada nervo retesando e latejando no corpo.

Will ergueu o tronco com dificuldade e firmou os olhos na profunda escuridão, distinguindo um borrão branco no chão ao lado do homem. Era o peito e a cabeça brancos de um grande pássaro, uma águia-pesqueira, um daemon, que estava deitado, imóvel.

Will tentou soltar o braço, e o puxão leve provocou a reação do homem, cuja mão não tinha afrouxado.

Mas ele se mexia: estava tateando a mão direita de Will com sua mão livre. Will ficou arrepiado. Então o homem disse:

— Me dê a sua outra mão.

— Tome cuidado — pediu Will.

A mão livre do homem tateou ao longo do braço esquerdo de Will, e as pontas dos dedos deslizaram pelo pulso até a palma inchada e, com enorme delicadeza, pelos dois tocos dos dedos do menino.

No mesmo instante, a outra mão soltou o menino e ele se sentou.

— Você tem a faca — afirmou. — Você é o portador da faca.

A voz era ressonante, áspera, porém cansada. Will tinha a impressão de que o outro estava seriamente ferido. Teria ele machucado aquele adversário oculto?

Will ainda estava deitado nas pedras, totalmente exausto. Tudo o que via era o vulto do homem agachado ao seu lado, mas não conseguia ver o rosto. O homem estava procurando alguma coisa, e, depois de um momento, uma sensação maravilhosa e tranquilizante se espalhou pela mão de Will, partindo dos tocos dos dedos, enquanto o homem massageava sua pele com um unguento.

— O que está fazendo? — perguntou Will.

— Curando o seu machucado. Fique quieto.

— Quem é você?

— Sou o único homem que sabe para que serve a faca. Mantenha a mão assim. Não se mexa.

O vento soprava mais forte do que nunca, e um pingo de chuva bateu no rosto de Will. Ele tremia descontroladamente, mas apoiou a mão esquerda com a direita enquanto o homem espalhava mais pomada sobre os tocos e enrolava uma faixa de linho em volta de sua mão.

Assim que o curativo ficou pronto, o homem se deixou cair de lado e se deitou. Will, ainda sem acreditar na abençoada insensibilidade na mão, tentou se sentar e olhar para ele. Mas estava mais escuro do que nunca. Ele estendeu a

mão direita e tocou no peito do homem, onde o coração batia como um pássaro nas grades de uma gaiola.

— Sim — disse o homem em voz rouca. — Tente me curar.

— Está doente?

— Vou melhorar logo. Você tem a faca, não tem?

— Sim.

— E sabe usá-la?

— Sei, sei. Mas o senhor é deste mundo? Como é que sabe dela?

O homem se sentou com esforço.

— Escute — disse. — Não me interrompa. Se você é o portador da faca, tem uma missão maior do que pode imaginar. Um *menino*... Como é que deixaram isso acontecer? Bem, já que tem que ser assim... Vem aí uma guerra, garoto. A maior que já existiu. Já aconteceu algo parecido, e dessa vez o lado certo tem que vencer... Durante todos os milhares de anos da história humana, só tivemos mentiras, propaganda, crueldade e hipocrisia. Está na hora de começar de novo, mas desta vez da maneira certa...

Ele parou de falar para respirar várias vezes, ruidosamente. Depois de um minuto, continuou:

— E a faca... Eles não sabiam o que estavam fazendo, aqueles filósofos antigos. Inventaram uma coisa que podia partir as menores partículas de matéria, e usaram isso para roubar doces. Não tinham ideia de que haviam feito a única arma em todos os universos que poderia derrotar o tirano. A Autoridade. Deus. Os anjos rebeldes fracassaram porque não tinham uma coisa assim; mas agora...

— Eu não queria a faca! E ainda não quero! — exclamou Will. — Se o senhor quiser, pode ficar com ela! Eu odeio esta faca e odeio o que ela faz...

— Tarde demais. Você não tem escolha: é o portador. A faca o escolheu. Além disso, eles sabem que você está com ela, e, se não usá-la contra eles, vão arrancá-la de você e usá-la contra o resto de nós, para sempre.

— Mas por que eu tenho que lutar contra eles? Já lutei demais, não posso continuar, eu quero...

— Você venceu as suas lutas?

Will ficou em silêncio. Depois disse:

— É, acho que sim.

— Lutou pela faca?

— Sim, mas...

— Então é um guerreiro. É o que você é. Conteste qualquer coisa, menos sua própria natureza.

Will sabia que o homem estava falando a verdade. Mas não era uma verdade agradável; era pesada e dolorosa. O homem parecia saber disso, pois deixou Will baixar a cabeça antes de voltar a falar.

— Existem dois grandes poderes, e eles lutam um contra o outro desde o início dos tempos. Eles disputam, arrancando dos dentes um do outro cada progresso na vida humana, cada passo nosso no conhecimento, na sabedoria e na decência. Cada pequeno avanço na liberdade humana foi disputado ferozmente entre aqueles que querem aumentar o nosso conhecimento para que sejamos mais sábios e mais fortes, e aqueles que nos querem obedientes, humildes e submissos. E agora esses dois poderes estão se preparando para a guerra. E cada um deles quer a sua faca mais do que qualquer outra coisa. Você tem que escolher, garoto. Nós dois fomos guiados até aqui: você com a faca e eu para lhe falar dela.

— Não! Você está enganado! — gritou Will. — Eu não estava procurando nada disso! Não era nada disso mesmo que eu estava procurando!

— Você pode achar que não é, mas foi isso que encontrou — declarou o homem na escuridão.

— Mas o que devo fazer?

E então Stanislaus Grumman, Jopari, John Parry, hesitou.

Tinha plena consciência do juramento que fizera a Lee Scoresby e hesitou antes de rompê-lo; mas foi o que fez.

— Você deve ir até lorde Asriel e dizer a ele que Stanislaus Grumman mandou você e que você tem a arma de que ele mais precisa, mais do que de todas as outras. Gostando ou não, rapaz, você tem um trabalho a fazer. Ignore todo o resto, por mais importante que pareça, e vá fazer isso. Vai aparecer alguém para guiá-lo; a noite está cheia de anjos. Agora a sua ferida vai cicatrizar. Espere. Antes de ir, quero ver você direito.

Ele tateou à procura do pacote que estava carregando, tirou alguma coisa, e desdobrou várias camadas de lona. Em seguida, com um fósforo, acendeu uma pequena lamparina de lata. A essa luz, através do ar revolto e denso de chuva, os dois se olharam.

Will viu olhos ardentes em um rosto abatido, dominado pela dor, o queixo forte coberto por uma barba de vários dias, cabelo grisalho, um corpo curvado e magro envolto em uma capa pesada, uma espécie de manto orlado de penas de pássaros diversos.

O xamã viu um garoto ainda mais jovem do que tinha imaginado, o corpo magro e trêmulo em uma camisa de linho rasgada, a expressão exausta, selvagem e desconfiada, mas iluminada por uma curiosidade feroz, os olhos arregalados sob as sobrancelhas negras e retas, parecidas demais com as da mãe...

E então aconteceu entre ambos a primeira fagulha de uma coisa a mais.

Porém, nesse mesmo momento, enquanto a luz da lamparina iluminava o rosto de John Parry, alguma coisa desceu do céu encoberto e ele caiu morto antes de poder dizer uma palavra, com uma flecha cravada no coração doente. O daemon-águia-pesqueira desapareceu.

Will não conseguia fazer nada além de olhar, assombrado. Uma faísca cruzou seu campo de visão, e sua mão direita se moveu como um raio; ele viu que estava segurando um daemon, um sabiá de peito vermelho, em pânico.

— Não! Não! — gritou a feiticeira Juta Kamainen, que caiu também, apertando o peito, batendo no solo pedregoso e se levantando outra vez com esforço.

Mas Will se aproximou antes que ela conseguisse se equilibrar e colocou a faca sutil na garganta dela.

— Por que fez isso? — gritou. — Por que matou ele?

— Porque eu o amava e ele me desprezou! Sou uma feiticeira! Eu não perdoo!

E, por ser feiticeira, normalmente não teria medo de um menino, mas teve medo de Will. Ela se intimidou: aquela jovem figura machucada tinha mais força e representava um perigo maior do que ela jamais encontrara em um humano. Deu um passo para trás; ele avançou e agarrou o cabelo dela com a mão esquerda, sem sentir dor, sentindo apenas um desespero enorme e esmagador.

— Você não sabe quem ele era! — gritou. — Era o meu pai!

Ela sacudiu a cabeça e sussurrou:

— Não, não! Não pode ser verdade! Impossível!

— Você acha que as coisas têm que ser *possíveis*? As coisas têm que ser verdadeiras! Ele era o meu pai, e nenhum de nós dois sabia, até o segundo em

que você o matou! Feiticeira, eu espero a minha vida inteira, venho até aqui, finalmente encontro o meu pai, e você *mata* ele...

Ele sacudiu a cabeça dela como a de uma boneca e a derrubou, quase inconsciente. O espanto dela era quase maior do que o medo que tinha dele, que era bem grande. Ela se levantou, atordoada, e agarrou a camisa de Will, em súplica. Ele afastou a mão dela com brutalidade.

— O que foi que ele lhe fez, para precisar matar ele? — gritou. — Fale, se puder!

E ela olhou para o morto. Depois olhou outra vez para Will e sacudiu a cabeça com tristeza.

— Não consigo explicar. Você é novo demais. Não iria entender. Eu o amava. Só isso. Isso basta.

E, antes que Will pudesse impedir, a feiticeira caiu de lado, com a mão no punho da faca que acabara de tirar do próprio cinto e enfiar no peito.

Will não sentiu horror, apenas mágoa e perplexidade.

Ele se levantou devagar e olhou para a feiticeira morta, para o cabelo negro, a face corada, os membros macios e pálidos molhados de chuva, os lábios entreabertos como os de uma amante.

— Não entendo. É estranho demais — disse em voz alta.

Will se virou para o homem morto, seu pai.

Havia um nó sem fim em sua garganta, e só a chuva forte esfriava o fogo em seus olhos. A pequena lamparina ainda tremeluzia ao vento, e, à sua luz, Will se ajoelhou e colocou as mãos no corpo do homem, tocando seu rosto, seus ombros, seu peito. Fechou os olhos e a boca do pai, afastou de sua testa os fios molhados de cabelo grisalho, apertou as mãos contra suas faces ásperas e segurou suas mãos.

— Pai... Papai, paizinho... Meu pai... Não entendo por que ela fez isso. É estranho demais para mim. Mas o que o senhor queria que eu fizesse, prometo, juro que vou fazer. Vou lutar. Vou ser um guerreiro, vou sim. Vou levar esta faca para lorde Asriel, onde quer que ele esteja, e vou ajudar ele a lutar contra o inimigo. Vou fazer isso. Pode descansar agora. Está tudo bem. Pode dormir agora.

Ao lado do morto estava a bolsa de pele de cervo, com a lona dobrada, a lamparina e a pequena caixinha de chifre cheia de unguento de musgo-de-

sangue. Will recolheu tudo, e então viu o manto orlado de penas, sujo e encharcado, mas ainda assim um agasalho. Não teria mais utilidade para o pai, e Will estava tremendo de frio. Desabotoou a fivela de bronze que prendia o manto na garganta do homem morto e colocou a bolsa de lona no ombro antes de se enrolar.

Apagou a lamparina e olhou para trás, para as figuras desfocadas do pai, da feiticeira e novamente do pai, antes de se virar e descer a montanha.

O ar tempestuoso estava elétrico com sussurros, e, no barulho do vento, Will ouvia outros sons também: ecos confusos de gritos e cânticos, o clangor de metal contra metal, um poderoso ruflar de asas que em um momento soou tão próximo que poderia estar dentro da cabeça dele, e no momento seguinte parecia tão distante que poderia estar em outro planeta. As pedras no chão estavam soltas e escorregadias, e foi muito mais difícil descer do que tinha sido subir; mas ele não vacilou.

E, quando desceu o último pequeno barranco antes de chegar ao lugar onde Lyra dormia, ele parou de repente. Havia dois homens simplesmente parados ali, no escuro, como se estivessem esperando. Will levou a mão à faca.

Então um deles falou:

— Você é o menino da faca?

Sua voz tinha a mesma característica estranha do ruflar de asas. Fosse quem fosse, não era um ser humano.

— Quem são vocês? — perguntou Will. — São homens, ou...

— Não somos homens, não. Somos os Vigilantes. *Bene elim*. Em sua língua, anjos.

Will ficou em silêncio. O homem continuou.

— Outros anjos têm outras funções e outros poderes. A nossa missão é simples: precisamos de você. Viemos seguindo o xamã por todo o caminho, na esperança de que ele nos levasse a você, e foi o que ele fez. E agora viemos para levar você a lorde Asriel.

— Vocês estiveram com meu pai todo o tempo?

— Cada minuto.

— Ele sabia?

— Não tinha a menor ideia.

— Então por que não pararam a feiticeira? Por que deixaram ela matar o meu pai?

— Antes nós teríamos feito isso; mas a missão dele estava cumprida, depois que ele nos levou até você.

Will não disse nada. Sua cabeça retinia; aquilo era tão difícil de entender quanto o resto.

— Está bem, eu vou com vocês — disse, por fim. — Mas primeiro tenho que acordar Lyra.

Eles se afastaram para deixá-lo passar, e ele sentiu uma vibração no ar ao passar perto das duas figuras, mas ignorou isso e se concentrou em descer a encosta na direção do pequeno abrigo em que Lyra dormia.

Mas alguma coisa o deteve.

Na penumbra, viu que as feiticeiras que protegiam Lyra estavam todas sentadas ou de pé, imóveis. Pareciam estátuas; respiravam, mas mal pareciam vivas. Havia também vários corpos vestidos de seda negra caídos no chão, e enquanto contemplava a cena, horrorizado, Will entendeu o que devia ter acontecido: elas tinham sido atacadas no ar pelos Espectros e morrido na queda, indiferentes.

Mas...

— Onde está Lyra? — gritou ele.

A pequena reentrância sob o rochedo estava vazia. Lyra tinha desaparecido.

Havia alguma coisa onde ela estivera dormindo. Era a pequena mochila de brim. E, pelo peso, ele soube, sem precisar olhar, que o aletiômetro ainda estava ali dentro.

Will sacudiu a cabeça. Não podia ser verdade, mas era: Lyra tinha sumido, Lyra tinha sido capturada, Lyra estava perdida.

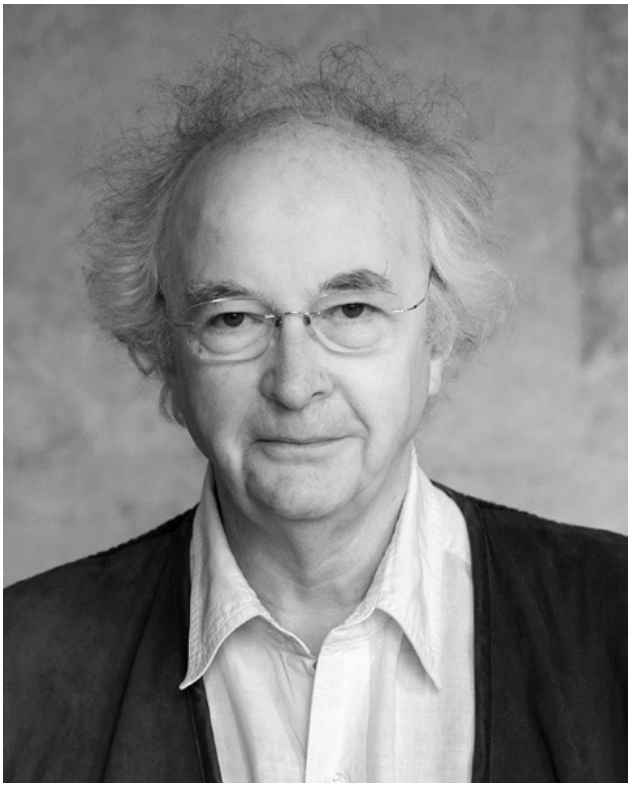
As duas figuras escuras dos *bene elim* não tinham se mexido.

Mas disseram:

— Agora tem que vir conosco. Lorde Asriel precisa de você imediatamente. O poder do inimigo cresce a cada minuto. O xamã lhe disse qual é a sua missão. Venha conosco e nos ajude a vencer. Venha. Venha por aqui. Venha agora.

Will olhou para eles, depois para a mochila de Lyra e de novo para eles, e não escutou uma só palavra do que disseram.

Final do Livro Dois



MICHAEL LECKIE

PHILIP PULLMAN é um dos escritores mais aclamados da atualidade. Sua obra mais conhecida é a trilogia Fronteiras do Universo (composta por *A Bússola de Ouro*, *A Faca Sutil* e *A Luneta Âmbar*), que foi selecionada como uma das cem melhores obras de todos os tempos pela revista *Newsweek*. Ele também ganhou vários prêmios importantes, incluindo o Carnegie Medal por *A Bússola de Ouro*; o Whitbread Prize por *A Luneta Âmbar*; e o Astrid Lindgren Memorial Award, pelo conjunto da obra. Em 2004, foi nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico. Atualmente vive em Oxford, na Inglaterra.
Para saber mais:
philip-pullman.com
hisdarkmaterials.com
@PhilipPullman

Copyright © 1997 by Philip Pullman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Subtle Knife

Design e ilustração de capa
crushed.co.uk/ Scholastic Ltd.

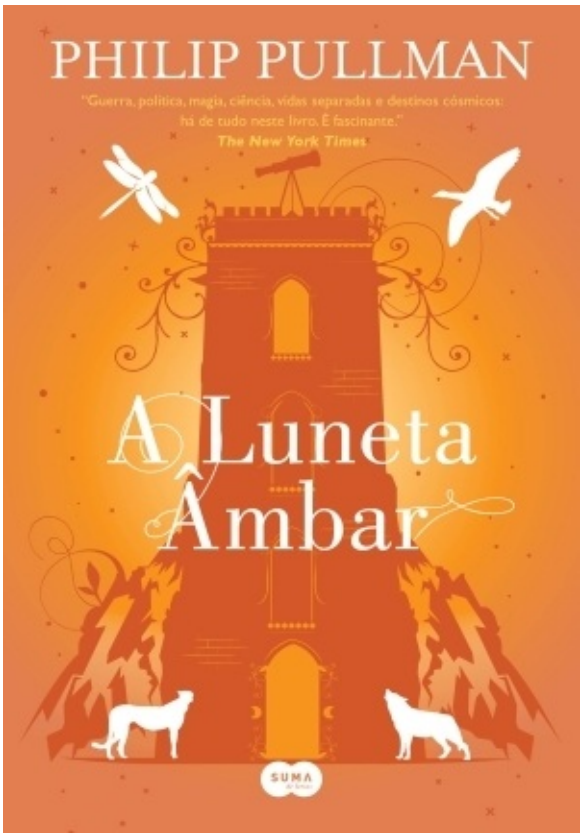
Preparação
Pedro Staite

Revisão
Geuid Dib Jardim
Laura Victal

Coordenação editoral
Página Viva

ISBN 978-85-438-1051-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/sumadeletrasbr
instagram.com/sumadeletras_br
twitter.com/Suma_BR


PHILIP PULLMAN
"Guerra, política, magia, ciência, vidas separadas e destinos cósmicos: há de tudo neste livro. É fascinante."
The New York Times
A Luneta Âmbar
SUMA

A luneta âmbar

Pullman, Philip

9788543810560

504 páginas

Compre agora e leia

Volume III da trilogia Fronteiras do Universo.

Em todos os universos, forças se reúnem para tomar um lado na audaciosa rebelião de lorde Asriel contra a Autoridade. Cada soldado tem um papel a desempenhar – e um sacrifício a fazer. Feiticeiras, anjos, espiões, assassinos e mentirosos: ninguém sairá ileso.
Lyra e Will têm a tarefa mais perigosa de todas. Com a ajuda de Iorek Byrnison, o urso de armadura, e de dois minúsculos espiões galivespianos, eles devem alcançar um mundo de sombras, onde nenhuma alma viva jamais pisou e de onde não há saída.
Enquanto a guerra é travada e o Pó desaparece nos céus, o destino dos vivos – e dos mortos – recai sobre os ombros dos dois. Will e Lyra precisam fazer uma escolha simples, e a mais difícil de todas, com consequências brutais.
A luneta âmbar é o último livro da trilogia Fronteiras do Universo, que teve início com A bússola de ouro e A faca sutil. Uma conclusão emocionante, que leva o leitor a novos e fantásticos universos.

Compre agora e leia


STEPHEN
KING
CANÇÃO
DE
SUSANNAH
A TORRE NEGRA VI
SUMA

Canção de Susannah

King, Stephen

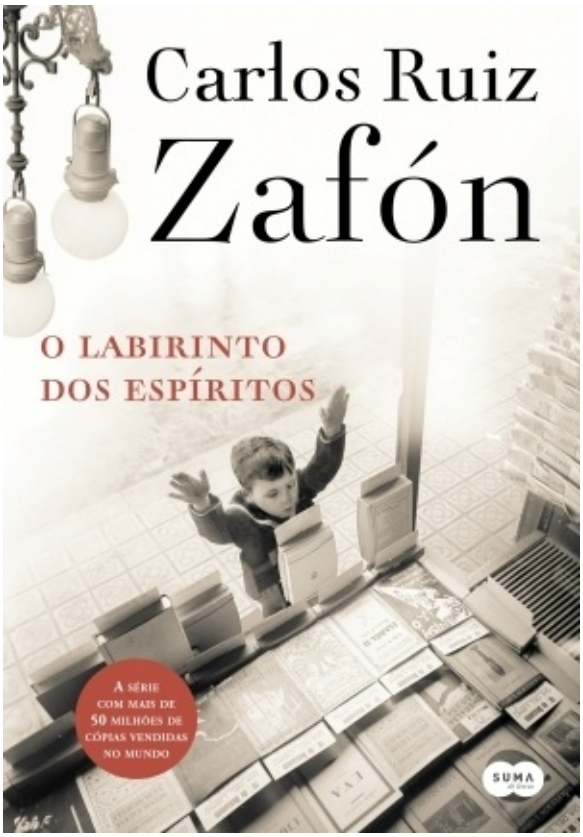
9788581050850

408 páginas

Compre agora e leia

Inspirada no universo imaginário de J.R.R. Tolkien e repleta de referências à cultura pop, às lendas arturianas e ao faroeste, a série A Torre Negra mistura ficção científica, fantasia e terror numa narrativa que forma um verdadeiro mosaico da cultura popular contemporânea. Seus sete volumes reúnem todos os temas sobre os quais Stephen King escreveu ao longo de sua carreira, até o limite da metaficção quando, em "A canção de Susannah”, a vida real do próprio autor se mistura à trama do livro.
"Eu já escrevi romances e contos suficientes para lotar o sistema solar da imaginação - mas A Torre Negra é o meu Júpiter – o planeta que brilha mais do que todos os outros. Eu me dei conta de que os livros desta série contêm todos os outros que já havia criado", define o autor.
King começou a escrever a coleção quando ainda era um estudante universitário, na década de 1970. O primeiro volume, "O pistoleiro”, foi publicado inicialmente em capítulos na revista de ficção científica "The Magazine of Fantasy and Science Fiction”. Relançado em 1982 em forma de livro, foi seguido por "A escolha dos três” (1987), "Terras devastadas” (1991) e "Mago e vidro” (1997).

Compre agora e leia


Carlos Ruiz
Zafón
O LABIRINTO
DOS ESPÍRITOS
A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO
SUMA

O labirinto dos espíritos

Zafón, Carlos Ruiz

9788543810591

680 páginas

Compre agora e leia

Livro IV da série O Cemitério dos Livros Esquecidos.

Madrid, anos 1950. Alicia Gris é uma alma nascida das sombras da guerra, que lhe tirou os pais e lhe deu em troca uma vida de dor crônica. Investigadora talentosa, é a ela que a polícia recorre quando o ilustre ministro Mauricio Valls desaparece; um mistério que os meios oficiais falharam em solucionar.
Em Barcelona, Daniel Sempere não consegue escapar dos enigmas envolvendo a morte de sua mãe, Isabella. O desejo de vingança se torna uma sombra que o espreita dia e noite, enquanto mergulha em investigações inúteis sobre seu maior suspeito — o agora desaparecido ministro Valls.
Os fios dessa trama aos poucos unem os destinos de Daniel e Alicia, conduzindo-os de volta ao passado, às celas frias da prisão de Montjuic, onde um escritor atormentado escreveu sobre sua vida e seus fantasmas; aos últimos dias de vida de Isabella, com seus arrependimentos e confissões; e a intrigas ainda mais perigosas, envolvendo figuras capazes de tudo para manter antigos esqueletos enterrados.

Compre agora e leia


STEPHEN
KING
OS OLHOS DO DRAGÃO
SUMA

Os olhos do dragão

King, Stephen

9788581051550

216 páginas

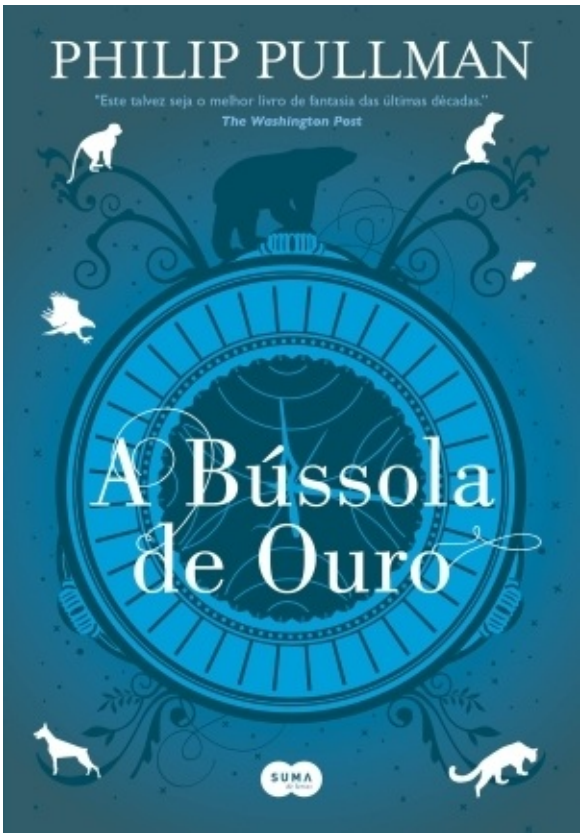
Compre agora e leia

Um conto de fadas escrito pelo mestre do terror? Pode parecer estranho, mas o Os olhos do dragão é um livro de características bem diferentes das demais obras de Stephen King. Segundo o escritor, esse romance surgiu do desejo de criar algo especial para a sua pequena filha, Naomi. Surgiu, então, a idéia de uma fábula. O resultado é uma história sobre o amor fraternal na qual o autor se dirige ao leitor como se estivesse contando uma lenda em voz alta.

O livro conta a história de um reino chamado Delain onde viviam Sua Majestade, Rolando, a rainha Sacha e seus filhos, Pedro e Tomas. Apesar de ser esforçado, Rolando não tinha carisma e era considerado um rei medíocre. Quem contava com a simpatia e o respeito do povo era a rainha. Essa admiração alimentava o ódio de um perigoso inimigo — Flagg, o feiticeiro, um influente conselheiro nas decisões reais.

Mas eis que Sacha morre misteriosamente. E Flagg, que planejava dominar o reino, começa a agir. Elimina o tolo Rolando; em seguida, afasta Pedro do trono levando ao poder o pequeno Tomas, a quem Flagg tinha certeza que poderia manipular facilmente. Mas o que Flagg não sabia é que Tomas escondia um segredo que nem a bola de cristal do mago poderia vislumbrar. E nem tudo sai como Flagg planejara.

Compre agora e leia


PHILIP PULLMAN
"Este talvez seja o melhor livro de fantasia das últimas décadas."
The Washington Post
A Bússola de Ouro
SUMA

A bússola de ouro

Pullman, Philip

9788543810430

344 páginas

Compre agora e leia

Volume I da trilogia Fronteiras do Universo.

Lyra Belacqua e seu daemon, Pantalaimon, vivem felizes e soltos entre os catedráticos da Faculdade Jordan, em Oxford. Até que rumores invadem a cidade – são boatos sobre os Papões, sequestradores de crianças que estão espalhando o medo pelo país.
Quando seu melhor amigo, Roger, desaparece, Lyra entra em uma perigosa jornada para reencontrá-lo. O que ela não desconfia é que muitas outras forças influenciam seu destino e que sua aventura a levará às terras congeladas do Norte, onde feiticeiras e ursos de armadura se preparam para uma guerra.
Embora tenha a ajuda do aletiômetro – um poderoso instrumento que responde a qualquer pergunta –, nada a prepara para os mistérios e a crueldade que encontra durante a viagem. E, mesmo que ainda não saiba, Lyra tem uma profecia a cumprir, e as consequências afetarão muitos mundos além do dela.

Compre agora e leia